This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

STANFORD UNIVERSITY LIBRARIES

PANTHEON MARANHENSE

PELO

Dr. ANTONIO HENRIQUES LEAL

TOMO I

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1873

3 Vrée
hus.
Kau

PANTHEON MARANHENSE

I

PANTHEON MARANHENSE

ENSAIOS BIOGRAPHICOS

DOS

MARANHENSES ILLUSTRES JÁ FALLECIDOS

PELO

DR. ANTONIO HENRIQUES LEAL

... nam domesticis exemplis abundamus: cogitasse quidquam putamus indita sibi explendum, nisi quid laudabile esse, et proclarum videratur?

(CICER. PARAD.)

TOMO I

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1873

F2571
H39
v. 1
~~Locked~~
Stack

AO ILL.^MO E EX.^MO SR. SENADOR

LUIZ ANTONIO VIEIRA DA SILVA

Offereço-vos este trabalho, não que o tenha na maior conta litteraria. Maus ou bons, os primeiros fructos são para as oblações, assim vol-os dedica

O Auctor.

I

MANUEL ODORICO MENDES

II

VISCONDE DE ALCANTARA

(JOÃO IGNACIO DA CUNHA)

III

FRANCISCO SOTERO DOS REIS

IV

JOSÉ CANDIDO DE MORAES E SILVA

(O PHAROL)

V

SENADOR ANTONIO PEDRO DA COSTA FERREIRA

(BARÃO DE PINDARÉ)

ADVERTENCIA

Antes que alguem percorra estas paginas, haja por bem de ler o que ora aqui consigno com a abundancia de um coração agradecido.

Aos meus bons amigos, os srs. José Manuel Vinhaes, Themistocles da Silva Maciel Aranha e Martinus Hoyer sou devedor d'efficassissima coadjuvação; por isso que tomaram sobre si e com prestadia quão affectuosa espontaneidade sollicitar assignantes para o *Pantheon Maranhense.* Sem fazer distincção que mingúe minha gratidão para com estes cavalheiros, especialisarei comtudo o sr. José Manuel Vinhaes, que instava commigo ha mais de um anno para que escrevesse alguma obra; que elle se encarregaria da penosa e ingrata tarefa de promover sua venda.

Desalentado de todo em todo, e despersuadido de poder permanecer na Europa até que recobrasse a perdida saude, negava-me a isso, e só esperava monção asada para tornar-me á terra natal, quando veiu surprehender-me a agradavel noticia de que por influição do ex.mo sr. senador Luiz Antonio Vieira da Silva, com quem entretive na mocidade estreitas relações, fôra encarregado pelo ministerio da agricultura de uma importante commissão em Portugal.

Reanimou-se-me desde logo o espirito, e readquirindo ás subitas disposições para trabalhos mentaes, escrevi-lhe, debaixo de tão grata impressão, declarando-lhe que se porventura chegasse a emprehender alguma obra de folego, pertencia-lhe de direito. No primeiro affogo do enthusiasmo fiz imprimir e distribuir prospectos: tractei de colher apontamentos sobre as vidas dos que pretendia incluir no *Pantheon*, e metti mãos á obra. Veiu depois com a calma a reflexão, e com esta os receios e vexame proprios de quem se conhece pequeno. Comprehendi o que havia de arduo n'este commettimento, mas o passo imprudente já estava dado e recuar d'elle seria mais desairoso. Não esquecia, tambem, que

ía prestar a meu torrão natal um serviço não de todo improficuo.

Estava já em via de realisação o monumento que havia projectado levantar á memoria de Gonçalves Dias; não era, portanto, fóra de proposito, ajunctar-lhe como complemento a commemoração dos principaes lances das vidas dos benemeritos cidadãos que illustraram minha provincia. Se não tem esta obra nenhum merito, servirá ao menos d'impedimento a que se oblitere de todo a memoria das virtudes e feitos d'elles, ao mesmo tempo de espelho e incentivo ás novas gerações.

A alguem parecerá talvez demasiado pretencioso o seu titulo, não que o assumpto deixe de corresponder a ella e quadrar-lhe, mas em rasão de quem a concebeu e delineou. Sou o primeiro a reconhecel-o e teria adoptado outro, se o acanhado circulo a que circumscrevi-me e a obrigação que corre a todo o cidadão de venerar e honrar os preclaros varões que viram a luz sob o mesmo céu, me não desculpassem o atrevimento. Demais, se o soberbo condor desprende seus arrojados vôos por sobre os alcantis da nossa America em quanto a diligente abelha zumbe terra a terra, nem por isso

deixa cada um d'elles de cumprir seu fado na esphera que a Providencia lhe assignou. Alteiem-se muito embora os genios ás regiões onde só elles pódem chegar; que eu de longe os admiro e contento-me com honrar, do modo que cabe em minhas posses, estes que me são chegados pelo berço. Não ha que reparar nem motejar a quem, limitado a bosquejar os traços biographicos d'alguns dos illustres filhos d'uma provincia de quarta ordem, escondida em um recanto do norte do Brasil, contenta-se com isso. Não passam minhas aspirações do simples intento de indicar a meus comprovincianos a senda que devem trilhar, tomando por norma tão bons exemplos de casa, e aprendendo n'elles a se não desalentarem ante as agruras da vida e a persistirem desvelada e desinteressadamente no patriotico empenho de bem servirem a nossa mãe commum, fugindo com egual esforço os despenhadeiros onde outros precipitaram-se de abattidos e descrentes.

Reconheço que escrevendo sobre factos de nossos dias, irei acordar paixões sopitadas e offender melindres de quem talvez não suspeitasse tel-os; mas diz-me a consciencia que, sem affastar-me da mais

restricta imparcialidade e justiça, evitei juizos que parecessem gerados pela politica ou pelo desejo de cortejar opiniões e individuos. Maior escolho foi por certo o das repetições de factos de que me não pude eximir; porque os homens, cujas vidas escrevo, figuraram quasi todos na mesma epocha, tomando parte nos mesmos acontecimentos, e isto em estreito circuito, tendo todos elles traços semelhantes uns aos outros, como de familia abrigada no mesmo tecto.

Se além do utilissimo fim a que me propuz com estas biographias, que andam já por umas vinte, vingar a fama d'alguns dos biographados do recinto da provincia do Maranhão, onde haverá leitores que se não enfadarão de tão insulsas narrativas, e lograr conhecidos fóra d'elle e d'extranhos, dou-me por bem pago. Oxalá que vá ao menos despertar em minha patria a idéa da construcção, na capital do imperio, de um templo que guarde as cinzas dos nossos homens eminentes por suas virtudes ou saber e lettras; ou fornecer a algum abalisado escriptor dados que lhe prestem para obra immorredoira.

A este dou de barato estas pedras toscamente lavradas para com ellas levantar edificio regular e soberbo já que me não consentem fazel-o as fôrças

bem mingoadas ainda em saude, e limitadissimas hoje em dia. Approveito comtudo as horas feriadas, que se me antolham breves, para pagar este humilimo tributo de homenagem e respeito a tão insignes conterraneos, e abrasado no sagrado amor d'esse torrão querido, venho depositar em joelhos e cheio da mais entranhada compuncção sobre suas campas estas agrestes e mal ennastradas capellas de saudades.

Lisboa, 28 de julho de 1873.

I

MANUEL ODORICO MENDES

Manuel Odorico Mendez.

Homme d'une modestie singulière et d'un désintéressement antique, n'attachant aux choses que le prix du devoir; fuyant les honneurs qui l'allaient chercher, simple de mœurs et de manières .....

. (CORMENIN — *Liv. des orateurs*, vol. I, pag. 155.)

I

Arrojado commettimento é de certo o meu em vir com inhabil mão respigar em seára, onde ceifaram com intelligencia e felicidade dois brilhantes e superiores engenhos [1]; ficaria porém manca e incompleta esta galeria, se não precedesse aos demais quem, como o fiel interprete de Virgilio e Homero, foi entre nós o iniciador do bom gôsto litterario e do esmerado cultivo da vernaculidade e das lettras classicas.

É sem contestação a esse benefico e vigoroso impulso, que deve o Maranhão o primar n'este ponto ás suas irmãs, e merecer de alguns escriptores o mui lisongeiro epitheto de Athenas brazileira.

[1] Vej. Francisco Sotero dos Reis, *Curso de litteratura portugueza e brazileira* (Maranhão, MDCCCLXVIII), vol. IV, de pag. 289 a 307; João Francisco Lisboa, *Obras*, vol. IV, de pag. 491 a 503.

Destinar-lhe-ía tambem este logar a prioridade do nascimento, se relevantes serviços á patria lhe não dessem a primazia entre os que vão comprehendidos n'esta obra.

Desculpa-me por outro lado tal arrojo a idéa de que, se os opulentos apresentam offerendas de subido valor e preço, não é menos bem acceite o minguado obulo do desajudado da fortuna.

Levado d'estas considerações que influiram-me no animo timorato e acanhado, e desculpam-me a ousadia, tentarei bosquejar a vida do maranhense, que, assegurando a prosperidade da patria com tamanha abnegação e civismo antigo, dignos de imitação, soube afama-la com suas lettras, que a abrilhantam e dão-lhe a elle justificado renome.

II

Ía apenas em dez annos de existencia politica o novo imperio brazileiro, e ainda não de todo desassombrado de vãos receios por sua independencia e autonomia tão recentes, quando sobre elle desencadeou-se tremenda e ameaçadora a procella das revoluções.

D. Pedro I, no fogo da juventude, não tinha para comprimirem-lhe a violencia das paixões mais do que o coração generoso e a indole liberal. Educado nas idéas absolutistas, com os exemplos maternos, e as discordias e solturas que íam pelos paços reaes, inexperiente e vacillante no tracto governativo, não tinha guia, que lhe apon-

tasse os escolhos, e o aconselhasse no manejo difficil e estranho para elle do officio de reger povos.

Cercado de aulicos, que só lhe recordavam o passado; se volvia para traz os olhos, oito seculos de obscurantismo negrejavam tetricos, deixando-lhe lobrigar entre trévas os cadaveres do conde d'Andeiro, dos Tavoras e do duque de Aveiro, gotejantes de sangue, e dominando este lugubre espectaculo a inquisição com suas fogueiras, e todo esse horrivel apparelho de oppressão e tortura da consciencia. Se encarava o presente, que era de hontem, deslumbrava-o a luz da liberdade por demasiado intensa.

Faltando-lhe portanto as normas da experiencia e da rasão calma e exercitada, que se adquirem com a practica dos negocios e a lucta incessante das idéas e dos interesses humanos, não soffria o jóven monarcha contrariedades, e nem tinha animo para esperar que as vencesse a paciente e demorada acção do tempo.

O povo por sua parte, desconhecendo ainda seus deveres e direitos, alheio inteiramente das practicas constitucionaes e representativas, carente sobreposse de homogeneidade de pensamento, de vontade e de raças, cioso em extremo de sua liberdade, ainda havia tão pouco conquistada, e com o espirito de nacionalidade exaltado ao ultimo ponto, tudo eram para elle duvidas, temores, ameaças, de onde se originavam queixas, que se desafogavam com impeto, e algumas vezes de um modo tumultuario.

Em vez de se darem as mãos e de se entenderem estes dous poderes soberanos, para nascerem do mutuo ac-

cordo e auxilio a confiança e a harmonia, temiam-se e hostilisavam-se. D'este antagonismo reciproco, que se repellia de dia a dia, crescendo e se desenvolvendo sempre até a final tocaram-se, rebentou o 7 de abril de 1831.

Soçobrou assim o primeiro imperio, tombando despedaçado pelo tufão das iras populares o throno do fundador da dynastia brigantina na terra de Sancta Cruz, libertada do jugo e tutela da mãe-patria. D. Pedro I, refugiado a bordo de uma nau ingleza, confiou, como derradeira salvação da d'ella, seu filho, ainda menor, á honradez dos proprios motores da revolução, em que figurava entre os primeiros, não tanto pelas ousadias como pela cordura da indole e sensatez das idéas, Manuel Odorico Mendes.

Se o Brazil se não desmembrou n'essa hora e conservou a fórma politica e o systema por que ainda hoje se rege, deve-o, mais do que a qualquer outro, a elle que immolou no altar da patria os seus mais caros principios democraticos. Não o fez sem presentir, que para salvar a integridade do imperio, o monarcha ía perder a popularidade, e comtudo praticou-o com louvavel desassombro e perseverante desinteresse.

Outros que não tinham os meritos e serviços de Odorico Mendes, ou o emparelhavam n'elles, foram-se todavia acrescentando em honras e proventos, e galgando posições até o ultimo fastigio, emquanto que elle, modesto nas suas aspirações politicas, como sempre o foi nas litterarias, occultou-se na penumbra que projectavam os ambiciosos felizes. Quem o visse simples e affectuoso

no tracto, sem ostentação nem honras e beneficios, que o engrandecessem e o galardoassem, não suspeitaria nunca, que ali estava um homem, de quem já dependeram os destinos de uma nação.

III

Nasceu este preclaro cidadão em San'Luiz, capital da provincia do Maranhão, na casa de seu avô materno, Manuel Correia de Faria, sita na rua Grande, aos 24 de janeiro de 1799, vindo por seu pae, o capitão-mór Francisco Raymundo da Cunha, fazendeiro das margens do Itapecurú, de Antonio Teixeira de Mello, illustre restaurador do Maranhão do poder dos hollandezes; e por sua mãe, D. Maria Raymunda Correia de Faria, de Thomaz Beckman, irmão do infeliz Manuel Beckman, ou Bequimão, como o appellidavam os coevos e naturaes da capitania, e o escreveram os chronistas do seu tempo, manchando-lhe a memoria, que foi em nossos dias rehabilitada com muito talento e saber pelo distincto escriptor João Francisco Lisboa [1].

Não o acalentaram os affectos maternaes, que de nascença o tomou para si Manuel Mendes da Silva. Como este não tivesse filhos, o adoptaram, elle e sua mulher, por seu proprio, e como tal o amaram, e cuidaram com

[1] Vej. *Obras* de João Francisco Lisboa, tomo III, de pag. 181 a 284.

muita solicitude de sua educação. Foram elles, alem d'isso, que o levaram, a 2 de fevereiro, á pia baptismal, onde lhe pozeram o nome do orago do dia — o beato Odorico; mas elle de puro reconhecimento antepoz ao de baptismo o de Manuel, adoptando o appellido de Mendes para assim testemunhar ainda mais quanto sabia ser grato á memoria do seu bemfeitor.

Escoaram-se-lhe felizes os dias da infancia, repartidos entre os carinhos que lhe prodigalisavam os seus e a familia do irmão de seus paes adoptivos. Foi na casa d'esta onde mais se comprazia folgar com os da sua edade, e tambem onde se lhe desabrocharam na alvorada de sua primavera o estro poetico com os rebates e enlevos de um primeiro amor.

Foi seu mestre de primeiras lettras o virtuoso Sebastião David, em cuja aula mostrou taes disposições e aptidão ao estudo, que não foi preciso muito tempo para que ficasse habilitado para passar ao latim, disciplina esta regida então por fr. Ignacio Caetano de Vilhena Ribeiro, genio assomado, que se tomava de colera e rompia em excessos á menor contrariedade, mas que disfarçava esse defeito com o muito que sabia dos segredos de Virgilio e Horacio, e com a justiça que costumava fazer aos diligentes cultores do idioma do Lacio. Para com os discipulos applicados e que aproveitavam suas lições era todo brandura e indulgencia, e por isso Odorico Mendes era um dos que elle mais distinguia e poupava ás torturas da despotica palmatoria. Foi tambem elle seu mestre de rhetorica.

Quando andava nas aulas de latim, compoz Odorico seus primeiros versos, e o motivo que lhe inflammou a phantasia muito honra e exalta seu coração bem formado. É o caso: passava um dia pelo largo do Carmo, caminho da aula, quando deu de rosto com um escravo, a quem açoutavam no Pelourinho, em cumprimento de sentença judiciaria. Alguns mancebos empregados no commercio, que presenceavam o acto, mofavam do pobre suppliciado, respondendo com gargalhadas a seus afflictivos lamentos.

Não pôde conter-se o animo condoïdo do menino, cujo estro precoce incendeu-se de indignação á vista de semelhante espectaculo, produzindo este soneto, admiravel em quem contava só treze annos:

Despido em praça publica, amarrado,
Jaz o misero escravo delinquente:
Negro gigante de animo inclemente
Na mão tem o azorrague levantado.

A rir em torno, um bando encarniçado
Ao verdugo promette um bom presente,
Se com braço mais duro ao padecente
Rasgando for o corpo ensanguentado.

Homens, não vos assiste a menor pena
Dos sentidos seus ais, d'angustia sua?
Rides, perversos, d'esta horrivel scena!...

A sua obrigação, oh gente crua,
Faz o recto juiz quando condemna;
Tu, deplorando o réu, cumpres a tua.

Apesar de um verso errado e de outro frouxo guardava o auctor esta poesia tal qual a escrevera então, julgando

uma profanação alterar essa reliquia de sua infancia, e se a faço hoje conhecida, é apenas como auspiciosas primicias de um feliz engenho.

Leu-o fr. Ignacio, e achando-o muito superior á edade e aos conhecimentos de seu alumno predilecto, mostrou-o ao dr. Sabino, então secretario do governador do Maranhão, e auctor de obras poeticas mui bem reputadas na republica das lettras, taes como as tragedias *Bollivar* e *Ignez de Castro*. O poeta provecto o mandou chamar e animou-o, dizendo-lhe que perseverasse em cultivar as musas, que havia de ser um dia uma das glorias litterarias do Brazil: não andou errado no vaticinio.

Com o florejar da mocidade começou-lhe o coração a expandir-se, e elle familiar com as demazias das descripções amorosas dos poetas latinos, entregou-se sem reserva aos seus primeiros amóres dedicados a uma das sobrinhas de seu pae adoptivo.

E poderá, que tinha ella prendas e formosura para taes incitamentos e pagava ao seu adorador com não menos castas provas de correspondencia.

Nos dias feriados passavam as duas familias em uma casa de recreio que possuiam nas margens do Bacanga, e que ainda hoje está de pé, conservando o sitio o nome de *Alegre*. Ali, nas alpestres e rescendentes moitas, ou nas margens pardacentas e melancholicas do rio, sombreadas pelos mangues que as orlam com sua espessa folhagem verde-negra, recolhia-se o poeta horas descuidosas e perdidas a scismar amores e a conversar com as musas. Quadra de illusões é essa na vida do homem, e sobretudo

na do poeta! A exaltada phantasia vagueia sem norte, arrebatada pela paixão que a povoa de imagens seductoras; e os idyllios, as eclogas, as odes, os sonetos, generos então em tanta voga, resoaram da lyra do novel cantor. Não ha, comtudo, memoria d'essas producções, senão nas reminiscencias, aliás mui infieis, d'alguns dos contemporaneos da mocidade de Odorico Mendes.

Destinando-o seu pae adoptivo para a carreira da medicina, e completadas as poucas disciplinas de humanidades que se liam por esse tempo na capital do Maranhão, embarcou-se para Lisboa com destino a Coimbra, cuja universidade era, e o foi até ha pouco, quasi que o unico centro scientifico para onde convergiam as aspirações dos brazileiros com bens da fortuna que os habilitassem a frequentar estudos superiores.

IV

Chegado o nosso estudante a Lisboa, foi entregue pelo negociante encarregado de supprir-lhe os meios e de velar sobre seu comportamento, como então era de uso, aos cuidados e vigilancia de um dos almocreves, unicos conductores de malas do correio, de cargas e de passageiros, entre a capital e a cidade de Coimbra.

Começára para elle desde esse momento a iniciação dolorosa dos neophytos das sciencias. Aos incommodos da longa jornada por estradas intransitaveis vinha ajuntar-se o martyrio da má andadura das cavalgaduras e as

peças e zombarias grosseiras dos arrieiros, precursoras das troças, tributos a que os veteranos sujeitavam os novatos. Não ficava só aqui o atroz noviciado dos profanos; que as estalagens, onde descansavam para comerem e darem repouso aos pisados membros, ahi estavam para lhes pôr a provas a paciencia. Lá se descobre no meio de tudo isso seu lado picaresco com alguns sainetes picantes, e foi este em resumo o modo de transportar até 1850 os estudantes de toda a parte do reino para a Lusa-Athenas. Hoje, porém, com os caminhos de ferro tudo está mudado: o viver airado e ruidoso da mocidade que habita Coimbra, tão celebrado, perdendo o seu colorido sui generis, vae sendo invadido e modelando-se pelos habitos chatos e prudentes do burguez. Mais alguns annos, receio que ninguem comprehenderá o *Palito Metrico* sem glossas e commentarios, e a batina será talvez um anachronismo, como já o é o gorro, vencido pela cabelleira annelada e bem penteada. Mas já que a juventude da universidade de Coimbra vae reformando seus usos e costumes, até na parte economica, e tem certo tracto social, obrigada dos gozos e confortos da epocha, era de certo muito mais acertado e civilisador que tambem o fizesse no acolhimento que dá aos que buscam pela primeira vez a luz da sciencia. Faça hospedagem de irmãos, como lhe está pedindo o facto em si mesmo, aos que, curtidos de saudades da familia e do torrão ausente, que deixam pela vez primeira, ahi chegam receiosos e acanhados por saberem que sahem-lhes ao encontro só rudezas e maus tractos.

Pedem arrimo e guia aos mais adiantados e são, em

mal, recebidos por inimigos que têem por si o prestigio da força, o conhecimento do terreno e todas as armas em summa!

Se entre os povos, ainda os mais broncos e intractaveis, é bem-vindo o estrangeiro e hospedado com extremos de jubilo e afagos, como é que esses mancebos, na quadra toda de impulsos generosos e fraternos, com maior peculio de illustração e com essa convivencia, que pule as asperidades de indole e dão brandura e amenidade aos mais rusticos, commettem elles sem pejo actos da mais inqualificavel selvageria contra seus pares na edade e nos estudos, e para quem tudo é sombras e receios do desconhecido?

Em vez de lhes servirem de interpretes e protectores na difficil iniciação dos mysterios scientificos, tornam-se executores desapiedados d'essa estranha justiça, os ensurdecem com estrepitosas assuadas, os offendem com palavras e os ferem no physico, pondo-lhes mãos culposas! E o mais é que essa tyrannia só tem paradeiro com o acto do primeiro anno para aquelles que logram ser approvados.

Sobe-me a côr ao rosto quando considero que nós brasileiros, que procurâmos imitar os paizes mais adiantados no que ha n'elles de bom e util, adoptassemos no emtanto nas nossas faculdades scientificas essas carunchosas e estultas usanças de Coimbra! Já é pois tempo, estudiosa e intelligente mocidade do Rio de Janeiro, da Bahia, de San'Paulo e do Recife, de dardes de mão para todo o sempre a esses barbaros costumes!

Ainda tenho bem vivos na memoria os apertados transes por que passei em 1848 na faculdade de medicina do Rio de Janeiro, e comtudo ahi vão decorridos vinte e quatro annos! Eramos oitenta e tantos primeiranistas, e foi tal o acolhimento que recebemos por occasião dos exames preparatorios dos poucos veteranos residentes na côrte, que augurámos mal para nós da abertura das aulas. Não nos enganámos: foi um verdadeiro pandemonio! Ás pateadas, aos assobios e gritos discordes e imitativos de quantos animaes se lembraram, seguiram-se consoantes, ou antes acompanharam esse infernal arruido, as vias de facto. A uns cortaram as abas do paletot, a outros tiraram-lhes as gravatas, a este obsequiaram com um pontapé, áquelle com boa meia duzia de puxões de orelhas, e nenhum ficou incolume. A mim, cortaram-me um punhado de cabellos, mesmo na frente e tão cerce á epiderme que não tive outro remedio senão mandar rapar a cabeça! E ai do rebelde que se quizesse furtar a esses pesados e violentos tributos! Um, homem reforçado, filho de Minas Geraes, e entrado nos seus trinta annos, porque resistisse a dois imberbes, malhou-o a bom malhar uma turma de veteranos, e se não lhe reduziram os ossos a sopa, deveu-o á intervenção de uns quintanistas, que, condoïdos d'elle, o arrancaram das mãos dos encarniçados collegas.

A nossa mocidade academica que se congrega de improviso e em um só corpo quando atacam seus direitos ou a offendem, ou quando tracta de promover alguma acção nobre e generosa, tome a deliberação humanitaria e civilisadora de pôr termo de vez a essas deploraveis

antigualhas, e siga rumo contrario, tendo por norma as corporações scientificas da França, da Allemanha, da Italia, e da Inglaterra, e por timbre afagar de braços abertos aos que franqueiam os umbraes das nossas academias.

Ponderaram já o que ha de despotico e violento n'esses actos descommunaes?!..... Dois campos adversos, armados e impellidos pela vingança e ruins paixões, odeiam-se e dão-se pelejas mortiferas, accommettendo-se e defendendo-se: os prisioneiros de guerra, os criminosos detidos pela justiça, até os proprios escravos são em geral bem tractados pelos senhores, e não soffrem castigos se cumprem com suas obrigações e procedem bem; e todavia aquelles que, sedentos de saber, buscam as nossas faculdades, serão repellidos d'ellas e aggredidos por seus irmãos e collegas, quando lhes corria indeclinavel obrigação de os agazalhar e encaminhar na senda das lettras, das artes, e das sciencias, desfolhando-lhes n'ella flores para que não divulgassem os espinhos que ahi abrolham.

Se estas poucas considerações calarem no espirito da nossa mocidade estudiosa, cujos corações estão ainda isentos de todo o vicio, abandonará ella sem duvida alguma esses habitos tão improprios, ao menos assim o espero.

Não percamos, porém, de vista com esta digressão o nosso estudante.

Vinha elle na sua jornada de companhia com mais dois estudantes brazileiros e outros dois portuguezes. Estes para se livrarem da troça de certos veteranos que encontraram em uma das estalagens da estrada, foram

logo declarando que Odorico era poeta. Convergiram, pois, todas as attenções para este, a quem deram os veteranos como castigo o seguinte mote da *Marilia de Dirceu*.

Desfallece, cáe, urra, treme e morre.

que elle glosou n'este soneto:

Sae Minotauro com feroz bramido
Pelo intrincado labyrintho horrendo,
Os passos multiplica a Theseu vendo,
Cego de fome em colera accendido.

Sem perturbar-se o moço destemido,
Mede o biforme atroz que vem correndo;
Ariadne bella dentro n'alma tendo,
Fica ainda mais que elle embravecido.

Que vae perdel-a, se na lucta expira,
Cheio de ancia e de amor o heroe discorre,
E esta lembrança mais lhe augmenta a ira:

Em furia o Minotauro tambem corre,
Preme-lhe o peito; o monstro a lingua tira,
Desfallece, cáe, urra, treme e morre! [1]

(Caminho de Coimbra, 1816.)

Em Coimbra, depois de frequentar as aulas de philosophia racional e de grego no collegio das artes, hoje enfeitado á grega com o appellido de lyceu, matriculou-se no curso de philosophia como voluntario, prestando exame no cabo das materias que constituiam os primeiros annos da faculdade medica e constituem em outras universidades da Europa materias accessorias.

[1] Este e o precedente soneto são ineditos.

Foram para Odorico Mendes esses dois annos de ausencia da patria bem angustiosos e repassados de saudades e melancholia.

Com o espirito inclinado desde a puericia ás musas, como já disse, vieram-lhe ainda mais incitar a phantasia seus tristes pensamentos e os poeticos e encantadores campos de Coimbra, com o sussurrante Mondego a espreguiçar-se por elles, soluçando plangente entre os alamos e sinceiraes, a quem beijam suas limpidas e serenas aguas. E quem deixará acaso n'essa terra tão louçã e formosa de ser poeta? E quando se o é de vocação, não ha n'ella tantos encantos a provocar e exaltar a imaginação para se ella desentranhar em cantos sonorosos?

Foi ahi, foi n'esse tempo tão placido e descuidado que Odorico compoz com todo o viço e ardor da mocidade. É n'essa primavera, que nunca volta, que o pensamento vôa nas azas das ficções doiradas pelas regiões dilatadas do ideal; é então que as crenças puras e a fé viva ainda não sentiram o halito frio do scepticismo a murcharem até as iniquilar as nobres aspirações e o enthusiasmo! N'essa quadra maravilhosa faz-nos a esperança entrever um mundo risonho de fagueiras illusões, e no futuro amplos horisontes, que, como as miragens deslumbradoras do Egypto, nunca encontrâmos depois na prolongação da existencia.

Nas horas que furtava aos estudos, entregava-se todo ás recordações da patria e da deusa de seus sonhos, traduzindo em estrophes esses favoritos devaneios. Foi então que escreveu uma excellente collecção de versos que,

por mal das lettras, perderam-se em uma das suas frequentes viagens do Maranhão para o Rio, quando de passagem na Bahia esteve n'uma hospedaria, onde lhe roubaram o bahusinho, em que a encerrava.

Por mais diligencias, que fez, nunca pôde rehave-lo, e nas constantes agitações politicas em que esteve sempre envolvido, não lhe sobrou tempo nem paciencia para recompo-las emquanto a memoria juvenil o podia ajudar. Pelo *Hymno á tarde,* que escapou d'esse lastimoso desastre, póde-se fazer idéa do muito que perdeu a nossa nascente litteratura.

Estava o poeta n'esse enlevo d'alma e na intima convívencia dos melhores engenhos que então ahi floriam, taes como Almeida Garrett, que o frequentava e respeitava a elle e a Manuel Alves Branco como os primeiros latinistas dos que, n'esse tempo, cursavam a universidade, quando veiu dolorosamente surprehende-lo a fatal noticia dobramente excruciante para elle da morte de seu pae e da do bemfeitor e pae adoptivo. A tão negro pesadume chegaram-lhe tambem, para mais exacerba-lo, terminantes ordens para se tornar á terra natal por falta de recursos que o podessem manter até conclusão de seus estudos.

V

Aportou ao Maranhão em 1 de dezembro de 1824; mas só tres dias depois pôde desembarcar, por ter sido o navio, em que vinha, aprisionado por lord Cochrane.

Ainda encontrou Odorico Mendes os espiritos de seus conterraneos mui agitados, que era de hontem a conquista da nossa emancipação, e o povo, não de todo confiado na sua força, duvidava do triumpho, e receiava-se de tentativas da metropole para restabelecer seu perdido dominio. Foi por esse tempo de tumultos e de manifestações enthusiasticas que chegou o poeta ao Maranhão. Se estremecia pelo futuro da patria, que tanto o preoccupava, anceava ainda mais por seus amores. Encontrava aquella no ardor explosivo do seu resurgimento ao sol da liberdade; mas a dama de seus pensamentos, aquella musa que lhe inspirára no céu estrangeiro tantos carmes, achava-a elle outra do que deixára: esquecida dos juramentos, dedicava seus affectos a outrem.

Na ausencia de Odorico, o confidente de seus amores, que lhe fôra companheiro dos folguedos, insinuando-se no animo fraco d'essa donzella, já por intrigas, já fazendo-a persuadir de que o amante longe d'ella por tantas leguas e por muitos annos havia de esquece-la por outra e pelos estudos, logrou senhorear-lhe o coração.

Com a chegada inesperada do amante, viu-se de improviso impellida de um para outro sentimento opposto, e vacillante entre ambos. Reviveram-se-lhe ardentes as lembranças do primeiro amor, os castos e eloquentes colloquios do poeta, seus desvelos e constancia, e ahi estava o outro que ainda na vespera a acariciava, mutuando-se na embriaguez da paixão promessas de perenne amor! Lucta horrivel se passou então na alma da mesquinha donzella, que na sua fragilidade, e sem resolução, entre-

gou-se toda a tão anciadas hesitações, d'onde lhe proveiu uma enfermidade que a fez succumbir dentro em pouco.

Não foram só tamanhas maguas que lhe pungiram o coração; que tinha mais de cuidar da mãe viuva e mais sete orphãosinhos que tomou a sua guarda e cargo.

Principiavam pois a desfazer-se as illusões do poeta, diluidas em abundantes e acerbas lagrimas!

Se perdeu o pae e o amor da mulher que adorára tanto, e sobrevinham-lhe os cuidados e encargos de uma familia, ahi estavam tambem os da patria que o enfeitiçavam, e lhe estavam a aconselhar afogasse n'elles suas dolorosas recordações.

Para espairecer e esquecer-se da mallograda paixão, dedicou-se Odorico com activo fervor á vida publica; mas com ella e com as pensões domesticas varreu-se-lhe o proposito de tornar-se a Coimbra, regularisados que foram seus negocios, e de formar-se ali em medicina.

Não ha carreira que encante mais, quando se deseja prestar serviços ao seu paiz, do que é a do jornalista. É n'essa tribuna universal que se desafogam os sentimentos que borbulham no peito do verdadeiro patriota, é d'ahi que se falla ás turbas, que se lhes inoculam as idéas, forma-se-lhes a opinião, se as inflamma e impelle para uma determinada meta. Negaciava ao inexperiente mancebo esse Protheu, e tanto pôde com elle que a 7 de janeiro de 1825 veiu á luz o 1.º numero do seu *Argos da Lei*[1].

[1] Era esse jornal impresso na Typographia Nacional em folha de papel almaço de tamanho regular, e em duas columnas; tendo quatro

VI

Arremessou-o na arena jornalistica, não só o meritorio designio de ser util ao paiz, como tambem animarem-n'o as instancias e conselhos de muitos concidadãos, «desejosos, diz elle, de que appareça pela primeira vez um periodico publicado por filho d'esta provincia...»

Dedicava uma parte de seu jornal á publicação dos actos officiaes, noticias nacionaes e estrangeiras, destinando, como elle por modestia o accrescenta, « uma *nesga* de papel para artigos de sua lavra, em que tracte de reformas na administração ou na moral publica, e de assumptos instructivos, resumidos dos publicistas europeus ».

Defrontou-se na lice com o *Censor* e o *Amigo do Homem,* redigidos, aquelle por João Garcia Abranches, e este por Chrispim, ambos portuguezes e que se mostravam

paginas, e sahia com muita regularidade ás terças e sextas feiras de cada semana.

Trazia como frontespicio no topo da primeira pagina o seguinte:

O

ARGOS DA LEI

N.º

Boas são leis, melhor o uso bom d'ellas.
A. Ferreira.

Do n.º 38 em diante foi modificado este frontespicio, tendo a numeração aos lados e por cima do titulo a corôa imperial.

Terminou sua publicação a 10 de julho d'esse mesmo anno com o n.º 45.

desbragadamente infensos á independencia e a toda a liberdade.

Como era natural em quem tinha amor entranhado pela patria e pelas instituições livres, o joven escriptor perdeu a calma das discussões graves, e por muitas vezes deixou-se arrastar para o terreno onde o provocavam estes adversarios, e degladiando-se com as mesmas armas dos doestos e das injurias, não se deixou vencer por elles, envolvendo com os imprudentes redactores todos os portuguezes que pensavam e obravam na mesma conformidade de pensamento. Alcançou com isso immensa popularidade, que se manifestou com toda a evidencia nas eleições de deputados á primeira legislatura de 1826–1829, depois da constituinte, e em que elle obteve votos para deputado por sua provincia natal quasi que por unanimidade.

Estava então na interinidade da administração da provincia seu amigo Manuel Telles da Silva Lobo, cujos actos, se os não louvava a todos, tambem não os censurava. Succedeu-lhe, porém, Costa Barros. No conflicto que se travou entre essa auctoridade e lord Cochrane, que não consentíra que tomasse posse da presidencia, inclinou-se Odorico a este parecer e deffendeu o acto do almirante. É digno de notar-se o desassombro com que o joven escriptor esposou a questão, analysando com calor e energia os officios que se trocaram por essa occasião entre Pedro da Costa Barros e lord Cochrane. No n.º 23 do *Argos da Lei,* de 25 de março (1825), entre outras verdades duras a respeito do presidente, diz: «A correspondencia com lord Cochrane me tem feito conhecer que,

pelo menos, o nosso presidente nomeado é imprudente, e por isso pouco feito para governar povos, mórmente em crises tão arriscadas».

Em outro periodo, referindo-se á allusão que faz Costa Barros á pouca honradez de seu antecessor, averba-o de pouco siso, e «isto não indica senão muita ambição e raiva por se não ver logo e logo empossado do governo».

Valeram-lhe estas e outras censuras a má vontade do presidente, tanto que, por occasião de pleitear sua reeleição, encontrou-a em campo a combatter-lhe com toda a força a candidatura, empregando para frustrar-lh'a os elementos poderosos de que sóe valer-se o governo n'essas conjuncturas; mas ainda estava mui recente a nossa alforria para que o povo se deixasse corromper e abatter ante a ameaça e o suborno. A vontade do presidente foi quebrar-se de encontro á dos cidadãos que deram ganho de causa a Odorico Mendes, saíndo seu nome das urnas eleitoraes victorioso e por uma brilhante maioria.

N'esse tempo de civismo e hombridade era assim que respondiam os maranhenses aos mandões que ousavam pôr mão sacrilega nas instituições, e pretendiam attacar seus direitos e suffocar suas consciencias.

VII

Sigamo'-lo agora em theatro maior, e onde vae elle representar importantissimo papel. Ei-lo na côrte do nascente imperio, n'esse fóco onde se congregam os repre-

sentantes da nação e se condensam as ambições, e d'onde dimanam tambem as graças e as mercês. Como centro do organismo social irradiam d'elle não só a acção do governo, como as mais tremendas manifestações da soberania popular.

Odorico era por esse tempo todo actividade e enthusiasmo: não trabalhava só nas sessões legislativas, como secretario da camara dos deputados, em todas as legislaturas em que tomou parte, havendo-se constantemente n'essa funcção com muito zêlo e circumspecção, senão que iniciou, entre outros projectos, o da abolição dos morgados, collaborou na lei eleitoral, e fez importantes emendas na de amortisação, de instrucção, e n'outros projectos de egual utilidade. Se o seu tempo não era ahi perdido para o paiz, repartia-o ainda com proveito não menor, auxiliando efficazmente os campeões da imprensa; e associado depois com Vergueiro, Feijó, Costa Carvalho (depois marquez de Montalegre), Paula e Sousa, e João Braulio Moniz, fundou a *Astréa,* jornal que tanta voga e prestigio teve em todo o imperio.

No intervallo da primeira sessão da legislatura de 1826 a 1829 foi para San'Paulo com Costa Carvalho, e ahi estabeleceram, a expensas d'este, a primeira typographia que houve na provincia.

Redigiram então ambos o *Pharol Paulistano,* que teve para logo muita acceitação nas provincias ao sul do imperio, e preponderou depois nos futuros destinos do Brazil.

Que de contrariedades e trabalhos se não antepozeram a elles n'esta empreza! Não poderam obter mais que um

typographo, e esse natural do Rio da Prata, que com a sua confundia a nossa lingua. Por esse motivo e para não demorar-se a saída regular do periodico, Odorico Mendes reunia ao trabalho da redacção de artigos, em que era quasi só, pouco produzindo os collaboradores, o de operario, aprendendo a arte typographica e servindo de ajudante ao typographo.

Alem dos artigos de polemica, ha n'esse jornal um apologo d'elle — *Os castores,*— satyra engenhosa e pungitiva ás occorrencias d'aquella epocha. Começada, porém, a nova sessão em maio, deixou os collegas na redacção do *Pharol;* que mais graves negocios lhe estavam apparelhados na côrte, e reservada para elle mais alta e melindrosa missão.

VIII

Começava o anno de 1831 turvo e agitado para o Brazil. O throno de D. Pedro I, abalado e oscillante, depois da infelicissima e mallograda campanha do Rio da Prata, estava prestes a derruir-se, precipitando-se no abysmo que lhe haviam cavado os erros administrativos. Queixavam-se os brazileiros, sobretudo os da classe militar, da protecção que o monarcha dispensava aos refugiados portuguezes, que esquivavam-se das suspeitas e atrocidades de D. Miguel ou das de seus fanaticos partidarios.

Vinham aggravar o exagerado espirito de nacionalidade alguns actos do imperante, nascidos de seus impe-

tos de mancebo. Conhecendo que o terreno movediço do favor popular tremia sob seu throno, quiz assegura-lo, tentando uma segunda excursão á provincia de Minas-Geraes, onde fôra recebido em 1820 com as mais significativas demonstrações de estima e respeito. Não colheu d'ahi senão dissabores, tornando-se para os paços de San' Christovam desanimado e abattido, e tendo já exprimido no decurso da jornada desejos de abdicar a corôa. Os disturbios da noite de 13 para 14 de março, conhecidos na historia por *noite das garrafadas,* vieram precipitar a quéda de D. Pedro I, que nem a mudança do ministerio pôde sustér. No dia 7 de abril foi lavrada a sentença pelo proprio punho imperial, sem que precedesse ao acto da abdicação consulta a seu governo. Ao chegar o major Frias (hoje fallecido no posto elevado de general) aos quarteis do Campo de Sanct'Anna, achou reunidos ao general Francisco de Lima e Silva, a quem entregou o decreto, Odorico Mendes, o major José Joaquim Vieira Souto e o sr. conselheiro José Ribeiro da Silva, nosso actual ministro na Russia.

Triumphou assim a revolução sem encontrar resistencia nem custar uma gota de sangue, graças á resolução do imperador. Urgia depois da sublevação das massas estabelecer a ordem no campo victorioso, reprimir os desmandos da exaltação e conter as ruins paixões nos limites do honesto e do justo. Odórico Mendes e o sr. José Ribeiro da Silva escreveram n'esse intento aos representantes, que se achavam na côrte, no intervallo das sessões legislativas, convocando-os extraordinariamente. Reunidos que

foram os deputados e senadores presentes, foi nomeada por influição de Odorico Mendes a regencia provisoria, composta de Vergueiro, de Francisco de Lima e Silva e do marquez de Caravellas.

Era Odorico a alma e um dos principaes promotores de todos estes acontecimentos, desenvolvendo então espantosa actividade, de modo que se achava presente em toda a parte, já nos clubs a dirigi-los e anima-los, já nos quarteis, como emissario do partido de acção, para concertar com os militares os planos do movimento revolucionario.

Quantas vezes e com que esforço não teve elle de combatter aquelles que pretendiam derribar as instituições, fazendo saír da revolução a republica federativa!

Foi na loja maçonica da rua de Vallongo (hoje da Imperatriz) onde as discussões ácerca da mudança do nosso systema politico tornaram-se mais calorosas e renhidas. Oppoz-se elle com sua auctorisada opinião a essas tentativas radicaes, sustentando resoluta e energicamente a necessidade de conservar-se, no caso de abdicação do imperador ou do triumpho da revolução por outro qualquer meio, a monarchia constitucional. Bastava, segundo elle, a reforma da constituição, dando ás provincias mais franquezas, para que o Brazil endireitasse desafogadamente pela estrada larga da civilisação e da liberdade para sua prosperidade, e por isso instava para que se tomassem todas as medidas n'este sentido durante a menoridade. Compartilhava sua opinião e auxiliou-o n'esse proposito o celebre Evaristo da Veiga, redactor da *Aurora flumi-*

nense, e Odoriço teve mais o desvanecimento de logra-la apoiada por todos os militares, á excepção de quatro, que depois têem figurado tanto n'este reinado, recebendo favores mui assignalados do actual imperante, a quem entretanto desejaram com tamanho empenho tirar a corôa, substituindo-a pelo barrete phrygio!

E o que mais ennobrece e acrisola o patriotismo de Odorico, aliás nunca abalado, e honra assás sua immaculada memoria, é que, republicano de convicção e de principios, sendo essas as idéas politicas que sempre professou, e com que morreu, não as manifestava comtudo nem as alardeava e propagava, como querendo angariar proselytismo, impor-se ás massas e tornar-se notado; mas ao inverso d'isso, conhecendo que era um mal para o Brazil esse systema, attentos a falta absoluta de instrucção, o atrazo moral e material da população e sua divisão profunda, originada das condições sociaes e da diversidade de raças, sacrificou-as sempre e com o mais admiravel desprendimento no altar da patria, e ainda quando teve ensejo de ve-las vingadas, foi quem mais esforçou-se por contrasta-las.

Não está sómente n'estes factos o seu louvor e unico merito.

Quando José Clemente Pereira, depois senador e grande do imperio, e por tantas vezes ministro, quiz annullar a constituição de combinação com a *Sociedade das columnas,* de Pernambuco, indignou-se Odorico, e foi violento e sem misericordia na aggressão aos adoptivos e portuguezes que se ingeriam na politica do paiz e proclama-

vam o absolutismo. Enxergava n'essas propagandas e nos tramas occultos que as auxiliavam, as instituições periclitantes, e é por isso que rebellava-se-lhe o espirito contra a indebita e ousada intervenção de estrangeiros nos negocios do paiz, que tão pouco ainda havia saccudido o jugo da mãe patria.

Quem assim procedeu, quando a patria corria perigo, foi o unico a vir no dia da victoria com o manto de misericordia a implorar perdão e esquecimento para os inimigos. Quando elle viu espalhados pela cidade do Rio de Janeiro grupos da populaça, furiosos e armados, ameaçando os portuguezes, principalmente os apontados por influentes nas idéas de restauração do antigo regimen, foi sua voz a que se levantou a reprehender e aconselhar os exaltados, nos clubs, nas praças, e até no recinto do parlamento brazileiro, onde proclamou as mesmas doutrinas, dizendo com eloquencia e commovido: «perdoassemos os illudidos, lembrando-nos só de que elles eram nossos parentes, casados com as nossas irmãs, e que não fosse tal dia consagrado a vinganças!»

O povo brazileiro, sempre inclinado á brandura, e tão bom de coração e de indole, não pôde conter-se que ao saír o orador do senado não o acclamasse enthusiasticamente, victoriando-o com applausos e derramando flores na sua passagem. Corridos de vergonha os mal-intencionados, deram de mão a todo o genero de perseguições, ficando assim burlados os turvadores das aguas revoltas.

Pagou, porém, Odorico bem caro tão esplendido trium-

pho, grangeado por tão extraordinario rasgo de magnanimidade.

Não é que lhe não acudisse de antemão o presentimento de que esse discurso ia acabar com a sua popularidade; mas nem por isso vacillou, e seguindo n'essa occasião os impulsos de seu bem formado coração, não o detiveram um momento considerações, e affrontou com todo o valor os delirios da opinião publica mal encaminhada.

Não se fez esperar o reverso da medalha. Reproduzamos para aqui suas proprias palavras: «Os que desejavam uma republica impossivel, passado o enthusiasmo publico, deitaram fel nas minhas intenções, e os meus ataques ao partido portuguez na sua força e poderio foram representados como contradicção com o perdão que pedi para elles abattidos!»

Com raras excepções é este o desfecho e o resultado das revoluções. É que a ninguem é dado, senão á Providencia, assignalar-lhes o caminho e os limites. São ellas na sua marcha qual rochedo que, impellido dos pincaros, vae arrastando na sua quéda tudo quanto se lhe oppõe; e ai do imprudente que ousa rete-lo, que ficará esmagado!

Quiz o patriota convicto e sincero impedir que sua obra se desacreditasse por excessos, e fosse além do fito, e propendeu para o lado dos moderados, uma das divisões politicas estabelecidas desde então na familia brazileira: *exaltados* e *moderados,* taes foram as denominações d'esses lineamentos dos dois grandes partidos constitucionaes que se combattem no Brazil no campo das idéas, e são chamados a governar alternadamente o paiz.

Tomando depois diversos nomes de guerra, conforme as transformações, as necessidades das luctas eleitoraes e os mesquinhos interesses individuaes, quer se chamem *luzias* ou *saquaremas*, liberaes ou conservadores, vão rastrear-se n'esses variados cambiantes das facções, que nas suas ambições variam de disticos, na côrte, e principalmente nas provincias, os principios oppostos, — uns que querem a immutabilidade dos preceitos constitucionaes, a centralisação e o enfraquecimento do elemento municipal, e aquelles que tendem para as idéas novas e progressistas, amam as grandes conquistas do entendimento, e prégam a descentralisação administrativa e franquezas provinciaes. Foi n'este que filiou-se Odorico desde 1834.

O nosso systema vae comtudo falseado por falta de perfeita descriminação d'estes principios, aliás tão necessaria á manutenção do equilibrio dos poderes do estado. Não caminham elles bem extremados, como convinha; porque as ambições desregradas tomam-lhes a dianteira, confundindo tudo para seus fins, e d'ahi são as instituições que padecem, imperando e invadindo tudo o poder executivo, sem que a responsabilidade ao menos o venha refrear ou contrabalançar este excesso.

Reconhecendo Odorico serenados os animos na côrte, e restabelecida a ordem em quasi todo o imperio, retirou-se para a sua provincia natal, onde ainda as paixões fermentavam com força, e pediam a sua presença e conselho para as applacarem.

Já haviam passado os tumultos de 13 de setembro,

dirigidos por seus amigos e compartidarios, e de que saíram-se vencedores. Achou-os Odorico no emtanto complicados na abortada tentativa de novembro, a maior parte d'elles homisiados, e José Candido de Moraes e Silva, seu antigo collega de Coimbra e seu irmão na communhão de idéas, mas chefe ostensivo dos tumultuosos, fugindo á prisão de que estava ameaçado, e como fosse perseguido com muita insistencia, vivia inquieto de esconderijo em esconderijo.

Procurou-o Odorico, e com lagrimas brotadas de tamanha desgraça, o lastimou. Se bem que improvasse esses excessos, entendeu que devia compartilhar a sorte do amigo, convidou-o para sua casa, e ahi o teve occulto até que José Candido retirou-se d'ella, por saber que lhe haviam descoberto o homizio. Não ficou o poeta só n'esta protecção; mas instou para a côrte pelo perdão dos indiciados n'este tumulto, obtendo a final por sua influencia um decreto de amnistia para os culpados.

Estes acontecimentos, que tanto o magoavam, não o demoveram todavia do proposito com que viera da côrte. Advogando no Maranhão as mesmas idéas de brandura e perdão aos vencidos, collaborou para o *Constitucional*, jornal que então redigia seu amigo e antigo condiscipulo Francisco Sotero dos Reis.

Paladino do esquecimento e da generosidade, veiu em artigos successivos prégar tão sãs doutrinas, embora desgostasse tão nobre e desinteressado proceder a amigos e correligionarios politicos, que pensavam de outro modo, e pozesse em risco suas relações com José Can-

dido, por sahir-lhe ao encontro das idéas por elle apregoadas no *Pharol Maranhense.*

Logrou o seu intento, abatteu por sua propaganda e conselhos a exaltação dos animos; mas a ingratidão e o esquecimento de seus conterraneos foram-lhe a recompensa de tanta abnegação e de serviços tão relevantes quão gratuitos. Victima de seu patriotismo, não foi reeleito deputado, como por essa occasião se propozera, e ainda é maior vergonha para nossa terra, que, em tantas eleições que se succederam até 1864, nunca mais foi incluido seu nome nas chapas que se disputavam os suffragios populares, nem fez parte de uma só lista triplice, em oito vezes que appellaram os maranhenses ás urnas senatoriaes n'esse tão longo periodo.

Não buscou tambem por sua parte a protecção do governo ou dos chefes dos partidos para que o impozessem candidato eleitoral, no que são tão useiras e vezeiras as mediocridades que por todo este Brazil medram aos centos; porque entendia que para cargos taes a escolha deve vir da maioria dos cidadãos espontanea e livre, que nunca obrigada e imposta. Este grande cidadão nunca mostrou-se arrependido do que fizera, antes satisfeito de si por haver offerecido em holocausto á felicidade da patria suas mais caras idéas democraticas, declarava muitas vezes que eram essas as mais gratas recordações que lhe restavam do tempo em que andára envolvido na politica militante; poisque tinha por extemporanea e arriscada a proclamação do systema republicano, principalmente quando via á testa dos negocios do

seu paiz um principe tão patriota, circumspecto e esclarecido.

Ainda ha mais um facto na vida de Odorico Mendes, alem de outros que não vieram á publicidade, que sobredoira e ennobrece suas ráras excellencias, e dá mór relevo aos traços biographicos d'este insigne maranhense.

Quando o presidente do Maranhão, Manuel da Costa Pinto, mandou a 8 de agosto de 1828 prender violentamente e assentar praça no corpo de artilheria a José Candido de Moraes e Silva, redactor do *Pharol,* Odorico, que se achava então ahi no intervallo das sessões legislativas, tomou a peito o negocio, esposando a causa do perseguido, e não só dirigiu-se ao governo, representando contra esse acto, como tractou logo de publicar um jornal em deffeza do denodado escriptor; mas não conseguiu fazel-o imprimir na unica typographia que havia na provincia, que sendo de propriedade nacional, o presidente a mandou fechar a pretexto de que dava prejuizo! Não foi isto embaraço que demovesse Odorico de seu generoso intento, e recorrendo á typographia de Torres, no Rio de Janeiro, publicou um numero avulso do projectado jornal — *O Despertador Constitucional* — que fez distribuir por toda a provincia.

... «o bem do Maranhão, diz elle n'esse jornal, com data de 14 de agosto, exige de mim um sacrificio: devo consagrar-lhe a minha penna, e lhe consagrarei a vida, quando o despotismo ou a força m'a queira tirar. A minha opinião é immutavel: sou livre; professo as doutri-

nas que n'esta epocha trabalham escríptores abalisados por arraigar em todos os povos.»

Nobres e bellas palavras são estas!

Desculpando elle um pouco adiante o ter de tomar parte no jornalismo, sendo representante da nação, assim se expressa: «Talvez haja quem leve a mal que eu, sendo representante da nação, me entregue hoje á tarefa de escrever uma folha; mas, além de ser isso em geral de muita honra, é glória, uma vez que se tenha em vista a verdadeira utilidade.

«Se eu visse as auctoridades no Maranhão seguindo o caminho da lei; se eu visse que ellas, em vez de dar ouvidos á calumnia, e fomental-a, só tractavam de promover a felicidade publica, de certo guardaria inteiro silencio.»

Analysa em seguida com energia e calor o acto arbitrario do presidente, verbera-o com vehemencia e muita logica, e para dar mais authoridade a este escripto pozlhe a sua assignatura.

Considerae o denodo, a philanthropia e a dedicação com que veiu de abundancia de coração e de proprio moto interpor-se n'este negocio, excitando as iras e chamando sobre si a vingança de tão despotica authoridade. Tal procedimento está acima de todo e qualquer louvor, e é documento irrefragavel da sua independencia de character e nobreza d'alma.

Com a entrada de Antonio Pedro da Costa Ferreira (depois barão de Pindaré) para o senado, em 1834, occupou Odorico o logar d'este na camara electiva como supplente, que era, por mui poucos votos. Convem aqui ob-

servar que n'esse tempo votava cada provincia em tantos nomes quantos eram os representantes que lhe cabia, e eram os immediatos em votos supplentes para o preenchimento das vagas deixadas por ausencia ou morte dos membros da camara temporaria. Acha-se hoje abolida esta praxe por se lhe terem reconhecido os vicios e abusos.

Foi no mais acceso das luctas do agitado anno de 1831 que Odorico fez a traducção da *Merope,* de Voltaire, tirando-lhe as provas typographicas entre as brevissimas pausas das frequentes conferencias com os principaes personagens da conjuração, e nos intervallos das discussões nos ajunctamentos populares. No meio de tão estrondosos acontecimentos politicos foi que sahiu da Typographia Nacional do Rio de Janeiro esse trabalho em um folheto de 86 paginas em formato 16.º, producção de certo informe pelos erros typographicos, alguns dos quaes deturpam o sentido e contrariam as regras grammaticaes; postoque a fidelidade da traducção, a vernaculidade da linguagem e a harmonia dos versos deixam esses senões, meramente materiaes e prevenidos em *errata,* postos á banda.

Dedicou-o á sua mãe n'este sentido e singelo trecho:

«A ti, minha querida mãe, que me tens dado mil provas de ternura, que tens por mim padecido tantas penas, chorado tantas lagrimas, este saudoso filho te offerece a traducção da *Merope,* da tragedia mais grata, mais suave aos corações maternaes. Sei que, lendo estas palavras, teus olhos hão de banhar o meu pequeno livro: eis uma grande paga do meu trabalho.» M. O. M.

IX

Desgostoso das discordias que lavravam entre seus amigos, e por outro lado resentido da ingratidão dos conterraneos, retirou-se em 1834 com a mãe e irmãos para o Rio de Janeiro, não tornando jamais a ver a terra de seus amores, e por que sempre suspirou.

Quem esquivou-se a fazer parte da regencia trina, indicando para o substituir na lista, que triumphou, a João Braulio Moniz, seu amigo e comprovinciano; quem recusou uma das pastas do primeiro ministerio organisado pela regencia, volveu no emtanto pobre e contente á vida privada, e passaria por grandes privações se o não nomeassem inspector da thesouraria geral do Rio de Janeiro; mas ainda n'isto mostrou elle seus melindres de honestidade, porque, apezar de se acharem na suprema direcção dos negocios do estado seus amigos e correligionarios, teve escrupulos de acceitar tão modesto cargo, e só assumiu seu exercicio quando soube que não fôra re-eleito deputado; porque entendia que para desempenhar esse mandato popular com toda a independencia, como para deixar no publico pleno convencimento que dava seu voto com inteira liberdade e consciencia, devia assim proceder.

Que licção pouco vulgar encerram em si estes dois factos, e que sensivel contraste entre esse nobilissimo character e os dos ridiculos pygmeus de hoje, que enxameiam ás avenidas do poder, distanciando-nos tanto d'essa epocha por um tremedal immundo de servilismo e ignominia!

Retiremos penalisados a vista do quadro hediondo de miserias e impudor politicos que hodiernamente espanejam com ostentação e sem o menor pejo n'esta feira pintalgados arlequins. Não deploro tanto o enfraquecimento progressivo do espirito nacional, como a cegueira inconsciente com que muitos dos nossos homens publicos mostram-se satisfeitos de si, e apontam com sorriso mofador aquelles que esforçam-se por conservar seu nome e consciencia puros de qualquer pécha!

O que não vae de mercancias, de intrigas e de traições entre essas insaciaveis ambições, que se degladiam na nossa liça politica!... Não são as habilitações para os cargos, senão creados para serem dados aos mais favorecidos de padrinhos, e d'elles preferidos quasi sempre os mais ousados e servis, a despeito de supinamente ignorantes e madraços. Para esses taes são não raro os suffragios populares, passando da cadeira curul alguns d'elles a ter assento nos conselhos da corôa!

Não succede isto sómente no Brazil; mas por toda a parte que se rege pelo systema representativo, e até na propria Inglaterra, berço d'elle, e onde a indole do povo adapta-se e se lhe affeiçoa; lá mesmo já se vae manifestando a senilidade precoce do governo mixto, e como que as necessidades publicas exigem a sua reformação.

Ao observador calmo e imparcial afigura-se que vae elle esphacelando-se ante-sazão, e que tomado de diathese gangrenosa, desapparecerá um dia para imperarem sós os governos simples — soberania do povo ou do rei, direito da nação ou direito divino, e talvez não esteja para

muito tarde; que a marcha dos acontecimentos caminha rapida para uma tal solução.

Não era o patriota imperterrito para taes manejos, e o empregado de provincia, que rejeitára subir á mais elevada magistratura do seu paiz, via-se reduzido ao ordenado annual de 2:800$000 réis, e assim obrigado para poder manter com decencia a si e á sua numerosa familia a recorrer á improba tarefa de ensinar a meninos o francez e mathematicas elementares.

Em 1836 passou pelo desgosto de perder a mãe; desde então concebeu a idéa de tomar estado, e no seguinte anno casou com D. Heliodora Perpetua de Seabra, sua comprovinciana e da familia dos Moraes Rego; mas não decorreram muitos annos que se não visse privado de sua extremosissima companheira, que veiu a succumbir de uma rebelde enfermidade, em 1843, deixando perenne saudade ao poeta, que correspondia na mesma afinação a seus sentimentos amorosos. Ficaram d'este enlace cinco filhinhos[1], a quem serviu de mãe desvelada e amantissima a ex.ma sr.a D. Militina Jansen Muller, irman de Odorico, e que entrou para sua companhia aos dezeseis annos

[1] D'estes falleceu um, sobrevivendo ao pae quatro: o mais velho Manuel Odorico Mendes, hoje casado e com seis filhos, D. Leonilla Mendes, casada em Paris com o habil medico, filho de Henrique Cros, escriptor francez bem conhecido pela ousadia e franqueza de suas opiniões philosophicas, tendo d'este consorcio tres filhos; Alfredo Odorico Mendes, casado com uma prima, filha de Theodoro Jansen Muller, e Reinaldo Odorico Mendes, casado com uma filha do dr. Antonio Martins Pinheiro, da qual tem um filhinho. Vivem elles no Rio de Janeiro e todos occupando empregos publicos.

de edade para nunca mais separarem-se emquanto elle viveu, ainda mesmo em suas viagens.

X

Com os extraordinarios acontecimentos politicos em que tomára parte tão activa, e depois com os algarismos para o atordoarem de todo, ficaram as musas postas de lado, e aindaque o poeta lhes quizesse dedicar seus ocios, se lhe mettiam de permeio as linhas do *Deve* e *Ha de haver*, para lhe seccarem a veia poetica. Ainda assim não morria de todo n'elle o fogo sagrado, vindo a revezes despertal-o, se bem que raras vezes, do profundo lethargo em que o traziam engolfado os lançamentos, collectas e orçamentos.

É d'essa epocha a sua traducção do *Tancredo*, tragedia de Voltaire, que foi impressa no Rio de Janeiro na officina de Henrique e Eduardo Laemmert, em 1839, in-8.º pequeno de 169 paginas, e com o original francez ao lado. Foi reimpressa na collecção do *Archivo Theatral*, empreza litteraria de J. Villeneuve, proprietario e fundador do *Jornal do Commercio*.

São tambem d'esse anno uns versos que lhe pediram para com elles abrilhantarem a recita de grande gala que levaram no theatro por occasião do anniversario de Sua Magestade o Imperador, mas que não chegaram a recitar por taxarem-n'os de nimiamente democraticos.

Reproduzindo aqui essa ode, avaliar-se-hão melhor os escrupulos monarchicos dos cortezãos da epocha:

Á S. M. O SR. D. PEDRO II NO DIA 2 DE DEZEMBRO DE 1839

A quatorzena vez (Brazil, exulta!)
O alvo dia volveu que amigo genio
Das mãos avaras arrancou do Tempo
Apenas reluzia sobre o horisonte,
Um porvir despontou de paz e de ordem,
A Independencia verdadeira ergueu-se;
Nutou em seus projectos a Anarchia,
Monstro infecundo, estragador do germen
Da nacional grandeza, o influxo estranho
Com riso amargo (hypocrita!), o saúda...
Filho da America, immortal carreira
Traça, Principe Augusto; acaba a empreza
Que infeliz Pae consolidar não poude!
Herdeiro das virtudes que a mãe terna
Do peito no sacrario agasalhava,
Sê com teu povo compassivo e brando.
Já se approxima a inesperada aurora
Em que a Lei d'este Imperio magestosa
Te convida a reger com braço herculeo
O esperançoso americano sceptro:
Então, sangue de Reis, não te deslumbre
O encanto do poder; ama, aprecia
Ser Brazileiro mais que ser Monarcha.
Vejo o engano sagaz lançar-te a rede:
Ah! não te colha nas traidoras malhas!
Pela orla do vaso mel suave
Te ministra a Lisonja; o fel da angustia
No fundo jaz. O intento que te anime
Seja o firmar teu solio sobre a larga,
Do amor do povo, indestructivel base.
Rodeia os olhos pelo Imperio immenso:
Que vês, que escutas, Principe sublime?

O almo terreno por colonos brada;
Pede o senhor dos rios que o navegues,
Ricas areias os demais te offertam;
Querem florestas em baixeis trocar-se,
Que a fé mantida, o orgulho do estrangeiro,
Auri-verde bandeira alçando abattam.
As bellas-artes teu bafejo esperam,
E as musas te preparam mil grinaldas;
Por desenvolver sob teu mando
Arde veloz commercio, industria sabia.
No tempo de paz tens de erigir-nos;
Neto de Affonsos brandirás a espada
Quando nos provocar a guerra insana;
Da honra zelador, dos bons costumes,
Serás o esteio da abalada crença!...
Quem, quem fará, Senhor, prodigios tantos?
Teu coração magnanimo, sustendo
A liberdade e o throno em laço eterno.

Querendo Sua Magestade conhecel-os depois, e ouvindo-os da propria bôcca do auctor, declarou-lhe que não continham elles cousa alguma que fosse contraria ás leis; «de sorte que os aduladores, como bem ponderou Odorico, queriam ser mais monarchistas que o proprio monarcha do Brazil!» Acham-se estes versos publicados na *Liga Americana*, jornal que então redigia conjunctamente com o seu amigo Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho, ministro por varias vezes, já da pasta do imperio, já da dos estrangeiros, e que acabou visconde de Sepetyba. Os artigos mais notaveis que n'elle publicou Odorico, são uns em que combattia com mui bons argumentos as pretensões da França ao nosso territorio da Guyanna.

Das poesias manuscriptas, que perdeu na Bahia, considerava elle como pre-excellente uma epistola dirigida ao seu velho amigo, o conselheiro e senador José Cesario Ribeiro, hoje fallecido. Tinha toques verdadeiramente poeticos e arrebatadores, muita imaginação e riqueza de metro, segundo a opinião competentissima de quem m'o affirmou e ainda se recorda da impressão agradavel que lhe deixou sua leitura.

De tantas preciosidades litterarias só escaparam, por tel-os refeito o poeta de memoria — *O Hymno á tarde,* impresso em 1832 por Ignacio Pereira da Costa (o *Papeleta),* proprietario da Typographia Americana, e que foi reimpresso em diversas provincias, e no *Parnaso Brazileiro,* do ex.mo sr. dr. Pereira da Silva, porém muito incorrecto, tambem no *Parnaso Maranhense* (1861, por B. de Mattos, Typographia do Progresso), e ultimamente reproduzido, já expurgado de erros, no *Brésil Littéraire* do sabio professor allemão Fernando Wolf; o *Sonho,* impresso igualmente pela primeira vez no Rio de Janeiro, e reimpresso depois em diversas collecções, já com este titulo, já com o de *A Morte,* como se acha no *Parnaso Maranhense* (pag. 214); e o *Meu Retiro,* dedicado ao seu amigo, o conselheiro Ernesto Ferreira França, e publicado na *Minerva Braziliense.*

Acontece com os formosissimos versos de Odorico, como com certas obras de arte, que nunca envelhecem e nem perdem nunca o viço e a novidade, embora muito vistas e admiradas, antes se lhes descobrem, cada vez que se as observa, mais bellezas e perfeições.

Composto o *Hymno á tarde* em Coimbra, como já disse, respira em todo elle recordações saudosas, deixando transluzir, aqui e ali, a melancholica imagem da patria ausente.

Se por muito conhecida, escuso reproduzir por inteiro essa notabilissima ode; não succede o mesmo a estes trechos; porque retratam fielmente o que hia por essa alma tão candida e placida, onde não tinham guarida as paixões desordenadas, nem havia excesso no enthusiasmo com que manifestava suas idéas:

. . . . . .
Longe dos patrios lares, quem não sente,
Os arreboes da tarde contemplando,
Um subito alvoroço? Então pendiamos
Dos contos arroubados, que vertêrão
Propicios deuses nos maternos labios;
E branda mão apercebia o berço
Em que tenros vagidos affagava,
Infausto annuncio de vindouras penas.
Sobre o poial sentada, a fiel serva,
Que vezes attentei, chamando ao pouso
A ave tão util, que arrebanha os filhos,
E adeja e canta, e pressurosa acode!

Co' a turba de innocentes companheiros,
Agora sobre a encosta da collina,
A casta lua como mãe saudavamos,
E supplicando que nos fosse amparo
Em jubilosa grita o ar rompiamos.
Mas da puericia o genio prazenteiro
Já transpoz a montanha; e com seus risos
Recentes gerações vae bafejando:
Áquem ficou a angustia, que moderas,

Ó compassiva tarde! Olha-te o escravo,
Sopeia em si os agros pezadumes:
Ao som dos ferros o instrumento rude
Tange, bem como em Africa adorada,
Quando (tão livre!) o filho do deserto
Lá te aguardava; e o ecco da floresta,
Da ave o gorgeio, o trepido regato,
Zunindo os ventos, murmurando as sombras,
Tudo em cadencia harmonica lhe rouba
A alma em magico sonho embevecida.

.....
.....
.....

Oh! venha a feliz hora que, da patria
N'essas fecundas, dilatadas veigas,
Tu mais suave a lyra me temperes:
Da singela Eponina acompanhado,
Na escura gruta que nos cava o tempo,
Hei de ao valle ensinar canções mellifluas:
Nos lindos olhos, nos mimosos beiços,
Nos alvos pomos, no ademan altivo,
Irei tomar as côres que retratem
Da natureza os intimos segredos:
Do ardor da esposa, do sorrir da filha,
Do rio que espontaneo se offerece,
Da terra que dá fructo sem o arado,
Da arvore agreste, que na densa grenha
Abriga da pendente tempestade,
A sobreolhar aprenderei haveres,
A fazer boa sombra ao peregrino,
Ao dar quartel ao errado viandante.
Lá estendendo pelos livres ares
Longas vistas, nas dobras do futuro,
Entreverei o derradeiro dia...
Venha; que acha os despojos do homem justo.
Ó esperança, toma-me em teus braços;
Com a imagem da patria me consola!

Sente-se com a leitura d'estes versos as dulcissimas impressões que nos deixa o suspirar queixoso da brisa vespertina por entre a folhagem dos espessos arvoredos que sombream os nossos rios.

Com a morte da esposa adorada, seguida pouco depois da de uma filhinha, vieram segredar-lhe tristes e pavorosas idéas, que o acabrunhavam em extremo.

Pensando no fim da humanidade tão perescivel, tomou do pincel, e n'aquelle estylo e suaves tons com que traçou e coloriu as imagens tão amenas do crepusculo, diz-nos:

O furacão da morte
Entra medonho os campos da existencia,
Perdoa a seccos troncos,
Leva comsigo florescentes plantas,
Cuidados do colono esperançoso.

Sobre o meu leito pobre
Se debruça a cruel, fita-me os olhos;
Um perfido sorriso
Lhe torce os beiços pallidos... já vejo
As magoas, as saudades da partida,
Da patria o doce ninho,
Da mãe (tão terna!) as lagrimas sentidas,
Dos irmãos, dos amigos,
O ultimo adeus; e em Lethes ensopado
O negro manto, que me cubra a campa!

Quão triste a final scena!
Mas o quadro da vida ainda é mais triste!
As breves alegrias
N'um só ponto apparecem mal distinctas,
E sombream-lhe o fundo os infortunios.

.....
.....
No circulo afanoso
De meus juvenis annos nada tenho
Que agradeça ao destino.
Da velhice os pczares me aguardavam!
Contente apararei o extremo córte [1].

Seu estro que na infancia se inflammára na presença do castigo inflingido a um pobre escravo, na edade madura, quando as peripecias do grande drama politico o traziam todo preoccupado, acudiu-lhe juvenil e vigoroso ao saber que o velho general Manuel Jorge Rodrigues fôra destituido do commando das armas do Pará pouco depois de haver perdido o filho no campo da honra, em que ambos se distinguiram briosamente a combatter em prol da patria! Tomado de indignação, e fallando pela bôcca do general, stygmatisou o poeta n'este soneto tão clamorosa injustiça:

Sempre a teu mando prompto obedecendo
Hei com meu sangue minha fé sellado;
Arrostei firme, ouvi desassombrado
«Da marcial trovoada o ruido horrendo.»

Hoje que á triste campa vou descendo
Queres-me ver, ó patria, deshonrado?
Dás-me este premio, quando nobre e ousado,
O ultimo bocejar te voto e rendo!

Ah! bem que estou no inverno tenebroso,
A minha espada é cortadora e forte,
O braço duro, o coração brioso!

Mas nem se me permitte, indigna sorte!
Que após meu filho intrepido e ditoso
Alcance ao menos uma illustre morte.

[1] Vej. nota A no fim do tomo.

Se morrêra para as illusões e deixára estalarem-se-lhe as cordas de oiro de sua lyra, nunca abandonou a que lhe vibrava energica ao menor perigo da patria; que a penna do publicista estava sempre aparada para acudir a sua deffeza. Foi assim que auxiliou seu amigo de eschola, F. Sotero, na redacção do *Constitucional,* e, de volta ao Rio de Janeiro, collaborou para o *Sete de Abril,* quando ainda era em formato pequeno, e onde de envolta com os artigos de polemica, publicou muitos versos satyricos e alguns artigos em prosa, no mesmo genero, que fizeram rir a todos a bandeiras despregadas e tiveram immensa voga no Rio pelo chiste e propriedade da critica.

Depois de retirado da politica por mais de sete annos, lembraram-se os habitantes de Minas-Geraes do zeloso e incansavel patriota, e foi Odorico, sem o sollicitar e menos ainda sem o esperar, eleito deputado geral por aquella generosa provincia na legislatura de 1844, e ainda achava-se com assento na camara temporaria, quando em setembro de 1847 retirou-se com os filhos e a irman para França.

Emprehendia essa viagem não tanto para abandonar de vez a politica, d'onde só colhêra desenganos e dissabores, sendo o menor d'elles o rumo, que seguia o partido, tão contrario aos verdadeiros principios da legitima liberdade, como para cuidar da educação dos filhos, não que na côrte do nosso imperio se lhe não proporcionassem meios de os instruir e tornal-os cidadãos dignos de prestarem serviços á causa publica, mas por economia. Parecerá de certo isto bastante singular a quem ignora o

animo liberal e bondoso de Odorico. Quem vinha de sua provincia sem recursos, ou os queria poupar, não carecia batter repettidas vezes para abrir-se a porta d'aquella casa e receber n'ella hospedagem gratuita, e isto sem mais ceremonia e nem grandes rodeios e rogativas; que sabia a gente que o hospedeiro não o aposentaria de má sombra: á colla d'esses hospedes vinham os convivas d'elles, e como se todos os dias houvesse ahi banquetes, enchia-se a mesa de Odorico, posto que despida de manjares exquisitos; mas onde, a vacca e o riso de fr. Bartholomeu dos Martyres eram infalliveis, que os labios se lhe não descerravam para dizer *não* aos necessitados e aos que valiam-se de sua complacente protecção.

Foi tambem parte para que se resolvesse a vir residir em França o achar-se já ali seu amigo Paulo Barbosa com a esposa. Odorico, amigo inseparavel e extremoso d'aquelle par, em cuja casa e sincera convivencia espalhava suas maguas e abria-se com a franqueza de quem sabia encontrar n'elles almas afinadas pela sua, e que lhe faziam esquecer-se das contrariedades e injustiças dos homens, sentiu tão dolorosamente esse apartamento, que no dia da despedida acudiu-lhe ao estro commovido esta poesia aprimorada e correcta, como tudo quanto saía d'aquella penna adestrada nas lições dos grandes mestres da antiguidade, como os leitores por si melhor o avaliarão:

Partis, adeus amigo, adeus senhora,
Cá fico um secco tronco em soledade:
Tam sincera sollicita amisade
Onde, oh! meu Deus, encontrarei agora?

Tantas finezas cada dia e hora!
Nas maguas—terno pranto e piedade!...
O peito se me alaga de saudade,
O coração de dôr suspira e chora.

Sei bem que ides gosar da culta França;
Que de inimigos alcançando a palma,
Cumpris vossos desejos e esperança:

Mas em mim a tristeza não se acalma;
Esta cruel ausencia, esta mudança,
Não é morte da vida, é morte d'alma!

(Rio de Janeiro, 1846.)

Mudou de clima, de relações, de scenario, do mundo emfim a que se affeiçoára, que não de habitos e costumes, cuja severidade e pureza não teve posse de destruir, ou ainda modificar esse torvelinho de mil distracções e perigos, que abala na moderna Babylonia a mais de uma robusta consciencia. Testemunha das peripecias que se succederam em París desde 1848, assistiu á acclamação da republica sobre as ruinas do throno de Luiz Filippe, aos delirios de junho e ao golpe de estado de Luiz Napoleão, que o seu espirito democrata e vidente já previa; e embora evitasse ingerir-se nos negocios do paiz, quando se lhe offerecia ensejo e acontecia fallar-se ao pé d'elle nas eleições de presidente da republica, não lhe soffria o animo que não aconselhasse se abstivessem de votar n'aquelle ambicioso; porque, sem a fortuna e as glorias do tio, tinha não somenos sede de dominio, e procuraria permanecer no poder por meio da oppressão

e da corrupção: a facção de 2 de dezembro de 1851 veiu dar razão ás suas bem fundadas previsões!

Vivendo retirado e estranho a tudo quanto não era seus trabalhos litterarios e seus livros, só levantava mão d'essas uteis e innocentes occupações para distrahir-se com os negocios e conchego domesticos, ou com as palestras dos poucos affeiçoados que frequentava, e cujo circulo quasi que se limitava ao dr. Caetano Lopes de Moura, a Paulo Barbosa, a Menezes de Drummond, nosso antigo diplomata, e sobretudo ao dr. Joaquim Caetano da Silva e a Gonçalves Dias, quando este por mais de uma vez residiu em París, e além d'elles a mais um ou outro brasileiro adventicio; preferindo d'entre os naturaes cultivar as relações de M. Ferdinand Denis.

Nas suas horas de recolhimento e trabalho não descurava a traducção da *Eneida,* que já o preoccupava desde o Rio de Janeiro, e que em 1854 deu á luz, sahindo dos prelos de Rignoux. Foi de certo bem memoravel acontecimento para as lettras patrias a publicação d'esse volume; e que de preciosidades de todo o genero não encerram de feito essas 392 paginas em typo compacto? A cada um dos livros do poema ajunctou o *fidus interpres* annotações que assaz abonam os conhecimentos do nosso poeta em philologia, archeologia e litteratura.

Apesar de consistirem suas rendas no pouco que lhe dava o producto dos bens que realisára em moeda antes de sua retirada do Maranhão e no exiguo ordenado da aposentadoria; pois que o titulo de addido de segunda classe era meramente honorifico e para fazer jus a perceber por

Londres seus vencimentos, ainda assim fazia milagres de economia para poder satisfazer sua paixão archeologica, e se bem que com sacrificios, emprehendeu varias excursões a sitios celebrados pela historia e pela poesia.

Assim fez de París uma digressão a Turenne, e d'ahi passou-se á Amboise na intenção de visitar Abdel-Kader; mas as auctoridades francezas, que detinham o audaz principe arabe, não consentiram que o visse! Percorreu em Tours todos os logares dos singulares feitos de Luiz IX, ficando enthusiasmado em Chambord por achar-se no theatro onde representaram-se as primeiras tragedias de Voltaire, e onde Molière serviu de actor nas suas immortaes comedias. No castello de Chenonceaux examinou, entre outras cousas, o quarto da celebre Diana de Poitiers, onde deparou o retrato d'ella com os attributos de *Diana Caçadora*, e á cuja vista, voltando-se para a ex.ma sr. D. Militina, que o acompanhou em todas as suas peregrinações e a quem devo estes apontamentos, exclamou: «Olha, mana, como os homens são miseraveis quando se tornam servis, que até das amantes dos reis fazem deusas!»

Tendo seu filho mais velho concluido os estudos em 1854, mandou-o para o Rio de Janeiro, onde foi vantajosamente empregado. Em 1856, depois de haver effectuado o casamento da filha, foi-se para a Allemanha, onde estavam estudando os outros filhos.

Depois de visitar algumas cidades d'aquelle paiz, voltou com a irman para París, onde publicou em 1858 a traducção de todas as obras de Virgilio com o patriotico titulo de *Virgilio brasileiro*. Consta ella de um volume em 8.º gran-

de formato do precedente, com 800 paginas, e impresso tambem em Paris, na typographia de Ranquet & C.ª

Precedem a esta obra alguns juizos criticos a respeito de sua traducção da *Eneida,* e uma noticia da vida do poeta latino, escripta por Odorico. N'estas duas obras vem o latim ao lado do portuguez para confronte, acompanhando as *Bucolicas* notas mui importantes, e a cada livro das *Georgicas* e da *Eneida* outras não menos valiosas pelo conceito e merito litterario e scientifico.

A despeito do esmero com que o traductor reviu as provas, não saíu a obra tão expurgada de erros typographicos, como era seu maior empenho, mas mui factiveis em officinas estrangeiras e sem operarios que tenham luzes da lingua portugueza, sendo tambem para notar, que os auctores não são os mais competentes revisores de seus escriptos, como é bem conhecido de todos quantos teem lidado com a imprensa.

Por occasião de mimosear o celebre maestro Rossini, de quem era amigo e admirador, com um exemplar do seu *Virgilio,* enviou-lh'o acompanhado d'este soneto:

Vejo-te, não me illude a phantasia,
No Empyreo entrando, e pela mão saudoso
Teu Bellini a guiar-te radioso
Ao Creador eterno da harmonia.

Nos anjos logo excitas alegria,
No severo Moysés intimo goso,
Tu que, sublime, terno e religioso,
Nos inspiraste as maguas de Maria.

Fitando a mãe, o Redemptor exclama:
Este em sagrado musico se eleja,
Pois a mulher cantou que Deus mais ama:

Elle os meus córos alternado reja;
Elle despreze a vil terrena fama:
Juncto ao propheta-rei seu posto seja.

Tinha pois chegado ao termo de duas grandes tarefas que se havia imposto: concluíra a versão do seu auctor de predilecção, pagando esse brilhante e publico tributo de homenagem ao genio portentoso do fecundo e glorioso tempo de Augusto, e seus filhos achavam-se todos com os estudos completos e aptos para seguir a vida publica. Tendo-os feito partir com destino ao Rio de Janeiro, e sem mais pensões de familia que o retivessem em París, onde soffria na saude, mais ou menos, desde que teve em 1852 uma febre gastrica, que poz em risco seus preciosos dias, e de que o tractou seu particular amigo o dr. Caetano Lopes de Moura, cuidou em mudar-se para clima mais temperado. Desde aquella enfermidade que entrou a sentir accessos de dyspnea, e cansaço quando subia ou fazia qualquer excesso, capitulando uns facultativos a esses symptomas de lesão organica do coração e outros, com seu genro, de ataques asthmaticos. Por conselhos medicos transferiu-se em principio de janeiro de 1861 para a Italia, elegendo para sua residencia habitual a cidade de Pisa, onde começou a passar tão bem, que metteu peito a commettimento muito maior, como fosse a trasladação para a lingua portugueza dos poemas de Homero, em cuja lingua era tão versado como na latina.

Trabalhava Odorico n'esta obra como o operario que traz contado o tempo da empreitada, e curvado á mesa do estudo desde as seis horas da manhan, e no verão muito mais cedo, só a abandonava ás oito e nove horas da noite, empregando o fervor de quem presente o fio da existencia prestes a ser cortado e deseja ter tudo em ordem e disposto para a viagem eterna, e não havia rasões e conselhos que o demovessem d'este laborioso empenho. Parecendo á sua desvelada irman que tanta fadiga lhe fizesse mal, observou-lh'o por varias vezes, no que a acompanhava a dona da casa onde moravam, accrescentando esta que seu hospede trabalhava mais que um escravo, ao que objectava Odorico: «Não me importa que me faça mal, com tanto que eu acabe o Homero!»

Achava-se na Italia, no paiz de seus sonhos litterarios, das maravilhas da arte, e onde o bello se nos apresenta com todas as suas galas, seu esplendor e magestade, e enebria o espirito com as obras primas da pintura, da architectura, da estatuaria, da musica e da poesia, escripta n'essa lingua toda harmonia e doçura. Para dar treguas ao seu porfiado labor, emprehendia com a irman frequentes digressões em devotissima romaria, não lhe escapando sitio notavel por algum accidente ou circumstancia, que não visitasse.

Assim assistiu em 1862 á Semana Sancta em Roma. Foi grande a impressão que teve ao entrar em San'Pedro e em outros monumentos; mas sobretudo no Colliseu. Sua physionomia alterou-se e não pôde conter-se que não exclamasse com os olhos marejados de lagrimas: «Estamos

pisando esta terra ensopada de sangue de nossos irmãos!» Demorou-se quarenta e oito dias na cidade eterna, e ao retirar-se para Napoles, repettia muitas vezes que se tivesse ali um parente ou amigo, ficaria pelo menos um anno, tamanho era o prazer que experimentára entre aquellas maravilhas. O que o levava a esta cidade era o tumulo de Virgilio, e logo que chegou ali, foi ao Pausilippo, ficando indignado ao ver o abandono e desleixo em que tinham os napolitanos aquelle logar sagrado! Ahi depositou uma corôa, indo em seguida visitar todos os sitios cantados por seu poeta, examinando com muito cuidado a gruta da Sybilla, que achou conforme á descripção de Virgilio, apesar dos seculos transcursos sobre ella.

Depois de visitar Pompea e Herculanum, foi a Puzzolo, onde San'Paulo desembarcou, e na tornada á Pisa passeou por varias cidades da Toscana, enthusiasmando-se em Florença com os primores de Miguel Angelo, como já lhe tinha acontecido em Roma, sem saber decidir entre este e Raphael a qual cederia a palma, tão sublimes achava-os ambos!

De volta á Pisa continuou com a sua traducção, evitando travar alli conhecimentos que o viessem distrahir de seu trabalho, de modo que dava-se apenas com uma familia italiana, que frequentara de antes em París, e em cuja casa passava algumas noites.

Acabada a *Illiada* nos primeiros dias de janeiro de 1863, deu logo começo á traducção da *Odyssea,* deixando n'esse mesmo mez sua residencia para emprehender novo passeio. Foi a Genova e d'ahi a Bolonha e a Ferrara,

em homenagem a Tasso e a Ariosto, e d'esta ultima cidade chegou até Veneza, onde examinou as lagunas, San'Marcos e tudo quanto havia de mais recommendavel na cidade dos doges. No cabo d'esta visita disse elle á sua inseparavel companheira: «É admiravel, mana, ninguem póde fazer uma idéa exacta do que é Veneza, é mais do que se imagina, vae alem da mais exagerada concepção». Deteve-se ahi alguns dias, passando-se depois a Mantua no proposito de ver o logarejo onde nasceu Virgilio. Lá bebeu agua de um regato que julgou ser o decantado pelo poeta e trouxe do campo algumas flores agrestes. Seguiu para Milão, onde o lago di Como e o celebre Duomo o maravilharam. Na sua intima satisfação repetia com um de seus poetas favoritos:

«Vi Roma, vi Veneza, vi Milão»

Pensou então na Grecia e na parte da Troada, onde figura Homero passadas as acções de seus heróes, e para isso sollicitou do governo imperial o logar de encarregado de negocios em Constantinopla para assim ter meios com que podesse realisar tão justo designio; mas deram-lhe o consulado com 4:000$000 de réis fracos, que reunidos aos vencimentos de sua aposentadoria perfaziam a somma de 6:400$000 réis da nossa moeda. Ora com tão mesquinha quantia não era possivel fazerem-se viagens dispendiosissimas como essas; por isso tomou tal nomeação como um descarte e burla, e recusou-a, explicando a Sua Magestade Imperial em uma respeitosa carta os motivos por que a não podia acceitar. Por muitas vezes lastimava-se

de não poder fazer por si as investigações archeologicas com que pretendia enriquecer a obra em que se aprimorára e tinha por ultima!

Quando estava a ponto de concluir as suas traducções, tractou de deixar Pisa, e partindo para Niza, d'ahi passou-se para París, onde chegou em julho de 1863, e dentro de um anno acabou a *Odyssea*, sendo esse dia festejado pela familia.

Dera já a ultima demão a esses trabalhos, e os havia polido quando veiu a morte colhel-o inopinadamente, e roubar-lhe o prazer de gosar da justa avaliação d'esses relevantissimos serviços prestados ás lettras e á lingua vernacula, cujo estudo constituio seus principaes desvelos e delicias.

Os breves ocios que furtava a tão meditado trabalho, empregava-os utilmente, já discutindo com os amigos, já elaborando um tratado de orthographia portugueza, que não chegou a concluir, ou escrevendo ao correr da penna um opusculo, em que revindicou para Portugal e para Francisco de Moraes os direitos de nacionalidade da *Chronica de Palmeirim de Inglaterra*, que a posteridade lhes tinha até então negado, dando a obra como de origem hespanhola e seu legitimo auctor como um mero traductor d'ella.

Odorico, ardente enthusiasta e incançavel investigador da litteratura portugueza, tanto com ella se familiarisára, que, no seu longo e assiduo manusear os classicos, imitava como recreio, mas com toda a propriedade, o estylo e donaires de qualquer dos escriptores da edade aurea da

lingua portugueza. Mas de tudo isso nada o maravilhava tanto como o poema de Moraes. Quanto mais o lia, mais se convencia que era de origem portugueza e não descançou no proposito de restituir ao escriptor portuguez a herança de que fôra defraudado, ia já em tantos annos! E de feito o conseguiu sem que possa ficar a quem ler attentamente o *Opusculo ácerca do Palmeirim de Inglaterra e do seu auctor* (folheto em 8.º com 79 paginas, impresso em Lisboa, em 1860, na typographia do *Panorama),* a mais leve sombra de duvida de que Moraes é o legitimo auctor da *Chronica do Palmeirim.* Por elle conhece-se o amor e profundeza com que perqueriu tão intrincado e obscuro assumpto. Não é menos para admirar a logica e apurada critica com que illumina e resolve os pontos contestes, destrinçando todas as duvidas, e de modo a deixar-nos inteira convicção da paternidade d'essa primorosa obra de cavallaria.

Alem d'estes escriptos litterarios, encontram-se muitos artigos seus espalhados por diversos jornaes, entre outros na *Aurora* do famoso patriota Evaristo da Veiga, no *Jornal do Commercio,* etc.; porém o mais importante e de maior tomo veiu no *Iris,* periodico que foi redigido pelo sr. conselheiro Paranhos (hoje visconde do Rio Branco), em refutação ás calumnias assacadas contra o nosso imperio e escriptas pelo conde de Susenet, debaixo do pseudonymo de Chavannes, na *Revue des Deux Mondes,* que tem sido franco pelourinho onde açoitam ingratos levianos a nossa reputação como povo civilisado. Foram estes artigos de Odorico reproduzidos no *Correio*

Mercantil, e lidos com avidez e applauso por todos quantos prezam esse torrão favorecido por Deus.

XII

Satisfeita sua ambição de educar os filhos, e rendido preito ao genio da antiga Grecia, pensou em tornar-se para o seu berço natal. Sentia já tropeçarem-lhe os passos caminho da sepultura que os annos lhe estavam a cavar, e vieram saudades d'aquelle céu esplendido e d'aquella luxuriosa natureza, onde na sua primavera devaneára amores e poesia. Escreveu-me então por mais d'uma vez, assegurando-me que era seu maior desejo cerrar os olhos e descansar os ossos, onde passára os dias mais felizes e tranquillos da sua trabalhada existencia. Rever os sitios, os rios e os bosques, beber n'aquelle ar purissimo do seu Maranhão viço e robustez, taes eram os pensamentos que mais o preoccupavam.

Alvoroçava-o essa risonha idéa, e como que rejuvenescia ao rememorar lances passados! Fazia mil projectos e phantasiava já o teor de vida que pretendia levar, seu commodo, seus passeios, etc.; e a París não chegava maranhense, a quem não procurasse para indagar sobre as pessoas do seu tempo, e as cousas e factos modernos, trazendo-o assim enlevado antecipadas alegrias do coração.

Ia deixar a França, sem saudades d'ella, e menos ainda de París, cujos costumes detestava; sendo das

muitas cousas que desadorava d'esse paiz, o regimen napoleonico o que mais remordia. Desabafava sua opinião a tal respeito não só nas conversas de amigos, como tambem fez tres sonetos, em que estygmatisava o procedimento do oppressor da França para com a Italia. Eis esses versos ignorados de todos:

O TRIO DA GUERRA DA ITALIA

SONETO I

LUIZ NAPOLEÃO

Medroso ante a miserrima Veneza,
Depois que em Solferino triumphaste,
A Italia, que accendeste, abandonaste;
Infamia eterna, perfida baixeza!

A teu carro a Sardenha atada e presa,
Com todo o continente a malquistaste,
Austria illudiste, Roma atraiçoaste,
E tens a Europa toda na incerteza.

Mentes ao Papa, mentes á Inglaterra,
Que já nos paroxismos da amisade,
As queixas guarda e se apparelha á guerra.

Desprezas, Bonaparte, a humanidade,
Volves do inferno, Luiz Onze, á terra...
Oh! poço de fallacia e de maldade!

SONETO II

VICTORIO EMMANUEL

Ir soccorrer a nobre Italia escrava,
Subtrahil-a ao dominio do estrangeiro,
Era por certo, egregio cavalleiro,
A digna empreza que te mais honrava:

Cálculo vil, condescendencia ignara,
Murchar-te veiu os louros de guerreiro,
Succumbiste ás astucias do Embusteiro,
Que a principes e a povos enganára.

Empeçonhado o copo da victoria,
Nos horisontes do porvir te cegas;
Ella caminha a cercear-te a gloria.

Hoje ao Demonio vida e alma entregas;
Surdo aos pregões da velha ou fresca historia,
O heroico amigo e teus avós renegas.

SONETO III

GARIBALDI

Do Saboyano e Garibaldi ao grito
A Italia ergueu-se: o heroe ía adiante,
O rei, com braço e intrepidez pujante,
De arduos perigos resurgia invicto.

Se um era baluarte no conflicto,
O outro marchava—estrella fulgurante;
A italiana mocidade ovante
Na patria e n'elle tinha sempre o fito!

Mas ai! fiel nizeno mallogrado!
Em Niza perdes quanto havias ganho:
Que pezadumes te amontoa o fado!

Da honra em paga e de valor tamanho,
Vai ser da Italia o nome teu riscado,
Ou no paiz natal serás estranho!

Com serem os reparos e censuras ás cousas da Europa ditos á puridade, entre intimos e em lingua portugueza, não escaparam comtudo á suspicaz policia do oppressor da desgraçada França; tanto que um dia foi elle advertido

por um commissario de que se comedisse a menos que não quizesse passar por algum vexame; desde então cuidou Odorico em aferrolhar no fundo de seus bahús estes versos que seriam um corpo de flagrante delicto para o criminarem.

Completarei a collecção dos versos ineditos de Odorico, que tenho a ventura de possuir, com este epitaphio que foi collocado sobre a urna funeraria dos despojos mortaes da mulher e filhos de um de seus amigos:

Aqui, juncto da mãe, cortada em flôr,
Jazem, caros irmãos, cinco pimpolhos;
Do pae vos mova o mallogrado amor
— Magua no coração, pranto na dor!

Chegado o nosso poeta em 7 d'agosto á capital da Gran-Bretanha, na companhia de sua irman, entregou-se á discreta direcção de seu antigo condiscipulo de Coimbra, o sr. Ribeiro Saraiva, que residia em Londres, para onde se tinha voluntariamente expatriado desde a convenção d'Evora Monte.

Refrescaram os dous memorias passadas nos annos de 1822–1823, e tornando-se inseparaveis percorreram tudo quanto havia de mais notavel n'essa grande cidade, fazendo Odorico essas visitas com aquella individuação e aturado exame, só proprios dos espiritos estudiosos e reflexivos.

«Tinha determinado, com a precisão, diz o sr. Ribeiro Saraiva[1], que punha em todas as suas cousas, partir de

[1] Vej. a *Nação* de janeiro de 1865.

novo para França no dia 19 d'agosto, e a isso se preparára».

Foi a 17 passar o dia com sir Alexandre Reid, seu antigo conhecido do Rio de Janeiro, á casa d'este em Norwood, perto do palacio de crystal. Ao jantar, a que tambem estiveram presentes sua irman e o sr. Ribeiro Saraiva, mostrou-se satisfeito e de muito bom humor, mantendo á mesa a reputação de bom conversador, que o era, com reparos e ditos chistosos, e com anecdotas não menos engraçadas. Ás 7 horas da tarde partiram emfim os convivas para a estação do caminho de ferro de Croydon, que era obra de duzentos passos da residencia de sir A. Reid. No trajecto entrou Odorico a queixar-se de suffocação no peito, symptoma que desapparecêra emquanto viveu na Italia; mas que depois que se tornára a París voltou, e por ultimo com alguma frequencia. Descansou um pouco, seguindo depois para a estação onde se enfiou com certa precipitação no primeiro trem, sem se embaraçar com ser de terceira classe, quando o bilhete de retorno designava um de primeira, tão commodo e agasalhado como o é na Inglaterra. É que o mal se lhe ía aggravando e já lhe não dava tempo para mais demoras! Em toda a jornada foi sempre gemendo e expectorando; e perguntando-lhe D. Militina se lhe doia o peito, redarguiu impaciente: *doe-me tudo,* e foram estas suas ultimas palavras! D'ahi a pouco, seriam 8 horas, chegou o comboio ao seu termo, e indo ajudar-se Odorico a descer do trem, acharam-n'o encostado, como que se dormisse. Voára a alma serena e sem mácula do christão

intemerato aos pés do Creador, tal como o desejára no seu *Hymno á tarde:*

Venha que acha os despojos do homem justo.

Chamado ás pressas o medico, confirmou que Odorico estava morto, e pelo inquerito e exame a que se procedeu, verificou-se que a lesão organica do coração fôra causa efficiente d'aquelle triste desfecho.

Só a muito custo e depois de duas horas de objurgatorias e mui cordatas demonstrações da parte do sr. Saraiva e da familia de nosso secretario da legação, em Londres, o sr. Aguiar d'Andrade, é que a ex.ma sr.a D. Militina se apartou do corpo do extremoso irmão, que lhe fôra pae e de quem nunca separou-se desde 1824.

Na manhan do dia 20 seguiu o feretro, acompanhado do dr. Cros, genro de Odorico, da ex.ma sr.a D. Militina e de todos os brasileiros e portuguezes, residentes então em Londres. Fez-se o enterro no cemiterio catholico de *Kental Green*, pondo-se á cabeceira e aos pés do jazigo lapidas tumularias, com esta inscripção:

MANUEL ODORICO MENDES
NASCEU EM
S. LUIZ DO MARANHÃO
A
24 DE JANEIRO DE 1799:
MORREU EM LONDRES
A
17 DE AGOSTO DE 1864
SÒB OS TITULOS DE
VIRGILIO BRASILEIRO
E
HOMERO BRASILEIRO
TRADUZIU EM VERSO PORTUGUEZ
OS DOUS GRANDES POETAS.

Aguardam as cinzas do famoso patriota e não menos excellente poeta que o Maranhão, dando cumprimento á lei[1], pague-lhes a sagrada divida de as trasladar para a terra do seu nascimento, cuja lembrança trazia sempre viva e gravada no coração. Oxalá que seja em breve saldada para que se não diga que, ao passo que a patria recebe tão opulento legado com a publicação do *Homero Brasileiro*, cujo manuscripto foi até hoje religiosamente conservado pela ex.ma sr.a D. Militina[2], mostra-se a provincia desconhecida do muito que lhe é obrigada.

XIII

Hoje que começa a posteridade para Odorico Mendes, póde-se fallar com todo o desassombro do homem particular, e desfiar com animo imparcial suas qualidades

[1] Consegui, como deputado provincial, que se decretasse a lei n.º 809 e se consignasse na do orçamento para 1868–1869 quantia para trasladarem-se d'Inglaterra e depositarem-se na capella-mór da egreja de N. S. do Carmo os restos mortaes de Odorico Mendes e do dr. Joaquim Gomes de Sousa ao pé dos de João Francisco Lisboa, Francisco Sotero dos Reis e Trajano Galvão de Carvalho. Estava quasi a realisar-se a minha idéa, quando a enfermidade veiu impedir-me de frequentar a camara municipal, de que era membro, e obrigou-me mais tarde a abandonar a patria, e nem sei o motivo por que tem estado até hoje em olvido negocio de tanta monta.

[2] Dois dias depois da morte do irmão, voltou de Londres para París, onde arrecadou todos os papeis de Odorico, e de lá partiu para o Rio, onde aportou em 17 de novembro do mesmo anno, indo para a companhia de seu irmão Theodoro J. Muller, unico que lhe resta de tantos que eram.

moraes; que a campa não consente constrangimentos nem resguardos humanos. Não que em vida tivesse a lisonja cabida para com elle; mas é que os louvores que lhe fossem tributados então, poderiam ser levados á conta d'amisade ou de respeito.

Pertence aos vindouros julgal-o como homem politico; «porque seu nome, como bem disse o sr. dr. Joaquim «Manuel de Macedo, não póde riscar-se jamais da nossa «historia, que saberá proclamar a pureza de suas inten- «ções, a inabalavel firmeza de seus principios, e ha de «resumir o seu elogio, chamando-o — o Dupont de «l'Eure do Brasil.» *(Rev. Trim.*; tom. XXVI, 2.ª parte, pag. 426. — *Discurso* do sr. dr. Joaquim Manuel de Macedo.)

Não serei eu, cujas palavras poderiam ser dictadas pelo espirito de bairrismo, que virei apregoar as excellencias que ornavam a grande alma d'aquelle varão exemplar por tantos predicados moraes, quando tenho para n'ellas louvar-me as do ex.mo sr. commendador Manuel d'Araujo Porto Alegre, que sobre ser testemunha presencial e insuspeita, viveu na intimidade do poeta.

Embora venham apontados na carta com que acaba de honrar-me sua extrema bondade muitos dos factos já referidos n'esta noticia, não quiz omittil-os, reproduzindo na sua integra este escripto que tem aquelle cunho de originalidade despretenciosa, como tudo quanto sahe da penna do festejado cantor de *Colombo:*

. . . . . .

«Como artista, eu o admirava recitando o seu *Hymno*

á tarde, e como joven, a sua coragem na lucta politica que já subia de ponto pelos annos de 27 a 29.

«Um capitão de engenheiros, filho do Maranhão, chamado Ferreira[1], levou-me um dia á rua hoje de *Gonçalves Dias,* e apresentou-me a Odorico Mendes, que devia ler n'esse mesmo dia a seus amigos uma traducção do poema de Bitaubé — *Joseph,* — cujo manuscripto se perdeu.

«Odorico era d'aquella pleiade de liberaes que salvaram o Imperio em 1831, composta de Evaristo Ferreira da Veiga, Paula Sousa, Vergueiro, Costa Carvalho (visconde de Mont'Alegre), Limpo de Abreu (marquez d'Abaeté), Feijó, Vasconcellos, Rodrigues Torres (visconde d'Itaborahy), e outros. O caracter sincero e brando de Odorico, nunca o desviou das raias de uma opposição grave e respeitosa para com o governo, porque era a doutrina que elle prégava no *Pharol Paulistano,* jornal fundado por Costa Carvalho, em S. Paulo, e a politica seguida pelo grande Evaristo na sua *Aurora Fluminense.*

«Por esses tempos se fundára no Brasil a *Sociedade das Columnas,* que tinha chefes em todas as provincias, e aspirava o restabelecimento do governo absoluto, governo desejado por todos os inimigos da independencia, com quem pelejava a opposição, e Odorico fortemente com a penna e a palavra.

«Foi depois da *noute das garrafadas,* na rua da Qui-

[1] Provavelmente o sr. Fernando Luiz Ferreira, hoje coronel da mesma arma.

tanda, e á vista do sangue derramado pelos portuguezes, que se achavam reunidos em um sobrado, e prohibiam o toque do hymno da independencia ao coreto que os patriotas tinham armado em frente á casa de um tal Vianna, que o nosso Odorico se manifestou ardente e implacavel opposicionista. Foi elle quem redigiu a representação que fizeram os deputados que estavam no Rio, vendo a inercia da policia a respeito d'este crime.

«Seguiu-se a abdicação, e foi Odorico quem levantou a voz a favor dos portuguezes, bradando á tropa e povo no campo de Sancta Anna: *Moderação, senhores, moderação; são nossos irmãos!* D'estas palavras tiraram os anarchistas o alcunha de *Moderados* aos que não queriam sangue, nem violencias, cabendo ao liberal desde então o nome de *Moderado,* que elle acceitou como honra e gloria, ficando senhor da situação politica.

«Nas combinações que se fizeram para a nomeação da regencia permanente, appareceu com grande maioria o nome do nosso Odorico; mas elle o desviou, porque era pobre e consciencioso, propondo em seu logar Braulio Moniz, seu amigo, e homem de extrema moderação.

«Perdi de vista Odorico, porque parti para a Europa em Julho de 1831, e só o vi em 1837 quando voltei ao Brasil. Frequentava-o, porque o amava; e nossas relações muito se estreitaram depois do anno de 1840, pelas frequentes juncções que faziamos no Paço da cidade ou em casa de Paulo Barbosa, mordomo do Imperador, com quem eu trabalhava nos preparativos para a sagração do Senhor D. Pedro II.

«Ao chegar da Europa, encontrei Odorico fóra da politica, exercendo pela manhã o alto emprego de Inspector da Thesouraria da provincia do Rio, e á tarde o de professor de latinidade, para cobrir o *deficit* que lhe deixaria o ordenado, se assim não praticasse.

«N'uma manhã, recebi um bilhete de Odorico, em que me dizia: — «Preciso de um amigo; tenho a alma espedaçada; venha ver-me e quanto antes».

«Achei-o com uma filha morta nos braços!

«Mal havia convalescido moralmente d'esta ferida, fui novamente chamado, e vi morrer sua esposa, tendo igualmente por guarda o meu amigo dr. Domingos José Gonçalves de Magalhães, hoje barão de Araguaya.

«Quando accordámos Odorico do abatimento em que se achava, correu logo ao leito de sua finada esposa; sentou-se na cama, agarrou-lhe nas mãos, beijou-as; e entre lagrimas dirigiu-lhe a palavra de uma maneira tão sentida e tão simples, que nós e sua irmã choravamos, como ainda choro ao recordar-me de tão notavel ensejo. «Coitadinha! Como me amaste e quanto por mim soffreste no meio de minhas illusões e dos perigos a que me expuz...» e assim por deante, e com uma voz tão calma e tão dorida, e um tom de tanta resignação, que nossos corações gemiam de pena e se elevavam de admiração.

«Os grandes espiritos são mais sublimes na dor do que nos outros lances da vida, porque sobem para o ceu, asylo de todas as desgraças e esperanças decepadas.

«Por este tempo já havia elle começado a sua traducção de Virgilio.

«Um dia que o fui ver, e estava a sua pobre casa cheia de hospedes, disse-me: «Estou aposentado, vou para a Europa, porque não posso aqui viver com tanta despeza; é o unico meio que tenho para deixar de pôr na frente da minha casa uma taboleta com esta inscripção:—HOTEL GRATIS.—Não tenho um canto para escrever nem um logar para guardar meus papeis; durmo n'esta marqueza; e que fazer com gente que não quer ver o meu encommodo?... Vou-me embora, não posso viver aqui.»

«Assim era, e mezes depois se embarcou n'um navio de véla, deixando para sempre o Brasil.

«Quando eu o acompanhava ao cáes dos *Mineiros*, disse-me elle:—«Quero recobrar o tempo perdido. Os amigos politicos são temporarios. De todos os homens com quem vivi na politica, só um conheci bom, não fallando do nosso grande Evaristo, que, se vivesse, talvez estivesse encantoado por aquelles que elle ajudou, se não os fez grandes! A modestia, a firmeza, e a probidade, sem uma cega ambição, de nada valem. O unico d'estes amigos que é capaz de vir aqui abraçar-me, é o Costa Carvalho!»

«Mal pronunciava este nome, parou juncto de nós uma carroagem, e d'ella desceu o marquez de Mont'Alegre.—«Que lhe disse eu! voltou Odorico.»

«A despedida foi digna dos dous amigos.

«Odorico era inimigo implacavel de Napoleão I, como o foi depois de Napoleão III. Discipulo de Madame de Stael e de Chateaubriand, detestava o genio das batalhas; e liberal, aborrecia o grande perjuro, o estragador dos elementos poderosos que deixou o reinado de Luiz Phi-

lippe ainda mal avaliado em nossos dias. O meu saudoso amigo, pertencia em litteratura, á escola eclectica: adorava os classicos antigos, detestava os classicos da decadencia, os da litteratura imperial da França, e amava sobretudo Madame de Stael, Bernardin de Saint-Pierre, Chateaubriand e Lamartine.

«Deixou-nos poucas poesias suas; e o seu methodo de compor era proprio. Compunha de cór, fazendo ás vezes um verso ou dous por dia; e logo que tinha a composição prompta, a escrevia sem emenda. Quantas vezes, depois de jantarmos em casa de Paulo Barbosa, e caminhando a pé e á noite pelo Aterrado, eu lhe perguntava em que altura estava o soneto, e elle logo o dizia, recitando-me o que já estava feito.

«Em 1862, estando eu em Berlim, pedi licença por 15 dias, e fui a París com a intenção de visitar a nobre cidade que não via ha um quarto de seculo, e de visitar os meus amigos que lá estavam. Tinha Odorico partido para a Italia, para eu nunca mais vel-o. O sr. dr. Joaquim Caetano da Silva mostrou-me uma bella photographia, de maior dimensão, a qual tornei a ver no Rio de Janeiro, que é o unico retrato bom de Odorico, retrato que me levou os olhos. O que sahiu na *Revista Contemporanea* não presta[1].

[1] Refere-se ao retrato d'Odorico Mendes que vem no n.º VII da *Revista Contemporanea de Portugal e Brasil*, do mez d'outubro de 1862, acompanhando a biographia d'esse illustre maranhense, escripta por João Francisco Lisboa.

Quanto ao retrato que illumina esta noticia, temol-o por mui semelhante ao original, por ser a reproducção de uma photographia, pertencente á irman do nosso poeta e que asseguram-me ser fiel.

«Odorico era de pequena estatura, tinha a fronte larga, o nariz meio adunco e grosso, a bôca engraçada e regular, o olhar vivo, a voz sonora, o fallar ligeiramente cicioso, e o corpo cheio, mas não deforme. Caminhava com nobreza e rapidez, e vestia-se com muita simplicidade e limpeza. Era engraçado, tinha dictos agudos, e amava a conversação boa e a boa mesa. A sua probidade era igual á sua firmeza de caracter; tudo n'elle era natural e espontaneo.

«Rematarei este ligeiro apontamento, dizendo-lhe que Odorico não sabia o que era mentira, odio nem inveja.

«Lisboa, 10 de janeiro de 1873.»

MANUEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE.

Peço venia a meu illustre amigo para accrescentar a este perfil tão bem acabado que Odorico Mendes era bastante trigueiro, tanto assim que um dia perguntou o Imperador D. Pedro I ao visconde d'Alcantara: — «Este seu comprovinciano é mulato? — Não, senhor, obtemperou o visconde. Pelo lado paterno é meu sobrinho; portanto de origem hespanhola, e sua mãe descendia de uma das mais illustres familias da provincia.»

Esses costumes tão puros e singelos, esses desejos e aspirações modestissimas, como nol'-as acaba de descrever o author das *Brasilianas*, nunca desmudaram, quer no fogo da mocidade, na effervescencia e tumultuar da vida publica, ainda nas epochas mais tempestuosas d'ella; quer mais tarde, na velhice, no fóco e requinte da ci-

vilisação européa:—repartia elle o seu tempo com os estudos, com a familia, e com os amigos, a quem visitava com frequencia, convivendo com elles na mais doce e cordeal intimidade. Ainda ha pouco confirma essa norma tão regular do viver do nosso litterato o ex.mo sr. barão de Porto-Seguro na sua recente obra já atraz citada:— «Odorico Mendes, com quem, pouco antes de escrever o *Opusculo ácerca do Palmeirim d'Inglaterra e de seu author,* convivi muito em Paris (encontrando-nos quasi todas as noites em casa do nosso commum amigo Joaquim Caetano da Silva, na rua St. Dominique): era grande enthusiasta do *Palmeirim,* que sustentava ser, como o *Telemaco,* um verdadeiro poema, em muitas partes superior ao do *Orlando* e ao dos *Martyres de Chateaubriand*, que elle considerava como a primeira epopêa d'este seculo, e com cuja leitura se deleitava, na traducção em verso de Filinto. (F. A. VARNHAGEN—*Da Lit. dos Liv. de Caval.*— 1872, pag. 30.)

Ajunctemos aqui o que sobre elle escreveu Ferdinand Wolf no *Brésil Littéraire:*—«Comme homme d'état il s'acquit une réputation méritée de disciple des anciens et d'une fermeté de caractère vraiment antique. Pour ne pas renier ses principes il refusa le poste de ministre et même, en 1831, celui de régent! Élu deputé par sa province, Odorico se distingua par sa probité.» *(Obr. cit.,* pag. 196.)

João Francisco Lisboa, homem seguro em suas opiniões, e que se não deixava arrastar por considerações e respeitos para violar a verdade, mas que o conhecia muito

de perto, assim se exprime a respeito do character de Odorico na biographia que d'elle traçou e foi publicada na *Revista Contemporanea de Portugal*, e eu reproduzi nas suas *Obras*:—«... inflexivel ou menos habil no caminho que preferiu, Odorico Mendes tem visto sem pezar todas essas grandezas (refere-se ás imminencias a que chegaram seus companheiros de lucta), e que lhe não couberam em sorte, pago e satisfeito de haver atravessado a vida, conservando-a immaculada, até da menor suspeita que lhe podesse levemente marear o lustre.» (Vol. IV, pag. 530.)

Accrescenta adiante:—«Homem moldado á antiga, sua velhice socegada e digna passa-se na practica de todas as virtudes e na effusão dos sentimentos de amisade, indulgencia e brandura, que sempre characterisaram a sua alma affectuosa. Essa placidez porém nem é inerte e egoista, nem esteril. Se a occasião se depara, e as idéas, e as palavras, e os successos vibram as cordas que tocam no amor da patria e da liberdade, ou no odio do crime e do vicio, vel-o-heis inflammar-se como nos dias da primeira mocidade e das grandes luctas.» *(Ob. cit.*, pag. 532.)

Citando Francisco Sotero dos Reis estas eloquentes palavras do illustre biographo, ajuncta que:—«O maior elogio que se póde fazer a um homem de bem que recusou um dos maiores cargos do imperio, e que tendo muitas occasiões de engrandecer-se, sempre desprezou as honras e a riqueza, para viver contente em honrada mediania, acha-se consignado no que d'elle diz J. F. Lisboa.» *(Curso de Litteratura*—Vol. IV, pag. 295) ..... «sua

vida inteira, como bem pondera o sabio biographo, honra a terra que lhe deu o berço.» *(Ob. cit.*, pag. 533.)

Quem nunca ambicionára nem poder, nem gloria ou fortuna, pagava-se largamente do nunca interrompido remanso de paz d'espirito em que vivia, comprazendo-se dos gozos do lar domestico e de seus authores d'eleição. Fazia consistir n'isso toda a sua felicidade, e era esse o limitado horisonte onde descançava os olhos.

Quaes foram os galardões de tão inexcedivel dedicação? A satisfação intima de nunca ter sido pezado ao governo de seu paiz nem a seus concidadãos, e de baixar á sepultura honrado, aindaque pobre de bens da fortuna e d'essas vaidades mundanas, que outros, para ensanefar-se com as suas lantejoulas, abaixam-se soccorrendo-se não raro para obtel-as a empenhos e a falsos documentos de serviços fabulados, comtantoque pavoneiem anchos de si essas galanias com que affrontam a opinião publica.

Inventariando o pouco que lhe fizeram sem sua intervenção, eis ao que se reduz: — foi deputado á assembléa geral, em duas legislaturas por sua provincia natal, e em uma pela de Minas-Geraes; deputado provincial á assembléa do Maranhão, e depois á do Rio de Janeiro; membro do Instituto Historico e Geographico do Brasil; ultimamente socio da Academia Real das Sciencias, de Lisboa, por proposta do sabio hellenista, o sr. conselheiro Antonio José Viale, mas cujo diploma nunca recebeu, ou que ficasse retido por desidia na secretaria da nossa legação, em Lisboa, ou que o barão d'Itamaracú, por inveja e ciume, que tinha de Odorico, não lh'o enviasse.

Quanto a titulos honorificos só tinha o de commendador da ordem de Christo, quando em 1840, por occasião da maioridade de Sua Magestade o Imperador, foram condecorados todos os inspectores de thesourarias.

A ninguem, no emtanto, melhor do que a elle, cabia repetir com o rosto erguido esta phrase de Sheridan: — « Eu podia ser ministro e ter empregos rendosos se quizesse pertencer ao partido reptil que segue seu caminho coleando e rojando por terra para depois saltar. »

XIV

Já vimos o cidadão antepondo a patria a todos os demais affectos; o varão puro, o pae de familias, honesto, previdente, e amantissimo dos filhos, dos irmãos e dos amigos a ponto de sacrificar-se por elles. Julguemol-o agora por suas producções como homem de lettras e erudito, que era.

Nas versões das tragedias de Voltaire offerecia-lhe o original francez toda a amplitude para usar da concisão, uma das virtudes de escriptor em que primava, e que tinha como uma das sobrexcellentes qualidades do nosso idioma, e foi n'esse molde que vasou seus versos harmoniosos, cadentes, e perfeitos na metrificação e dicção; mostrando ahi com todo o explendor e galhardia seu mirifico talento, sem que para isso fosse preciso desviar-se uma linha sequer da fidelidade. Se na traducção da *Merope* são frequentes os erros typographicos, postoque de

facil emenda, na do *Tancredo*, descansado o traductor da insana lide politica, pôde esmerar-se na revisão das provas, de modo que sahiu limpa d'esses senões materiaes, tanto quanto póde conseguir-se das officinas typographicas do Brasil, sem revisores idoneos e com operarios que no geral mal sabem ler!

Tinha Odorico estes trabalhos na conta de meros ensaios para abalançar-se depois a emprendimento mais arrojado. Cuidava já por esse tempo na traducção da *Eneida*, da melhor obra de seu poeta querido, que é tambem um dos maiores engenhos da antiguidade.

Não entrarei no exame dos escriptos d'Odorico, toda a vez que tiver ante mim authoridades insuspeitas e de tanta respeitabilidade com que escudar-me, não só porque assim o deva fazer, como porque qualquer juizo que désse, por mais explanado e maduramente pensado, só attestaria da minha parte sobeja vaidade.

Assim, diz da versão da *Eneida* Ferdinand Wolf a pag. 196 do seu conceituado *Brésil Littéraire* que «*é a melhor traducção portugueza do poema latino*».

O sr. conselheiro Viale, reconhecido geralmente, com bem fundada razão, como muito sabido nas litteraturas classicas e nas linguas latina e grega, assim se expressa em um parecer citado pelo nosso sabio comprovinciano João F. Lisboa:—«De quantas versões poeticas eu conheço, nenhuma faz vantagem a esta em fidelidade, e nenhuma talvez a iguala em concisão. Verdade é que a severissima adstricção a competir em brevidade com o original (e com o original latino!) não póde deixar de quando em quando

de empecer algum tanto á perspicuidade do estylo, e á melodia do verso (risco de que se preservam cautelosos os paraphrastas). Comtudo n'esta novissima e optima traducção de Virgilio, o mais rigido Aristarcho *rarissimos* versos achará que mereçam a censura de menos claros ou de menos cadentes.»

Referindo-se mais adeante o illustrado professor de litteratura á traducção das *Bucolicas* e das *Georgicas:*— «Que direi da pureza, propriedade e copia da licção da *Bucolica, Georgica,* e *Eneida* portugueza do sabio poeta brasileiro e das excellentes notas de que são seguidas? Estou persuadido de que na sua leitura *muito aprenderão os mais eruditos philologos das duas nações* que fallam a mesma lingua «com pouca corrupção» quasi latina. Pela minha parte, em beneficio dos meus alumnos no curso superior de lettras, nas minhas prelecções associarei frequentes vezes ao nome immortal do grande vate romano o illustre nome do eximio traductor brasileiro, ponderando-lhes *o muito que lhe devem* os cultores das musas, e os estudiosos amadores da litteratura nacional.»

(Obras de J. F. Lisboa, vol. IV, pag. 523.)

Não só assim o declarou o illustre litterato, como tem posto em pratica nas suas doutas licções no curso superior de lettras, collacionando o original latino com a versão de Odorico Mendes, e não cessando de elogiar as felizes phrases e fiel interpretação d'este, como os muitos termos com que veiu enriquecer o idioma portuguez, já de si tão opulento.

Não lhe fica a dever em justos e merecidos louvores a

estas versões de Odorico Mendes o sr. Antonio Cardoso Borges de Figueiredo, mui distincto professor de poetica e de litteratura classica no lyceu de Coimbra.

«N'esta aprazivel traducção achei *fielmente* trasladados em a nossa lingua os conceitos, as paixões e os sentimentos do epico latino, e *sem diminuição nem accrescimo,* repostas as suas mesmas imagens, e ainda muitas das suas figuras. Bem sabia o sr. Odorico Mendes, que o verdadeiro traductor não deve ser paraphrasta, senão fiel copiador e retratista — *fidus interpres.* — Ali appareceram postos em luz clara varios passos da *Eneida,* onde illustres commentadores não haviam atinado com o genuino sentido, mas que o eximio traductor pôde alcançar.....

.....

«Elegante, limitada e polida é a sua phrase, e seus versos correm quasi sempre com facilidade; são de ordinario cadentes e numerosos. A perspicuidade, a precisão, e ainda a *concisão bem entendida,* a *propriedade dos termos,* o gosto delicado; todas estas virtudes lá offerecem seu agradavel donaire. Esse grande segredo dos mestres, a harmonica imitativa que ora pinta pela onomatopêa as qualidades sensiveis dos objectos, ora emprega a analogia dos numeros ou rythmos com as idéas ou com os sentimentos; essa bella harmonia, a que nenhuma das linguas modernas se presta porventura tanto como a nossa, em innumeraveis phrases e versos a descobrirá o leitor de fino tacto .....

.....

..... Em forjar palavras novas alguem

quizera que tão bom traductor fosse mais sobrio. *Dubitur licentia sumpta pudenter.* Quem souber todavia que, só nos *Luziadas,* Camões introduzira duzentas palavras latinas, e que depois d'elle em todas as eras quasi todos os bons poetas as foram innovando, não estranhará tanto a sobejidão dos neologismos em todas as paginas d'esta traducção. Para estas innovações tinha o traductor pedido venia, e tem a sua principal descarga na necessidade; sendo que, como elle em suas notas mostra, só por aquell'arte podia guardar a precisão, que tão justamente ama, e copiar a justeza das idéas e força dos pensamentos do seu prototypo .....

.....

..... Eu antevejo que a authoridade de tão abalisado philologo, que já estimo, amo e respeito, ha de achar quem abrace os seus neologismos; ver-se-hão elles, correndo tempo, entrar no dominio do uso. Assim se ha seguido o exemplo de outros; assim se tem enriquecido e hão de enriquecer as linguas. Puristas haverá de sentir menos conforme ao meu; embora: outros sentirão comigo. *Grande serviço,* que á nossa litteratura fez o traductor. Longe de mim o rebaixar as traducções que já possuimos de Virgilio, inteiras ou em fragmentos, como a do canto IV da *Eneida,* admiravelmente traduzido por Manuel Mathias; mas das traducções completas é opinião minha, e não só minha, senão de dois respeitaveis litteratos, que esta *traducção a todas leva a palma.*» (*Loc. cit.*—pag. 520.)

A estas censuras de neologismos responde o apontado

biographo: ..... «os nimiamente escrupulosos, que se não pagam de juizos alheios, não teem mais que examinar a traducção, e as copiosas notas que a acompanham, e onde o poeta, fazendo a apologia dos notados defeitos de sobejidão de neologismos, de obscuridades, e durezas da versificação, demonstra victoriosamente já a necessidade da adopção dos termos novos que introduziu, já que os mais dos vocabulos de origem latina, que se lhe arguem como innovações, de ha muito tinham fôro de nacionaes, introduzidos, naturalisados por outros grandes mestres; já finalmente que, em certos logares, a apparente dureza da metrificação, aliás facil de tornear em cadencia especiosa, era mui de industria procurada para verter com toda a energia e propriedade as bellezas do original.»

O nosso bem conceituado philologo e latinista F. Sotero dos Reis, encanecido no profundo meditar sobre os authores latinos, analysando estes trabalhos de M. Odorico Mendes, depois de abundar em mais de uma passagem do seu *Curso de Litteratura Portugueza e Brasileira*, principalmente a pagina 296 do volume IV, em enthusiasticos e bem cabidos encarecimentos á fidelidade, feliz interpretação, vernaculidade de linguagem e concisão de phrase com que foi traduzida a *Eneida* pelo insigne poeta maranhense, continúa na pagina 300 *(vol. cit.)*:—«O poeta brasileiro vestiu tambem com primor as demais obras de Virgilio.» .....

.....

.....

«N'este trecho da traducção:

Á voz da cara mãe, depondo as azas,
Finge agora o Amor de Iulo o porte.
Ella em somno abebera o neto amado;
No collo amima, e o sobe ao luco Idalyo,
Onde mole e suave mangerona
Entre flores o abraça e fresca sombra.
E obediente os regios dons de Cupido
Leva aos Tyrios, folgando após Achates.

«Que iguala em numero de versos, suavidade e belleza ao trecho correspondente do original, o poeta brasileiro, grande mestre em poesia imitativa soube tão ajustadamente combinar as consoantes liquidas com as vogaes mudas, que tirou d'ellas em portuguez a mesma vantagem que Virgilio em latim, como se vê do admiravel effeito harmonico d'estes quatro versos portuguezes em nada inferiores aos latinos:

Ella em somno abebera o neto amado:
No collo o amima, e o sobe ao luco Idalyo,
Onde mole e suave mangerona
Entre flores o abraça e fresca sombra.

«Para traduzir por esta fórma reproduzindo-nos o original sem a menor quebra de seus primores, era preciso que o traductor se houvesse em certa maneira identificado em espirito com o proprio author do poema, que tão superiormente vertia.» *(Loc. cit.* — pag. 304.)

Reproduzindo F. Sotero o trecho da catastrophe de Priamo, exclama: — «Quem ao ler este bello trecho de traducção não reconhecerá n'elle a admiravel pintura

que faz Virgilio da catastrophe de Priamo? São as suas *mesmas* figuras, as suas *mesmas* imagens, a sua *mesma* poesia onomatopica, até com as *mesmas pausas nos versos!* » *(Loc. cit.*—pag. 305.)

Termina F. Sotero o exame da traducção de Odorico n'estes termos:

«Nenhuma das versões da *Eneida,* que tenho lido, iguala a esta na verdade com que exprime a poesia imaginosa ou simplesmente imitativa do original, como podeis, senhores, certificar-vos, abrindo qualquer dos respectivos livros, e fazendo d'ella leitura comparada, pois não ha *um só verso* de Virgilio notavel por alguma belleza, que não se ache *trasladado com toda a sua valentia ou graça.* Citar-vos tudo o que ha de melhor na versão, impossivel é n'um só discurso.....»

«Com ser tão bem acabada, não deixa esta traducção de ter defeitos, como tudo o que nos vem dos homens, e os d'esta obra provém de uma de suas maiores virtudes—a concisão—que levada ao extremo em certos casos, foi parte para que o traductor, uma ou outra vez alatinasse a phrase portugueza com frequentes elypses.»

«Mas estes raros e aliás desculpaveis defeitos em trabalho de tão difficil execução, qual a versão do poeta mais perfeito da antiguidade, são compensados por tanta phantasia e vigor de imagens, e tanto arrojo e felicidade de figuras, tanta viveza e verdade de colorido, tanta riqueza e propriedade de linguagem, tanta poesia imitativa e onomatopica, que o illustre poeta brasileiro podia bem di-

zer ao concluir sua obra:—*Non ego paucis offendar maculis.*»

E eu ajunctarei com desvanecimento, que Odorico Mendes em todas as suas versões veiu desmentir o corrente proloquio italiano:— *traduttore, traditore.*

A posteridade pela eloquente bocca do sr. dr. Joaquim Manuel de Macedo, d'esse engenho fecundo e bem sorteado em todos os generos litterarios, que todos tem estreado com applausos, falla assim das traducções de Odorico, e em especial da da *Eneida:*

«Emfim, depois de longo e aturado labor, o nosso illustrado consocio apresentou ao mundo civilisado a *Eneida Brasileira,* traducção do immortal poema de Virgilio em versos endecasyllabos portuguezes, e em 1858 o *Virgilio Brasileiro,* contendo a segunda edição da *Eneida* com aperfeiçoamentos consideraveis, e as *Bucolicas* e as *Georgicas* vertidas para o portuguez com igual mestria. Não ha duas opiniões, especialmente sobre a *Eneida,* que é considerada por todos os litteratos e criticos os mais respeitaveis como a mais fiel e perfeita de quantas traducções teem feito Virgilio fallar a lingua de Camões. Mas n'esta obra monumental Odorico Mendes não se mostrou sómente consummado latinista e distincto poeta: elevou-se a avantajado archeologo pelo trabalho de annotações repletas de vastissima erudição.» (*Rev. Trim.* do Instituto Historico Geographico e Ethnographico do Brasil — tom. XXVII, parte 2.ª, Disc. Inaugural, pag. 426.)

O sr. Innocencio Francisco da Silva, com aquella escrupulosa e paciente curiosidade, e singular memoria que

todos lhe admirâmos, apresenta na pag. 74 do VI tomo do seu nunca assaz admirado *Diccionario Bibliographico Portuguez*, monumento colossal e imperescivel «um quadro comparativo de numero de versos hendecasyllabos portuguezes que, na traducção dos livros da *Eneida*, correspondem aos hexametros de original latino. No *Virgilio Brasileiro* leem-se annotações «repletas de erudição de toda a especie, que manifestam, não só a sua vasta instrucção e o profundo conhecimento do idioma vernaculo, mas justificam o conceito que d'elle formam como o escriptor *mais conciso* entre os seus actuaes contemporaneos de Portugal e do Brasil.»

Apresenta elle esse quadro para dar uma prova, como o diz em outro logar, «d'essa concisão e o exemplo da prudente sobriedade com que dispõe dos recursos da linguagem quem d'ella possue um *riquissimo thesouro* accumulado á custa de talento e estudo.....»

Empõz o quadro comparativo accrescenta o mesmo reportado author: — «Seriam aqui superfluos todos os commentarios para o leitor intelligente na materia. 9:901 hexametros convertidos em 9:944 (apenas mais 43 versos) hendecasyllabos portuguezes!!! E note-se que nos ultimos cantos a versão é por tal modo cerrada, que comprehende cada um *menor numero* de versos que o respectivo original virgiliano!»

«Levei adiante a minha curiosidade, e comparei entre si as duas versões da *Eneida*, pelo sr. Odorico Mendes e pelo dr. Lima Leitão.»

«Tem a primeira menos que a segunda 1:913 versos!!!»

Esse enthusiastico empenho, levado quasi á exaggeração, fez com que elle quizesse vencer em primazias de concisão a lingua latina, já de sua indole tão apropriada a ella e em que sobresahe tanto o estylo virgiliano. E o mais é que o conseguiu, embora ás vezes com o emprego de ellipses que estorvam seu tanto ou quanto a clareza da phrase; e se Odorico, arcando com tamanhas difficuldades, sahiu vencedor de tão estranho e gigantesco pleito, em honra da boa linguagem portugueza, e a enriqueceu com tantos vocabulos novos, não logrou, comtudo, impunemente essa brilhante e assignalada victoria!

Sahiram-lhe ao encontro, pretendendo aguarentar-lhe os louros, os srs. Antonio Ribeiro Saraiva e M. Pinheiro Chagas. Aquelle na sua obra—*Saraiva e Castilho—A proposito de Ovidio* (Londres, 1862) aponta dous versos na versão das *Bucolicas* e *Georgicas* que entende deveriam ser interpretados de outro modo, encarando os termos latinos sob aspecto differente. Mas o que se lhe não póde perdoar é que traga, sempre que falla na traducção, a qualificação de brasileira como remoque, fazendo assim distincção impropria e como que se o traductor não escrevesse em puro portuguez! Vae elle tão adiante na sua má vontade ao Brasil, a seus naturaes e a suas cousas, só por ter sido o imperio fundado por D. Pedro I, que taxa tambem de *brasileira* a traducção dos *Amores de Ovidio* do sr. visconde de Castilho, e acha-a inçada de *brasileirismos* só por ter sido impressa no Rio de Janeiro!

Ainda bem que o illustre exilado legitimista não en-

contra nenhum cheiro de *brasileirismo* no dinheiro com que a nossa legação, em Londres, retribue-lhe as traducções de contractos e de outros documentos de que o encarrega para ajudal-o a manter-se.

O sr. Manuel Pinheiro Chagas nos seus *Novos Ensaios Criticos* (de pag. 131 a 134), foi muito mais injusto e parcial; porquanto alem de pôr no *Virgilio Brasileiro* a pecha de infiel, apoda essa versão de *pae-velho*, propria d'um estudante do 3.º anno de latim, e ainda o que é mais para pasmar, é que elle conhecedor por experiencia propria dos embaraços com que se lucta na parte material dos productos do engenho humano, venha aproveitar-se dos numerosos erros typographicos, postoque de facil correcção para o leitor entendido, e que, como bem diz o sr. Innocencio Francisco da Silva, é «difficuldade insuperavel com que teem de luctar os que se propõem a imprimir em França livros em lingua portugueza», para descobrir-lhe erros de grammatica e acoimal-o de incorrecto!

Incorreeto Odorico Mendes, que era senhor de todos os segredos, bellezas e estranhezas da lingua de Camões e de Ferreira, elle o innovador de tantas locuções e modos de dizer dentro da indole da lingua, o descobridor de outros ignorados e esquecidos; elle finalmente a quem o sr. conselheiro Viale appellida com muita justiça *(Miscellanea Hellenico-Litteraria*, pag. 68), de *doutissimo academico* brasileiro, e qualifica no seu parecer, que vae atraz, a essas versões de *fieis, levando vantagem ás demais em propriedade e concisão!* «Que direi (são

suas palavras textuaes) da pureza, propriedade e cópia da dicção da *Bucolica, Georgica* e *Eneida portuguezas* do sabio poeta brasileiro?»

Ao juizo apaixonado e pouco reflectido do critico portuguez contraponho este e mais os dos srs. Antonio Cardoso Borges de Figueiredo, Innocencio Francisco da Silva, Francisco Sotero dos Reis, e o que ainda não ha muito disse a respeito d'ellas o illustrado professor de hebraico do lyceu de Coimbra, o sr. Joaquim Alves de Sousa: — «... a qual (traducção) é tambem no meu humilde entender *a melhor* de quantas traducções do mavioso poeta latino possuimos em lingua portugueza[1].»

Escolheu o illustre critico para verberar com tanto rigor o nosso poeta o parallelo entre a versão das *Georgicas,* feita pelo principe dos poetas portuguezes contemporaneos, e a de Odorico, e para isso cita trechos de uma e outra.

Creio que não venero e admiro menos do que elle o raro engenho do sr. visconde de Castilho, que dispensa-me tambem sua benevola estima; mas não irei jamais deprimir o merito de quem quer que seja para dar mór realce ás admiraveis qualidades litterarias de quem já tem harto brilho no seu diadema, para que lh'o queiram acrescentar com o de outrem. Demais, essas producções não soffrem confronto entre si, sendo de generos diversissimos: a de Odorico approxima-se do original o mais que póde, e a do

[1] Vej. a biographia de Francisco Sotero dos Reis, a terceira d'este tomo, onde vem por extenso o parecer do erudito professor.

sr. visconde de Castilho é uma paraphrase. O grande poeta portuguez apropria-se das idéas de Virgilio, consubstancia-as, e sem arredar-se da fidelidade, dá largas ao seu estro e urde uma téla magnifica e como só elle a sabe tecer, nas amplitudes do alexandrino e n'aquelle estyio tão seu e tão magnifico.

Odorico, pelo contrario, traçou para si um limitadissimo circulo de ferro, e dentro n'esse molde, apertado e restricto, vasou a sua obra. Um teve plena liberdade de acção, e com os excellentes instrumentos, que todos lhe invejam, architectou um monumento grandioso, mas por um modelo proprio. O outro com a tyrannia despotica da concisão na phrase, oppoz verso a verso, o portuguez ao latino, e sem ceder uma linha de terreno ao original virgiliano, competiu com o auctor em primores de belleza.

Ambos os traductores prestaram serviço real e de inestimavel preço ás lettras, e bem merecem d'ellas e de seus cultores. Não são, porém, rivaes n'este campo, não ha craveira por onde possam ser medidos; que são differentes as fórmas, sendo a estatura de um e outro muito acima da vulgar dos que os precederam em identicos trabalhos.

Se é infundado o defeito que lhe assacam do abuso de neologismos, quando não fez mais do que revocar termos, aliás propriissimos, do esquecimento em que estavam, e os mais d'elles authorisados por Filinto, ainda é mais clamorosa a de infidelidade.

Para demonstrar quante foi Odorico feliz na interpretação das obras de Virgilio, basta que eu abra á ventura

o seu *Virgilio Brasileiro,* no principio do liv. II da *Eneida* por exemplo:

Promptos, á escuta, emmudeceram todos,
Ao passo que exordia o padre Eneas
Do tóro excelso: —Ordenas-me, ó rainha,
Renove a dôr infinda; o como os Danaos
De Illio a pujança e o reino lamentavel
Derrocaram; desgraças que eu vi mesmo
E em que fui grande parte.

Confrontae-o com o original e dizei se a victoria não fica indecisa.

E este verso:

Em que terra, em qùe mar, onde um refugio?
(Liv. II, pag. 255).

não vence por ventura ao latim em concisão, energia e belleza?

Heu! quæ nunc tellus, inquit, quæ me æquora possunt
Accipere?

E este hemestichio que se lhe segue:

Ai que me resta?

que no original virgiliano diz:

..... aut quid jam misero mihi denique restat?

Não é essa, nem as versões de francez e as poucas poesias originaes, os unicos serviços que fez Odorico Mendes á litteratura de ambos os paizes onde se falla este formosissimo idioma. Ahi está o seu *Opusculo ácerca do Palmeirim de Inglaterra e do seu auctor, no qual se prova*

haver sido a referida obra composta originalmente em portuguez (Lisboa, 1860, typographia do *Panorama),* onde, como já o disse, Odorico esclarece com a luz da critica, e destroe completamente esse erro secular e acceito por naturaes e forasteiros, apresentando argumentos irrespondiveis, firmados em testemunhos e documentos insuspeitos, e acima de toda a excepção, e de uma maneira que não deixa a mais leve duvida sobre o assumpto.

Não foi de certo a menor gloria e satisfação que coube ao author o saber que suas apreciações levaram o convencimento ao espirito do sr. Innocencio Francisco da Silva, e de feito esse acurado e consciencioso trabalho fez com que o erudito author do *Diccionario Bibliographico Portuguez* confessasse com aquella isenção e franqueza, que são apanagios do merito real, o erro em que cahira, como todos os seus predecessores, declarando na pag. 75 do tom. VI da sua obra, sem rival no seu genero, que deve essa retractação ás robustas provas e allegações do abalisado escriptor brasileiro, e em outro logar: «A originalidade portugueza do *Palmeirim d'Inglaterra,* assim diz elle a pag. 349 do tom. VIII, tem servido nos ultimos annos para exercicio de critica, e assumpto de vivas discussões entre eruditos contendores. Depois que em 1859 publiquei o tom. III do *Diccionario,* appareceu no anno seguinte impresso em Lisboa um opusculo ou memoria do illustrado brasileiro Odorico Mendes *(Dic.* tom VI, n.º M, 1148) sustentando aquella originalidade com *argumentos e rasões taes e tão convincentes, que me levaram a mudar da opinião,* que seguira por algum tempo, mais

fundado na authoridade alheia que em exame proprio. Nem foram esses argumentos e rasões menos efficazes para obterem pleno assentimento do judicioso philologo e honrador benemerito das lettras portuguezas, o sr. Ferdinand Diniz (que no artigo — FRANCISCO DE MORAES — da *Nouvelle biographie générale*, tom. XXXVI, impresso em 1831) se declara abertamente defensor da originalidade portugueza (pag. 349).

«Indignado, diz J. F. Lisboa, contra esta expoliação (a da paternidade do *Palmeirim*), Odorico Mendes escreveu um opusculo simples, conciso, substancial; e com argumentos irrefragaveis e concludentissimos, não só reivindicou para a litteratura portugueza este malbaratado fructo do engenho de Francisco de Moraes, mas suscitou á memoria obliterada dos contemporaneos, a fabula do poema, os seus mais imaginosos episodios, e as graças de estylo e locução que tanto o recommendaram sempre á admiração dos homens de gosto apurado, desde Cervantes até Walter Scott e Southey.»

«Este opusculo fe-lo imprimir, vae em dois annos, sem outro estimulo e interesse mais que o de servir á gloria da lingua em que falla e escreve.» (*Obras* de João Francisco Lisboa, tom. IV, pag. 497.)

O ex.mo sr. barão de Porto-Seguro (F. A. Varnhagen) tambem o affirma na sua recente obrinha *Da Litteratura dos livros de cavallaria* (Vienna d'Austria, 1872): «Temos, porém, hoje argumentos mui fortes e concludentes em favor da nacionalidade portugueza do *Palmeirim de Inglaterra*.

«Ao meu defunto amigo, o illustre maranhense Odorico Mendes, *coube a gloria de ser o primeiro a apresentar esses argumentos.*» *(Obr. cit.)*

De seus versos originaes, já porque perdeu na Bahia os que compozera na força da juventude, já porque tantas e tão serias preoccupações lhe tomassem o tempo, quer finalmente por encolhimento natural e desprendimento de tudo quanto eram vaidades que lhe não permittia divulgar o que concebia nas horas de ocio; o certo é que poucas producções poeticas originaes temos d'elle[1].

«Não possuindo, diz elle de si com aquella modestia que o distinguia, o engenho indispensavel para emprehender uma obra original ao menos de segunda ordem, persuadi-me todavia de que o estudo da lingua e a frequente lição da poesia me habilitavam para verter em portuguez a epopéa mais do meu gosto»..... «Só abrigado sob as azas de tão sublime escriptor durarei na memoria dos nossos concidadãos ainda uns annos depois da sepultura.» (Prologo da 1.ª edic. da *Eneida Brasileira.)*

«Suas poesias originaes (F. Wolf, *Brésil littéraire,* pag. 196) distinguem-se tambem por essa limpidez serena, exactidão e dicção modelo que só nos antigos se depara. O pensamento que inspirou o *Hymno á tarde* é com effeito tão ameno e tão claro como uma bella tarde estiva; respira toda essa peça um perfume de melancholia similhante ao céu doirado pelos raios do sol poente!

[1] Alem das que reproduzo no corpo d'esta biographia, vej. as que pude colligir e vão na nota A.

E então que harmonia de mistura com os sentimentos que exprime!»

«As raras poesias que appareceram com o nome de Odorico Mendes fazem-nos lastimar que não seguisse elle mais vezes suas proprias inspirações, preferindo pôr seu talento ao serviço de traducções de uma *belleza tal* que só um poeta poderia alcançar.»

«Estas poesias (confirma seu illustre biographo) são de grande merecimento e dignas em tudo de um engenho, filho da mesma terra privilegiada e feliz que deu o berço a Gonçalves Dias, a Sotero dos Reis, a Trajano Galvão, a José Pereira da Silva, a Antonio Franco de Sá, e a tantos outros favorecidos do dom divino.»

«A patria e a sua gloria, a independencia e a liberdade, a virtude, a familia, os castos amores, os pezares e amarguras da vida, são assumpto predilecto d'esses canticos, onde reina um tom de candura e melancholia serena e resignada, cheia de suavissimos enlevos.»

«Linguagem correcta, pura, e portugueza de lei, estylo simples, mas não sem elevação e decoro; a versificação facil, branda e harmoniosa, são dotes que os caracterisam em summo grau.» (Obras de João Francisco Lisboa, *loc. cit.*, pag. 316.)

«Manuel Odorico Mendes, diz tambem por sua vez o sr. dr. Joaquim Manuel de Macedo, foi um poeta de consciencia e de estudo.....

«Estreou na poesia com um canto admiravel, o *Hymno á tarde,* delicada inspiração da musa classica, doce, suavissima, que será em todos os tempos estimada por aquel-

les que sabem apreciar o merecimento de um poema pela excellencia do pensamento e pela belleza da fórma, e não o medem pelo numero das paginas de que consta. Alguns sonetos e odes completam a pequena collecção de poesias originaes de Odorico: reunidas todas, não excedem talvez a dez ou doze; não ha, porém, uma só de entre ellas que não traga o cunho de uma obra de mestre.» *(Rev. Trim., loc. cit.,* pag. 427.)

Não tinha já a imaginação ardente e vigorosa dos verdes annos, que inspira, avassalla o espirito, altea-o e o transporta nas azas da imaginação para o engolphar n'esses sonhos todo encantos, todo amores e doces chimeras, exaltando a mente febricitante que devaneia perdida pelas infinitas regiões do ideal. Era alem d'isso de tardía e difficil concepção: produzia pouco e a longos intervallos; devoto da litteratura classica no que ella tem de mais correcto e bello, o que sahia da sua penna era sempre perfeito na idéa e bem cinzelado na fórma. Como esses genios da antiga Grecia, sublimes na esthetica e não menos admiraveis na plastica, sabia modelar suas producções com o mesmo esmero e correcção com que aquelles sohiam harmonisar as linhas geometricas com a expressão e attitude verdadeiramente artisticas dos seus quadros e estatuas, suavisando os contornos e polindo as asperezas com muita segurança e arte.

Desambicioso de tudo e sem aspirações litterarias, não fazia cabedal de seus versos originaes, nem dava ao engenho, tão felizmente dotado pela natureza, as expansões que pedia, consagrando o tempo, que tinha livre, a es-

tudar e a trasladar para aquella boa linguagem portugueza, em que, ninguem melhor do que elle, sabia exprimir-se, as producções dos dois mais insignes engenhos poeticos que produziu a antiguidade; e n'esse proposito tomou a si e verteu as obras de Virgilio, pondo remate á sua gloriosa carreira com a traducção da *Illiada* e da *Odysséa* de Homero, que lhe completam o brilho e lhe realçam sua aureola litteraria, segundo informa-me quem é versado em ambas as linguas e teve a dita de ler ainda ha pouco, esses preciosos manuscriptos[1], com o fino tacto e depurado gosto litterario que lhe reconheço.

[1] Pretendia o author publicar esse trabalho de volta ao Brasil, e para auxilial-o na impressão d'elle tinha a assembléa provincial do Maranhão na sua legislatura de 1864 decretado a lei de 14 de março (n.º 575), consignando fundos para esse fim. Não foi, porém, esse favor solicitado por elle. Gonçalves Dias, seu amigo e admirador, escreveu-me lembrando a idéa, e eu não descancei até que consegui de amigos prestadios e influentes, que tinha n'essa corporação, uma remuneração aliás diminuta a quem tanto fizera pela patria.

É com prazer que posso assegurar aos amantes das lettras que os herdeiros do poeta vão em breve satisfazer a anciosa curiosidade dos cultores da boa litteratura e admiradores de Odorico, dando á estampa essas obras, cujo manuscripto fôra examinado por Sua Magestade o Imperador que o restituiu á irman do poeta ha mais de um anno. Para comprovar esta agradavel noticia, ajunto o que diz o *Paiz*, do Maranhão, no seu n.º 14 de 1.º de fevereiro do corrente anno:

«*Homero brasileiro.*—Estarão lembrados que por occasião da viagem de Sua Magestade o Imperador pela Europa, correu o boato de que deixára elle a imprimir-se em Leipzig esse monumento erguido pelo illustre poeta maranhense ás letras patrias. Não passou isto de pura invenção, como depois se verificou. Agora, porém, podemos afiançar que os herdeiros de Odorico Mendes estão mandando imprimir no Rio de Janeiro a traducção da *Illiada* e da *Odysséa*, e tanto é isso mais certo que o sr. dr. Antonio Henriques Leal deu ordens

Tenho mais á vista uma carta que dirigiu-me Gonçalves Dias, a 20 de dezembro de 1863, e da qual extraio estes trechos em que o immortal cantor dos *Tymbiras*, referindo-se a Odorico Mendes e a esta traducção, assim diz: «...Pois aquelle bom velho, verde n'alma, no corpo, e nas illusões, levára a tarde de seus dias a trabalhar com o ardor do jornaleiro, que porque quer e por força ha de acabar a tarefa e sente o approximar da noite, e votara-se ao estudo e reaprendizagem do grego como uma creança, como nem o Alfieri se atreveria, se tivesse a mesma idade, e sahe da lucta glorioso e triumphador! Lucta grande e maior que grande—homerica. A lingua mais harmoniosa que os homens nunca fallaram,—o maior poeta que Deus creou no meio das mais favoraveis circumstancias preparadas e como predispostas para o seu apparecimento, é d'este grande poeta a obra por excellencia. Áquella linguagem, filha da patria dos deuses, d'essa terra eternamente joven, como a sua Hebe, terra que se abre e de to-

a seu procurador n'esta cidade, o sr. Luiz Antonio Vieira, para levantar da casa commercial dos srs. Manuel Nina & Irmão a quantia que da assembléa legislativa de 1864 alcançára para auxiliar essa impressão, e recebêra do thesouro provincial.

«Remette o sr. Luiz Antonio Vieira ao sr. Antonio Henoch dos Reis no vapor *Cruzeiro do Sul*, que sahe hoje para o Rio da Janeiro, essa quantia que monta a 6:595$268 réis, e vae ser entregue á irman e filhos do nosso venerando litterato. O saque é pela casa do sr. José Moreira da Silva no valor de 6:590$268 réis deduzidos da quantia retro 6$000 réis para o sêllo da letra.

«Folgâmos, pois, de annunciar aos amantes das boas letras que dentro em breve poderão recrear-se com a leitura da primeira traducção portugueza das obras de Homero, feita sobre o original grego.»

das as partes se esborda sobre o oceano, como uma flôr, para beber todas as brisas e respirar todos os perfumes— opponha-se lá a nossa lingua, que, apesar de ter aspirado os odores das florestas virgens da America e de se ter largamente perfumado com as essencias balsamicas do Oriente, resente-se ainda do ciciar dos ventos nos cabos alcatroados, do gosto penetrante do sal das ondas e d'aquellas machinas rudes e pesadas, que se moviam com a magestade tardia de um elephante a carregar a camilha de uma princeza, e lançavam enormes balas de pedra para defender as custosas especiarias de Ceylão e de Ormuz! E luctem essas duas linguas; e luctem esses dois poetas!»

«E luctou! Ao través dos seculos os grandes espiritos de Homero acharam um que os comprehendeu; venceram os dous, sem duvida. Mas o arrojo da lucta já não era pequena gloria; e nas alternativas do combate, mesmo o vencido poude colher mais do que uma palma immorredoura.

«E havia o poeta de ficar com a sua obra nas mãos, a reler o seu trabalho, a deslaval-o á força de correcções, quando o gosto se fosse embotando com a velhice! E morra sem ter coragem sequer para imaginar uma nova occupação! Era duro e triste.»

Venham breve essas joias litterarias engastar-se explendidas na opulentissima corôa artistica das duas nações irmans; dando ao mesmo tempo irrefragavel testemunho de que sob aquellas neves, que lhe branqueavam a cabeça, ardiam frementes o amor ao trabalho e o desejo de ser util, e que n'esse inverno tão adiantado espanejavam-se ainda serodias flores de donosa e festiva primavera.

II

O VISCONDE DE ALCANTARA

(JOÃO IGNACIO DA CUNHA)

«And to live great, is better than great born »
(B. Johnson.— *Epig.* 66.)

I

Nascer povo e subir gradual e suavemente ás cumiadas do poder e das honras, e isto em tempos em que não era aquelle de facil accesso, nem barateavam-se estas ou andavam ás rebatinhas e em almoeda, é muito para admirar, e ainda mais o é, quando para lograr-se tal fortuna, não houve quebra dos brios e da dignidade, ou que os agraciados se rojassem, ou que emfim as urzes e espinhos lhes rasgassem as carnes n'esse caminhar difficil de tão baixo a taes alturas, ou a poeira dos carros dos grandes os ennodoasse. Para isso é força que ao merito acompanhe constante a boa sorte. Foi o que succedeu a João Ignacio da Cunha que, na magistratura chegou ao supremo tribunal de justiça; na carreira administrativa a ministro d'estado por mais de uma vez, e a conselheiro da corôa; na eleição popular a senador do imperio; nas honras e mercês a visconde com grandeza, condecorado com

Não foi comtudo a escolha bem acceita por mais de um cortezão, que a estranhou por ter recahido cargo tão importante e cubiçado em um bacharel que entrava apenas na carreira publica e de mais a mais *brasileiro!* Era mais que muito natural esse reparo, attendendo-se sobretudo á qualidade de colono do nomeado. Quando muitos outros compatriotas consumiam debalde annos, cabedal e paciencia nas ante-salas dos ministros a requererem logares não já para a metropole, para as capitanias da colonia natal, sem nunca obterem deferimento ás suas não raro bem fundadas sollicitações, teve este a ventura de ser despachado magistrado, e com exercicio na propria capital do reino!

Quem estava debaixo de estrella tão propicia e perto das vistas e exame do governo, era proseguir na practica das virtudes e boas acções, que desde a juventude tanto o distinguiram, para que fôsse desempedida e rapidamente accrescentando-se em cargos. Assim o vamos encontrar no seguinte anno despachado desembargador da Relação da Bahia com exercicio na Casa da Supplicação[1], sendo que d'este cargo tomou posse por procuração em março de 1809.

III

As aguias do imperio francez, que já suspendiam de suas garras sempre victoriosas tantas corôas, esvoaçavam

[1] Decreto de 29 de novembro de 1808.

sobre o pequeno reino da Peninsula Iberica, ameaçando a dynastia de Bragança de exterminio certo. Foi isto motivo cogente para que o principe, vacillante e medróso, tomasse afinal o conselho do governo inglez e procurasse refugio na sua colonia da America Meridional.

Com o atropello e assodamento, que lhes incutia o terror, embarcaram-se confusa e furtivamente no dia 27 de novembro de 1807 no caes de Belem o principe regente, sua familia, a rainha D. Maria I, que havia perdido as luzes da rasão, os ministros e empregados, a côrte e a aristocracia com o seu sequito de clientes e criados, e tambem com seu cortejo de vicios e defeitos. Transportavam-se prófugos das plagas européas e traziam para o solo virgem do Brasil tudo quanto havia de funesto e ruim, nos preconceitos e velharias do systema absoluto; mas de mistura com o mal nos levaram os germens de onde abrolharia dentro em pouco a nossa emancipação politica e com ella a liberdade. Essas idéas latentes nos espiritos, só esperavam calor e luz bastantes para vingarem com força e chegarem a fructear, e foi o que succedeu.

Entre o numeroso sequito da familia real e os que buscavam com ella terras do Brazil, vinha o desembargador da Relação da Bahia, João Ignacio da Cunha, que, ao chegar ao Rio, não tardou em realisar o seu consorcio com D. Violante Luiza de Vasconcellos, filha legitima do capitão Filippe Nery de Vasconcellos e de D. Antonia da Cunha Vasconcellos.

A 14 de dezembro de 1814 foi elle confirmado em um logar ordinario de desembargador da Casa da Supplica-

ção, em que foi empossado a 11 de janeiro do seguinte anno.

Não limitaram-se seus prestadios esforços á causa publica só no exercicio activo e intelligente da magistratura, contentando-se de repartir justiça a quem de direito a tinha. Foram-lhe tambem confiadas por D. João VI outras commissões mui delicadas e trabalhosas, taes como, entre outras, a de juiz privativo de todas as causas concernentes á arrecadação do dizimo, havendo-se sempre n'estes negocios com tanta inteireza e rectidão, que foi galardoado pela corôa em reconhecimento de tão relevantes serviços com a insignia de cavalleiro da Ordem da Torre e Espada[1], o que era n'esses tempos mercê honrosissima e que a poucos se concedia. Não ficaram, porém, unicamente nas honras as mostras de gratidão do monarcha, a quem dava o desembargador João Ignacio tão sobejas provas de sua probidade e zêlo, mostrando-se digno da confiança do governo. Os cargos como que vinham á competencia procural-o:—a 11 de maio de 1821 foi nomeado desembargador de aggravos da Casa da Supplicação, de que tomou posse onze dias depois, sendo que desde 6 de abril exercia interinamente o logar de Intendente Geral de Policia, em cuja effectividade foi confirmado a 20 de maio de 1822. A 10 de junho do mesmo anno foi nomeado desembargador do Paço, encargo de que foi empossado a 17 do seguinte mez.

Tornando-se D. João VI em 1819 do Rio de Janeiro

[1] 13 de maio de 1820.

para a metropole, deixou seu filho primogenito, o Duque de Bragança, como seu logar-tenente, na gerencia do governo do Brasil, então já elevado a reino. O desembargador João Ignacio, a quem já prendiam ao nascente estado americano tantos laços, e que no seu patriotismo descortinava bruxolear nos horisontes a ante-manhan da independencia da sua patria, ficou-se no Rio de Janeiro, fixando ahi sua residencia, onde a fortuna, que nunca o abandonára, continuou a favorecel-o.

Creada a Ordem de Cruzeiro em o 1.º de dezembro de 1822, foi João Ignacio honrado com a chancellaria d'essa nobilissima e até hoje não barateada distincção.

Ganhára tal confiança no animo do principe reinante, que na primeira combinação ministerial (em 28 de dezembro de 1822) foi convidado para a pasta da fazenda, ao que se recusou obstinadamente, sendo depois nomeado para um logar na mesa do Desembargo do Paço[1], accumulando este com o cargo de Intendente Geral de Policia.

IV

Raiou emfim para nós o sol vivificador e esplendoroso da liberdade! Com o grito *de independencia ou morte,* soltado valorosamente a 7 de setembro de 1822 pelo proprio principe D. Pedro d'Alcantara, começou para o Brasil a era da sua resurreição e prosperidade. Sacudimos

[1] 23 de dezembro de 1822.

sem custo nem abalo o jugo cada dia mais insupportavel da mãe-patria e tomámos logar entre as demais nações: de colonos e vassallos, que eramos, fomos cidadãos de um grande imperio livre, cuja historia com ser de hontem já tem mais de uma pagina gloriosa e invejada de certo dos primeiros estados do mundo.

João Ignacio adheriu com o maior enthusiasmo e dedicação á causa da nossa emancipação, e com suas luzes e experiencia auxiliou efficazmente os patriotas que se pozeram á frente d'este movimento regenerador. Nem por isso esqueceu o patriota o magistrado; antes continuou com toda a hombridade e fervor nas suas funcções, exercendo-as de modo que suas sentenças serão louvadas emquanto d'ellas durar memoria.

D. Pedro I, apreciador dos merecimentos de João Ignacio da Cunha, deu-lhe o titulo de conselho por carta imperial do 1.º de fevereiro de 1823, e depois a insignia de cavalleiro da Ordem de Christo; e a 8 de abril de 1824 nomeou-o chanceller da Casa da Supplicação[1], que, como outras máchinas da decrepita monarchia portugueza, foi extincta com a proclamação do nosso pacto constitucional.

Tendo o marquez de San'João da Palma concluido o seu tempo de regedor da justiça, ficou vago esse logar, o mais importante por certo de quantos havia então na magistratura. Consultando o primeiro Imperador ao conselheiro João Ignacio da Cunha sobre quem devia ser nomeado

[1] Tomou posse d'esse novo cargo a 4 de maio de 1824.

para elle, indigitou-lhe o marquez de Sanct'Amaro. Applaudiu o monarcha a lembrança e assentaram ambos n'essa nomeação. Não a quiz, porém, o marquez acceitar por fórma alguma, e indo agradecel-a a D. Pedro I instou para que fosse dada a regedoria ao conselheiro João Ignacio, allegando que ninguem conhecia com mais titulos e merecimentos para o bom desempenho d'esse encargo do que o illustre maranhense. Travaram então entre si estes dois honrados cidadãos uma lucta de desinteresse e abnegação, desfiando n'ella á porfia melindres de delicadeza de sentimentos, que por si sós bastariam para captar-lhes boa reputação, se os precedentes de sua vida lhes não déssem preeminencia entre os magistrados que illustraram a patria no primeiro reinado.

Não dando-se nenhum d'elles por vencido, decidiu D. Pedro I a contenda, nomeando o conselheiro João Ignacio da Cunha[1], que exerceu esse cargo até que foi supprimido pela Constituição.

Se merecia a confiança e estima do soberano por seu character e serviços, não devia contar menos com ellas da parte de seus concidadãos; porque estavam muito mais no caso de o aquilatarem, nas frequentes occasiões que se lhes offereciam para as apreciar; portanto o suffragio popular por mais de uma vez o considerou, escolhendo-o representante da provincia onde tivera a dita de nascer. Fora antes eleito deputado á Assembléa Constituinte pelo

[1] Nomeação de 15 de outubro de 1824, e posse a 22 do mesmo mez e anno.

Maranhão (1823), mas não chegou a tomar assento n'esse corpo deliberante por não ter ainda a provincia adherido á independencia quando se ella installou, e por chegarem as actas e o diploma depois da sua dissolução.

Por decreto de 20 de outubro de 1825 teve a mercê do titulo de barão d'Alcantara, que o veiu surprehender no meio de suas occupações e assim ennobrecel-o ainda mais aos olhos do vulgo.

Creado o Senado, foi o barão d'Alcantara eleito senador pelo Maranhão e escolhido por carta imperial de 19 de março de 1826.

Não desmentiu ahi seus creditos, e nem tiveram seus comprovincianos motivos de arrependimento por semelhante eleição. Folheem-se os *Diarios das Camaras* do tempo em que teve elle assento no nosso parlamento, que hão de admirar os discursos do representante maranhense pela sobria e succulenta eloquencia, pelo muito saber e juizo prudencial que n'elles sempre revelou, quer se tractasse de questões de jurisprudencia, quer de fazenda ou de politica geral. Conhecendo que lhe iam faltando as forças para lidar com processos judiciarios, terminou a honrosissima carreira de magistrado, alcançando a 18 de agosto de 1828 ser aposentado como membro do Supremo Tribunal de Justiça. Seus bons serviços foram ainda reconhecidos e premiados, com ter sido agraciado com o titulo de visconde de Alcantara a 27 de agosto de 1829, seguindo-se-lhe a 10 de junho de 1830 a nomeação de conselheiro d'estado.

Quem de si dera tão claros testemunhos na magistra-

tura, e como representante da nação, estava talhado para na administração e governo do imperio mostrar todo o seu amor á patria, prestando-lhe serviços de outra ordem e cuja benefica acção ía interessar em geral a toda a população brasileira. Foi ministro dos negocios do imperio por duas vezes e uma vez dos da justiça[1].

Quando D. Pedro I conheceu imminente a revolução, que o havia de despenhar do throno, quiz, no desespero de causa, e para salvar sua dynastia, fazer concessões ao povo, e assim organisou a 6 de abril novo gabinete, de que fez parte o visconde de Alcantara, na pasta da justiça: já era, porém, tarde, e no dia seguinte, chegado o momento decisivo, e vendo o nobre visconde que o remedio estava na abdicação do Imperador, obteve d'elle lavrasse sua demissão antes d'esse acto, para que não fosse nomeado regente interino do imperio.

Entre os actos administrativos que honram a sua memoria, como ministro d'estado, sobresahe o da fundação da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, que ainda hoje dura, correspondendo aos intuitos do fundador e ao seu titulo d'ella. Foi tambem o visconde de Alcantara seu presidente honorario em quanto viveu. Deve-lhe por egual sua provincia natal um bom serviço, qual o da no-

[1] Foi nomeado a primeira vez para a pasta do imperio a 2 de agosto de 1830, retirando-se d'ella a 14 de outubro do mesmo anno, de novamente chamado para occupal-a a 24 de dezembro tambem d'esse anno, retirando-se com seus collegas a 18 de março de 1831.

A 4 de dezembro de 1830 começou a accumular a pasta da justiça, exonerando-se d'ella a 19 de março de 1831.

meação do ex.mo sr. desembargador Candido José d'Araujo Vianna (hoje conselheiro e marquez de Sapucahy), para seu presidente.

Na edade de cincoenta e tres annos, aos 14 de fevereiro de 1834 baixou á sepultura este virtuoso cidadão, sendo seus restos mortaes guardados na egreja da Ordem de San'Francisco de Paula do Rio de Janeiro. Deixou na carreira pública um vasio difficil de prehencher-se, e á sua desolada familia, com o exemplo de suas acções, um nome respeitado por sua honradez e estimado por suas nobres e excellentes qualidades, e a pobreza — legado certo e esperado de quem, nascendo sem haveres e sem nunca os ter herdado, contenta-se com as remunerações de seu trabalho honesto nos empregos que exerce, sem que d'elles se sirva para locupletar-se em detrimento dos particulares ou do Estado. É essa quasi sempre a riqueza dos benemeritos da patria — riqueza que nobilita e ufana aos que a têem de addir. Se elles encontram os cofres vasios e não recebem palacio sumptuoso, acham no emtanto um peculio que se não consome com o tempo, antes se apura e augmenta com a sentença imparcial da posteridade.

V

Foi nitido e transparente crystal a vida pública do visconde de Alcantara, a despeito das mui frequentes occasiões em que lhe foi por certo difficil evitar mareal-a, já pelos differentes encargos, que occupou, todos elles me-

lindrosos, cheios de responsabilidade e de escolhos, de que outro, a não ser tão prudente e experimentado piloto, não saberia desviar-se, indo á pique de encontro a elles. Se a inteireza e zêlo com que soube sempre manter-se no cumprimento de seus deveres foram estimados e recompensados, não o deveu tanto á sua muita felicidade, como á rectidão e independencia de seu procedimento. A carreira da magistratura não foi sempre desempedida e lisa para quem tinha por norma a justiça extreme de considerações e interesses. Entre outros factos que muito abonam sua hombridade e espirito de justiça, citarei para exemplo um que, se nos nossos dias era para censurar-se por não ter tido o magistrado coragem bastante para lavrar a sentença, n'aquelles, e com quem foi, dá realce ao magistrado que ousou tomar conhecimento do facto. As discordias e desordens que traziam os paços reaes em confusão e desharmonia, reflectiam de um modo deploravel no lar dos cortezãos e da aristocracia, denunciando-se muitas vezes por escandalos e crimes. No tempo em que estava a côrte portugueza no Rio de Janeiro foi alli assassinada a viuva de Fernando Carneiro Leão (conde de Sań'José), indigitando a voz publica como mandataria d'esse homicidio a propria rainha D. Carlota Joaquina. Tendo sido nomeados diversos juizes para tirarem devassa do crime, excusaram-se todos sob futeis pretextos, sendo o unico e verdadeiro motivo — o receio de comprometterem-se. Dirigiram-se por ultimo ao desembargador João Ignacio da Cunha que, se não fazendo de rogar, instaurou afouto o processo, conheceu do crime, e prose-

guiu com tanta actividade nas indagações judiciarias que, em breve tempo, deu os autos por conclusos. Conhecida e provada pelas peças do processo que a verdadeira criminosa era a rainha, appresentou-o elle a D. João VI, dizendo-lhe: — «Senhor, a ré merecia uma sentença correspondente ao crime de homicidio; porém, como está tão altamente collocada, entrego a Vossa Magestade todos os papeis para deliberar como a justiça o pede e aprouver melhor a Vossa Magestade». Foi este processo abafado e depois consumido. Seria um curioso e singular documento para a história contemporanea, e o máis cabal testemunho dos sentimentos do nobre e probidoso visconde d'Alcantara.

A gratidão e a amisade occupavam grande espaço na alma do honrado visconde de Alcantara, e eram ornamentos que sobredoiravam os demais dotes moraes d'este insigne varão. D'ahi lhe advinham principalmente a estima e a admiração que lhe tributaram seus coetaneos e tambem parte das agruras que soffreu no ultimo quartel da vida. Entretinha com o primeiro Imperador mais do que as relações de simples cortezia official: o reconhecimento pelos favores e pelas provas de consideração que recebêra de D. Pedro I, foram retribuidos por elle com a mais sincera affeição, não de cortezão, mas de fiel e constante amigo. Decahido e desterrado o monarcha, não lhe torceu o visconde de Alcantara o rosto, nem occultou a magoa que sentia por esse infortunio, antes fortalecendo e estreitando com a ausencia e a desgraça as relações que tinha com o imperador, appresentou-se decidido partidario

da restauração. Tornou-se o cheffe dos que seguiam essa opinião sem que nunca lhe quebrantasse o animo ou o demovesse de tão leal proposito a tibieza e a má vontade dos que dominavam a situação; supportando, pelo contrario, com resignação e serenidade os revezes que lhe acarretou seu leal procedimento. Grato o duque de Bragança a tamanha dedicação, nunca deixou de corresponder-se com elle quer no exilio, quer durante a guerra civil de 1833 em Portugal, ainda nas peripecias mais assombrosas d'esse drama, ou na enfermidade de que veiu a succumbir, communicando-lhe suas esperanças, seus planos, seus triumphos e os desgostos que com elles se travavam.

Considerados hoje este louvavel acto e tão bella qualidade com a calma que o tempo e o arrefecimento das paixões trazem comsigo, hoje que estão apagadas as recordações das luctas politicas que precederam e seguiram a revolução de 7 de abril de 1831, ninguem talvez deixará de admirar e applaudir tão nobre proceder.

Ao passo que outros, que foram arrancados da miseria e da nullidade por D. Pedro I, e o ajudaram a cavar o abysmo onde se precipitou, o abandonaram e trahiram, e quando lembravam-se d'elle era para fazerem côro com seus inimigos, vimos o visconde de Alcantara seguir rumo opposto. Elle que lhe não era devedor senão de justiça; pois que por taes se devem considerar esses favores — antes pagamento dos valiosos e leaes serviços do funccionario probidoso, incançavel e austero — mostrou-se nos dias do perigo e da desgraça dedicado e franco partida-

rio de uma causa perdida e odiada pela maioria de seus concidadãos.

Se para o vulgo dos que julgavam então em perigo a nacionalidade foram um erro, antes um crime, essas idéas, devemos hoje, na grandeza e seguridade, laurear quem, para sustental-as, não se pesou de perder a popularidade e arrostar de frente com a reprovação de muitos, com a animadversão dos patriotas exaltados, e com a perseguição e má vontade, emfim, do poder, para ser grato a quem não lhe podia já valer, senão acarretar-lhe males com sua amisade.

Tornemo'las, pois, bem patentes, essas excellencias de seu coração, que o merecem e são os melhores brazões de nobreza do visconde de Alcantara, e tambem a recommendação mais poderosa á veneração e estima dos venturos.

III

FRANCISCO SOTERO DOS REIS

Francisco Sotero dos Reis

Fanciullo, amava ed ammaestrava i fanciulli. Usci giovanetto agli studi... Dileggiavano in prima il suo fervore taluni, che poi vedutolo de'dileggi, non curante, lo presero ad imitare.

NICOLÒ THOMASEO, *Sull'Educazione* (1851), pag. 81.

I

Deixa-se a maioria dos homens arrebatar e illudir, fascinada por tudo quanto a deslumbra com seus fulgentes raios, a electrisa por actos temerarios ou enebria e conturba-lhe o espirito com o arruido que produz em derredor de si; seja elle um feliz aventureiro, que pelas armas e pelo exterminio escravisa povos e devasta cidades, deixando após si com os triumphos uma esteira de sangue, e por toda a parte ruinas por monumentos e a morte por tropheus; seja um caudilho audaz nas entreprezas, ou um tribuno eloquente que pelo prestigio de sua palavra incapelle as ondas agitadas da revolução. Sejam muito embora para esses as preferencias dos laureis e dos applausos dos contemporaneos, e a apotheose dos posteros. Outros curvem-se no afogo do enthusiasmo

ante esses genios malfazejos, que eu, pensando com Chateaubriand, e sentindo pulsar-me o coração de entranhavel reconhecimento por aquelles que conspiram para o bem da humanidade, consumindo os dias e as vigilias na indagação e vulgarisação da verdade, e na conquista d'inventos uteis, com elles sympathiso.

Que missão ha 'hi porventura mais nobre e sancta do que a d'aquelles que se votam corpo e alma a amparar e guiar tudo quanto são fraquezas? O medico, o parocho e o mestre, eis-ahi tres entidades venerandas, que quando se dedicam desinteressados e fervorosos a estas trabalhadas vocações, e prehenchem com abnegação e charidade o sagrado sacerdocio que tomaram sobre si, são dignos de todo o louvor, acatamento e gratidão.

Dispensae-lhes, felizes da terra, galardões e homenagens, que os bem-merecem elles mais que todos!

Obscuros e desapercebidos passarão sua vida cheia de cuidados, de sacrificios e de enfado sem conta. Na apparencia é ella ingloria; mas inquiri o desgraçado que na hora extrema recebeu do cura o perdão e o pão da Eucharistia— esses balsamos vivificadores da nossa religião—; e o desvalido pae de familias que vê na doença á cabeceira do seu pobre catre de dôres ess'outro desvelado sacerdote—o medico—que lhe escuta os gemidos, sonda e pença as feridas, mitiga-lhe as dôres, restabelecendo-lhe por ultimo e com grande esforço e assiduidade a perdida saude, e certificar-vos-hei de quanto amam-n'os elles e quanto lhes são reconhecidos. E que outra recompensa ha 'hi que possa soffrer confronto com a que lhes fornece a pro-

pria consciencia pelo bem que obraram em beneficio da humanidade paciente? Não os remuneram assaz as orações que erguem ao Altissimo em acção de graças? Quando não os extraviam as paixões, nem oblitera-lhes tão pouco a sordida especulação esses nobres sentimentos,e se consagram devotamente a seus ministerios, é grande, é nobre, é sublime a missão do medico, que anda de par com a do verdadeiro e honrado sacerdote.

Tão desconhecida e ainda em menos é avaliada a profissão do mestre-eschola. Pobre educador dos ignorantes, tu que preparas as gerações futuras, que lhes imprimes o primeiro cunho social e lhes descortinas a pristina luz da alvorada intellectual; que faceias com intelligente paciencia esses diamantes; que curas com mimo paternal d'essas florinhas ainda botões para um dia fructearem ao sol da vida; que vaes desbravando a estrada do progresso e da civilisação, e alumias tantas cegueiras, com que te pagas de teu lidar insano, quanto não é augusta, quanto respeitavel tua missão na terra? Basta-te a intima satisfação de veres mais tarde alguns d'esses, outr'ora germens que foram cultivo teu, vingarem e prosperarem frondentes e robustas arvores!

Quereis admirar o mestre-eschola, esse missionario da propaganda intellectual, ide observal-o na sua operosa e fatigante lide. Eil-o n'essa mal guarnecida sala, cercado de tantas cabeças doudejantes e inquietas, e elle a deliciar-se com esse desatinado papear infantil, com esse constrangimento dos que preferem os folguedos aos livros, com o vozear dos que se rebellam contra tudo o que é op-

pressão e rigor, e em summa com o arruido descompassado e confuso que vae pelas classes. É musica dulcissima a seus ouvidos conformados a ella. A experiencia e o coração fazem-lhe desculpar essas explosões passageiras, que irrompem ás subitas do regorgitamento de seiva em edade em que tudo é movimento, vivacidade e inconstancia.

E elle que conhece e sente a enorme responsabilidade que pesa sobre seus hombros, espreita, como cultivador solerte e attento, os vicios e achaques de que adoecem essas tenras plantinhas que estão a seu cargo, e vigilante acode a todas: a esta para endireitar-lhe uma vergontea, áquella para podal-a; já á outra extirpa uma parasita, rarea-lhe as folhas que lhe ensombram a haste, e áquell'outra tira-lhe em volta as plantas nocivas.

Ponderae bem no que vae de fadiga, d'enfado e apoquentações na existencia d'esse homem, que se concentra e faz do ensino seu ideal, limitando suas ambições aos acanhadissimos ambitos de sua eschola, que é o seu eden e o seu estado, cujos vassallos os discipulos são. Curvae respeitosos a cabeça ante esses apostolos da instrucção, esses esforçados operarios do futuro, primeiros iniciadores da verdade no animo rude e maleavel d'esses que hão de um dia continuar a obra da civilisação.

D'elle já dizia D. Francisco Manuel de Mello, author da *Carta de guia de cazados* e de outras obras de merecimento, em tempos aliás tão atrazados: — «A dignidade de mestre eguala-se com a de pae, acaso se lhe avantaja,

porque o mestre regenera os discipulos por mais alto modo que os paes geram os filhos», e assim é.

Sei que são, infelizmente, mui raras essas vocações privilegiadas que se consagram generosas e com admiravel enthusiasmo a instruir seus semelhantes, e é por isso que ainda mais os venero e amo. Francisco Sotero dos Reis foi um d'esses. Na edade em que outros se entregam aos devaneios e passatempos da juventude, elle dedicava utilmente suas horas a reger uma cadeira de ensino público, e só deixou de dar licções a seus conterraneos quando a vida se despediu d'elle.

II

Quem de entre nós deixará nunca de recordar-se com extrema e saudosa gratidão d'aquelle ancião que, caminho do Lyceu ou d'outros estabelecimentos de instrucção, cruzava com passos tardos e incertos, em differentes horas do dia, as ruas da nossa capital? Abstracto e alheio de si, sem prestar attenção ao que o rodeava, e todo absorto em suas cogitações quando não o despertavam seus estudos ou as licções de seus discipulos, parecia reconcentrado em seus pensamentos a ruminar o que havia lido. Eil-o avergado pelos annos, denunciando-lhe os seus estragos, senão os cabellos, que os tinha pouco grisalhos, as rugas do rosto, a flacidez dos tecidos que lhe traziam as faces, já de si grossas, pendentes e em dobras. De baixa estatura, secco de carnes, de tez clara, palpebras

superiores demasiado espessas, como que velando-lhe habitualmente os olhos, não que se doessem da claridade, ou se occultassem d'industria para que não lhe prescrutassem o que lhe ía pela alma, antes para furtarem-se ás distracções do mundo exterior e deixar a mente espairecer forra e sem peias [1].

Singelo no trajo e no porte, não destoava no tracto intimo d'esse aspecto de bondade que o fazia estimado de todos quantos uma vez o houvessem conversado e ganho suas sympathias.

Venerando patriota, incansavel evangelisador, não foram baldados os sacrificios que fizestes com prodigalisar teu tempo a espancar as trevas de quem te procurava para illuminal-o com a muita luz que possuias; que bem mereceste da patria, mas tambem o pedestal, onde se ergue vivedoira a tua memoria, firma-se em nossos corações agradecidos! Tres gerações quasi inteiras de teus conterraneos passaram pela fieira de teu ensinamento e se apuraram no crysol de teu espirito esclarecido, ouvindo tuas conceituosas e sabias licções, e são os melhores pregoeiros de teu nome.

Não te impozeste só essa tarefa, que quando sentiste avizinhar-se o termo final de teus productivos dias, sem dares de mão á tua utilissima postoque obscura tarefa, roubaste no socego da noite horas ao repouso e ao somno

[1] Tanto o retrato d'este, como os de M. Odorico Mendes e do barão de Pindaré, que veem no principio de suas biographias, estão mui semelhantes, cabendo aqui render justos louvores ao artista que os gravou, o sr. Pedroso, pelo bem executado de seu trabalho.

para junctares ao ensino oral o escripto. Revelando n'essas obras o teu merito e o muito que enceleiraste nos teus longos e occupados annos com o teu engenho investigador e tão perspicuo, quizeste continuar, mesmo depois do teu desapparecimento de entre os vivos, a ser guia e mestre dos que estão por vir, perpetuando entre elles tão sans e verdadeiras doutrinas!

Francisco Sotero dos Reis, como João Francisco Lisboa, foi mestre de si mesmo, estudou e accrescentou-se em saber, guiado unicamente por sua clara e robusta intelligencia: nunca frequentou cursos superiores, nunca bebeu em mananciaes de sciencia que lhe ministrassem outros, nem sequer sahiu alguma vez de sua cidade natal. Apprendendo n'esse limitado recanto os rudimentos de humanidades nas poucas e mal regidas aulas que o zêlo suspicaz da metropole concedia com muito custo e parcimonia ás capitaes das capitanías de suas conquistas do ultramar, se adestrou elle para dar-nos tão brilhantes documentos de seu engenho.

Nasceu este illustre varão na cidade de San'Luiz, capital da provincia do Maranhão, em 22 de abril de 1800, sendo seus paes—Balthasar José dos Reis e D. Maria Thereza Cordeiro, ambos fallecidos, e esta vae em mui poucos annos.

A instrucção pública não está ainda no nosso paiz assentada em largas e bem desenvolvidas bases, como era para desejar, e o estão a exigir a civilisação e as necessidades da nossa epocha, de modo que aquelle que se entrega ás lettras ou sciencias, se não póde sahir do imperio

tem de vencer serios e não raro insuperaveis tropeços. Vêde-me agora o que poderia conseguir quem tivesse sêde de saber no Brasil, ainda colonia de Portugal, e no começo d'este seculo! A metropole, como é sabido, no empenho de a trazer subjugada a seu dominio, tractou sempre de condensar as trevas que envolviam a America Portugueza. Para que não conhecesse suas forças e assim podesse quebrar as ferropêas que a manietavam, não só lhe interceptava a luz intellectual, como anniquilava as aspirações dos colonos, desvanecendo-lhes as esperanças de seguirem suas naturaes e legitimas inclinações. Não era ainda tudo: vedava aos brasileiros o exercicio de certas industrias para d'ess'arte favorecer as do reino, donde tudo procedia até que a invasão franceza veiu abrir-nos os portos ao commercio da Europa culta.

Entrou Francisco Sotero dos Reis em tenra edade para uma d'essas escholas de instrucção primaria, tão rudimentares e mal favorecidas de disciplinas regulares, que eram-nos dispensadas pela munificencia real. Não gastou pois os bancos n'ella; que a sua applicação e prompta comprehensão fez com que dispensasse em pouco tempo as licções do mestre-eschola; porque sabia já tanto como elle.

III

Tinha então F. Sotero doze annos, e seguiria a vida commercial, entrando de caixeiro para a loja de um parente, ou iria para a fazenda dos paes, em Guima-

rães, para tornar-se um d'esses agricultores rotineiros, como tantos outros, a não ter-se dado uma circumstancia, que decidiu da sua carreira, inclinando-o ás lettras. Era seu systema nervoso de uma tão exquisita sensibilidade, que resentia-se á menor commoção exterior ou moral. Brincando uma vez com um dos visinhos, travaram-se de razões, e este, mais crescido e robusto, puxou-lhe as orelhas, cousa de que tinha particular embirração. Ficou atordoado e com dores de cabeça tão fortes, que o obrigaram a estar de cama. Succedeu poucos dias depois que, tendo um preso de nome Campello assassinado um companheiro dentro na propria cadêa pública, então no pavimento terreo da Casa da Camara [1], no Largo de Palacio, resistiu á guarda de Palacio, e quando presentiu inevitavel a prisão, deu em si duas facadas no baixo ventre. Ia Sotero a recado da mãe em direitura á egreja de Nossa Senhora do Carmo, quando deu de rosto com a padiola que conduzia para o hospital o desgraçado criminoso, banhado em sangue e com os intestinos de fóra. Causou-lhe tamanha impressão esse horroroso espectaculo, que d'ahi a pouco estava com febres que se tornaram quotidianas, acompanhadas de fastio e d'insomnias, e entretidas pela

[1] Em 1855 foi transferida a cadêa publica d'esse local impropriissimo para o edificio onde hoje se acha, e que tem todas as condições hygienicas de commodos e situação. Realisou-se tão convinhavel melhoramento, que a moralidade pública, e a saude dos presos estavam a reclamar com instancia, na vice-presidencia do sr. commendador José Joaquim T. Vieira Belfort, e por indicação do sr. dez. Viriato Bandeira Duarte, então cheffe de policia, que para isso ouviu meu parecer medico.

constante lembrança do lugubre quadro que vira, até que d'idéa fixa tornou-se-lhe ella em rematada mania. Eram já n'elle evidentes os symptomas de loucura, tanto que um dia tentou precipitar-se da varanda da casa, tolhendo-o de realisar esse intento suicida os principios religiosos que bebêra com o leite materno. Lembraram-se então os paes que a mudança de sitio influiria no seu restabelecimento e o mandaram para sua fazenda d'elles em Guimarães. Ahi, com effeito, passados alguns dias, começou a procurar distracção na leitura, e tal gôsto tomou pelos livros que, voltando á casa paterna, pediu que queria continuar com os estudos, no que consentiram elles, entrando F. Sotero para a aula pública de latim, estabelecida no convento de Nossa Senhora do Carmo, onde teve por amigo e émulo a Odorico Mendes. Dedicou-se com tal ardor ao estudo, e taes progressos fez na lingua latina, e tanta confiança depositava n'elle fr. Caetano de Vilhena Ribeiro, que entregou-lhe a regencia das classes mais atrasadas, e nos seus impedimentos deixava-o fazendo suas vezes.

Vem de molde aqui notar que quando frequentava o latim teve occasião de conhecer que a palavra—*æruina* (desgraça, infortunio)—que inventára na sua mania e repettia nos delirios, era puro latim, e como que um feliz presagio de quanto havia de ser entendido n'esse difficil e rico idioma. Passados muitos annos quiz experimentar-se, e foi assistir a uma execução capital; mas tal abalo lhe causou, que desde então evitava toda e qualquer scena que o commovesse e ainda a vista de sangue, e d'ahi por deante, em tendo alguma cousa que o mortificasse,

agarrava dos livros e assim espairecia e recobrava-se, esquecendo-se da idéa que o amofinava. Quando tambem sabia de alguem que soffria do espirito, aconselhava-lhe com insistencia que se applicasse a estudar alguma cousa séria; que era remedio seguro e efficaz.

Foi com essa applicação tenaz que logrou vencer em menos tempo que os mais dos companheiros o curso de latinidade, passando depois a aprender a rhetorica e a philosophia com o mesmo professor, e dado que não houvesse classes públicas de outras disciplinas, nem por isso deixou de estudar o francez e a arithmetica, que recorrendo á obsequiosa condescendencia de particulares, assim veiu a conhecer.

Completados os estudos preparatorios e prestes a partir para França, onde pretendia frequentar uma das faculdades de medicina, veiu a morte do pae frustrar-lhe o intento, cortando-lhe sem regresso a projectada carreira.

Nem por isso quebrantou-se-lhe o animo, antes, não querendo ficar ocioso nem ser pesado á sua excellente mãe, procurou dar honesto emprego á sua actividade e habilitações, abrindo, na propria residencia [1], aula de latim e de francez. Contava n'essa epocha apenas dezoito annos, e desde então dedicou-se ao professorado.

Tendo Thiago Carlos de la Rocca, italiano de nação, fundado por aquelle tempo um collegio d'instrucção na quinta das Larangeiras, propriedade depois do barão de

[1] Na casa de seus paes á rua Nazareth, esquina da do Giz (hoje *Vinte e oito de julho)*. Pertence ora a outro possuidor.

Bagé, apressou-se o tenente-general e governador do Maranhão, Bernardo da Silveira Pinto da Fonseca, a auxiliar esse estabelecimento litterario, e acolheu benevolamente seu fundador, por ser sobretudo este o primeiro de tanta importancia que se creava na provincia. O animo generoso e progressista, como hoje em dia se diz, do governador não pôde resistir ás justas allegações do director do collegio, e estribando-se nas disposições da carta regia de 10 de agosto de 1700, nomeou a 20 de julho de 1821 F. Sotero para reger n'esse collegio a cadeira de grammatica latina, e d'ahi a tres dias estava o joven professor de posse e no exercicio d'ella.

Em 1823, vagando a cadeira pública de latim por morte do serventuario, entrou elle em concorrencia com outros, e foram suas provas tão superiores ás dos mais candidatos, que logrou ser n'ella provido, e substituir assim seu antigo mestre.

Foi essa cadeira o limitado theatro de suas humildes funcções, e onde adquiriu os melhores direitos ao nosso reconhecimento.

Seu espirito infatigavel e todo inclinado á missão de preceptor da mocidade não se satisfazia só com a aula pública, onde se lhe iam muitas horas: nas tardes ensinava em sua casa, e á noite tomava como agradavel desenfado leccionar grammatica portugueza e francez a suas parentas e a outras meninas de familias de sua amisade, revezando essas licções com outras, tambem não remuneradas, ás educandas do Asylo de Sancta Thereza, cujo director foi de junho de 1864 a 1870, até que essas asyladas passa-

ram para o Recolhimento de Nossa Senhora dos Remedios, a cargo da mitra.

Abro um parenthesis para observar aqui de passagem, que esta instituição, creada pelo bemfazejo e illustradissimo presidente dr. Olympio Machado, foi praguejada e aguarentada desde principio pelos adversarios d'esse administrador, vindo por ultimo a entregar-se ao ex.^{mo} sr. bispo diocesano, que nos seus planos de tornar a instrucção do dominio da egreja, vae matando a concurrencia particular, que não póde luctar com o clero, que absorverá de todo o ensino, se os poderes competentes não o desviarem d'esse caminho tão infesto á civilisação e á liberdade.

Não indagarei as razões que levaram a nossa assembléa provincial a entregar essa casa d'educação á direcção do clero; mas o que importa censurar é a imprevidencia de semelhante resolução. É força que o legislador seja vidente e tenha sempre em vista que não delibera só para o presente, e que se hoje coube-nos um prelado virtuoso e despreoccupado, é elle perescivel como todo o homem, e não podemos antever quem o substituirá na diocese, e se um dia não virá a empunhar o baculo um sacerdote intolerante e fanatico como o bispo de Pernambuco, o do Rio de Janeiro ou o do Pará, que imbuidos de coração e filiados occultamente na companhia de Jesus, minam uns solapadamente, outros ás claras, e procuram todos desmoronar o edificio social, relegando de novo a humanidade para obscurantismo e supersticiosas practicas de calamitosas éras. Com o pequeno Seminario das Mercês

e o Recolhimento, possue o clero dous internatos com os quaes não pódem os mais entrar em competencia; por isso que têem casas e parte do pessoal gratuitas, mestres pagos pelos cofres publicos e subsidios da provincia, constituindo por isso um monopolio de facto o primeiro e mais importante ramo administrativo, que póde vir a ser no futuro instrumento nefasto, pelo predominio que exercerá o padre na familia, pela mulher preparada no Recolhimento, e pelos mancebos que sahirão do Seminario contrafeitos, com o espirito apoucado, enfezado e aleijado pelo rachitismo moral.

Tirar a secularisação ao ensino e entregal-o ao clero é mais que contrasenso e erro capital, é a abdicação de tudo quanto tem ensinado a experiencia e a história de todos os povos e de todos os tempos. Paremos porém aqui, que já é tempo de reatarmos o fio de nossa narrativa.

A sancta Casa da Mizericordia tambem mereceu os desvelos de F. Sotero. Foi em varios annos nomeado, já definidor, já mezario, e n'esta qualidade prestou bons serviços, como mordomo dos expostos. Os desvalidos rejeitados por mães descaroaveis e acolhidos pela instituição pia de San'Vicente, acharam por egual como as asyladas de Sancta Thereza o sollicito patrocinio de Francisco Sotero dos Reis.

Achava este diligente missionario ainda assim léo para applicar-se ás lettras, manuseando com assiduidade os authores latinos, gregos, portuguezes, francezes e italianos, em cuja lingua era muito versado, tendo-a aprendido com de la Rocca, quando ensinava latim no collegio d'este. Não

lhe prendia só a attenção a litteratura, conhecia tambem o nosso direito constitucional, e nem lhe eram extranhos os publicistas de nomeada, e um ou outro economista.

IV

Veiu o acto addicional revogar, entre outros, os artigos 74.º e 84.º da Constituição, e concedendo ao mesmo tempo algumas franquezas e tal ou qual vida propria ás provincias a modo de estados federados, copiou n'esta parte, dado que imperfeitamente, a constituição nort'americana. Creavam aquelles artigos um corpo consultivo, que, com o nome de Conselhos Geraes, auxiliava os presidentes, propondo-lhes medidas e resoluções que as tomavam elles na conta que lhes aprazia. Era ainda reminiscencias do antigo regimen, que ficaram radicadas no nosso systema politico como damninhas parasitas. Essa entidade, inutil para impedir o mal, não tinha fôrça para o bem.

Fez parte F. Sotero dos Reis dos Conselhos Geraes de nossa provincia, e foi um dos seus mais conspicuos membros até que em 1832 começaram de funccionar as assembléas legislativas provinciaes, sendo elle eleito deputado da do Maranhão, e depois reeleito em varias legislaturas incluindo a de 1862–1864, em que occupou a cadeira presidencial.

Não tinha os raptos vigorosos e felizes da eloquencia espontanea, nem esse enthusiasmo na voz e nos gestos que commovem o auditorio e abalam convicções; mas seus dis-

cursos, pautados pelo raciocinio e pela boa razão, convenciam pela fôrça e lucidez dos argumentos. Era sua opinião authorisada ouvida com respeito pelos correligionarios, cuja bandeira adoptára, e seus pareceres attendidos e adoptados, como nascidos de uma consciencia recta e pura.

Viram-n'o sempre nas primeiras legislaturas ao lado de Manuel Gomes Belfort (depois barão de Coroatá), de quem foi poderoso auxiliar, medindo-se e enrostando contendores da estatura dos Lisboas e Francos de Sá.

No jornalismo foram tambem esses os athletas esforçados com quem justou, até que em 1840, retirando-se J. F. Lisboa da arena, offendido da negra ingratidão dos seus; que o outro, campeão adventicio, deixára o campo em 1836 levado por destinos mais altos, permaneceu F. Sotero por muito tempo na estacada sem competidor de sua egualha. Foi desde então desproporcional a lucta, sobrelevando o decano jornalista aos mais, e sahindo vencedor das refregas; postoque fossem raras, por esquivar-se elle a adversarios que se compraziam e faziam consistir a essencia de suas polemicas em doestos e convicios pessoaes, terreno lodacento onde infelizmente muitos contendiam, mas que nunca foi pisado por F. Sotero dos Reis. Uma vez estabelecidas as discussões na altura onde só dominavam a razão, a logica e a sciencia, contassem com esse denodado paladino, que acudia logo intemerato ao repto, e não se retirava do campo senão depois de bem ferida e terminada a contenda. Assim o vimos em 1848 analysando com calma e proficiencia o trabalho do sr. dr. Domin-

gos José Gonçalves de Magalhães (visconde d'Araguaya)— *Memoria historica da revolução da provincia do Maranhão desde 1838 até 1840,* — confutando muitas proposições, repondo alguns factos na sua verdadeira luz, e dando com toda á isenção e franqueza a palma da victoria a quem elle entendia que era d'ella merecedor, sem guardar considerações mais do que á verdade historica vista pelo prisma de suas opiniões. Assim tambem o admiramos nas discussões que travou em 1850 com o *Argos Maranhense,* sahindo ao encontro do distincto engenheiro sr, dr. João Nunes de Campos, sem perder um palmo de terreno na parte propriamente do direito constitucional e na analyse do nosso systema, e ficando d'ahi a victória indecisa.

Por seus estudos e indole era F. Sotero dos Reis em politica conservador. Entendia que no respeito pelos principios contidos na nossa constituição é que residia a liberdade, e na fôrça e prestigio da authoridade a manutenção da ordem e da segurança individual. Foram sempre essas as suas idéas e por ellas lidou, sem nunca afastar-se d'esse estadio. Posto ao serviço do partido que arregimentou-se sob esse pendão, e onde tambem estavam arrolados seus parentes e amigos, fundou na imprensa o seu orgam e sustentou-o desde 1825, até que em 1841 vieram novas combinações e ambições mais soffregas confundir os principios politicos na provincia e desvirtual-os. Inverteram-se os papeis, tresmalharam-se os antigos companheiros, e as reliquias da sua cohorte foram reforçar outras; Sotero foi com seus penates para onde via o pro-

gresso moral e material da provincia, para onde achavam-se congregados muitos cidadãos notaveis por seu patriotismo, moralidade e luzes. Aquelles, que o acoimarem ao de leve de versatil, reflictam por um momento n'estes factos e circumstancias especiaes, e esmerilhem com attenção seus artigos politicos, como seus discursos, que n'elles encontrarão sempre um mantenedor do principio da authoridade e da liberdade na ordem. Que importam os individuos? que importa que se encontrassem hoje no mesmo campo e nas mesmas idéas aquelles que hontem feriam-se e hoje dão-se as mãos, aconselhados pelos interesses do momento? As ondas da opinião moviam-se como os ventos da fortuna as impelliam, e quando por acaso vinham até onde quedava o varão integro e respeitador de si, achavam-n'o no seu posto:—dispensava affeição aos homens que o procuravam e estimavam; mas na região das idéas tinha um norte para onde inclinava o seu rumo.

Censuravam-n'o por deffender os actos dos presidentes da nossa provincia que tinha por bons, e d'ahi davam sem razão alguma taes louvores á conta de lisonja. Contesto-o e commigo todos quantos o conheceram a fundo. Quadrava isso aos seus principios de respeito e prestigio ao encarregado de manter as leis e sustentava-o com todas as véras de uma convicção robusta e sincera. Senão que apontem-me quando o viram nunca apoiar ou desculpar os desmandos e violencias de alguns presidentes, cujos nomes calo; e demais qual o interesse que poderia movel-o a transigir com a consciencia quando em todas as vicissitudes da

vida deu sempre provas de desambicioso e desinteressado, sem que nunca requeresse nada para si?!

Nunca aspirou nem se apresentou candidato á deputação geral ou á senatoria, antes quando em 1838 quiz seu partido, então dominante, elegel-o deputado ao parlamento, fez substituir seu nome, pelo do dr. Leocadio Belleza, nem jamais aspirou ou solicitou suffragios para a senatoria, ao passo que auxiliou muitos a subirem a taes alturas e a outros cargos d'eleição popular.

No principio da sua carreira pública, além de deputado provincial, foi tambem eleito vereador da camara municipal da sua cidade natal, exercendo esse cargo popular por um quatriennio sómente.

Com a reforma da instrucção publica, em 1838, que augmentou as disciplinas e reuniu as diversas cadeiras d'instrucção secundaria já existentes em uma só instituição — o Lyceu Maranhense — installado no seguinte anno no pavimento inferior do convento de Nossa Senhora do Carmo, onde ainda hoje conserva-se, foi nomeado Francisco Sotero dos Reis seu primeiro inspector.

Vieram com o andar do tempo, com a experiencia e com as exigencias politicas, outras reformações n'esse ramo de serviço, sendo uma d'ellas que os professores não podiam accumular as funcções de inspector, pelo que o destituiram d'ellas; mas nem por isso deixou de exercel-as muitas vezes, nos impedimentos dos serventuarios, desempenhando-as sempre a aprazimento dos collegas e dos alumnos.

Eis ahi tudo quanto mereceu do governo; e quando

pois o viram jamais acrescentar-se em mercês ou beneficios? Desde moço até á sepultura, tiradas estas raras e breves intermittencias do bafejo da fortuna que nunca procurou, foi só professor e nada mais.

No nosso paiz, onde abundam os agaloados e vêem-se tantos peitos ensanefar-se com fitas, conferiram-lhe apenas, vae em muitos annos, o habito de Christo, e depois que começou a publicar suas producções, o da ordem da Roza, com que o distinguiu a munificencia imperial por seus serviços ás lettras e á instrucção publica.

V

Jornalistas das grandes cidades, que saboreaes não poucas delicias e sois amplamente remunerados do vosso trabalho n'esses centros populosos e civilisados, não calculaes o que ha de responsabilidade, de labor insano e de mortificações para o pobre redactor do jornal politico das nossas provincias! Vós que calçaes luvas de pellica para vos degladiardes com aquella bizarria e lealdade que sóem usar cavalheiros que se prezam, conservando boa correspondencia no meio mesmo de crueis retaliações, e apertando as mãos quando vos encontraes em público, não terieis de certo pulso para invergar as armas com que elles se ferem! Para os partidos ha momentos de repouso, não para elles, que condemnados ao supplicio de Sysipho, rolam sem descanço e sem alegrias o rochedo desde o cimo da montanha até o fundo do abysmo! Para o redactor de jornal politico são todas as pensões e todos os desgostos

junctos: escreve os artigos principaes, as noticias locaes, emenda e refunde as correspondencias particulares e os communicados que lhe trazem os amigos, redige os annuncios para este, as cartas de convite para as reuniões do partido, os discursos que n'ella tem de proferir por sua conta propria, e os que hão de ser recitados por alguma das influencias de campanario. É tambem revisor, em parte entregador e cobrador, e na expedição dos jornaes para o correio é elle quem carrega com quasi toda a tarefa.

Corre tambem com as despezas quando os correligionarios não são tão generosos e harto ricos para custearem a folha; e os odios e as imprecações dos contrarios recahem sobre elle, não só pelos artigos de sua lavra; mas ainda pelos anonymos, e até pelos assignados por outros! Bode emissario de tudo quanto de mau concertam e executam as facções nos seus desvarios de crise eleitoral, é o precito e o leproso de quem todos fogem, a quem maldizem e apedrejam a cada momento.

Ainda bem quando o movel de tantas canceiras e dissabores é o interesse, e logra-se o premio d'ellas no termo de tamanhos sacrificios, e se não colhe d'elles só a ingratidão e indifferença! Mas quem se entrega a esse martyrio de cada hora sem outra ambição mais que a de servir uma causa em proveito dos amigos, esse padece com intensidade as torturas excruciantes de tão misera situação, e bebe até as fezes o calice de amargura que lhe preparam n'essa Gehenna; pois quando triumpha e domina o seu partido, cabe-lhe só espinhos, que os fructos são para os mettediços. Na opposição é o jornal leito de

Procusto, onde se revolve o pobre escriptor sem achar allivio, nem alma piedosa que lhe derrame balsamo de consolação sobre tantas feridas!

Foi essa a vida jornalistica de F. Sotero: sua penna, suas affeições, seus pensamentos e horas de lazer foram todos malbaratados em proveito alheio; quando na fôrça dos annos os teria melhor empregados como veiu testifical-o na cançada velhice.

Resenhemos rapidamente os jornaes politicos que redigiu F. Sotero dos Reis, que o acharemos sempre na brecha, pondo termo a este para substituil-o por outro, ou mudando-lhe o appellido, ao sabor das circumstancias, e das combinações e necessidades politicas da epocha.

Começou para elle as lides da imprensa quasi ao mesmo tempo que as do professorado: eram as duas fôrças parallelas que actuavam no seu espirito e o dominavam.

Havia apenas surgido a nossa Constituição dos paços de San' Christovam quando o imberbe escriptor annunciava no *Argos da Lei* do mez de março (1825) a publicação de um periodico com o titulo de *Miscellanea Politico-Litteraria,* em cuja empreza se associára com Raymundo da Rocha Araujo; mas como não obtivesse numero de subscriptores para os gastos da impressão, desistiu d'ella para criar outro jornal, *O Maranhense,* que correu por sua conta, apparecendo hebdomadariamente e ainda n'esse mesmo mez. Distinguia-se pela prudencia e dignidade com que era escripto, apesar da verdura dos annos do seu redactor.

Substituiu-o em 1831 pelo *Constitucional,* de que foi collaborador seu particular amigo Manuel Odorico Mendes, e em que ambos advogaram as idéas de moderação e esquecimento de passadas contenções; já em 1836 redigia elle *O Investigador Maranhense,* impresso na typographia de F. S. N. Cascaes, e que desappareceu em 1839 para dar logar em janeiro de 1840 á *Revista,* tambem impressa no primeiro anno n'essa typographia. Orgam das idéas conservadoras e um dos jornaes mais bem escriptos que temos tido, era digno émulo e competidor em tudo da *Chronica* de João Francisco Lisboa, distanciando-se ambos do *Legalista,* do *Amigo do Paiz,* da *Chronica dos Chronistas,* do *Sete de Setembro,* e de outros periodicos que por esse tempo representavam tambem no Maranhão a imprensa jornalistica.

Terminou a *Revista* com o anno de 1850 sua gloriosa carreira, e d'ahi a pouco, em 1851, escrevia para o *Correio dos Annuncios,* cujo nome foi no seguinte anno trocado pelo de *Constitucional.* Estes ultimos, impressos, como o fôra a *Revista,* na typographia da Temperança, de Manuel Pereira Ramos [1], correram por conta do proprietario da officina.

Acabou F. Sotero essa tarefa para em 1854 tomar a seu cargo a redacção do *Observador,* jornal que tinha sido crea-

[1] Nunca escreveu para a *Moderação,* como vem erradamente consignado n'uma necrologia que sahiu no *Publicador Maranhense,* pouco depois da sua morte. Esse jornal foi a principio redigido pelo sr. dr. José Joaquim Ferreira Valle (hoje visconde do Desterro), e depois pelos srs. dr. Caetano José de Sousa, Antonio B. Jorge Sobrinho, João Juliano de Moraes Rego e outros.

do em 1847 pelo ex.mo sr. senador Candido Mendes de Almeida, e era impresso em typographia propria. Deixou-a em 1856 para passar a redigir a folha official — *O Publicador Maranhense* — de que é proprietario o sr. major Ignacio José Ferreira, como tambem o é da typographia onde é elle impresso [1].

Com a redacção d'esse diario finalisa a bem das lettras a longa e operosa carreira jornalistica de Francisco Sotero dos Reis. Em novembro de 1861 teve de abandonar a penna politica coagido pelas exigencias intempestivas do presidente major Primo d'Aguiar, para tomar a de litterato e philologo. Acto violento e reprovado foi esse; mas benefico em seus resultados para as lettras, e seja isto levado em desconto dos peccados d'esse administrador, dado que nem por sombra antolhasse elle o que felizmente derivou d'ahi.

De tantos jornaes que redigiu F. Sotero, especialisarei a *Revista* [2], que consubstancia todos e sobreleva-os em predi-

[1] Isto até 1871, passando d'ahi em deante a ser impresso no excellente estabelecimento do sr. José Maria Corrêa de Frias, hoje co-proprietario d'este diario e que lhe veiu transfundir novo sangue, conseguindo que não morresse d'inanição.

[2] Como curiosidade bibliographica reproduzimos aqui o titulo-frontespicio d'esse jornal:

N.° DIA ANNO

A REVISTA

Folha politica e litteraria

Subscreve-se a 2$500 réis por trimestre (13 numeros).
Vende-se cada folha avulsa n'esta typographia.

Maranhão. Typographia Imparcial Maranhense. Impresso por Manuel Pereira Ramos na Rua Formosa n.° 2.

Publicava-se uma vez por semana, quasi sempre aos sabbados, com

cados. Escripto em estylo elegante e levantado, conservou-se sempre na altura em que a havia uma vez collocado seu redactor, sem descer, ainda no meio das mais odientas e energicas contestações. Quando ao derredor d'elle zumbiam importunos os zangãos da imprensa, ia sempre calmo e erradio dos mais jornaes da sua parcialidade sem os acompanhar nas provocações injuriosas, nem quebrar lanças com outro adversario que não fosse o redactor da *Chronica*, afrontando impavido o futuro *Timon Maranhense*, com quem por isso mesmo contendia quasi sempre no campo unido e franco do raciocinio.

Fazia-se não raro echo das injustas apreciações dos seus correligionarios, que procurando desconceituar os liberaes e perdel-os na opinião pública, davam-n'os como responsaveis e instigadores da revolução de 1839 *(a balaiada)*, apontando como principal motor d'ella a João Francisco Lisboa[1]; mas remiu Sotero essas exaltações de uma quadra excepcional, e em que as paixões não tinham freio, pelas attenções de mutua cordealidade e estima que depois reinaram entre ambos, como elle é o proprio a confessar em varios trechos da serie de artigos que fez sahir no *Publicador Maranhense* de 2 de janeiro a 26 de fevereiro de 1861, sob o titulo de—*Imprensa Provincial*, em especial nos do n.º 38, de 16 de fevereiro, em que respondeu assim ás arguições de um collaborador da *Mode-*

tres columnas cada pagina e em folha de 30 centimetros de comprimento.

[1] Veja-se na biographia de João Francisco Lisboa as razões que produzo em deffesa d'elle e dos liberaes da provincia.

ração: «Accusa-nos o articulista por não esquecermos os que nos combatteram ha vinte annos. É verdade! mas foi para honral-os, como practicamos com o sr. João F. Lisboa. E quem nos feriu mais profundamente do que elle que melhor manejou a penna entre nós? E o atilado *collaborador* viu qual foi a maneira por que nos lembramos d'elle!» Voltando de novo á carga o *collaborador* da *Moderação,* mostra ainda F. Sotero os quilates de seu ánimo generoso e como sabia fazer justiça ao talento e meritos dos adversarios: — «Pois não é ainda hoje o sr. J. F. Lisboa uma de nossas primeiras capacidades jornalisticas, como o attestam não só os seus escriptos serios, mas até aquelles inimitaveis retratos em que rivalisa com Cormenin, que os não faz de certo *melhores, ou uma verdadeira notabilidade litteraria,* para dizer tudo?»

A *Revista* não era só politica, senão, como seu titulo bem o dizia, litteraria: — litteraria no estylo portuguezissimo, no castigado da phrase, no culto aos preceitos da boa grammatica, alliados a muita nobreza d'expressão e de sentimento. Quando se lhe deparava ensejo, não deixava passar uma obra litteraria de cunho sem dar d'ella notícia, assignalando-lhe as bellezas e reproduzindo trechos das originaes brasileiras ou portuguezas, ou traduzindo-os, das que eram em lingua extranha. Se tinha conhecimento de um talento superior, era o primeiro a affagal-o, a animal-o, e a dal-o a conhecer ao público. Assim foi que antes de todos, por umas tres poesias que Gonçalves Dias havia publicado em 1845 no *Jornal d'Instrucção e Recreio,* pequena revista de jovens estudantes

do nosso Lyceu, previu elle ao justo o genio poetico que despontava apenas, e louvando essas poucas estreias, proclamou-o desde logo poeta abalisado, prognosticando-lhe um brilhante futuro de glória[1].

Mais de um escriptor, além do nosso poeta, deveu-lhe bondoso acolhimento e louvores superiores talvez aos seus merecimentos; mas que serviram-lhes d'estímulo e alento para se confiarem em suas proprias fôrças e exclamarem tambem — *Sonno pittor anch'io!*

Mais de uma memória honrada recommendou elle tambem á posteridade. Quando em 1855 falleceu entre nós o presidente dr. Eduardo Olympio Machado, que prestou alguns bons serviços á provincia, escreveu elle a sua *Biographia*, que corre impressa em folhetos e foi transcripta de paginas 607 a 614 do tomo XXIX da *Revista Trimensal* do Instituto Historico. Se um dia algum odio politico (e de que não é elle capaz!) arrancar a lapide que a assembléa provincial, em nome da provincia agradecida, mandou erguer na capella-mór da cathedral sobre seus restos mortaes, esse padrão ficará incolume para attestar o que foi o dr. Olympio Machado.

Entre os relevantes serviços que prestou F. Sotero dos Reis no jornalismo, ensinando a estrada do decente e honesto nas discussões sem personalidades nem injúrias, é muito digno de reparo o procedimento que teve em uma

[1] Veja-se na biographia de A. Gonçalves Dias, e ainda melhor no vol. VII das suas *Obras Posthumas*, onde se achará transcripto — *O desabrochar do talento* — da *Revista* de 26 de julho de 1845.

das crises mais calamitosas por que passou a nossa imprensa provincial.

O instrumento da perfectibilidade humana pelo progresso e civilisação, que á Providencia aprouve conceder-nos, esse maravilhoso invento de Guttenberg serve a um tempo de laboratorio onde geram-se tantas maravilhas uteis ao genero humano, e tambem de vehiculo e valvula por onde resfolgam impetuosas a calúmnia, a injúria, as offensas de todo o genero, e por onde tambem irrompem as idéas subversivas da moral e da ordem. Postos, porém, na balança os beneficios e os males, que derivam da imprensa, aquelles pezam muitissimo mais e compensam amplamente os damnos originados d'estes, senão que os assoberbam e expungem. Além de que, a licença do jornalismo acha seu proprio correctivo no excesso, no desprezo e condemnação da parte sensata da sociedade que a repelle e abomina.

Quando em 1846 era a provincia administrada pelo vice-presidente Angelo Carlos Moniz (depois senador do imperio) appareceu com espanto e asco da população uma verdadeira praga de pequenos jornaes, torpes no conceito e na linguagem. Creados e mantidos pelos odios e rivalidades que dividiam algumas familias preponderantes na politica, trouxeram á tona da publicidade tudo quanto havia de mais secreto no lar domestico, não poupando nas suas retaliações opprobriosas as inoffensivas mães de familias, o sacrario do leito conjugal, a virgindade das donzellas, até o mais recatado do gyneceu domestico; que elles na sua insania de tudo macularem arrastavam para

essa gemonia de lama e podridão onde molhavam as pennas assalariadas e corrompidas com que ennodoavam a pureza e sanctidade d'elles. N'essa louca contenda, em cujo campo immundo e infecto revolviam-se em todos os sentidos esses gladiadores de nova especie, desciam elles até onde as fezes eram mais corruptas, para virem arrojal-as ás faces dos contrarios. Não pôde mais conter-se o honrado escriptor que se não interpozesse entre esses canibaes da honra e da moralidade; e assim o vimos concitar intemerato as iras e as pedradas d'essa turba-multa das *Malaguetas, Cacetes, Arre-irras, Matracas, Carurús* e quejandos pasquins d'egual jaez e denominações não menos esquipaticas, para n'esta sensata e prudente objurgatoria verberar taes desvarios, descobrindo-lhes os erros e chamando os transviados á razão:

«A mulher, ente delicado e fraco, que está como fóra da protecção da lei, por isso que a sociedade a poz debaixo da protecção immediata do homem, que deve responder por ella, não tem outro poder para domar-nos senão as suas graças, nem outras armas para resistir-nos que a sua mesma fraqueza. Negar-lhe a protecção devida já é, sobre injustiça, grande falta de generosidade. Mas atacal-a sem respeito ao sexo, e isto para vingar-nos do homem com quem se acha ligada pelos laços de parentesco, não sabemos que nome tenha, porque é, além de cobardia, cega brutalidade. N'isto não ha partidos nem politica, senão frenesi e demencia.....

«Ter-se-ha accaso calculado bem o alcance d'esses fataes escriptos? Quantas lagrimas terão elles feito derra-

mar e em quanto sangue se podem converter essas lagrimas? Se não pretendeis barbarisar-nos, se tendes algum fim politico em vossas dissensões, limitae aos homens a guerra sem generosidade nem quartel que vos estaes fazendo. Mas poupem-se os innocentes, e sejam respeitadas, como cumpre, as nossas mães, as nossas esposas, as nossas filhas, as nossas irmans.» (Da *Revista* de 4 de julho de 1846.)

Admiro, com o author do *Jornal de Timon*, a elevação e nobreza de sentimentos e de linguagem d'este trecho, que por si só faria a reputação do nosso bem conceituado e estimavel escriptor.

VI

Este systema de proceder uniforme e egual do singelo e despretencioso cidadão reflectia-se todo inteiro no theor de vida do homem particular.

Na flor da edade, quando outros mancebos dissipam tempo e cabedaes em frivolas distrações, empregava-os elle, com vantagem sua e da mãe, como já disse, na diligencia de aligeirar os encargos d'esta.

Uma mocidade assim aproveitada pouca folga lhe podia deixar para libar de corrida e ás furtadellas o dulcissimo mel que n'aquella donosa sazão offerecem as flores da vida humana.

Admirador da mulher como obra prima do Creador, feita para enflorar delicias nos enfados da nossa existencia, pagou elle tambem tributo de homenagem ao bello

sexo, e como lhe não eram esquivas as musas, mais de um soneto e algumas odes affeiçoadas pelas de Horacio foram-lhe inspirados por uns olhos feiticeiros. Tinham então muita voga e eram moda os improvisos: reinava Bocage, e seus admiradores, imitando-o, achavam assumpto a cada passo e na menor circumstancia para glosas. Não eram completos nem deixavam de si agradaveis recordações as festas de familia ou regosijos publicos, em que não fosse glosada ao menos uma decima. Na nossa cidade substituia os outeiros dos conventos de freiras o theatro—era ahi que justavam os *Elmanos,* e descantavam suas Marcias e Anardas.

Nas alegrias de um banquete campestre, onde houvesse rosto que lhe accendesse o estro; nas noites de espectaculo por motivo de festejo nacional, era sabido que F. Sotero dos Reis estava com a lyra afinada para taes certamens.

Antes de começar a *opera,* como nossos avós appellidavam as peças theatraes, ou nos intervallos dos actos, cruzavam-se os motes offerecidos dos camarotes pelas deidades da epocha, e era para ver o fervor com que os apaixonados desentranhavam-se á competencia em decimas e sonetos! N'esse torneio innocente ninguem levava a melhor ao nosso repentista. Ainda ha um ou outro coetaneo seu que repete com enthusiasmo uma quadra, ou um terceto d'esses improvisos de F. Sotero.

Recorrendo á reminiscencia do nosso estimavel tio, o sr. dr. Fabio Alexandrino de Carvalho Reis, residente em Pernambuco, pude obter d'elle estes dous sonetos

improvisados por F. Sotero quando solemnisava-se no theatro União (hoje San'Luiz), o feliz exito da revolução de 7 d'abril de 1831:

Á campa de Melciades outr'ora
A Grecia em pranto se acolhia,
E a liberdade vendo que partia,
E a patria escrava—brama, desadora—

Da liberdade em Roma nasce a aurora,
Do Capitolio as cimas alumia;
De lá Catões e Marcos influia,
E na cidade eterna um tempo mora.

De Roma escrava arranca o véo esquiva;
Remonta os Alpes, corta o ar profundo
E na grata Albion descança altiva.

Enfia os mares, corre ao Novo-Mundo,
Na America se aprás, e hoje mais viva
No Brasil se levanta e assombra o mundo.

OUTRO

Triumphou, triumphou a liberdade!
Pelos Céos do Brasil—eil-a, descorre
Mais serena, e gentil, e o véo se corre
Que do rosto lhe encobre a claridade.

Da celeste mansão da Divindade
Qual a setta veloz á plaga acorre
Que Cabral viu primeiro, onde o sol morre,
E alli se mostra em toda a magestade.

Venceste, ó patria! Salvè, chão fecundo
Onde hoje a lei triumpha florescente
E impera um filho teu—Pedro Segundo.

Salvè! O louro arredando, verdecente,
Heroes de Roma, heroes do Novo Mundo,
Inclinam-te do Elyseu a laureada frente.

Por mais diligencias que fiz, não pude alcançar cópia de uma ode sua *Á Virtude*, de que tenho avantajada noticia e que por estes fragmentos deixa ver que em nada desmerecia das de Filinto e Garção:

Á VIRTUDE

Do throno de Saphyra a fronte augusta
A nós, Virtude, inclina;
Parece que estou vendo o teu sorriso
Roseo, frechando as nuvens,
Vir o peito abrazar-me, e de doçura
Banhar-me a lyra, as vozes.
Ah! como em chão mais grato o germen tenro
Desabrocha, arborece.
.....
.....

É para lastimar que o author nunca as tivesse impresso e que quando acaso cahiam-lhe nas mãos algumas cópias que tinham d'ellas seus amigos, as consumisse, envergonhado, como dizia, de taes producções que tinha em menos preço [1].

Perderam-se tambem as traducções de Tibullo, dos *Annaes* de Tacito, da *Atala* de Chateaubriand, e outra em verso da *Phedra* de Racine, de que felizmente escapou o episodio da morte de Hypolito que foi publicado não ha muito no *Parnaso Maranhense* (Typ. de B. de Mattos — 1861).

A desapparição d'estes importantes manuscriptos não foi devida tanto á desidia de seu author, como ao pouco ca-

[1] Vej. nota B — onde vem transcripta uma ode, que deparei no *Pharol Maranhense*.

bedal que fazia de tudo quanto era seu, não zelando o que escrevia, nem se esforçando em rehaver o que dava de emprestimo a ler a curiosos que nunca mais lh'o restituiam.

Não levava este desprendimento só aos fructos de sua intelligencia, como aos bens materiaes, vindo d'isso a resentir-se sua fazenda. Casando-se a 30 de março de 1826 com D. Anacleta Candida Compasso, que lhe trouxe em dote alguma fortuna, foi esta desapparecendo, até que pouco antes do fallecimento d'elle, teve de vender a casa da rua da Paz, unica que lhe restava, e onde residira a maior parte da sua tão occupada existencia, e lhe nasceram e crearam-se-lhe os filhos[1].

[1] Teve de seu consorcio nove filhos, dos quaes falleceram tres em tenra edade, e o de nome Luiz, annos antes do pae, já homem feito e pae de familia, e a 19 d'agosto de 1872 succumbiu n'esta cidade de Lisboa, victima da repetição de um attaque cerebral, de cujas primeiras consequencias vinha tractar-se aqui, Francisco Sotero dos Reis Junior, modelo de filho e d'irmão, estimado e admirado de todos quantos o conheciam como empregado e parente desvelado pelos seus. Não só os jornaes das provincias, onde serviu, lastimaram sua morte, como os de Lisboa, *(Jornal do Commercio, Diario de Noticias* e o *Brasil)*, renderam-lhe louvores noticiando, no dia seguinte ao de seu passamento, tão triste successo.

Companheiro de Sotero Junior no lyceu, abro aqui um parenthesis para consignar em breves linhas alguns apontamentos de sua nobre e exemplar vida:

Nasceu em 1.º de fevereiro de 1833 na cidade de San'Luiz do Maranhão. Depois de cursar com muito aproveitamento as aulas do Lyceu, entrou a 12 de setembro de 1854 para a thesouraria de fazenda, como practicante, sem que devesse a nomeação a empenhos, senão ao optimo concurso que fez. Devido tambem aos seus mere-

Leal para com os amigos, de uma boa fé extrema, sacrificava-se por elles sem nenhum cálculo, e não raro via-se compromettido pela inteira confiança que depositava em alguns.

Hoje que está decahida de seu prestigio e luzimento a

cimentos, comportamento illibado e zelo, foi obtendo successivos accessos na repartição, como o de 4.º escripturario em 19 de janeiro de 1856, 3.º a 22 de setembro de 1858, 2.º a 24 de maio de 1859, 1.º em 13 de setembro de 1862, official maior em 13 de abril de 1868, e chefe de secção em 4 de maio de 1872.

Serviu antes diversas commissões importantes, em cujo desempenho foi muito além do que se podia esperar de um joven, dado que de reconhecida intelligencia, cordura e honradez. Quando 1.º escripturario, occupou o logar d'inspector commissionado na thesouraria do Piauhy, durante um anno, e da da Parahyba do Norte anno e meio.

Foi deputado á assembléa provincial de sua provincia natal na legislatura de 1866–1867, e prestou bons serviços á Sancta Casa da Misericordia na qualidade de consultor no trecho de dous annos em que alli serviu, e na guarda-nacional onde tinha o posto de capitão. Nos primeiros annos da juventude escreveu alguns versos não de todo despidos d'imaginação e bem metrificados; mas depois com o tempo todo empregado nas occupações do cargo e a leccionar particularmente em collegios o francez e latim, para engrossar os cabedaes com que manter-se, á irman e sobrinhos com decencia e sem privações, deixou-se das musas.

Restam hoje dos filhos do nosso philologo apenas o sr. Americo Vespucio dos Reis, empregado da secretaria do governo e hoje casado com uma prima, e a ex.ma sr.a D. Maria Thereza dos Reis, não menos estimada que o irmão por seus dotes pessoaes, e que foi remunerada pelos relevantes serviços prestados por seu pae á instrucção e ás lettras patrias com uma pensão annual de 600$000 réis, graças á munificencia imperial, que a lembrou ao governo logo que soube que tão bom cidadão deixára uma filha, solteira e na pobreza.

bella instituição das assembléas provinciaes, já pelos abusos e irregularidades que se teem dado no seu seio, já pela má escolha de seus membros, não se póde bem avaliar a importancia e influencia que gozaram esses corpos legislativos, quando em San'Paulo honraram seu recinto os Andradas, os Paula Sousas, Vergueiros e Feijós; e tiveram no Maranhão e em outras provincias assento n'elles seus melhores engenhos. Compenetravam-se elles do mandato de que os haviam encarregado seus comprovincianos, e pesando a importancia d'elle, punham peito em bem desempenhar seus deveres: era F. Sotero um dos que sobreexcediam-se n'esse empenho, não descurando um apice do que lhe cumpria como deputado, e d'est'arte usava da palavra e do voto com a consciencia pura e convicta. E ninguem ousasse extorquir-lhe seu consenso áquillo que reputava um mal para a sua provincia!

Entre outros exemplos trago um que illustra esta asserção: — discutia-se em 1862 na assembléa um projecto reformando a instrucção pública, ao que oppoz-se F. Sotero com todas as fôrças da sua dialectica, analysando-lhe os vicios e imperfeições. Corria no emtanto que era obra da lavra do proprio presidente da provincia, que havia incumbido a um de seus intimos de apresental-o ao corpo legislativo. Com esta opposição prudente, aindaque tenaz, do professor de latim, irritou-se o major Primo d'Aguiar, e não houve promessas nem ameaças de que não lançasse mão para obrigar o deputado provincial a arripiar carreira; mas a hombridade do cidadão honesto não se acurvou nem cedeu da sua resolução.

Fallavam á bocca pequena em decretar a maioria da assembléa a sua jubilação, como arrhas á presidencia, que o não podia demittir da cadeira vitalicia de professor; tambem dizia-se que lhe seria retirada a redacção do *Publicador Maranhense*, diario que, além de um noticiario mui simples e de transcripções de outros jornaes, cingia-se á publicação dos actos officiaes. Não ficou porém só n'isto: o despeitado presidente mandou chamar um dia á palacio o revel deputado. Como fosse recado por quem pouco merecia a F. Sotero e com geitos de intimação, não lhe deu ouvidos, e nem correspondeu a desejos manifestados com tanta insolencia. Uma manhan, porém, em que se achava no escriptorio da redacção do *Publicador*, no pavimento terreo do palacio do governo, veiu convidal-o uma ordenança do major Primo d'Aguiar para que houvesse por bem subir; que s. ex.ª tinha muito empenho em fallar-lhe. Annuiu elle então ao convite do presidente que, depois dos cumprimentos do estylo, passou a tractar do projecto em discussão, na assembléa, mostrando-se desejoso de ouvir tão conceituada opinião para esclarecer-se e poder explicar-lhe seu pensamento. Sotero analysou-o com toda a individuação e desassombro, indicando-lhe as lacunas, defeitos e absurdos. Depois de o escutar com vehementes signaes de impaciencia, declarou-lhe o presidente que era aquillo obra sua e por que se empenhava em extremo, accrescentando mais: — «Fique o sr. F. Sotero na certeza de que, apesar de toda a opposição, será convertido em lei, e o advirto mais que não venha a arrepender-se da discussão e voto em contrário!» A esta

ameaça o venerando ancião de seu natural tão pacifico e fleugmatico, erguendo-se desorientado, batteu com a caixa de rapé na meza, como soïa fazer para chamar á ordem seus discipulos, e bradou-lhe: «Creia v. ex.ª que me não acobarda com suas ameaças, e nem me fará, como ninguem o tem feito até hoje, mercê de Deus, transigir por preço nem por interesse algum no mundo com a minha consciencia!» Terminando, sahiu arrebatadamente do gabinete da presidencia.

Da dilatada carreira d'escriptor público não logrou elle senão os precalços, ferindo-se nos espinhos; que os louros foram para ennastrar as corôas dos ambiciosos felizes. Ao passo que via outros mais novos e sem direitos e serviços, apenas entrados no jornalismo, remunerados com uma cadeira no parlamento, ficava elle esquecido, sem nem ao menos, como por descuido, figurar seu nome em uma chapa eleitoral! Já é peccado nosso velho e sem remedio; que vem elle de detraz. Deixâmos commummente á margem os nossos mais bem aquinhoados pela intelligencia e patriotismo para elevar algumas vezes os menos proprios e só por serem apresentadiços. Quanto ao cargo de professor do lyceu, não o deveu, torno a repettir, a favores, senão ao seu saber e intelligencia, em boa hora aproveitados e reconhecidos.

Novo Prometheu acorrentado ao prelo typographico desde a acclamação da nossa liberdade politica, não lhe deram descanço nem refrigerio as polemicas jornalisticas. Paladino da imprensa, só tirou a couraça e abandonou-a quando em 1862 fecharam-lhe a liça: o lidador infatiga-

vel passou então para outro campo mais solido e sereno.

Em 1861 fundára o sr. dr. Pedro Nunes Leal um collegio — *O Instituto de Humanidades* — que sem desdizer do titulo, pódem seus estatutos servir de modelo, como já teem servido, pela boa disposição, ordem e conjuncto das doutrinas que promettia ensinar, e dos bons preceitos disciplinares e hygienicos observados n'esse internato. Com taes proporções, agremiando numeroso e escolhido pessoal docente, ainda assim teria resistido aos azares da fortuna, se seu director conciliasse com as agigantadas idéas e desinteresse pecuniario que o animavam n'esta grandiosa empreza, a actividade e vigilancia que a parte economica do estabelecimento lhe pedia. Ao lado dos bons desejos de dotar sua provincia natal com um Gymnasio affeiçoado pelos melhores dos paizes cultos, faltou-lhe a prudencia no despender, e a cautella no guardar; de modo que teve de baquear, decorridos poucos annos da installação do festejado Instituto.

O que havia de mais habil e instruido nos diversos ramos do ensino formava o corpo cathedratico de tão promettedora instituição. Foi ahi que pela primeira vez se fez entre nós do estudo da lingua materna, não um mero degrau para as outras disciplinas, mas um estudo aturado e profundo d'essa primeira base de uma boa e esmerada educação litteraria, para o que foi dividida a materia em tres grandes classes ou cursos, cabendo o primeiro a um professor paciente e caroavel da primeira infancia, o segundo e terceiro ao sr. Luiz Carlos Pereira de Castro, que com uma esclarecida e prompta intelligencia, e não

menos meditado estudo, tem investigado tudo quanto ha de melhor em lingua portugueza e philologia, devassando segredos e enthesourando as riquezas e difficuldades da lingua de Camões, de que possue farto cabedal. Faltava para esse curso uma grammatica, principalmente na parte da syntaxe, no que respeitava analyse e construcção. Francisco Sotero leccionava latinidade n'esse collegio e tinha por uso junctar á explicação das regras da grammatica latina aquillo em que as da portugueza divergiam d'aquella. Seus discipulos tomavam notas e formavam assim umas como postillas.

Penetrou logo o sr. dr. Pedro Nunes Leal o que havia de proveitoso para as lettras, se ampliadas essas explicações, fossem impressas. Empregou instancias para com F. Sotero, e não acabou comsigo até que conseguiu do illustre professor a promessa de organisar esses preceitos em um adequado e desenvolvido plano, e assim o fez. Á medida que ia elle apresentando ao director do collegio os cadernos manuscriptos, este os remettia a imprimir. Foi este o meio de obrigal-o a levar a obra ao cabo.

Em 1862 sahia com effeito dos prelos de Bellarmino de Mattos — o nosso Firmin Didot — o suspirado volumesito: *Postillas de grammatica geral applicada á lingua portugueza pela analyse dos classicos* — Dedicados ao sr. dr. Pedro Nunes Leal, etc. — S. Luiz, Typ. de B. de Mattos — 1852, 16.º grande de XIV–246 paginas. Traz no fim um juizo critico do dr. Trajano Galvão de Carvalho, avaliando as excellencias d'esse trabalho, e tecendo-lhe

justificados louvores. Fez-se d'elle segunda edicção, revista e muito accrescentada pelo author, e que foi impressa em 1868 no mesmo formato e typographia. Contém 267 paginas, e na opinião do sr. Innocencio Francisco da Silva *(Dicc. Bibliogr.*, vol. IX, pag. 380) é muito preferivel á primeira já pelos accrescentamentos notaveis que foram n'ella introduzidos, já pela melhor distribuição das materias.

Seguiu-se a esta obra a — *Grammatica Portugueza accommodada aos principios geraes da palavra, seguidos da immediata applicação pratica. Dedicada ao sr. dr. Pedro Nunes Leal, etc.* Maranhão — Typ. de B. de Mattos — 1866 — 8.º gr. de XI-274 paginas. São ambos estes compendios mui estimados e procurados dos estudiosos, tanto que, apesar da grande cópia d'exemplares que d'elles se extrahiu, já o anno passado foi necessario fazerem seus filhos uma segunda edicção d'ella, que foi impressa na typographia do sr. Ramos d'Almeida, revista e annotada pelo sr. Luiz Carlos Pereira de Castro, que com aquelle profundo conhecimento que tem da boa linguagem e dos preceitos da grammatica soube delir os senões que se notavam na primeira edicção, devidos ao pouco tempo de que dispunha o author para corrigil-a, e ao descuido com que revia provas typographicas.

Outra obra concorreu por esse tempo com aquellas — *Os Commentarios de Caio Julio Cezar, traduzidos em portuguez.* S. Luiz do Maranhão — Typ. de B. de Mattos — 8.º gr. de XV — 533 paginas. Começou a ser publicada em 1863 em cadernetas periodicas, sendo a sexta e

última em 1869. Abrange tão sómente o que é da penna do grande conquistador romano e o livro oitavo attribuido a Hircio.

Foi elogiada, como as obras anteriores, por toda a imprensa, especialmente pelo *Correio Mercantil* (n.º 324 de 25 de novembro de 1863) e pelo *Diario do Rio* (n.º 342 de 12 de dezembro de 1863), e tenho mais um parecer do ex.mo sr. conselheiro Viale, que aprecia esse escripto na conta em que vale.

Curso de Litteratura portugueza e brasileira, professado no Instituto de Humanidades da provincia do Maranhão, dedicado pelo author ao director do mesmo Instituto, o sr. dr. Pedro Nunes Leal, é o seu derradeiro trabalho e de mais folego que os anteriores. Sahiram em vida de F. Sotero dos Reis os tomos I, II, III e IV (Maranhão — Typ. de B. de Mattos — 1866–1868, 8.º gr.), regulando cada um por 350 paginas pouco mais ou menos. Em 1868 mandou reimprimir o primeiro volume no intuito de introduzir-lhe algumas correcções e accrescimos; mas como observa o sr. Innocencio Francisco da Silva (*Dicc. Bibliogr.* vol. IX, pag. 352) foram ellas incompletas e menos felizes.

Quando estava F. Sotero n'esse conceber fecundo, postoque serodio, veiu dar-lhe a mão a assembléa na sua sessão de 1866, decretando um augmento de gratificação proveitoso só para elle, e um homem intelligente e cultor egualamente das boas lettras concorreu tambem da sua parte para isso, appoiando a idéa. O sr. dr. Lafayette Rodrigues Pereira, então presidente da provincia, espi-

rito liberal e mui illustrado, que entendeu era fôrça proporcionar a esse operoso velho remanso para applical-o ás obras que estava escrevendo, sanccionou a lei e jubilou-o a 16 de junho de 1866 com todos os vencimentos do logar que exercera por quarenta e tres annos quasi ininterruptos; pois que desfructando uma robusta e inalteravel saude, só abandonava as funcções do magisterio durante os mezes de sessões das legislaturas de que foi membro.

Nem por isso despediu-se de vez do seu posto para entregar-se todo a trabalhos litterarios. Continuou com a aula em casa, como de antes, e quando fechou-se o collegio do sr. dr. Pedro Nunes Leal, passou a leccionar a lingua latina no do sr. dr. Fernando Pereira de Castro Junior.

Era F. Sotero, com effeito, de uma saude tão vigorosa e tinha tanta fé em que attingiria a uma edade avançada que se não apressava na conclusão dos trabalhos que trazia começados. Por muitas vezes, instando eu com elle para que empregasse quasi todo o seu tempo na composição do *Curso de Litteratura* e de outras obras, redarguia-me com toda a segurança: «Não tema que as deixe por concluir; que tenho muitos annos adeante de mim!» Quasi que realisou-se essa previsão, não que lhe corressem sempre placidos os dias da existencia; pois que veiu por mais de uma vez annuvial-os a perda de entes que lhe eram caros: assim finaram-se poucos annos antes d'elle sua velha mãe, sua esposa, e um dos filhos já crescidos, Luiz Augusto dos Reis, deixando ao desamparo esposa e filhos,

a quem F. Sotero agasalhou e tomou a seu cargo, como tambem o fez de boa sombra e com desinteresse ás sobrinhas, filhas do tenente coronel Torquato Coelho de Sousa.

De todas as perdas, nenhuma lhe foi tão sensivel como a da mulher, e na sua occulta e sentidissima dôr segredaram-lhe as musas passadas memorias de tempos mais felizes, e acordaram-lhe a phantasia. Um dia que o amarguraram mais as saudades de sua companheira, escreveu este soneto, imitado de um dos de Camões:

«Se lá na eterna gloria a que voaste,
A lembrança do mundo se consente,
Acceita, alma piedosa, a dôr pungente
De tudo quanto aqui idolatraste:

O esposo, a filha, os filhos que deixaste,
Em mágoa e saudade permanente,
Vivem na terra vida descontente
Dês'que as corporeas vestes tu largaste.

Ao seio de Deus tornas radiante
De virtude e bondade, qual sahiste
Immaculada de nascer no instante:

A nós queixosos n'este valle triste
Volve-te como foste sempre amante,
Porque entre nós só amargura existe.»

Era de uma constituição tão forte que desde os vinte annos nunca teve incommodo que o obrigasse a estar de cama por muitos dias; mas accommettido desde novembro de 1870 de uma dysenteria pertinaz, nem por isso deixava de trabalhar, de ir ao collegio e de dar aula em casa. Oito dias antes de fallecer ainda sahiu á rua para

dar á tarde o seu passeio hygienico, e que era n'elle hábito antigo e constante, e até os derradeiros dias andou pela casa e tomou licções a seus discipulos. Só no dia 15 de janeiro é que não pôde mais levantar-se; mas ainda na vespera ouviram-lhe elles pela última vez suas doutas explicações; postoque ditas com voz fraca e quasi imperceptivel. No dia 16 de janeiro de 1871, pelas 4 1/2 horas da madrugada, rendeu os espiritos com aquella imperturbavel serenidade que appresentára sempre em seus actos. O operario infatigavel trabalhou até á última hora sem abandonar sequer por um instante o instrumento, e amortalhou-se com elle como esses guerreiros da India, em cujas sepulturas tambem são depositados suas armas e tropheus de guerra!

Ao saber-se tão desconsoladora noticia, parecia que a população toda tomava-se de dó: os discipulos, os conhecidos, os admiradores do sabio mestre acudiam á casa da inconsolavel familia de Francisco Sotero dos Reis para certificarem-se do succedido e manifestarem-lhe a magoa que por egual os opprimia.

Ás 5 horas d'essa tarde sahia de sua habitação o prestito funebre, caminho do cemiterio da Santa Casa da Misericordia. Foi numeroso o concurso, reinando respeitoso silencio n'essa immensa mó, que tinha estampados nos rostos indicios da tristeza e compuncção que a pungia: é que todos comprehendiam e sentiam a perda irreparavel e enorme que a provincia do Maranhão, que o Brasil, acabavam de soffrer[1].

[1] Vej. nota C *in fine*.

Deixou os filhos na pobreza de bens de fortuna; mas ricos de uma herança, que os ha de sempre ennobrecer — a honradez de seu character, e seus escriptos, que levarão o nome de Sotero á posteridade: esse dobrado legado está na sua vida toda inteira, immaculada e activa, e nas obras que deixou publicadas, está no quinto e último volume de seu *Curso de Litteratura*, nas vinte e seis licções de *Litteratura Romana* e nas seis de *Litteratura Biblica*[1], que ficaram escriptas e coordenadas para verem a luz pública, aguardando sómente a gratidão e generosidade de uma assembléa provincial, bastante illustrada e patriotica para render esse derradeiro preito a quem tan-

[1] Acharam seus filhos, entre seus papeis, os seguintes trabalhos, limados e promptos para serem publicados: o quinto volume constante de 19 prelecções, duas sobre as *Obras Posthumas* de A. Gonçalves Dias, duas sobre as *Maximas* do marquez de Maricá, duas sobre as *Obras Oratorias* de Mont'Alverne, cinco sobre as *Obras* de João Francisco Lisboa, seis sobre as do Visconde d'Almeida Garrett, e uma sobre o *Eurico* d'Alexandre Herculano. Pretende seu filho, o sr. Americo Vespucio dos Reis, formar outro volume com os mais notaveis artigos, publicados por seu pae em differentes jornaes e em varias epochas, enfeixando n'elle os versos do mesmo que puder colher.

Nas prelecções de litteratura biblica occupa-se de Job, David, Salomão, Isaias e Jeremias, e nas de litteratura romana tracta, nas quatro primeiras do progresso e decadencia por que passaram a lingua e lettras latinas, desde a fundação de Roma até a quéda do Imperio. Analysa os principaes poetas e oradores do seculo de Augusto, dedicando a Lucrecio uma prelecção, a Virgilio 7, a Horacio 3, a Ovidio 5, a Cicero 6; mas d'estas, duas illegiveis pelos estragos das traças. É de crer que se vivesse mais tempo iria adeante, segundo dava a entender, completando seu curso com a analyse de outros authores e com a da litteratura grega, italiana e hespanhola.

to nos mereceu, e de quem nos honramos, os maranhenses, como uma das nossas glórias [1].

VII

Não procureis nas obras de Francisco Sotero dos Reis as imagens e flores de uma phantasia rica das galas da primavera, nem essas figuras d'eloquencia arrebatadora que inflamma e embriaga os sentidos, e menos ainda os arabescos e filigranas que, sob color de alindarem e opulentarem o estylo, escondem as mais das vezes a pobreza das idéas e falta de conhecimentos no vasio e deslumbramento da fórma.

Ponderae no proposito por que escreveu e para quem escreveu, que descobrireis o merito e virtudes d'ellas. Os horisontes de suas aspirações d'escriptor chegavam apenas ao estreito ádito da sua aula: o mundo para elle acabava ahi, seu público eram os discipulos. N'este empenho não lhe importava a fórma, compunha á medida que lhe acudiam as idéas, como se lhe ellas apre-

[1] A Assembléa provincial, na sessão do anno passado e por indicação do deputado, o sr. Antonio Telles de Berredo, consignou na lei do orçamento a quantia de 500$000 réis para auxiliar a impressão do 5.º tomo do *Curso de Litteratura*, que já está a imprimir-se na typographia do *Paiz*.

Quando não fizesse outros serviços á provincia, bastaria este para recommendar a presente legislatura provincial á gratidão de nossos comprovincianos.

sentavam e como se estivesse a conversar com os seus jovens ouvintes.

Se lhe faltam elegancia, pompa e brilho, sobejam-lhe predicados que em mais de uma parte compensam áquelles. Quem ha que maneje com mais firmeza e mestria a boa linguagem; quem observe com mais rigor os preceitos grammaticaes; quem empregue com mais propriedade e sobriedade os vocabulos, usando d'elles quanto lhe bastam para dar fôrça e clareza a seus pensamentos conceituosos e ás sans doutrinas que preceitua? São estas as excellencias por que realçam os escriptos do douto professor. Sacrificou a popularidade ao aproveitamento dos indoutos—trocou dar agradavel pasto aos leitores frivolos por ensinar os curiosos—os applausos dos salões perfumados e luzidos pelos das escholas modestas e sedentas de saber.

Nas suas *Postillas de Grammatica Geral* ha muito que aprender, muita novidade, regras seguras e exactas de analyse, de construcção, de vernaculidade da nossa lingua. Fixou a boa intelligencia dos complementos; os adjectivos e pronomes são descriminados com muita lucidez. Attentando-se nas regras, que estabelece esta obrinha, ninguem mais vacillará no emprego do infinito pessoal ou impessoal e n'outros pontos egualmente duvidosos. Esmerilha com proficiencia todas as particularidades de construcção, explana difficuldades grammaticaes e idiotismos, e tracta tambem com igual superioridade e clareza da estructura do periodo grammatical e das figuras de construcção.

Condensou n'este brilhante quadro tudo quanto havia de são e melhor espalhado aqui e alli, ajunctou-lhe o que havia com infatigavel disquisição e longa experiencia joeirado na sua perspicaz intelligencia, e veiu offerecer aos estudiosos de ambas as nações, onde se cultiva o idioma portuguez, um guia seguro para com elle caminharem desempeçados pela escabrosa vereda da phrase e do periodo da linguagem pura, e para cujo desbaste tanto contribuiram Camões, Ferreira, Fr. Luiz de Sousa, Vieira, Lucena e Garrett. Não sou eu só que o digo, dizem-n'o todos os que teem lido este incomparavel tractadosinho, pregoam-n'o as edicções que se esgotam, e confirmam-n'o com mais profundo conhecimento de causa os pareceres de alguns abalisados escriptores. Do juizo critico do sr. dr. Trajano Galvão de Carvalho, que põe fecho á primeira edicção d'essa notavel obra; reproduzirei, pois, alguns trechos, que dizem bastante:

«Resumida, diz elle, no volume, porém grande no alcance litterario-scientifico, opulenta dos thesouros de uma erudicção vasta e recondita—bebida em leitura mui d'espaço e variissima, é vasada nos mais puros e elegantes moldes do estilo terço dos Classicos. Tal é o livro, marcado com o cunho do vigoroso talento do sr. Francisco Sotero dos Reis.....»

.....

«E com effeito, quando passamos d'aquelle estilo pesado, confuso e embryonario do professor de Coimbra (Jeronymo Soares Barbosa) para leitura das amenas paginas amimadas pelos toques magistraes do estilo cheio,

firme e egual do eximio escriptor maranhense, quando d'aquelle cahos grammatical passamos para este primor de ordem, methodo e perspicuidade, parece-nos que subimos de um labyrintho subterraneo e tenebroso para a orvalhada e frescura de uma manhan rica de fragrancias e esplendores.»

.....

«Não concorre pouco para tornar amenas e perspicuas as questões grammaticaes—de si tão aridas e rebarbativas—a esplendida exemplificação, constando dos melhores trechos ou lances dos mais eminentes d'entre os escriptores mais puritanos, com que o sr. Sotero tanto enriqueceu e authorisou o seu trabalho. Assim no meio d'aquelle concerto olympico e divinal, em que os sons guerreiros da tuba epica de Camões se confundem com as arrojadas harmonias da lyra sonorosa de Filinto, e com as graves e religiosas notas do psalterio biblico de Sousa Caldas, os preceitos e regras grammaticaes vão-se incutindo e encarnando suavemente no animo, e bracejam, sem custo nem demora, fundas raizes na memoria dos que aprendem.»

.....

«..... o valor do serviço prestado pelo sr. Sotero á lingua portugueza sobe de ponto, e as suas modestas *Postillas* tomam as proporções de um livro verdadeiramente novo, precioso, e de alcance practico incalculavel,—pois parecem destinadas a operar a regeneração d'ella.....

«Á mingua de um bom tractado de construcção portu-

gueza é que a lingua franceza—admiravel instrumento aliás vehiculo da moderna civilisação, á qual devemos, a outros respeitos, impagaveis serviços,—foi lavrando e embebendo-se, como nodoá de oleo cheiroso em em tella setinada, no nosso formoso idioma, que mais e mais se barbarisa e abastarda.»

.....

«O sr. Sotero, pois, conclue elle, com a publicação das suas *Postillas*, fez um relevantissimo serviço ás lettras patrias, á instrucção pública, e, especialmente, aos amantes estudiosos da lingua vernacula, que possuem agora uma bussola, com que se guiem na leitura tantas vezes aparcellada e naufragosa dos classicos.» (Pag. 10 *in fine* da 1.ª edicção das *Postillas.)*

Na *Grammatica Portugueza* esforçou-se o author por adaptal-a ás intelligencias pouco adextradas da segunda infancia, e temol-o para nós que o conseguiu em parte. Não entra nas questões philosophicas e de philologia abstracta, adstringindo-se, pelo contrário, ás regras essenciaes e á doutrinação commum de uma boa grammatica, compendia-as e as preceitua com perspicuidade e de modo a esclarecer de sobejo os leitores para quem dedica este trabalho. Preencheu o seu louvavel fito, se bem que, como diz o sr. visconde de Castilho: «pontos ha, tenues sim, mas ha-os, em que as minhas theorias sobre a linguagem algum tanto discrepam das d'elle». *(Folha dos Curiosos,* n.º 12—março de 1869.)

Na segunda edicção, ha pouco publicada, desapparecem alguns d'esses *pontos*. As nossas escholas d'instruc-

ção primaria possuem agora o seu codigo, e com elle poder-se-ha estudar sem custo a arte de escrever com graça e correcção, e entregar-se a gente á leitura dos classicos portuguezes da edade de ouro da lingua.

Na versão dos *Commentarios* sem se apartar da fidelidade, reproduzindo as imagens e valentia do estylo do grande escriptor latino, acha-se alli o portuguez oiro de lei no mais elevado quilate. Quem se quizer convencer d'este asserto, tem ao lado da traducção o original para collacional-os, e conhecer a verdade de minha succinta apreciação, se não a podesse reforçar com um testemunho, como o do ex.^{mo} sr. conselheiro Viale que todos respeitamos, pelo muito que vale e sabe, e ainda mais por que não baratea louvores a quem não lh'os merece:

«Darei junctamente conta da impressão que me ficou de tal leitura, em que empreguei agradavelmente algumas horas successivas. A versão portugueza dos *Commentarios de Cesar* a que me estou referindo, parece-me dever ser contada no numero das mais fieis e melhores traducções de classicos latinos de que tenho conhecimento. Igual fidelidade, releva dizel-o, seria quasi impossivel, se se tratasse de verter um poeta grego ou latino, ainda que a traducção fosse em prosa; e seria *absolutamente* impossivel, se a traducção houvesse de ser feita em verso, embora não rimado, è se o traductor aspirasse a ser lido não só com indulgencia, mas tambem com agrado. Com effeito, por nimiamente litteraes, são frouxas, deslavadas, ensossas, a versão das *Georgicas* por Leonel da Costa, e a da *Eneida* por Barreto Feio. Quem por mero

gosto as lerá nem ainda uma só vez? Outro tanto não póde dizer-se das boas traducções poeticas, mais livres ou paraphrasticas, taes como, por exemplo, a das poesias de Ossian por Cesarotti, a de Homero por Pope, as de Anacreonte, Moscho, Ovidio e Virgilio, pelo principe dos poetas portuguezes contemporaneos, o Visconde de Castilho? São lidas e relidas sempre com prazer.»

«Voltando ao ponto: Sotero tinha restricta obrigação de ser fiel: quiz sel-o, e conseguiu-o perfeitamente. Sem cahir no vicioso extremo de trasladar palavra por palavra, bem póde chamar-se *fidus interpres* no genuino sentido horaciano. O estylo da versão corresponde precisamente ao original latino; nem magnifico nem redundante; nem baixo e trivial, senão singelo, natural, sobrio, corrente, ou como hoje é costume dizer-se, *fluente*. Pelo que diz respeito á dicção, será difficil poder exprobrar ao traductor o delicto de lesa-vernaculidade. Se o accusarem de alguns descuidos n'este particular, leves serão elles, por certo, e merecerão aquella venia que todos os cultores das lettras, sendo escriptores, estão expostos a dever implorar para si, e são obrigados a conceder aos outros.»

«Emquanto ás demais obras de Sotero dos Reis, já sobre ellas expuz verbalmente a V. Ex.ª a minha humilde opinião. Com effeito, o *Curso de Litteratura Portugueza e Brasileira* é um perduravel monumento de erudição e de critica litteraria. *As Postillas de Grammatica Geral* são uma obrinha preciosa para as aulas primarias e para as secundarias. O assumpto não exigia rigorosamente o *bello*, o *aureo:* o auctor poz principalmente a mira (como

devia) no *util;* mas nem por isso se tornou enfadonho; amenizou quanto poude a aridez da matéria. Entre o talento de *ouro,* e o talento de *chumbo* de que falla o propheta Zaccharias, que differenças não ha!»

. . . . . .

Pateo das Vaccas, 4 de dezembro de 1872.

ANTONIO JOSÉ VIALE.

De todas as obras, porém, do eximio latinista e philologo, a de mais tomo, a que remata e engrandece a herança do mestre de nós todos — é sem contestação alguma o seu *Curso de Litteratura Portugueza e Brasileira.*

A todas as boas qualidades por que se distinguem os seus escriptos, reune elle n'este critica judiciosa, apurado gôsto litterario e muito e variado ensinamento e erudicção.

Nas primeiras sete licções em que se occupa da origem, formação, progressos, aperfeiçoamento, explendor, e depois decadencia e renascimento da lingua e da litteratura ha muito que aprender, muito que admirar, e valem por si sós um bom tractado a respeito do assumpto, se a analyse detida dos poetas e prosadores, se a boa escolha dos trechos dos mais afamados escriptores não fizessem d'esta obra, além de um *Curso de Litteratura,* uma como *Selecta* para uso da mocidade.

Com que crítica e apurado gôsto entra pelas obras de Bernardim Ribeiro, de Sá de Miranda, de Fr. Luiz de Sousa, do padre Antonio Vieira, de Garção, de Filinto, de Sousa Caldas e de todos os bons engenhos de ambas as nações?

Além dos muitos predicados que deixo de ennumerar e que por si sós recommendam á posteridade a memória de Francisco Sotero dos Reis, cabe-lhe tambem a glória de ter sido o primeiro que tractou de um modo completo e largo assumpto tão vasto quanto difficil. Tenho que servirá de padrão a quem para o futuro quizer escrever a história litteraria dos dois paizes. O solo está agora explorado e a estrada aberta: outros mais felizes e com menos annos procurem desbraval-o e aplanar, alinhando e aformoseando ao mesmo tempo o que já está feito.

Áquelles que o arguirem de ter andado muito terra á terra no seu *Curso de Litteratura,* e notarem-lhe as frequentes repettições, responderei que seu maior empenho n'esta obra foi o ensino da mocidade, e por isso, entendia que importava ferir bem e mais de uma vez os pontos que queria gravados na memória dos alumnos. Não escreveu, por tanto, obra para deleite senão para ensinamento e proveito dos estudiosos.

O sr. Innocencio Francisco da Silva, embora os bem cabidos reparos que faz no tomo 9.º do seu *Diccionario Bibliographico* (Pag. 382), dá a obra como de *reconhecida importancia, e recommendavel igualmente* a brasileiros e portuguezes, e para isso appresenta um elencho das materias contidas nos quatro tomos já publicados.

Outro juizo de escriptor não menos respeitavel, é o do sr. dr. Lafayette Rodrigues Pereira, que em uma serie d'artigos publicados no *Diario do Povo* (n.os 164 e 166), vem abonar a obra de Francisco Sotero dos Reis, e d'elles dou estes trechos:

«O *Curso de Litteratura Portugueza e Brasileira* do sr. Sotero é um commettimento litterario de proporções ousadas, vasto em seus designios.....

.....

«Pois bem, se é licito prejulgar da execução da obra pelas desesete licções publicadas, não ha que recear d'excepções: o sr. Sotero não se mostra inferior ao trabalho emprehendido, seus hombros, para usar de uma phrase do elegante habitador dos Sabinos, são bastante robustos para aguentar o peso do fardo.»

«A critica litteraria do professor maranhense é larga e profunda á maneira dos grandes mestres. O methodo e os processos, que emprega, lembram por vezes os modelos de Villemain. O sr. Sotero pertence á nova eschola: comprehende a critica como uma arte nobre e elevada, que vive da inspiração divina.»

.....

«O distincto professor maranhense applicando ao seu ensino, repito, o methodo de Villemain, funda entre nós a verdadeira crítica litteraria e preenche uma lacuna de ha muito sentida. As lettras de ambos os paizes estavam ainda á espera de seu historiador. Abundam em Portugal, é verdade, artigos parciaes, alguns ensaios escriptos com talento superior e com perfeito conhecimento do assumpto, temos mesmo um resume insigne — *A Historia da lingua e poesia portuguezas* — de Almeida Garrett, obra de genio, traçada com aquella mestria, vigor de toques, profundidade de juizo e perspicuidade de estylo que sellavam tudo quanto sahia da assombrosa penna do

auctor do *Fr. Luiz de Sousa*. Mas faltava-nos um estudo methodico, de longo folego, completo, desenvolvido, que, tomando a litteratura portugueza em seu berço, a acompanhasse em todas as vicissitudes, e guardando a filiação logica e historica de todas as epochas, marcasse-lhes todas as variações.»

«Ao sr. Sotero estava reservada a honra de emprehender este arriscado trabalho; a elle caberá, nós o esperamos, o glória de condignamente leval-o ao cabo.....

.....

«Depois de ter delineado em elegantes quadros a historia da lingua portugueza, entra o eximio professor na materia propriamente dita do *Curso*.»

«As licções publicadas (1866) abrangem o periodo que se estende dos fins do seculo XIII aos começos do seculo XVI. Os poetas e prosadores, em cujas composições se resume esta epocha de trabalho lento e fecundo, são analysados e aquilatados com summo criterio e com aquelle fino gosto, proprio dos espiritos formados na contemplação dos grandes modelos antigos e modernos.»

«Agradou-nos singularmente o estudo da vida e autos de Gil Vicente. Desenhou o sr. Sotero com extrema delicadeza a physionomia litteraria — tão mobil e curiosa — do chistoso poeta da côrte de D. João III.»

«Foram apanhados com fidelidade os raros dotes do genio profundamente sympathico de B. Ribeiro, o poeta sem ventura.»

«Sá de Miranda, o philosopho que dava bons conselhos

em maus versos, é reduzido a seu justo valor.....

.....

«Quizeramos acompanhar o sr. Sotero no desenvolvimento d'esta parte de seus interessantissimos estudos; mas .....

é melhor que o leitor percorra com os seus proprios olhos as bellas paginas, em que, com a luz serena e calma de uma razão superior o abalisado mestre illumina o assumpto por todos os aspectos e em todas as sinuosidades[1].»

Ao que vae dicto, ajunctarei as opiniões de juizes não menos competentes, que imparciaes. É o sr. Joaquim Alves de Sousa, homem de muito saber, professor de Coimbra e com justos e merecidos fóros de entendido na materia quem agora falla:

«Eu principiei a conhecer e a estimar o sr. Sotero dos Reis, cujo fallecimento ignorava e sinceramente deploro, como uma grave perda para as lettras portuguezas e brasileiras; a conhecel-o, digo, e a estimal-o, desde a primeira vez que li a analyse magistral, pelo mesmo feita, da excellente traducção de Virgilio do seu chorado patricio, Manuel Odorico Mendes; a qual é, tambem, no meu humilde entender — a melhor de quantas traducções do mavioso poeta latino possuimos em lingua portugueza. N'essa analyse, profunda, conscienciosa, já o sr. Sotero dos Reis ostentava grande cabedal de conhecimentos, especialmente nas duas linguas, latina e portugueza; juizo esclarecido e seguro, gosto sempre delicado. A analyse era,

[1] Vej. no appendice a nota C já citada na pag. 165.

sob todos os respeitos, digna da obra sobre que versava.»

«Li depois as *Postillas;* não tudo absolutamente, nem com o acento e pausa que tanto desejava; mas o principal, aos poucos, e segundo o permittiam minhas occupações e saude bastante attenuada: e firmei-me, ainda mais, na opinião em que já estava da erudicção, do discernimento e do fino tacto do author.»

«As *Postillas* são livro de proveitosa leitura, não só para discipulos, mas ainda para mestres. Não poucos d'estes apprenderão alli cousas que ignoravam, muitos outros ficarão intendendo mais a fundo as que já sabiam, e todos gostarão de achar alli explicadas com a devida clareza e crítica judiciosa, sobre trechos extensos e numerosos, escolhidos dos melhores escriptores, nos diversos periodos por que tem passado a lingua, muitas miudezas de grammatica, assás importantes para o conhecimento reflectido do patrio idioma, e para a analyse completa das obras escriptas n'elle; miudezas que, se não faltam de todo, vêem só muito rapidamente tocadas n'outras grammaticas portuguezas.»

«E se alguem, olhando para o titulo da obra, pensar que alli se tractam pontos meramente grammaticaes, engana-se: o author fez mais e melhor. Nos diversos trechos que reproduziu e analysou grammaticalmente, não se esqueceu de notar tambem suas bellezas; ou algum defeito, quando lá escapasse. Em presença d'esses trechos mostra as modificações que o idioma portuguez, desde os tempos mais remotos até os nossos dias, tem

soffrido em palavras, phrases, construcção, orthographia e pronúncia; e em especial, nota a influencia, a certos respeitos nociva, que a leitura dos livros francezes tem exercido na lingua portugueza. De quando em quando intromette juizos criticos, breves e frizantes, sobre alguns de nossos melhores escriptores, prosadores e poetas, etc. De maneira que o livro póde ser de muita vantagem não só para o grammatico, mas para o philologo e litterato; em summa para quem quizer obter um conhecimento rasoado da lingua portugueza, e habilitar-se para escrever n'ella com correcção e primor.»

«Muito sympathiso tambem com o modo de dizer do judicioso author. Apraz-me sobre maneira aquella perspicuidade, concisão e fluidez, aquella naturalidade, elegancia e numero com que tece os seus escriptos. Bem se vê que é um digno companheiro do illustre Odorico Mendes, e ambos discipulos da nobre eschola, a que pertenceram Camões, Garrett, Garção, Filinto, Caldas e outros escriptores insignes e de apurado gosto; inimigos d'esse dizer *turgido estapafurdico* (segundo lhe chamava Garrett) ou *piegas, palavroso* e *chôcho,* com que, ainda hoje, não poucos nos quebram os ouvidos e a paciencia.»

«O *Curso de litteratura* já o abri. espero lêl-o na primeira occasião que me deixarem minhas occupações e saude. Da sua leitura estou certo que hei de tirar, alem de muita instrucção, muito prazer; tanto, senão mais, do que tirei da leitura das *Postillas.*»

O illustre professor de rhetorica e poetica do lyceu de Coimbra, o sr. Antonio Cardoso Borges de Figueiredo,

bom conhecedor da lingua e da litteratura portugueza assim se expressa:

«Quando em 1858 li o juizo critico de Francisco Sotero dos Reis sobre a *Traducção da Eneida,* affigurou-se-me ver n'aquelle breve escripto o dedo d'um philologo gigante, de mim ainda desconhecido, por outros porém já então assás louvado. Não me enganou a impressão que logo senti. Porque tendo agora, pela liberalidade d'um generoso amigo, a fortuna de possuir, d'entre os escriptos d'aquelle distincto professor maranhense (já hoje fallecido), o seu *Curso de litteratura portugueza e brasileira,* assim como as suas *Postillas de grammatica geral,* ao ler, postoque *oculo properante,* aquellas obras, alli se me deparou o brilhante vulto d'um escriptor insigne em humanidades.»

«Sem fallar agora da sã doutrina das *Postillas,* em que elle com tanta perspicuidade offerece os principios de grammatica geral, applicando-os á analyse das composições de uma e outra lingua; limito o meu sentir ao que me occorre sobre o *Curso de litteratura,* tocando-o só em geral e concisamente; porque mais me não permittem o meu estado valetudinario e o peso de oitenta e um annos já incetados. Bem traçado e primorosamente executado me parece o plano que o auctor concebêra. É de observar a exacção bastante com que elle discorre sobre a origem da lingua e litteratura portugueza, percorrendo todos os periodos e vicissitudes desde a infancia d'ella até a sua phase hodierna; expóndo e apreciando as causas do progresso, esplendor, decadencia e regeneração

d'aquella litteratura; e indicando já o que tem que dizer ácerca da filha d'ella, a brasileira.»

«Notavel é tambem o fino tacto com que o auctor avalia o merito dos principaes poetas e prosadores d'ambas as litteraturas, sem omittir, antes desinvolvendo muito abundantemente, o que respeita á biographia de cada um dos escriptores que cita.»

«E pelo que toca á fórma quem não vê a riqueza e copia da sua expressão? Por toda a parte a sua phrase se ostenta corrente, casta, agradavel e singela; como de quem sabe que este é o estylo mais accommodado aos discursos didacticos. Quando porém ou a exposição de certos factos historicos ou a apreciação do merecimento dos melhores escriptores demandam elevação de estylo, elle o exalça então com o explendor devido. Assim varía elle magistralmente a dicção segundo a natureza e qualidade dos objectos conforme os characteres dos individuos.»

«Que não possa eu, pelas indicadas circumstancias, comprovar analyticamente o que deixo tocado! Ingrata sorte que me nega esse gôsto!... Aquelles escriptos porém não carecem da minha recommendação, ainda que ella podesse ter algum pêso. Com mais sentida perda da republica litteraria, já não existe a pessoa do eximio escriptor; vive porém e viverá seu nome illustre na memoria da posteridade.»

Estes juizos tão competentes quão authorisados honram assaz os trabalhos do illustre escriptor maranhense, e enchem de orgulho e prazer seus admiradores e disci-

pulos. Vêem tambem pôr meus comprovincianos na obrigação de mostrarem-se gratos a quem contribuiu para a reputação de sua terra natal; por isso seus conterraneos erigiram no primeiro momento de impulso de saudade uma singela lapide sobre sua sepultura para assignalar o logar aonde repousam as cinzas de tão benemerito varão; mas nem por isso deixa de ficar em aberto a divida que contrahimos com uma de nossas glórias [1].

1 Tracta com admiravel esforço de desobrigar-se o Maranhão d'essa divida, e isto por lembrança do sr. Themistocles da Silva Maciel Aranha, redactor do *Paiz,* e sob proposta do sr. dr. Felgueiras, que em uma sessão da assembléa provincial, que aventou a idéa de remover-se o Pelourinho do Largo do Carmo, collocando ahi um monumento á memória de F. Sotero dos Reis. Desde então metteram hombros a esta sancta e boa empreza os referidos cidadãos e o sr. Raymundo José Pereira de Castro; e é de crer que não tardará muito que se veja erguido este segundo testemunho do apreço que sabem dar os maranhenses a seus vultos mais conspicuos, attentos, principalmente o ardor e enthusiasmo com que o sr. Themistocles emprehende qualquer commettimento por difficil que seja, comtantoque d'elle advenha lustre e nome á nossa commum provincia, como tenho d'isso documento irrefragavel no modo por que tem desempenhado a commissão das obras da erecção do monumento ao poeta Gonçalves Dias de que o encarreguei.

IV

JOSÉ CANDIDO DE MORAES E SILVA

(O PHAROL)

AO SENHOR

THEMISTOCLES DA SILVA MACIEL ARANHA

Bras, tête, cœur, tout était peuple en lui.
.....
.....
L'ambition n'éffleurait point sa vie.

(*Chansons* de Béranger, tom. II, pag. 199.)

I

Seguir com vista prescrutadora a genesis de um povo na sua phase embryonaria e nas successivas transformações por que passa até chegar ao aperfeiçoamento e virilidade — é deleite e estudo convidativos. No começo da sua existencia tudo são dúvidas, incertezas e receios de mistura com temeridades inconscientes, repentinas, sofregas e pasmosas. N'esse progredir incessante das parcellas da humanidade, appellidadas nações; n'esse conquistar incessante; n'essa elaboração e movimento activo, não ha innovações, não ha as mais das vezes systemas nem seitas que triumphem, senão fecundados e cimentados pelo sangue de seus iniciadores e apostolos.

Todo progresso tem o seu Gehenna. Vêde-me a doutrina sancta de paz e de fraternidade evangelisada pelo

proprio Homem-Deus e expiada nas gemonias do Golgotha! Descei d'essa radiosa glorificação, perfumada pela justiça absoluta e pela charidade sem limites, para essas reformas plagiadas do verbo divino, para as doutrinas philosophicas, inspiradas nas paginas sagradas, que as não achareis radicadas e reverdecentes se não foram selladas pelo martyrio e regadas pelas lagrimas dos seus propagadores.

É lei providencial e necessaria: os obstaculos fazem engrossar os mananciaes, e as correntes das idéas novas uma vez caudaes precipitam-se, e no seu curso violento arrastam aquelle que ousou romper o dique da immobilidade para lhes dar sahida.

Os passos mal seguros e titubantes de um povo que se regenera tem tambem isso de fatal comsigo. O povo na sua infancia, como a criança que por isso que é fraca e ignorante, compraz-se em tudo que é extranho e perigoso, afronta com o desconhecido e atreve-se a tentamens impossiveis. Acompanhae-o nos delineamentos primitivos de suas instituições: — indecisos, fugidios e incertos, só tomam vulto e consistencia, bracejam e firmam-se no solo á custa de muito lidar, de muita dedicação e fadiga ás vezes infructiferas, de muito esboço incompleto, de muito plano mal succedido ou desprezado, de muito patriotismo ignorado e mal comprehendido.

É assim que se formam, robustecem-se e opulentam-se as nações. Chegadas ao maior fastigio de sua grandeza e poderio desconhecem os que conspiraram para sua prosperidade, deixando jazer no limbo do esquecimento os sa-

crificios, as luctas, a abnegação d'esses que se exposeram sem outro fito senão o amor da patria.

Não foi o Brasil isento de pagar tributo a esse periodo genesico, e bem que soffreu então de desfallecimentos e convulsões, ainda que parciaes e ligeiros, antes que o systema representativo fosse comprehendido e executado em todas as suas partes por authoridades e subordinados!

Nos paroxismos do antigo regimen politico, que battia em retirada, vencido e extincto pela luz redemptora da liberdade, não lhe cedeu elle de todo o campo sem que reagisse e lhe estorvasse os passos. As idéas liberaes invadiam com aquelle vigor e precipitação que não admitte demóra nem plano, e no seu empenho de demolir os edificios carunchosos do despotismo, não tiveram os agitadores methodo nem persistencia no seu trabalho. O camartello do progresso e da civilisação feriu tudo, e ao mesmo tempo, para deixar este de pé, aquelle meio alluido, e inteiros os alicerces de muitos.

N'essa peleja irregular do que começava com o que acabava, ganhavam apparentemente estes: as violencias dos que se não podiam accommodar com a nova ordem venceram um dia e manifestaram-se furiosas contra aquelles que, confiados na liberdade e fanatisados pela independencia do Brasil, occupavam-se em aniquilar e estirpar o absolutismo do nosso solo: foram essas as victimas expiatorias da nova doutrina.

É bem de ver que foi laborioso, incerto e não sem tropeços o tirocinio da liberdade no nosso paiz, e isto sobretudo n'algumas das provincias do norte do imperio

que não gozaram, nos annos mais proximos ao da acclamação da nossa independencia, dos direitos garantidos pelo pacto fundamental. Fosse que o governo se arreceiasse das agitações que começaram de surgir empoz o livramento do jugo da metropole, ou reminiscencias do regimen colonial, o certo é que a maioria dos presidentes foi escolhida da classe militar: — era uma continuação dos tenentes-generaes das antigas capitanías, nem mais nem menos. Consistiam para elles a liberdade e as leis no severo regulamento do conde de Lippe. Affeitos á disciplina, obedeciam ás ordens dos superiores, e exigiam de seus subordinados cega observancia ás que d'elles emanavam por seu turno, e assim não soffriam contrariedades ou ainda reflexões: para taes authoridades eram — a provincia a seu cargo um vasto aquartelamento, e os habitantes soldados bisonhos. Esteve o Maranhão debaixo d'esta dictadura até que em 1829 veiu acabar com ella o ex.mo sr. desembargador Candido José d'Araujo Vianna (hoje marquez de Sapucahy) que, tomando as redeas do governo a 14 de janeiro, data para nós memoravel, porque foi quando se nos desannuviou o sol vivificador da liberdade, inaugurou-se o regimen constitucional em toda a sua plenitude, e restabeleceu-se o imperio da lei.

Se outros favores não devessem os maranhenses á moderada e prudente gerencia de tão illustrado e honesto presidente, só isso bastava para recommendal-o ao nosso reconhecimento e estima, e tornal-o benemerito para todos os que sabem presar a liberdade com a ordem.

II

Tempos de boa fé e de candura politica foram esses! Na innocencia e ainda com as crenças puras e vivas era para os bons cidadãos a patria o primeiro dogma de sua fé; porque tambem ainda essa palavra sagrada, e que sôa tão doce, não tinha um sentido vão—não era uma senha de convenção só propria para illudir os ingenuos quando se apropinquam as luctas eleitoraes, mas um sentimento sublimo e natural, que se acariciava e desvelava com amor, com todas as illusões, com todos os affectos e estremecimentos das almas puras e devotas de nossos paes; e essa religião tinha suas aras, seus sacrificios, seus sacerdotes e seus martyres. As theorias e doutrinas de João Jacques Rousseau, de Mably, de Benjamin Constant e de outros publicistas então em voga, não eram, para os lidos ficções engenhosas que perdem de merecimento na práctica. A história da Grecia e de Roma antiga eram os catechismos supplementares áquelles e não poucos reconstruiam de pura imaginação as sociedades preteritas, o Forum e o Monte Aventino, Athenas e o Agora, e prefiguravam os Catões e os Demosthenes, preludiando os feitos de seus originaes e presumindo-se actores n'elles.

D'esta ebullição e encontro de idéas originaram-se no paiz conflictos mais ou menos graves, já do espirito aventuroso e ignorante das massas, já de zelos e melindres nacionaes levados á exageração; se bem que motivados pela ingerencia audaciosa de imprudentes estrangeiros

que se não queriam resignar á idéa de hospedes em terra que ha pouco lhes era sujeita, e por isso conspiravam contra a independencia do Brasil em seus conventiculos e em conversas, e mais de um em jornaes, onde sem rebuço proclamavam seus intentos e desejos de verem um dia restaurada á sua metropole a colonia rebelde!

Quando no Rio de Janeiro, em Minas-Geraes, em San' Paulo, centros e baluartes da nossa recente nacionalidade, erguiam-se vigorosos a impedir tão ousadas demasias *A Aurora Fluminense, A Astréa, O Pharol Paulistano,* não se acharam só em campo os Evaristos da Veiga, os Costa Carvalhos, os Vergueiros, os Feijós e Odoricos Mendes; que a seus brados patrioticos responderam-lhes os echos acordes do *Pharol Maranhense,* d'esse luminar esplendoroso que espancou tambem as trevas com que o velho regimen obscurecia esta porção do sólo livre da livre America, e prégou aos povos a boa nova e os sãos principios da verdadeira doutrina. Não foi só luz para todos, senão tambem escudo para proteger pequenos contra os abusos das authoridades e dos poderosos;—appoio aos fracos;—flagellação aos mal-intencionados, aos partidarios da recolonisação e aos estrangeiros mal-agradecidos. D'ahi não houve nunca jornal que exercesse ascendente mais decidido sobre a população, nem tribuna que attrahisse mais ouvintes, ou grangeasse com a sua immensa popularidade tão freneticos e expontaneos applausos. Podia d'elle dizer-se que ao seu mando a provincia agitava-se, palpitando todos os corações afinados

pelo seu e bradando todas as vozes unisonas; porque o seu pensamento era o de todos que n'elle confiavam!

Redactor e jornal eram uma dualidade indivisivel, resumiam e exprimiam um só individuo. A quem pronunciava — *Pharol* — acudia-lhe logo á mente o nome e a figura sympathica e insinuante de José Candido de Moraes e Silva. E o nome do jornal propagou-se e perpetuou-se na familia, e é isso ainda hoje para nós, geração hodierna, um mytho; e as irmans do ousado liberal são conhecidas até hoje pelas — *Pharoes.*

Mas quem era essa entidade singular, tão querida de nossos avós e paes, e que é hoje em dia para nós como que uma lenda? Levantemos respeitosos a campa que cobre essa sepultura, e sacudâmos cheios de amor o pó d'esse jornal — d'esse representante do verbo fremente do missionario da primeira epocha da nossa organisação politica — e perquiramos de um e outro o que foram, o que representava este, os exemplos que nos legou aquelle, e que beneficios herdaram ambos á nossa sociedade.

III

Ás sete horas da noite de 21 de setembro de 1807 [1], em uma segunda feira, nasceu José Candido de Moraes e Silva no sitio Jussára, do districto hoje do Itapecurú-mirim,

[1] Dizem uns apontamentos que tenho debaixo dos olhos — 1816 o que é menos exacto. No mesmo erro cahiu a *Selecta Nacional.*

e então do Rosario. Assim tambem foram embalados e adormeceram ao som das aguas sussurrantes do tão formoso e opulento manancial da mór parte da riquesa da provincia do Maranhão, outros illustres conterraneos.

Foram seus paes Joaquim Esteves da Silva, natural de Lisboa, pharmaceutico estabelecido e com estudos regulares, e D. Maria Carolina de Moraes Rego, natural do Maranhão e oriunda de uma das mais respeitaveis e numerosas familias d'elle.

A 9 de outubro do mesmo anno recebia o innocente menino as aguas baptismaes das mãos do reverendo padre Leandro Alves Pereira de Abreu, sendo-lhe padrinhos José André de Moraes Rego, seu avô materno, e D. Joanna Pereira de Abreu, mulher d'este e madrasta da mãe de José Candido.

Aos nove annos de edade estavam elle e mais cinco irmãos sós no mundo. Seu pae, que abrira botica na cidade de San'Luiz do Maranhão, para onde se mudára, falleceu repentinamente a 16 de março de 1816 de um ataque apopletico, e sua mãe, joven ainda e amantissima do esposo, não tendo fôrças para resistir aos abalos de tammanha dôr, succumbiu treze dias após aquelle cujas saudades pungiam-n'a com tanta agrura.

As orphãsinhas foram recolhidas por parentes e amigos da familia, e elle no seu desamparo e orphandade encontrou o commendador Antonio José Meirelles, negociante portuguez, que o agasalhou e no seu disvello quasi paternal, fel-o estudar primeiras lettras na cidade de San'Luiz, e reconhecendo sua aptidão e intelligencia man-

dou-o depois para França, para onde partiu a 10 de janeiro de 1818, e frequentou um collegio da cidade do Havre até junho de 1821, estudando as disciplinas necessarias para tornar-se um negociante illustrado. Mostrando, todavia, quéda decidida pelas lettras e muito aproveitamento nos estudos, destinou-o seu protector á carreira medica e n'este proposito seguiu elle em julho para Lisboa e d'ahi em setembro para Coimbra, onde o encontrâmos, pelos livros de matricula da universidade, cursando no anno lectivo de 1821–1822 a aula de grego, sob o numero 12, com o nome de José Candido da Silva, e no seguinte anno, sob o n.º 45, o primeiro de mathematicas, que, como é ainda hoje preceito dos estatutos da universidade de Coimbra, faz parte ali do curso medico.

IV

Com separar-se o Brasil da mãe patria, sacudindo o jugo oppressor, que tolhia-lhe o desenvolvimento, e tornando-se nação livre e independente, alvorataram-se os animos aos brasileiros que frequentavam a universidade de Coimbra e os mais exaltados comprometteram-se de tal maneira, que, para evitarem a prisão que os ameaçava, tiveram de evadir-se d'ali muito ás occultas. Aquelles que não estavam ameaçados pela justiça, tinham todavia demasiado enthusiasmo patriotico e não se deixaram ficar longe do theatro onde se estava representando o drama brilhante da reconstrucção do nosso paiz. Preoc-

cupados unicamente dos destinos da patria, cujas saudades recrudesciam violentas e incessantes com as noticias dos extraordinarios acontecimentos que de dia a dia iam apparecendo no imperio, abandonaram os estudos com risco de cortarem a carreira e se partiram sem demora com os corações a regorgitarem de alegria, e os pensamentos no torrão natal, onde já imaginavam-se mitigando no serviço d'elle o fogo patriotico que os abrasava. Foi um d'elles José Candido, que abandonando a vida escholar, no principio d'ella, quando se lhe antolhava auspiciosa, lá se foi a 15 de julho de 1823 do porto de Lisboa em busca do Maranhão, que era seus cuidados e feitiço.

V

Que de risonhos projectos lhe não illuminaram então a accesa phantasia! que de amplos e infinitos horisontes não descortinava ella n'esse desatinado pensamentear dos vinte e um annos — baixel sem rota nem destino lançado ás incapelladas ondas dos alheios interesses! Bem asinha aguardava-o ahi a realidade para lhe murchar todas essas flores louçans e ephemeras da juventude, dando-lhe a tragar a longos sorvos o envenenado fel da desventura.

Ao entrar a 2 de setembro de 1823 a barra de San' Luiz do Maranhão avistou o pavilhão auri-verde a tremular com galhardia no topo do mastro da nau de lord Cochrane, ancorada havia pouco no nosso porto. A este espectaculo novo e inesperado para elle, sentiu vibrarem-

lhe de júbilo todas as cordas do coração, e nunca jámais teve outra sensação de prazer que se assemelhasse a esta, como elle proprio o confessava. Rebentaram-lhe copiosas e voluntarias as lágrimas, e foram estas as primeiras, e ainda mal que não as unicas, que derramou aquelle insigne patriota pela terra a que votou seus cuidados e a propria vida!

Ao desembarcar soube que seu protector se havia retirado para o Rio de Janeiro por causa de seu pronunciamento contra a proclamação da independencia na provincia, vindo-lhe a elle d'ahi malquerenças, e sendo mal visto dos populares. Por isso julgou prudente uma ausencia temporaria e assim a levou a effeito. Deixando na direcção da sua casa commercial e como administrador d'ella, seu guarda-livros José Gonçalves Teixeira, recommendou-lhe instante e expressamente seu protegido como a filho, e logo que fosse chegado á provincia o applicasse no serviço da escripturação mercantil.

José Gonçalves, porém, como portuguez que acreditava ainda na restauração do dominio da mãe-patria, e sobreposse sectario do rigor para com os subordinados, não via com bons olhos a quem professava idéas de todo o ponto oppostas ás suas, e demais a hombridade e modos francos e rasgados do mancebo destoavam do servilismo e submissão que eram então exigidos pelos patrões e a que submettiam-se, humildes e calados aquelles que principiavam a carreira commercial.

A civilisação, que tudo muda, e destróe muitos preconceitos, já operou felizmente entre nós completa transfor-

mação nos usos e costumes da classe commercial. Ainda não vae, todavia, muito longe que um caixeiro correspondia a um servo da gleba; trabalhava desde o sol nado até as horas mortas da noite, sem exceptuar os dias sanctificados e domingos, e com o afan de quem tem uma tarefa marcada. Se lhes era concedida uma ou outra tarde de domingo para distrahirem-se, ao toque das nove horas da noite deviam estar já recolhidos. Pertenciam-lhes tambem os serviços braçaes que respeitavam ao asseio e arrumação dos armazens e escriptorios. Tão rispido e acanhado regimen não se limitava sómente a isto: estendia-se tambem ao trajo—a gravata e o chapéu eram banidos, e a jaqueta de riscado, principal recommendação do bom caixeiro. Fosse um rapaz apresentar-se pelas ruas de paletot e todo apurado, como vemos hoje em dia, que por mais habilitado, nem uma porta commercial, a não ser de casa ingleza, se lhe abriria; que trazia estampado no vestuario o estygma de extravagante, de esperdiçado, fidalgo e madraço!

A melhor carta de recommendação para ser bem acceito e ter facil ingresso em um escriptorio ou balcão era um todo alambasado e besuntão, trepado em uns tamancos. Boa estampa de caixeiro estava ahi n'essas premicias de um futuro ricasso! Não era tambem muito para estranhar nos patrões taes exigencias quando estavam elles longe de perceber o que havia de obnoxio e estulto n'esses usos e rigores. N'essa lei tinham vivido e enriquecido —tudo quanto os cercava, abonava-lhes tal proceder; quiz o despotismo que por toda a parte isto lhes

dictava: — no lar, nas ruas, para onde quer que descançassem a vista deparavam o escravo com o ferrete do azorrague, do aviltamento, da tyrannia. Quem estava habituado ao servilismo do infeliz africano, que muito era exigir dos mais subordinados estas e quejandas demonstrações de passiva obediencia?! Accrescia a tudo isto para com José Gonçalves Teixeira o odio reservado que tinha aos brasileiros, a quem considerava como rebeldes a seu legitimo soberano. Havia portanto da parte do socio de Meirelles uma vingançasinha a exercer, certo prazer em abater um caracter que se lhe mostrava isempto e nobre e em curval-o ás regras e normas do serviço commercial por elle estabelecidas.

Desprezando o procurador da casa commercial de Meirelles as instantes recommendações d'este, procurou esmagar com todo o peso da severa e restricta disciplina mercantil os brios de José Candido. Não se satisfazendo só com trazel-o sopeado, pol-o tambem a exercer os mais baixos misteres de caixeiro principiante — a varrer o escriptorio, a limpar os moveis, a despejar os vasos!...

Imagine-se agora como se não havia de rebellar aquella natureza altiva e nobre por indole e pela educação tão esmerada e polida, que recebêra nos collegios de França e a que vieram accrescentar-se habitos airados e livres de Coimbra!

Outro que estivesse nas condições de José Candido, embora menos pundonoroso, certo que se revoltaria e reagiria contra tão affrontoso tractamento. Elle no emtanto supportou-o e calou-se, que assim lh'o aconselhava a gra-

tidão — sentimento que n'elle podia mais que os outros: mas a prudencia e a longanimidade têem limites. Comprimiu, pois, dentro em si os impetos de justa indignação que lhe estavam a referver em caixões de furia no peito, reconhecido a quanto devia ao commendador Meirelles. A despeito de poder mais n'elle a gratidão, venceram afinal a systematica rispidez e os continuos desabrimentos de José Gonçalves Teixeira, que chegaram um dia a taes extremos que não pôde o mancebo conter os impulsos proprios da edade e estalou violenta a colera que havia muito soffreava. Empoz calorosas altercações entre ambos e em que José Gonçalves deixára transparecer o espirito de nacionalidade que o dominava, não teve José Candido outro remedio senão retirar-se da casa de Meirelles, e valer-se da hospedagem de seu avô materno, em cuja casa estavam tambem aposentadas suas irmans.

Entenderam os brios de José Candido que estando elle na fôrça da vida, não devia ser pesado a quem os annos pediam completo descanço e tranquillidade de espirito, e n'este designio foi a 15 de dezembro (1823) residir na *Palmeira Torta,* á margem do Itapecurú perto do sitio Jussára, onde nascêra e tinha um pequeno estabelecimento agricola.

VI

A vida placida e retirada de fazendeiro não convinha, nem quadrava á indole de José Candido: estava elle ahi fóra de seu elemento. Via-se em um mundo extranho, e como que segregado da sociedade, que frequentára até pouco, para vir definhar de enfado e tristeza na soledade e no ermo das nossas campinas, condemnado á inactividade e ao embrutecimento da vida rustica! Martyrio maior era sentir em si tanta superabundancia de fôrça a querer expandir-se-lhe nas manifestações da vida febricitante da politica que já o namorava, segredando-lhe o verbo ardente da patria!

Veiu dois annos depois tiral-o d'essa situação tão avessa ao seu temperamento e inclinações o fallecimento do avô (1825). Ficaram as irmans de José Candido sem esse arrimo e gasalhado. Correu elle sem detença em auxilio d'ellas, e em maio de 1826 já se achava residindo com ellas na capital da provincia.

VII

Aos dezenove annos, n'essa edade descuidosa e das alegrias para muitos, já lhe corriam os dias turvos e cheios de preoccupações e cuidados! em vez das distracções proprias da mocidade, via-se a braços com o encargo d'uma numerosa familia. O amor fraternal, virtude

que n'elle tanto resplandecia e tornava-o ainda mais digno da nossa admiração, não tinha limites; tomando a pobreza como accidente transitorio, procurou no trabalho honrado a manutenção d'aquellas que tinha como obrigação proteger e sustentar.

Não o desalentavam as difficuldades da sua triste e precaria posição; que não era de seu ánimo forte o abatter-se ante quaesquer contrariedades! Recorreu, pois, ao primeiro meio que se lhe afigurou mais prompto e facil: abriu na sua propria casa aula de primeiras lettras, e ensinou francez e geographia por casas particulares, e no quartel aos cadetes. Ahi estava em contacto e relacionado com os filhos das principaes familias; sendo então numerosa e importante essa classe, porque a mocidade d'esse tempo gostava de alistar-se na tropa de linha, já por moda e por ter em muita conta a carreira das armas, já por ficar até certo ponto independente do patrio dominio, sem que os mais d'elles, por abastados, tivessem o onus das rondas, sentinellas, e outros serviços pesados, que eram feitos pelos sargentos a quem cediam os soldos.

Estas aulas do quartel, creadas pelos conselhos geraes, dependentes da approvação do corpo legislativo, que lh'a negou, foram depois supprimidas e José Candido privado d'esse recurso. Não o desacoroçoou esse revez da fortuna. Estabeleceu em casa um modesto internato, onde estiveram João e Roberto Bruce, Joaquim e Raymundo Cantanhede, Gustavo da Costa Ferreira, João Juliano de Moraes Rego e outros que figuraram depois na carreira

pública e que já não pertencem aos vivos. Querendo dar a esta instituição mais desenvolvimento e maiores proporções, associou-se a Manuel Pereira da Cunha, seu amigo e antigo collega de Coimbra, e assim fundaram ambos na casa onde se estabelecêra a primeira typographia que houve na provincia, e hoje serve de hospital de charidade, o segundo collegio de instrucção e de educação que contou a nossa provincia[1], e onde ensinava José Candido as linguas portugueza e franceza e geographia, e Manuel Pereira da Cunha arithmetica e geometria.

Que tres sublimes e sanctas instituições cobriram successivamente os tectos d'esse edificio, tão respeitavel e venerando por isso! A imprensa, poderoso instrumento de civilisação e de liberdade; o collegio que allumia os entendimentos rudimentares; o hospital que recolhe os necessitados que enfermam e esmolam o pão e o remedio!

Com os recursos de sua intelligencia, sem servir de gravame á sociedade nem dar molestia a quem quer que fosse, pôde grangear José Candido subsistencia para sua familia e viver sempre com toda a independencia e modesto decoro. A vida tranquilla e regular do professorado foi, porém, cedo perturbada pelas inquietações e effervescencia da politica para onde o impellíra seu destino.

A cadeira de mestre foi substituida pela tribuna da fo-

[1] Foi o primeiro o do italiano de La Rocca. Vej. Biographia de Francisco Sotero dos Reis, pag. 131.

lha periodica que falla ao espirito, que commove, que dirige a multidão, e assim transfigurado o professor em escriptor público, e chefe de partido, em caudilho popular, não pertenceu elle mais a si. Sigamos José Candido de Moraes e Silva n'essas rapidas e breves peripecias da sua carreira pública.

VIII

Com a administração excepcional do tenente-coronel Pedro José da Costa Barros, que em menoscabo das leis e das garantias dos cidadãos, practicou toda a sorte de arbitrios, e que sem o menor decoro de si e do cargo descia a actos degradantes e inconcebiveis, comprehenderam os pacificos habitantes do Maranhão a necessidade indeclinavel d'ingerirem-se nos negocios publicos, e desde então começaram a manifestar tal ou qual opinião. Foram de certo precisos fortes estimulos para os arrancar da apathia e terem veleidades de usar de seus direitos de cidadãos! Os mais exaltados e offendidos íam até a soltar queixas e a censurar em secreto os actos irregulares do presidente, ou quando muito a pregar alta noite pasquins escriptos com lettra disfarçada ou a vulgarisar um soneto ou quadra, repetido de ouvido a ouvido, e n'isto cifrava-se toda a opposição dos nossos timidos avós. Já não foi pouca ousadia a do poeta José Pereira da Silva em recitar do alto da muralha da Rampa do Palacio quando se embarcava Costa Barros, já destituido da governança, aquelle célebre soneto improvisado por esse feliz repen-

tista, e que fez tanta sensação, que é ainda hoje rememorado com enthusiastico espanto por aquelles que tremeram pela sorte do poeta ao ouvil-o vibrar com furia e indignação contra o despota tão vehemente anathema[1].

Póde-se bem aferir quammanho não foi o ousado commettimento de José Candido em publicar um jornal, quando ainda era a Constituição lettra morta, e a vontade dos presidentes — lei suprema. Para abalançar-se a tanto sem temor dos odios e vinganças d'esses irritadiços proconsules, d'esses senhores de baraço e cutello, que gozavam, e por nosso mal, gozam até hoje de immunidades, sem que os altos poderes lhes venham nunca á mão e os responsabilisem, era forçoso mais do que valor e dedicação; cumpria que fosse dominado por esse grande e nobre sentimento do patriotismo que faz com que o homem se esqueça de si e affronte imprudente e intrepido os pe-

[1] Por curiosidade e para conhecimento dos modernos reproduzo aqui esta peça poetica:

Vae-te, monstro cruel, prole do Averno,
Implacavel açoite da virtude,
Profano adorador dò vicio rude,
Dos patrios lares inimigo eterno.

Um Deus Omnipotente, um Deus Superno
O doce riso em lagrimas te mude,
O mar em furia o lenho te desgrude,
Os louros colhas nos jardins do inferno.

Teu cadaver hediondo as ondas levem
Onde negros abutres revoando
A dura fome pressurosos cevem.

Este seja o teu fim, monstro execrando:
Os maranhenses, pelo que te devem,
Taes destinos aos Céos te estão rogando.

rigos, tendo só presente, a patria, a defeza dos direitos e das garantias de seus concidadãos.

Mediu elle intemerato a enormidade e extensão do sacrificio e consagrou-se deveras, sem pensamento algum reservado, á causa pública, entrando na lucta com todo o enthusiasmo, com toda a lealdade e dessassombro de quem tinha a consciencia de que ía practicar uma acção benemerita, grande e louvavel.

IX

Tinha então as redeas do governo o vice-presidente Romualdo Antonio Franco de Sá. Sua gerencia foi branda, conciliadora e regular, como de quem, nascido na provincia e ligado a ella por todos os laços do interesse e do sangue, não deseja ver sua memoria mareada ou o nome que tem de legar aos descendentes execrado por seus conterraneos. Foi portanto essa quadra, postoque breve, um balsamo que acalmou as dores, e guareceu as feridas abertas por seu desmandado predecessor, e ensejo propicio para a estreia de um facto tão estranho e novo, como a publicação de um jornal não official, que ía ser impresso na typographia do governo, unica existente na provincia até 1830.

De algum tempo que José Candido affagava essa idéa até que a final publicou o *Pharol,* esse clarim que fez resoar por toda a provincia e com espantosa alacridade a alvorada da liberdade; sendo cada numero d'elle uma faisca electrica que fazia vibrar de enthusiasmo os cora-

ções da passada geração. Desfraldado esse estandarte das idéas liberaes com bizarria e aos ventos da opinião, vieram alistar-se n'elle a ardente mocidade e os patriotas de todas as edades, a maioria em summa dos brasileiros da provincia, constituindo assim o poderoso partido que se arreava com o nome da propria nacionalidade. ¿E como poderia deixar de assim succeder a quem primeiro levantava com independencia e arreganho a voz em prol da liberdade, dos direitos de seus concidadãos, dos fracos, dos humildes, dos abattidos, dos perseguidos, com fé viva nas instituições que apenas começavam de fundar-se? Esse doutrinador do povo e sentinella vigilante da carta constitucional, cujos escriptos scintillantes de amor da patria tinham o desalinho e os affectos de uma paixão entranhada e despretenciosa, deve de ser relembrado com respeito e saudade pelos maranhenses, e archivado seu jornal como um dos mais gratos padrões das glorias de nossa provincia.

No dia 27 de dezembro de 1827 sahiu o primeiro numero do *Pharol Maranhense,* que tambem foi o primeiro orgam liberal que teve o Maranhão[1].

Eis o seu programma:

[1] Appresento aqui como curiosidade bibliographica o frontespicio d'este jornal.

N.º

(Corôa imperial)

(Logar da venda.) 1$200 por trimestre

FAROL MARANHENSE

Les pays où la domination du souverain est plus absolue, sont ceux où les souverains sont moins puissants.

(FÉNÉLON. — Avent. de Télém. — Liv. VI.)

«Eis-nos a escrever para o publico: conhecemos quão ardua é a tarefa que sobre nós tomámos, comtudo, como amamos sinceramente o nosso paiz, faremos a elle todo o sacrificio possivel, sem importar-nos que sobre nós recáia o rancor d'alguem ou o odio de muitos.....
.....»

Tinha no alto e centro da pagina, por cima do titulo, a corôa imperial e ao lado d'esta a numeração. Era impresso em papel almaço um pouco trigueiro, tendo 29 centimetros de comprimento sobre 20 de largura. Publicava-se ás folhas de 4 paginas e a 2 columnas, e quando affluiam materias sahia com 6 paginas. Era hebdomadario a princípio, sahindo commummente ás quartas feiras da typographia nacional, que depois de 10 de junho de 1828, accrescentou ao nome o de Imparcial.

Desde o n.º 14 (14 de março de 1828) mudou de frontespicio, tendo a numeração ao lado esquerdo e a data á direita, ambas por cima do titulo, sem a corôa e já com est'outra epigraphe:

Toujours dans mes écrits courageux et sincère
Je crains de vous flatter et de vous déplaire
(*Revue Européenne.* — Tom. I.)

Sempre afeito e sincero em meus escriptos,
Só vos temo adular, não desprazer-vos.

Começou desde então a sahir duas vezes por semana, ás terças e sextas feiras, elevando seu preço a 2$400 réis por trimestre.

Do n.º 40 (17 de junho do mesmo anno) para o diante, conservando o mesmo formato e frontespicio, mudou de novo a epigraphe para esta:

De circumloquios nada sei,
O caso conto, como o caso foi:
Na minha phrase, da constante lei,
O ladrão é ladrão, o boi é boi.

Ao lado d'esta vinha transcripto o paragrapho 4.º do artigo 179.º da constituição do imperio.

«Fallaremos com aquella franqueza propria a cidadãos livres, sem medo de expormos com coragem nossas opiniões, e de combattermos quanto em nossas fôrças couber os excessos contra a constituição, a liberdade, a segurança individual, e a propriedade dos cidadãos brasileiros. Apontaremos as infracções da lei e da constituição, commettidas pelos empregados publicos, qualquer que seja o logar que occupem: e bem assim referiremos tudo quanto nos parecer concernente ao bom andamento dos negocios do nosso paiz.....

.....

«Se não conseguirmos o fim que levamos em mira, teremos sempre a satisfação de o haver intentado.»

Nunca desmereceu do conceito que desde logo formou-se d'elle, nem nunca o arredaram d'este programma quaesquer considerações pessoaes ainda de ordem superior, nem perseguições, nem doestos pungentes ou applausos dos colluviões das praças, nem sequer o desvario das idéas conturbadas pelas paixões momentaneas.

Quereis agora apreciar suas theorias de liberdade e as doutrinas que prégava?

No numero 31 do seu jornal (16 de maio de 1828), no artigo que tem por titulo—*Liberdade*—diz: «Uma liberdade illimitada só traz comsigo a anarchia, a desordem e todos os males que podem succeder aos homens em sociedade».

«A liberdade, dirão todos comnosco, é a primeira felicidade da vida, a unica glória da ordem social: não seria a história tão brilhante aos nossos olhos, se não fosse or-

nada com as virtudes dos povos livres; os nomes que com prazer repettem de seculo em seculo as almas generosas — são os d'esses capitães que tanto amaram e pugnaram pela liberdade!!! .....

«Nenhum membro da sociedade póde ser privado da sua liberdade, sem que esta privação seja considerada como um ataque formal aos direitos mais sagrados e mais caros da maioria.» (*Pharol*, n.º 31.)

.....

«A soberania é a eleição voluntaria e unanime do povo. Elle não póde subsistir sem que o seu poder se concentre n'um só corpo.»

«Logo que os homens elegem um soberano, devem prestar-lhe obediencia: o respeito a elle devido cumpre ser um dos mais sagrados para os homens. Se o soberano não fôsse inviolavel, se aos homens ficasse o direito livre de o depor sem que elle se houvesse opposto á felicidade de seus concidadãos, a essa sociedade não caberia outro nome senão o de um ajunctamento de amotinados, cujo fim era a desordem e a anarchia.»

«O soberano pois é obrigado pelas leis divinas e pelo pacto social a ser justo, a conservar a liberdade dos membros da sociedade, a proteger a propriedade do cidadão e a promover quanto em si couber a felicidade d'aquelles que o elegeram soberano.»

.....

«O governo absoluto deve ser abominado de todos os brasileiros: elle é uma fonte perenne de males: os povos vivem sempre debaixo da oppressão dos empregados do

Principe, que jamais póde ser bom, logo que se declara querer dominar só sobre os destinos de seus similhantes.»

.....

«..... não é legitimo o soberano que uzurpa os melhores dos bens do povo: o seu dominio é sustentado pela fôrça, e essa jamais constitue direito.»

«O soberano absoluto e despotico viola o pacto fundamental da sociedade, faz curvar os direitos de seus membros ao seu capricho, e a sua unica vontade constitue a lei, que decide da fortuna, destino e vida do resto da sociedade que elle escravisa.»

.....

«Deve ser considerado como inimigo da felicidade e da conservação da maioria aquelle que quizer oppor-se ou roubar a liberdade politica e individual á sociedade.»

«O absolutismo não é legitimo, é contrário á natureza humana, é consequencia da barbaridade de um mau soberano e da corrupção da maioria, e é finalmente a violação de todos os direitos da humanidade! Amêmos pois a liberdade do fundo da nossa alma; pois que uma liberdade bem entendida torna o homem venturoso, e faz com que elle exercite todas as virtudes de que o dotar a natureza.»

.....

«O governo liberal é o que é verdadeiramente legitimo e conforme ao pacto social, é ao que o homem tem obrigação de se submetter no estado civil, e a nenhum mais se deve sujeitar, sem se degradar o character de homem

e sem se tornar o mais desprezivel e infimo de todos os entes!! A sociedade, que sacode o jugo de um despota, cumpre com a obrigação que lhe é imposta pela natureza, que lhe ordena a conservação do genero humano.»

(*Idem*, n.º 32.)

No numero 34 (29 de maio) tractando do mesmo assumpto, mostra n'estes termos a obrigação que incumbe ao escriptor público de vigiar e censurar os actos irregulares da primeira authoridade.

«O escriptor que injustamente calumnía um empregado, não deve merecer confiança alguma, e mais ainda, deve ser considerado como um inimigo do estado; por isso que pretende destruir o credito e deprimir a honra de um cidadão prestante e util.»

. . . . . .

«Devem-se apontar os erros dos empregados, sem atacar o seu melindre; que é a melhor fórma de os convencer do seu injusto proceder e de os emendar.»

. . . . . .

«Nem se diga que poderemos censurar qualquer acto da primeira authoridade de uma provincia, sem sermos para logo victimas do seu resentimento. Não devemos por isso emmudecer-nos, antes teimar, lembrados de que um dia conseguiremos que sejam fieis observadores das leis e da constituição do imperio.»

«Se um escriptor público não advertisse o empregado do seu mau proceder, se lhe não dissesse todas as verdades que respeitam ao interesse geral, a existencia do

seu escripto seria inutil, e o ferrete da falta de patriotismo seria sem dúvida alguma seu justo castigo! É um dever do escriptor público a censura dos maus empregados publicos: d'ahi depende em grande parte a felicidade da nação.»

O que ha n'estas proposições que destoe dos preceitos estabelecidos pela nossa Constituição? Não são pela ventura os verdadeiros principios da liberdade dentro nos limites do nosso systema representativo? E no emtanto, por querer sustental-os, advieram-lhe d'ahi só males, e desencadearam-se contra elle os odios e vinganças dos que incorreram nas suas justas censuras, ou que se temiam d'elle por merecerem-n'as!

Na imprensa não encontrou adversarios da sua altura e sentimentos. Os redactores da *Minerva* e da *Bandurra*[1], orgams do partido reaccionario, que com a denominação de *corcunda* adoptava e deffendia os velhos preconceitos, as idéas absolutistas, e trazia arregimentados os sectarios do regimen decahido e os portuguezes imprudentes, e pagavam-se de injúrias e calúmnias contra José Candido, já que lhes falleciam argumentos para destruirem os seus. Temiveis e fortes adversarios eram decerto esses, que empregavam armas tão desiguaes. Entretanto, elle, só, arcava peito a peito, em todos os terrenos, discutindo com elles pontos de nacionalidade, sem se temer das celeumas e coleras que ía levantando em campos tão irritadiços e melindrosos.

[1] Eram estes os jornaes que se publicavam então, alem do *Pharol*, cahindo em erro ainda n'este ponto a *Selecta Nacional*.

Folhee-se, porém, a collecção d'esse jornal, que lhe descubrireis muito merito e interesse nos artigos de fundo, nas collaborações, nos extractos de outros jornaes, nas transcripções de alguns trechos de obras uteis, no noticiar o que se passava na côrte do imperio e pelos paizes estrangeiros, esforçando-se em todas estas partes por instruir o povo e desaggraval-o.

X

Não correu o anno de 1828 até seu termo sem que o redactor do *Pharol* entrasse n'essa via dolorosa que conduz o homem forte á glorificação dos grandes sacrificios e dedicações — ao martyrio!

A 28 de fevereiro d'esse anno tinha terminado a pacífica interinidade de Romualdo Franco de Sá, e eram primeiras authoridades da provincia, o marechal Manuel da Costa Pinto,e o conde d'Escaragnolle, aquelle presidente e este commandante das armas d'ella.

Passados poucos mezes de estudada imparcialidade e moderação, deixaram ambos cahir essa mascara para se lançarem com todo o despejo nos braços do partido retrogado ou recolonisador. Não podiam portanto ver com bons olhos o orgam das idéas liberaes, cujo redactor era sobreposse o cheffe do partido, que se appellidava como contraste ao outro — de *Brasileiro*.

Procuraram a princípio contrarestar e impedir a publicação do *Pharol*, tentando para isso fechar a typogra-

phia, e influindo ao mesmo tempo no espirito do dr. Joaquim José Sabino, para que como promotor público, processasse José Candido, e elle com effeito o levou por diversas vezes aos tribunaes por suppostos delictos de abusos de liberdade d'imprensa.

A despeito dos esforços do presidente, que se empenhava com os jurados para que condemnassem o intrepido escriptor, foi este sempre absolvido, sahindo da cadeia ainda mais bemquisto e popular do que havia entrado para ella.

Vendo-se elles assim frustrados nos seus planos, e obcecados pelo desejo de vingança, tiveram a leviandade de publicar, o commandaute das armas — uma proclamação, e o presidente um avulso — *Aos honrados maranhenses* — em fórma de manifesto, concitando os animos contra o redactor do *Pharol*, diffamando-o e condemnando suas doutrinas.

Esses escriptos abstrusos e ridiculos, que vinham datados (12 de junho) e assignados por seus authores, fariam hoje rir até as lagrimas aos modernos governadores das provincias do norte pela simplicidade, desazo e falta de traquejo politico de seus antigos antecessores, que accommettiam o inimigo tão a descoberto! Não atemorisou-se José Candido com as ameaças de quem tinha a fôrça por si e o podia perder sem regresso; nem irritou-se com o regosijo e modos altanados de seus adversarios que o chasqueavam, e promettiam-se fazel-o breve calar-se. Nem por isso mudou elle de tom ou deixou de pugnar pela felicidade e direitos de seus concidadãos, e pelas

leis quebrantadas por aquelles a quem competia observal-as e guardal-as. Essas informes peças officiaes serviram-lhe de pasto á bem cabidas censuras e fina zombaria, detendo-se n'esta analyse nos n.os 40, 41 e 42 do *Pharol*. Referindo-se no primeiro d'esses numeros aos meios empregados para reduzir o *Pharol* ao silencio, diz que «a despeito das caballas, desprezando as invectivas de escriptor que procuram informar-nos, e respeitando as leis e as conveniencias sociaes continuaremos a publicar este jornal em quanto virmos que nossos compatriotas são infelizes; tomâmos sobre nós a honrosa tarefa de deffender os brios nacionaes, o character e segurança individual, uma vez atacados; e sem temermos o poder, accusaremos intrepidamente os delirios, as perseguições e as prevaricações d'este ou d'aquelle empregado, seja qual fôr o grau de superioridade do seu emprego».

(*Pharol*, n.º 40.)

«Quanto a nós, termina elle, esforçar-nos-hemos á medida de nossas fôrças para conseguirmos a felicidade de nossos concidadãos, desprezando as ameaças do poder: encarando-as de frente e com indefferença, iremos, firmados na lei, continuando a nossa marcha emquanto estivermos convencidos que ella é util a nossos concidadãos.»

«Desenganem-se, pois, os *corcundas* de uma vez para sempre que jamais largaremos da penna emquanto os brasileiros bem intencionados nos protegerem .....»

(*Idem.*)

Tanto denodo e tranquillidade de espirito foram exacerbando cada vez mais os animos das duas authoridades. No seu despeito e desejo de vingarem-se de quem desprezava-lhes as ameaças e arrostava suas iras, perderam a calma e soccorreram-se desatinadomente á violencia.

Comparecendo José Candido pelas sete horas da manhan do dia 8 d'agosto (1828) em palacio por intimação do presidente Costa Pinto, este, depois de breve interrogatorio, e sem que lhe servisse d'estorvo as instrucções de 10 de junho de 1822, e em especial o artigo 6.º; pois que o redactor do *Pharol* tinha a seu cargo prover a subsistencia de trez irmans orphans e de uma tia, todas pobres, de quem era o unico arrimo e amparo, mandou-o prezo para o quartel com ordem de se lhe assentar praça no corpo d'artilheria. Ao meio dia já estava consummado este acto violento, tanta pressa se deram os acostados do presidente em executal-o!

Sem se condoer de tanta miseria, antes requintando de perversidade, carregou Costa Pinto a mão, entregando seu adversario á mercê de um commandante, inimigo pessoal de José Candido. Afigurava-se já na mente apaixonada do presidente que á menor transgressão do recruta, ser-lhe-hia infligido o castigo degradante da chibata; assim, porém, não succedeu, que privaram-n'o d'este prazer os privilegios de seus avós que deram direito ao redactor do *Pharol* a ser reconhecido cadete. Não fez tambem serviços militares; porque deu-se poucos dias depois por enfermo, e teve baixa para o hospital regimental, onde encontrou no generoso e compassivo

physico-mór dr. Soares de Sousa (pae do visconde do Uruguay) decidida e firme protecção. Deveu-lhe José Candido não só a fineza de recebel-o como doente, senão tambem a de fazel-o tractar com todas as attenções e resguardos possiveis e durante cinco mezes em que esteve recluso n'esse estabelecimento, apartado de sua desvalida familia, e ahi ficou até que obteve do successor de Costa Pinto baixa de praça do exercito.

Não lhe faltaram por essa occasião conselhos amigaveis e offerecimentos francos e instantes, para que se passasse á Europa. Recursos pecuniarios, meios de segura fuga, recommendações valiosas, tudo pozeram á disposição de José Candido; mas o amor da terra natal e da familia poderam mais com elle e o fizeram tudo recusar formal e peremptoriamente.

Não foram só essas as provas de interesse e sympathia que acompanharam o patriota no seu infortunio. Odorico Mendes, seu correligionario e amigo de Coimbra, seu companheiro nas luctas, ahi estava, de volta do Rio de Janeiro, para prestar-lhe relevantes serviços[1].

XI

Não era ainda posta em práctica a constituição em toda a sua plenitude e por todo o territorio brasileiro, parte por falta de sinceridade e boa vontade nos executores, parte

[1] Veja-se atraz na biographia d'este a parte a que se refere este facto.

pela curteza do tempo; que ia em tres annos de sua proclamação, espaço deficiente para que entrassem seus preceitos nos habitos dos povos e seguissem seu curso natural e desimpedido. Aggravava-se no Maranhão este estado transitorio e vacillante com a má escolha dos presidentes, recahindo ella por esse tempo no marechal Manuel da Costa Pinto, que timbrava no arbitrio e vaidade.

Ninguem estava então seguro de sua pessoa; a espionagem devassava o interior das casas, as reuniões algum tanto numerosas eram tidas por ajunctamentos sediciosos, e as queixas e censuras por crimes. De par com estas lástimas serias cresciam as intrigas e malquerenças, suas socias e miinseparaveis.

Era esse o quadro do estado excepcional e degradante em que veiu encontrar o Maranhão o ex.^{mo} sr. desembargador Candido José d'Araujo Vianna (hoje marquez de Sapucahy).

Um de seus primeiros actos ao tomar posse da presidencia a 14 de janeiro de 1829, foi revogar o assentamento de praça de José Candido e restituil-o á liberdade.

Uma vez desapressado o patriota das cadeias que o opprimiram por tantos mezes, tractou logo de fazer reapparecer o seu jornal, que foi toda a sua glória e sua ruina, e com elle havia de um dia amortalhar-se, rememorando-lhe na hora extrema o nome, como esses guerreiros romanos que expiravam sorrindo com o nome da patria nos labios! Novos trabalhos e maiores infortunios lhe estavam todavia reservados.

No começo d'esta nova phase da sua existencia de es-

criptor escoaram-se-lhe os dias serenos e risonhos. Entretinha relações com o presidente, que se mostrava seu amigo e cuja administração ajudava no que podia.

O *Pharol* tornou-se semi-official, publicando os actos do govêrno; e José Candido, entre outros serviços que prestou ao presidente, merece mencionado o de uma subscripção que promoveu para a compra de dois mil volumes com que se enriqueceu a nossa bibliotheca pública, creada a 5 de maio de 1831 por aquelle illustrado administrador.

Paralysada a publicação do *Pharol* no n.º 56, desde aquella violencia practicada contra o redactor, continuou a 23 de janeiro de 1831 para cessar de ser publicado sob a redacção de seu incançavel fundador no dia em que se viu foragido e acossado como um malfeitor.

A revolução de 7 de abril abalou profundamente o imperio, e como é natural, insurgiam-se aqui, alli, sofreadas paixões; que as ondas agitadas se não aquietam de repente e a um tempo, nem o organismo se acalma logo empoz violento choque. Assim, depois de consummado e acceito por toda a parte o facto, começaram de apparecer em um ou outro ponto do imperio tumultos a favor do monarcha decahido, e as rivalidades entre brasileiros e portuguezes foram-se irritando cada vez mais e tomando grande incremento; porque estes encontraram apoio e fôrça nos partidarios do ex-imperador e nos descontentes que os successos politicos por mais populares e applaudidos sempre produzem. Já se não pagavam os corypheus de um e outro partido das discussões calorosas nos jor-

naes, nas reuniões e em toda a parte onde se encontravam. O levedo revolucionario, fermentando com intensidade, rebentava aqui e acolá em motins assustadores, uns populares, outros militares, quando se não congraçavam ambas as classes no mesmo empenho. Na provincia do Pará, comvisinha da do Maranhão e de cujo commercio era tributaria ainda até bem poucos annos a praça d'aquella, amotinou-se a 7 d'agosto de 1831 a fôrça pública, instigada por imprudentes estrangeiros e guiada n'esta facção por José d'Araujo Roso e pelo proprio commandante das armas Bettencourt, e marchou contra o palacio do govêrno, depondo e prendendo o visconde de Goyana, presidente da provincia, e cuja gerencia prudente e legal não dera causa a esta insurreição; mas a sofrega inquietação de um partido que se julgava forte, e ancioso pela restauração, entendeu azado o ensejo para pôr em práctica seu criminoso plano.

Á prisão da primeira authoridade, seguiram-se muitas outras, sendo a mais notavel pelos excessos commettidos da parte dos revoltosos a do vice-presidente, o conego João Baptista de Campos, a quem maltractaram e arrastaram até a cadeia onde ficou incommunicavel. Seguiram-se muitas deportações, e o presidente, posto a bordo do paquete *Campista*, foi obrigado a seguir n'elle viagem para o Rio de Janeiro.

Divulgada esta consternadora notícia entre os habitantes da capital do Maranhão, já de si mui agitados dos acontecimentos da côrte, e receiosos os liberaes da preponderancia que ía tomando o partido a que denominavam — *lu-*

sitano—, facil foi d'essa leve faísca surgir o incendio que ateou-se nos espiritos mais exaltados. Desde pela manhan do dia 12 de setembro que reinava na cidade essa mudez, precursora das graves crises.

Essa paralysação de movimento e silencio fóra do commum, presagiava que a tempestade estava prestes a desabar e de feito ella se não fez esperar. Á noite foi o presidente da provincia avisado com grande surpresa sua que desde as 8 horas preparava-se um movimento revolucionario no proprio quartel do Campo d'Ourique para vir de madrugada intimar-lhe a prompta execução de medidas extraordinarias, que os amotinados julgavam de salvação pública. Concertou então elle com o commandante das armas, Clementino José Lisboa, e com o desembargador ouvidor geral do crime nos meios de debellar o mal, e n'esse proposito os mandou explorar o terreno e providenciar a respeito de tão grave occurrencia. Ás 10 horas voltaram elles a palacio communicando ao presidente que achava-se reunido no quartel muito povo armado e congraçado com os batalhões 20 e 23 de caçadores, com quem tinham tambem feito causa commum os corpos de artilheria e de policia; e que José Candido e os demais cabeças do motim estavam lavrando uma representação para ser trazida pela volta da madrugada á presença do govêrno.

Vendo-se o presidente n'estas tristes e apertadas conjuncturas só e desamparado de toda a fôrça pública, tractou de convocar o conselho geral da provincia, que se reuniu ás duas horas da madrugada, e como até as quatro não apparecesse a annunciada representação, o conse-

lho escolheu de entre os seus membros — Manuel Pereira da Cunha e Joaquim Raymundo Machado, sympathicos aos populares, para irem em commissão saber dos chefes da revolução o motivo d'ella e o que queriam. Voltaram com a resposta de que pela manhan trariam a representação, e em vista d'isto foi suspensa a sessão. Como fosse, porém, chegada pelas nove horas do dia uma commissão dos amotinados, composta de tres cidadãos e de outros tantos militares, com a representação, reuniu-se de novo o conselho para tomar conhecimento d'ella, que em resumo constava das seguintes propostas:

Que fossem expulsos dos postos militares tanto de 1.ª como de 2.ª linha todos os brasileiros adoptivos e portuguezes;

Que fossem suspensos do exercicio das suas funcções o chanceller da relação Francisco de Paula Pereira Duarte, os desembargadores Manuel Ignacio Cavalcanti de Lacerda, João Capristano Rebello, Domingos Nunes Ferreira, Francisco Gonçalves Martins, Joaquim José Sabino, Francisco Carneiro Pinto Vieira de Mello, e o ouvidor da comarca Narciso José de Almeida Guatimozim;

Que fossem expulsos dos empregos civis, de fazenda e justiça todos os brasileiros adoptivos, sem excepção alguma;

Que sahissem da provincia, como inimigos declarados e activos da independencia do Brasil e de suas instituições liberaes os religiosos do convento de Sancto Antonio e João Chrispim Alves de Lima, Joaquim Raymundo Marques, Marcellino José de Azevedo Perdigão, Manuel de Abran-

ches Paes Garcia, e mais os padres José Pinto Teixeira e José Rodrigues de Almeida, os quaes deviam ser immediatamente capturados para dentro de 24 horas despejarem a provincia: que assim tambem sahissem d'ella José Carlos de Mello e Alvim, da freguezia de Itapecurú, Antonio Pinto Ferreira Vianna, da de Itapecurú-mirim, e João Antonio Marques e Fernando Mendes de Almeida, da de Caxias;

Que em qualquer tempo não podesse ser considerada criminosa aquella reunião.

O conselho, depois de ter deliberado, respondeu a similhante intimação, que não cabia em suas attribuições adoptar as medidas reclamadas; mas que para evitar maiores males pedia-lhes não envolvessem na proscripção os magistrados, que eram brasileiros natos, que exceptuassem tambem os que o eram em virtude de eleição popular, sem embargo de nascimento, e marcassem maior prazo áquelles que houvessem de retirar-se da provincia em cumprimento das deliberações tomadas, etc., e que finalmente fossem essas modificações appresentadas aos amotinados por Pereira da Cunha e Machado, membros do conselho.

Ás 11 horas já haviam-se elles tornado de sua missão, declarando que não haviam sido attendidos nem admittida a proposta do conselho, salvo no ponto em que explicava uma das condições da representação. Foi isto tambem confirmado por Frederico Magno de Abranches, relator da commissão dos revoltosos, affirmando mais em tom decidido e energico que o povo e

tropa estavam na firme resolução de sustentar com as armas na mão suas requisições até que fossem completamente satisfeitas. Á vista de tão formal desengano e da attitude ameaçadora dos reclamantes cedeu o presidente, proclamando em seguida ao povo e á tropa e declarando que já tinham sido expedidas terminantes ordens para prompta execução de suas reclamações. «Dentro da cidade, dizia essa peça official, teem ellas já sido em grande parte e em poucas horas effeituadas, e fóra o serão com a maxima brevidade que permittirem as distancias».

«Soldados! Maranhenses! O presidente, em conselho, não póde deixar de louvar-vos a boa ordem, disciplina e moderação com que vos houvestes n'esta crise.....»

E assim foi, graças á indole do povo, e mais do que a ella, á influencia benefica e aos esforços vigilantes de José Candido. Ao vulgarisar-se a notícia de que o govêrno havia annuido ao que d'elle exigiam os insurgentes, um brado geral e unisono de victória e de alegria resoou por todo o Campo de Ourique, vindo logo acompanhado da voz *de ordem, respeito ás authoridades constituidas e á segurança individual e de propriedade,* que soltára José Candido, e que foi repettida com enthusiasmo de bocca em bocca e observada por todos.

No seu empenho de que não manchassem este incruento triumpho os mal intencionados, que sempre os ha n'estas crises, dirigiu José Candido tambem por sua parte uma proclamação aos seus, e n'ella dizia: «Vencemos! O que nos resta? Levar ao cabo tão glorioso feito. Somos livres, somos brasileiros; cumpre sustentar com lustre

estes lisongeiros titulos. É por acções dignas de verdadeiros liberaes que devemos manter sem mancha esta heroica revolução. Ordem, respeito ás authoridades e á segurança individual, tal é a nossa divisa, tal é o que deveis manter, ó bravos; que é esse o meio de conseguirmos os louvores e as bençãos de todos.»

Não satisfazendo-se todavia só com o que aconselhava, ajunctou a isto o exemplo, empenhando-se com toda a dedicação e assiduidade em proteger os vencidos, e fel-o de maneira a entrar n'aquelles espiritos assustadiços a mais completa confiança e tranquillidade, e foi n'esse intento que em toda a noite de 12 e no seguinte dia policiou, ajudado de alguns amigos, a cidade, e onde sabía de disturbio, ou simples altercação, ahi comparecia de repente e restabelecia o socêgo, conciliando e chamando á ordem os que se excediam. D'este geito não houve em todo o decurso d'esse motim popular attentado de qualquer natureza que o viesse ennodoar. Não ha desconhecer que muito o ajudou o alcantarense, José Demetrio de Abreu, commandante do corpo de polícia. Era elle apropriado para similhante cargo: estimavam-n'o e respeitavam pelo zêlo, actividade e honradez com que o desempenhava, e sobretudo pela severa disciplina em que mantinha seus subordinados, que se distinguiam pelo aceio, bom porte e vigilancia.

Sendo em parte cumpridas as exigencias do povo e deportados Doque, Pinto Vianna do Itapecurú-mirim, e os frades de Sancto Antonio, que chegaram só até o Pará e d'ahi regressaram, foi isto bastante para que a maioria

dos insurgentes ficasse satisfeita; mas não assim os que viam longe; que esses descobriram logo tal ou qual burla na execução das medidas acceitas pelo govêrno quando a necessidade e o panico o coagiram a isso.

Assim que, apaziguada a revolta na cidade, reappareceu ella a 18 do mesmo mez na villa de Itapecurú-mirim, queixosos estes insurgentes do presidente da provincia. Fraco era o número e mal organisado o movimento, tantoque logo ao primeiro recontro depoz as armas, evadindo-se seu cheffe, Antonio João Damasceno. Perseguido pelas tropas do govêrno, viu-se elle na extremidade de ajunctar os debandados e sublevar-se de novo, como remedio para evitar a prisão; mas sempre acossado de refúgio em refúgio, foi acabar seus dias no Brejo, ás mãos da fôrça pública a quem se entregára!

Seguindo no emtanto os negocios publicos sua marcha natural, e voltada para o seu leito a corrente revolucionaria, não podia de certo José Candido divisar no horisonte a nuvemzinha negra que havia de um dia transformar-se em tormenta que o colheria em sua quéda! Descançado pois das fadigas, que precederam e acompanharam a revolução de setembro, não quiz demorar por mais tempo o que lhe estava a pedir o coração, e a 15 de outubro (1831) casou com D. Marianna Emilia da Cunha [1], sobrinha do visconde de Alcantara, e em cuja familia tambem veiu depois a enlaçar-se João Francisco Lisboa.

Não deixou José Candido d'este consorcio herdeiro

[1] Foi casada em segundas nupcias com o major Lourenço Lusitano de Castro Belfort, hoje ambos fallecidos.

do seu nome; mas addiu-lhe á herança de jornalista o senr. Themistocles da Silva Maciel Aranha, redactor do *Paiz*, e que no ardor e enthusiasmo com que toma a peito os assumptos que lhe parecem de utilidade geral, na energia com que entra em liça, e na fé que tem no poder da sublime invenção de Guttenberg, mostra assaz que corre-lhe nas veias o sangue que aviventava o redactor do *Pharol*, de quem é sobrinho por sua mãe.

Se os patriotas maranhenses não viam completa a sua obra, accrescia para José Candido á essa illusão desfeita o enfraquecimento das relações com o presidente da provincia, que se foram tornando de dia a dia mais frias até interromperem-se de vez.

Ás queixas e desgostos dos que tomaram parte activa no tumulto e que não viam cumpridas á risca as reclamações que o motivaram, vinham junctar-se as idéas de federação das provincias, que partindo de Pernambuco, tinham-se propagado e eram bem acolhidas no norte do Imperio. O presidente da provincia era sabedor de tudo isso, e estava em dia com quanto se dizia e projectava nos frequentes ajunctamentos populares.

Não lhe desagradava, com tudo isto, o pendor que as cousas íam tomando, antes alimentava e acoroçoava essa effervescencia por meio de seus agentes para um dia poder tomar a desforra e prender nas malhas da rede, que armava, os cabeças do 13 de setembro; pois que não podia perdoar nem esquecer a humilhação por que passára sua authoridade, e os sustos que lhe causou a populaça amotinada.

Em todo partido, por mais bem intencionado, e por mais pacificos e conciliadores que sejam seus intentos e idéas, ha um certo número de adeptos que se inflammam e se exaltam á menor contrariedade, e ás vezes pelo simples effeito de sua indole turbulenta e imaginação fogosa. É a estes a quem se dirigem os especuladores com o fito de irrital-os e desvairar-lhes a razão até romperem em excessos. Foram sobre esses espiritos enfermiços que actuaram os que, com falsas apparencias de patriotico zêlo, tinham-se introduzido no meio d'elles só com o proposito de os precipitarem e depois atraiçoarem. Tanto os incitaram estes, que por último não ouviram os conselhos da persuasão e do bom senso que lhes dava José Candido. As vozes da prudencia são n'estes casos acoimadas de venaes, e começaram de calumniar o cheffe e amigo que os queria desviar do precipicio, mostrando-lhes a imprudencia e inutilidade do novo motim. Os epithetos affrontosos de fraco e vendido ao poder, segredados pelos traidores, já circulavam entre os liberaes e chegavam aos ouvidos do nobre redactor do *Pharol*. Á vista d'isto fraqueou o animo de José Candido e cedeu a contra gôsto ás instancias dos seus, principalmente de Frederico Magno de Abranches, que de uma imaginação exaltada e na sua boa fé arrastou o amigo.

Os espiritos, já estavam dispostos e só faltava o motivo que fizesse levantar a agitação. No dia 13 de novembro foram por ordem do commandante das armas Clementino José Lisboa presos Felix José do Rego Piauhyense, e Manuel Pereira da Silva, officiaes de caçadores 20, que se

haviam assaz compromettido nos tumultos de setembro. Circularam adrede e ao mesmo tempo boatos de que se effeituariam outras prisões em especial nos chefes do partido liberal, por denúncias que tivera o govêrno de uma revolução que se tramava contra o systema monarchico.

A consternação era geral nas fileiras do partido, e desde esse dia que repettiam-se as reuniões e concertavam-se planos, exaltando-se cada vez mais os espiritos até que a 19 de novembro, acirrados pelos traidores que com falsas mostras de amigos e fervorosos partidarios, estavam de mãos dadas com o presidente, a quem advertiam de todos os passos e projectos dos patriotas, dirigiram-se elles com José Candido para os quarteis, a fim de se reunirem á tropa.

Assim que os populares endireitaram para o Campo d'Ourique, foi o presidente logo avisado d'isso e fez partir para alli o corpo de policia, a quem faltava inteira bizarria depois da morte de José Demetrio. Ponçadilha, que o substituíra no commando, não tinha nenhuma das qualidades que tanto distinguiam aquelle e faltava-lhe a fôrça e energia precisas para conter seus subordinados, tanto que, chegados aos quarteis, debandaram e confraternisaram com a tropa de linha. Vendo-se sós o commandante e officiaes, digiriram-se a palacio a dar conhecimento ao presidente d'esse facto, ao que mostrou-se elle bastante contrariado. Offereceu-se-lhe então o tenente Mamede, compromettendo-se a chamar á obediencia os soldados, como de feito o conseguiu, convencendo-os facilmente de seu êrro.

A tropa de linha, porém, abalada dos discursos sediciosos de alguns de seus superiores, principalmente dos do capitão José Joaquim Launé, era pela insurreição, que alem d'isso não encontrava obstaculo de maior em seu commandante, o tenente-coronel Junqueira que não tinha influencia sobre ella e se acovardára em presença da agitação. Valeu n'essa extremidade a coragem serena de Falcão, que com risco imminente da propria vida poz-se á frente dos soldados, oppondo-se abertamente ao movimento, e mostrando-lhes que o dever e a disciplina não consentiam no passo que iam dar.

Quando estava n'este empenho e inclinavam-se já os soldados á obediencia, foi disparada sobre elle e á queima roupa uma espingarda, que felizmente errou o alvo.

N'este comenos acudiram de palacio uma companhia de 80 granadeiros, chegada ha pouco de Caxias, a marinhagem dos navios de guerra, surtos no porto, e o parque d'artilheria. Com este refôrço inesperado e disposto para a refrega, conheceram os revoltosos que tinham sido enganados e toda resistencia inutil. Julgaram-se portanto perdidos e submetteram-se. Procedeu-se em seguida á prisão de dez dos cabeças do motim, escapando d'ella José Candido e Egydio Launé, que tractaram immediatamente de internar-se, procurando o districto do Itapecurú, em cujas mattas embrenharam-se.

Conheceu-se, quando porém já não havia remedio, que em tudo existia uma cilada armada pelo proprio govêrno, e que muitos dos cabeças mais compromettidos

não passavam senão de traidores e meros agentes do poder, tanto que ficaram impunes e passeavam livremente pela cidade.

Pouco se demoraram José Candido e Egydio nas mattas do Itapecurú, porque tendo Odorico Mendes chegado do Rio de Janeiro, mandou-os logo chamar. Acudiu José Candido de prompto ao convite do amigo e foi esconderse em casa d'elle; mas não a julgando asylo seguro por mui frequentada e devassada de todos e a todas as horas, d'ahi a poucos dias, abandonando esta franca hospedagem, passou-se para a casa da viuva D. Francisca Thereza d'Araujo Nogueira; mas nos seus melindres de delicadeza não lhe quiz ser molesto, e alugou casa na rua dos Remedios, que por esse tempo era arrabalde solitario e apartado de todo o movimento e bulicio da cidade. Era o derradeiro homisio do atribulado cidadão esse predio terreo, que ora pertence á ex.ª viuva do barão de Anajatuba e defronta a casa de propriedade dos herdeiros de João Pedro Ribeiro, actual residencia do bispo diocesano.

Escolheu elle d'industria essa casa; pois que havia em uma das paredes d'ella um esconderijo á feição de armario de porta inteiriça e caiada, tendo para maior desfarce, por deante uma bandeja como que por acaso ali suspensa; mas acinte para occultar um peso que servia para conter firme e sempre fechada essa porta. Quando davam buscas á casa, o que succedeu por mais de uma vez e sempre com toda a minuciosidade, retirava-se José Candido para esse couto, e ahi encolhia-se todo em uma

rede ou antes sacco; que o espaço por acanhado não dava para mais. Em uma das occasiões foi tão detida a diligencia policial que começou a faltar a José Candido o ar a ponto de quasi ficar asphyxiado, o que aconteceria por certo, se a tropa se não retirasse, quando elle no desespêro e amor da conservação da vida dispunha-se a entregar-se á prisão!

Quão tristes e amargurados não se lhe escoaram esses lentos e negros dias de forçada reclusão! Homem laborioso e de uma vida activa, amantissimo da familia, ver-se condemnado por tão longos mezes ao duplo supplicio da inercia e dos cuidados dos que lhe eram caros, e de quem vivia afastado, e privado ao mesmo tempo de procurar no trabalho a subsistencia da mulher e das quatro irmans, de que sempre cuidou e a quem tanto estremecia! Imaginae as torturas que iriam por aquella alma tão apaixonada, tão propensa ao bem, tão cheia de charidade, vivificada pela religião, que cultivava como homem crente, mas despido de todo o fanatismo!

Se a contenção e cuidados lhe não quebrantaram o espirito, cedeu comtudo o corpo. Era n'elle enfermidade chronica o estreitamento da uretra, e como não podesse empregar as cautellas e aquelles meios hygienicos que evitam gravames a este padecimento, sobreveiu-lhe inflammação e a esta um abcesso urinario no perineo, que foi aggravando-se de um modo assustador. Logo pela manhan do domingo, 18 de novembro de 1832, vulgarisou-se a contristadora notícia de que os facultativos não tinham mais esperança de salvar o illustre enfermo, e ás onze ho-

ras do dia baixou elle á sepultura — um anno contado dia por dia da mallograda revolução!

Era para ver, dizem testimunhas oculares, a dedicação devotissima e incessante dos amigos, e dos medicos que o tractavam. Os drs. José Miguel Pereira Cardoso e José Antonio Soares de Sousa foram incansaveis, principalmente este, que até o último arranco de José Candido, não lhe serviu só de medico, senão tambem de enfermeiro, que lhe não abandonava a cabeceira, disputando com a morte tão querida existencia.

Desde que o deram em perigo de vida, que as portas da sua casa foram abertas de par em par, e o concurso, não só de amigos e correligionarios, como de toda a população que assidua e anciosa a frequentava, foi immenso; acudindo todos a ella, como a uma sancta e obrigada romaria, para visitar essa habitação em cujo interior gemia tão notavel e estimado enfermo. Foi n'esses dias tal a affluencia dos visitantes, que viam-se grupos apinhados em toda a casa, por fóra d'ella, á porta, e em suas immediações, mostrando-se todos profundamente penalisados.

O sahimento do feretro não foi menos concorrido. Debuxava-se em todos os rostos a immensa magua e o lucto que lhes íam por dentro, e que se manifestavam tão solemnemente n'essa espontanea demonstração, indicio assaz eloquente da perda que tinha soffrido a provincia, e do quanto amor e veneração lhe tributavam seus concidadãos.

XIII

Aos vinte e seis annos incompletos foi riscado do número dos vivos quem fôra talhado para representar um brilhante papel nos negocios publicos do paiz, quando estava em todo o viço da juventude, e tinha na liberdade a fé que exalta e impelle a grandes commettimentos. E assim veiu a mão da desgraça impiedosa e implacavel cortar em flor tão promettedora e util existencia!

Quarenta annos separam-n'os d'elle para que a inveja, os odios, ou ainda as louvaminhas lisongeiras venham perturbar-lhe o somno eterno: a sentença lavrada hoje é sincera e desapaixonada — é a homenagem da posteridade rendida ao verdadeiro patriota.

Não escureço os defeitos de José Candido; mas esses eram inherentes a uma de suas melhores qualidades — o enthusiasmo de que se possuia quando suspeitava na exaltação d'idéas que as instituições perigavam. Assim, as discussões calorosas sobre nacionalidades, os dous motins em que tomou parte, tudo era só movido por essa paixão — o amor da patria — que lhe absorvia todos os pensamentos e que constituiam n'elle uma segunda existencia. Considerae-o debaixo d'este aspecto, aliás verdadeiro, que lhe desculpareis os erros, se erros se podem chamar a esses impulsos que tinham a patria por lemma e estimulo.

Contrastae as perigrinas qualidades que ornavam o espirito bem nascido de José Candido, que vos revelarão

o patriota ardente, o amigo dedicado, o irmão desvelado, que desde os mais verdes annos tomou de moto proprio o encargo de prover á subsistencia e servir de arrimo a uma grande familia, tractando-a com carinho e paternal desvelo. Seus pensamentos, todas as suas cogitações e esforços tinham por alvo os dois mais sagrados e caros objectos que conheço — a patria e a familia. Por estes nobilissimos sentimentos trabalhou sem descanço e com a tenacidade e assodamento dignos de louvor e imitação. Seu tempo era repartido com o jornal e as licções de geographia, de portuguez e de francez que dava, para reforçar o peculio que produzia o *Pharol*, e com esse rendimento, sem invejar nem pretender emprêgo ou benefício que lhe proporcionasse regalos e remanso, vivia satisfeito e independente.

A essas virtudes civicas e domesticas, que por si sós o recommendavam e recommendam á estima de seus concidadãos, accrescentava-se o seu aspecto sympathico e insinuante. Á estatura baixa, corpo regular, rosto sobre o redondo, cabellos castanhos e annellados, olhos vivos e pardos, reunia attractivos que muito sedusiam. Sua conversação era animada, persuasiva e jovial, correndo n'elle parelhas com os ditos agudos e picantes, anedoctas mui curiosas, de que tinha sempre um repertorio abundante. Nas reuniões dos amigos, nos sallões onde ía espairecer por vezes de tanto lidar e afadigar-se, fazia os encantos da sociedade. Cultivava a musica, e cantava com voz maviosa e afinada modinhas, acompanhando-se no violão, que tocava com summa graça e perfeição. E

n'esse genero, que fazia as delicias da sociedade brasileira, até que a musica italiana viesse desthronisal-o e acabar com elle para sempre, primava José Candido e sobrelevava n'elle aos mais chistosos cantores da cidade de San'Luiz.

Quem o visse assim, trazendo a alegria e o riso onde quer que estivesse, não adivinharia de certo os sacrificios e agruras que assetteavam incessantes aquelle coração aberto a todos os sentimentos nobres, e votado aos transportes de uma alma energica e enthusiasta. Para manter sua familia com decencia e a coberto de privações não se forrava a trabalhos com aquella satisfação intima de quem sabe que no cumprimento dos seus deveres é que reside a principal missão do homem sobre a terra.

O que resta hoje em dia de quem gozou de tamanha estima, consideração e popularidade entre os seus conterraneos; de quem era cheffe de um partido popular e forte, e chegou a dominar uma situação sem que se valesse d'ella para engrandecer-se? Onde porventura se depara com um simples marco que recorde esse lidador das nossas liberdades, esse patriota extreme de vicios? Apenas fraca e fugidia lembrança entre os que o conheceram e admiraram, mas que já vão escasseando de entre nós, ceifados pela mão da morte!...

Admirador das virtudes e feitos de José Candido, abalancei-me a reviver n'esta tosca narrativa os lances da sua vida para ensino e incentivo de meus comprovincianos, que devem n'esse exemplo retemperarem-se e fugirem do mal que vae lavrando e aguarentando o nosso paiz.

Deploro mais que tudo o egoismo que procura anniquilar e delir do espirito nacional o zêlo da honra e dos brios patrioticos, ultimos dotes que abandonam o povo na sua cegueira!

Quando mais não approveite este trabalho, sirva ao menos para despertar e recommendar á gratidão dos maranhenses este insigne varão, cuja memória fulgente e immaculada devemos honrar, contando-o com orgulho entre os primeiros de seus filhos honrados e benemeritos.

V

O SENADOR

ANTONIO PEDRO DA COSTA FERREIRA

(BARÃO DE PINDARÉ)

A. P. da Costa Ferreira

..... dedicou-se durante sua longa vida á defleza d'estas duas grandes idéas — patria e liberdade.

(*Legenda*, jornal litterario de S. Paulo, 1860, pag. 43.)

I

A quatro leguas de distancia e em frente a San'Luiz do Maranhão alteia-se risonha e garrida a cidade de Alcantara, e como aquella espelha-se tambem nas aguas de San'Marcos. Derramadas suas casas sobre collina de suave declive, veem refrescal-a e renovar-lhe a atmosphera as constantes brisas occeanicas. Os alimentos, os ares, as aguas purissimas e crystallinas que pedem que de cubiça as bebam, são outros tantos elementos de vida a testimunharem a salubridade d'esses sitios que se ufanam de ter sido o berço do nosso afamado naturalista dr. fr. Custodio Alves Serrão e de outros não menos preclaros cidadãos.

Desde a inauguração do systema constitucional que duas familias poderosas por seus haveres e importancia —

a de Costa Ferreira e Franco de Sá de um lado e a de Viveiros de outro—se disputam predominio politico e decidem das eleições n'aquella commarca. Os principios cardeaes que dimanam da nossa Constituição as dividem. Segue aquella as idéas liberaes e esta as conservadoras, com mais ou menos desenvolvimento e franqueza, segundo as epochas. Preponderam quando lhes acode a mão valedoura dos delegados do poder supremo, escolhendo a provincia do gremio d'ellas parte de seus representantes. Avultava entre estes o senador Antonio Pedro da Costa Ferreira, que entrou a figurar nas nossas assembléas legislativas desde os primeiros passos do Brasil na senda representativa.

Descambava o seculo XVIII para o seu último quartel, revolvido e abalado pelas idéas philosophicas e politicas que traziam os espiritos inquietos e inclinados ás reformas civilisadoras e humanitarias, que produziram d'ahi a pouco a revolução franceza, quando nasceu a 26 de dezembro de 1778 na então villa d'Alcantara Antonio Pedro da Costa Ferreira, filho legitimo do tenente-coronel Ascenso José da Costa Ferreira e de D. Maria Thereza Ribeiro da Costa Ferreira.

Foi aprendendo no ninho domestico a practicar as virtudes cultivadas por seus paes e recebendo ao mesmo tempo as licções de instrucção primaria e algumas luzes de latim. Desejosos seus progenitores de lhe alargarem a esphera das aspirações, ministrando-lhe meios de adquirir conhecimentos litterarios que nem na casa paterna ou na capital da provincia lhe podiam proporcionar, resolve-

ram separal-o de si. Contava elle 14 annos quando o fizeram seguir viagem para Portugal, indo estudar preparatorios no seminario de Coimbra, em cuja universidade matriculou-se logo que os concluiu.

Cursou ahi as aulas de canones, conseguindo graduar-se n'essa sciencia em 2 de junho de 1803.

II

De tornada á sua terra natal, casou a 29 de julho de 1810 com sua prima D. Francisca da Costa Ferreira [1] e ficou-se em Alcantara todo entregue aos cuidados e modestos prazeres do campo, vivendo dos productos de sua lavoura.

Não é que os negocios publicos não o fossem tirar de seus ocios e remancear temporões, d'esse como que esquecimento das lettras pela contemplação do grande livro da natureza em cujas paginas maravilhosas soletrava os prodigios da creação; tanto que o governador Francisco de Mello Manuel da Camara o foi arrancar d'ahi, nomeando-o a 12 de novembro de 1808 fiscal da junta da villa d'Alcantara, de onde passou depois a exercer n'ella até

[1] Teve d'este consorcio os seguintes filhos: — Gustavo Ascenso da Costa Ferreira (1812), D. Lucrecia Rosa, Dr. Cassio Antonio, Tenente-coronel Franklim, Ascenso, Americo, e D. Corina. D'estes só existem hoje o Dr. Cassio, aposentado com as honras de desembargador, e o tenente-coronel do estado maior Franklim Antonio da Costa Ferreira.

1823 o cargo de superintendente. Nas eleições a que em abril d'esse anno se procedeu segundo as ordens vindas da metropole, sahiu eleito deputado ás côrtes portuguezas, pelo circulo da capital, o dr. Manuel Paixão dos Santos Zacheu, designando o suffragio por seu substituto o futuro senador Antonio Pedro da Costa Ferreira. Outros incitamentos mais sanctos o preoccupavam então; que os echos da feliz revolução que emancipou o Brasil o vieram despertar e tirar d'essa silenciosa e socegada soledade.

Possuido de enthusiastico fervor patriotico, não houve mais repousar para o joven alcantarense e eil-o incessante de casa em casa a evangelisar seus condistrictanos sem temer os perigos que lhe deviam trazer esse apostolado. Não o detiveram taes considerações, e ia desaffrontadamente por deante em sua missão, já excitando os tibios, incutindo coragem nos medrosos, explicando a estes os deveres de patriota e os direitos que adquiririamos com a nossa independencia, aconselhando áquelles, e a todos emfim transmittindo as idéas que o dominavam.

O districto de Alcantara, assim preparado, applaudia o movimento independente e já dispunha-se para apoiar seus irmãos do Itapecurú-mirim, de Caxias, e de todo o interior da provincia mais ou menos alterado com a presença das fôrças expedicionarias do Ceará e Piauhy, quando lord Cochrane appareceu com sua esquadra nas aguas do Maranhão, e precipitou esse desfecho, conseguindo adherissem os habitantes da capital á independencia e fosse ella ahi proclamada a 28 de julho de 1823.

Desde esse momento que Antonio Pedro da Costa Fer-

reira abraçou as idéas liberaes, com o enthusiasmo e a lealdade com que sempre as serviu em quanto teve respiro de vida, sem que no longo decurso de sua carreira politica se desviasse ou aberrasse por qualquer acto, por uma phrase sequer, d'esses principios manifestados por elle sem rebuço e bem alto em todas as occasiões e com a mesma firmeza, fossem quaes fossem as circumstancias em que se achasse, embora resultassem d'ahi difficuldades, ou merecessem a improvação de um ou outro amigo, ou de certo grupo de correligionarios mais condescendentes e dispostos a transigir para conservarem ou galgarem o poder.

Acceita e festejada a Independencia por toda a provincia, entrou esta a ser, como as demais, administrada por authoridades brasileiras, postoque marchassem os negocios fóra de seus eixos e em uma verdadeira confusão cahotica, como é facil d'imaginar-se succederia antes que a Constituição viesse derramar sua luz redemptora sobre os brasileiros. Era então ás vezes bastante a imposição de uma facção, da camara, do commandante militar, de um troço da fôrça pública, para que fosse desapossada do poder uma authoridade legalmente constituida. Assim viu-se o almirante lord Cochrane por um simples officio destituir das funcções de presidente da provincia a Miguel Ignacio dos Santos Freire Bruce e nomear acto continuo (25 de dezembro de 1824) para substituil-o interinamente a Manuel Telles da Silva Lobo.

Commungando este nas idéas de Costa Ferreira, de quem era amigo, chamou-o para juncto de si, como seu

conselheiro. Cedendo este ás reiteradas intancias d'aquelle, acceitou o cargo de secretario do govêrno.

Com a promulgação, pouco depois, da nossa Constituição, iniciou-se elle desde logo nas discussões parlamentares, entrando em 1826 para os conselhos geraes de sua provincia natal. Accompanhemol-o, de corrida, ahi onde prestou serviços bem notorios á causa pública.

Em sessão de 28 de julho de 1826 propoz se edificassem dous ou mais hospitaes na provincia, escolhendo-se para isso logares altos e seccos, afastados de povoações e aliás proximos a rios caudalosos e navegaveis, para se recolherem n'elles os morpheticos livres e escravos que vagueavam pelas praças e ruas públicas[1]. Clamando n'essa occasião contra o desleixo da policia e incuria do govêrno, desenvolveu a these da charidade com todo o affecto e vigor de uma alma san e compenetrada das doutrinas evangelicas.

Na sessão de 23 de agosto do mesmo anno, a requerimento seu, dirigiu-se o conselho ao govêrno imperial, sollicitando fosse reparado e augmentado o hospicio do Bomfim com destino aos morpheticos. Approveitava-se assim um edificio inutil e deshabitado por sua distancia e isolamento, indo servir de asylo aos infelizes de quem todos fogem e teem horror!

Prendia-lhe tambem a attenção outra idéa não menos humanitaria e muito mais civilisadora. Não cuidava só dos

[1] Acha-se tambem consignado este facto no *Diccionario Historico-Geographico da provincia do Maranhão* pelo dr. Cezar Augusto Marques (1870), pag. 310.

enfermos do corpo, mas tambem dos de espirito. Se requeria que a provincia soccorresse áquelles, abrigando-os e alimentando-os, exorava com o mesmo empenho se espancassem as trevas do entendimento do povo, restituindo-lhe a vista intellectual. Foi com este pensamento que propoz em sessão de 6 de junho de 1829 a creação da Bibliotheca Pública, consignando-se para isso uma somma nominal por conta das despezas das obras que então se faziam na casa do conselho. Approvada tão util medida, só trez annos depois é que foi posta em execução [1], mimoseando-a elle n'essa occasião com 315 volumes [2]. Tambem propoz em varias outras sessões a creação de diversas cadeiras do ensino primario nas principaes villas da provincia. Foi por igual essa uma de suas idéas mais favoritas e que sempre deffendeu quando se lhe offerecia ensejo para isso.

De todos estes serviços deu insuspeito documento o honrado senador Patricio José de Almeida e Silva [3].

III

A sala dos conselhos geraes de uma provincia era pequeno espaço para quem concebia aspirações mais altas. Antonio Pedro, que tinha muitas sympathias e gosava d'in-

[1] Vej. *Diccionario Historico Geographico* do dr. Cezar Augusto Marques, 1870, pag. 47.

[2] Vej. documento na nota E, *in fine*.

[3] Vej. documento na nota F, *in fine*.

fluencia e credito no partido liberal, appresentou-se candidato á segunda legislatura da Assembléa Geral, logrando ser eleito então deputado por sua provincia.

Partiu em maio de 1831 para o Rio de Janeiro. A commoção produzida pelos extraordinarios acontecimentos de 7 de abril era assaz violenta em seus effeitos para que os espiritos houvessem já alhanado de todo. Aos grandes cataclysmos e aos pavorosos incendios seguem-se ainda evidentes signaes da sua terrivel passagem, denunciando por irrupções parciaes que não estão totalmente acalmados e extinctos. Não era só nos movimentos militares ou populares que se conhecia que as paixões acordadas pela revolução tumultuavam ainda, se bem que com pouca intensidade. No parlamento brasileiro faziam-se ellas tambem sentir frequentemente — nas discussões, nas propostas de medidas umas adiantadas, outras perigosas e que ameaçavam o systema politico acceito pela nação, e d'ahi, fosse contraprotesto ou temor, começou a reacção de manifestar-se e de tomar n'essa mesma legislatura vulto e preponderancia.

Antonio Pedro da Costa Ferreira e Manuel Odorico Mendes, ambos deputados, ambos liberaes decididos, accompanhavam e auxiliavam Vergueiro, Paula Souza, Costa Carvalho, os Andradas e outros bons patriotas, pautando seu procedimento pelo d'estes e antepondo por sua parte forte barreira ás idéas retrogradas que ameaçavam dentro e fóra do parlamento destruir as instituições conquistadas em 1831, e repor as cousas no antigo estado.

O espirito público dava vehementes indicios d'inquietação, e em algumas partes, como no Pará, ia de dia para dia exacerbando-se, e já ameaçava de perturbar o socêgo d'aquella vasta provincia, onde o elemento indigena predominava. Pensou a regencia em Antonio Pedro da Costa Ferreira, cujos creditos de reportado, conciliador e energico o indicavam para presidir os destinos d'aquella porção do imperio. Consultado pelo regente Feijó, recusou, allegando razões valiosas e attendiveis, e por mais instancias e diligencias de Aureliano de Sousa Coutinho (depois visconde de Sepetyba), ministro do imperio, do conego Sanches e d'outros paraenses respeitaveis e preponderantes na provincia, não houve obrigal-o acceitar a presidencia, até que afinal por indicação d'elle veiu a nomeação a recahir em Bernardo Lobo de Sousa, que foi desgraçadamente assassinado a 16 de janeiro de 1835 no exercicio d'esse logar!

No meio de suas preoccupações politicas e parlamentares veiu commovel-o um funesto e doloroso acontecimento. Sua esposa, a quem tanto amava, enfermou e succumbiu por esse tempo, no Rio de Janeiro, deixando-o mergulhado na mais pungente dor. Avivando-lhe aquella cidade as excruciantes saudades que tanto o amarguravam, resolveu-se a deixar a côrte e partir para sua provincia. Queria desaffogar livremente suas maguas no ermo da sua fazenda em Alcantara; mas não aconteceu assim, que o paiz precisava de seus serviços, e o govêrno imperial nomeou-o por carta imperial de 3 d'outubro de 1834 presidente do Maranhão, sua provincia natal.

IV

De todo esse complicado systema administractivo que ao poder executivo aprouve engendrar para ter as provincias presas nos élos da cadeia centralisadora, cuja fôrça motriz reside na côrte do imperio, nenhuma instituição é mais bem concebida, mais apropriada a estes fins, ou se adapta melhor á topographia do vastissimo territorio brasileiro do que a dos presidentes de provincia. Primeiras authoridades civis e militares, estão superiores ao cheffe de policia, aos inspectores das repartições fiscaes, e sem sua sancção não podem correr nem ter fôrça de lei as medidas que são approvadas pelo corpo legislativo provincial: entendem e influem directamente sobre todos os ramos da administração pública, e acima d'elles só está o ministro de que dependem.

Em um imperio cujas provincias são mais extensas do que muitos reinos, todas intercaladas de caudalosos rios e de sertões despovoados, e muitos d'elles inexplorados, convinha pôr á testa dos negocios peculiares a cada uma d'essas dilatadas divisões territoriaes um empregado que concentrasse em suas mãos muitas attribuições, tendo sobreposse o prestigio e os dotes requeridos para tão importante cargo, a fim de que o exercicio d'elle não descaisse em desproveito da authoridade, e podesse esta guiar com acêrto e tino a porção de seus concidadãos, cuja administração lhe é incumbida. Vê-se pois que só em um individuo experimentado, cordato, isento de paixões

politicas, de reputação firmada, decidido em seus actos, de modo que o govêrno central possa depositar n'elle plena confiança e dar-lhe largueza para obrar, só em taes funccionarios, digo, é que deve recahir a escolha para tão complexo e operoso encargo, e d'est'arte tambem é que as nossas provincias serão bem administradas, e verão desenvolvidos seus recursos naturaes e cumpridas as leis em todas as localidades, ainda nas mais remotas e rudes.

Cumpre, porém, reformada ponto por ponto esta instituição que vae desacreditada e tão desprestigiada. Com o pernicioso systema concentralisador importado do extrangeiro por nosso mal, vêem-se os presidentes reduzidos a meros executores de ordens e tolhidos nas mais insignificantes acções. Sua missão não é de administrar justiça a todos, de procurar o bem e a prosperidade da provincia que lhe é confiada, senão de entregar-se ao partido, a que é consignado para ajudal-o em uma empreitada eleitoral; e bem merece d'elle se, affrontando a opinião, soube abusar de todos os meios, por mais reprovados e violentos, e colheu os engoiados loiros do triumpho d'essa campanha! Emquanto forem elles caudilhos eleitoraes e não tiverem estabilidade nos cargos, nem seus actos responsabilidade effectiva; ou não presidir a taes nomeações boa e cuidada escolha, continuarão as provincias, e sobretudo as do norte, a ser victimas da vaidade d'individuos incapacissimos para logares tão elevados e difficeis. São esses os incuraveis males de que adoecem essas authoridades, e que as tornam nocivas aos povos e assaz ridiculas para os que as estudam e observam de longe.

No dizer pittoresco de um dos nossos parlamentares são algumas provincias caras, onde esses barbeiros novos se adéstram no officio; é o *anima vili* onde fazem suas experiencias os bachareis em direito apenas sahidos dos bancos das academias, ou alguns militares que não conheceram dos manejos das armas mais do que os exercicios em dias de parada, ou empregados das secretarias, nomeados não pelo merecimento e provas d'intelligencia e censo práctico, que por patronato e no intuito de se lhes abrir uma carreira onde se possam accrescentar. Quereis vel-os pintados em toda a sua luz, já pelo lado ridiculo e banal, já pelo que ha de máu e torpe em taes personagens, lede o *Jornal de Timon,* do abalisado escriptor maranhense [1], se bem que ahi faltem as novas especies d'esse typo, como o mestre-eschola improvisado em presidente, vaidoso de si, rompendo em excessos á menor contrariedade, outro que seria uma boa dona de casa, pontual e cuidadosa em pontos de economia domestica, mas que no governar povos andava ás tontas qual outro Sancho na ilha Baratária, já este que, cercado da peior gente da terra, levantando as fezes ao de cima, só via pelos olhos d'ella e executava quanto lhe dictava, por mais absurdo que fosse. É essa entidade anan e aleijada que fez com que o ex.mo sr. senador Luiz Antonio Vieira da Silva, competente ajuizador do genero, dicesse na sessão do senado de 12 de setembro de 1871 estas lastimadas verdades: — « tyrannisadas (as provincias) sob o jugo de um presidente (permitta-me o senado que eu o diga), caricato persona-

[1] Vej. Obras de João Francisco Lisboa. Tom. I.

gem, especie de bachá de casaca, elo d'essa immensa cadeia que se prende no ministro d'estado e acaba no inspector de quarteirão!»

A provincia do Maranhão é uma das que teem sido por mais vezes bode expiatorio das iniquidades d'esses mandões de baixa esphera. Aos que administraram a provincia antes do estabelecimento completo e regular da Constituição — a um Costa Barros, a um Costa Pinto —, teem succedido n'estes ultimos annos outros que os deixam a perder de vista a todos os respeitos. No meio d'esses entes parvoamente philauciosos, odientos e immoraes, pyrilampeia um ou outro que, destoando d'esta récua d'almas pequeninas e enfezadas, compenetra-se de sua difficil missão e esforça-se por levantar a provincia do seu abatimento e dotal-a d'instituições uteis, constituindo-se não só o pregoeiro, como o executor dos melhoramentos materiaes e moraes mais avantajados e fecundos. Apparece ainda muito mais raro um que, tornando-se singular excepção, abstem-se de intervir nas luctas politicas da provincia, deixando as urnas livres para os cidadãos depositarem n'ellas o voto — expressão de sua vontade.

Foi o senador Costa Ferreira quem deu o exemplo d'esse respeito á liberdade — exemplo que é ainda mais apreciado pelas circumstancias que o tornaram espurio até hoje. Empossado da presidencia a 21 de janeiro de 1835, mostrou desde logo que o seu unico proposito era o bem de sua terra natal.

Nas eleições a que se procedeu no tempo de seu govêrno; postoque fosse um dos cheffes mais conspicuos do

partido liberal na provincia, foi elle então derrotado! É isto a melhor pedra de toque de seus quilates liberaes e dos principios que dominaram o espirito do senador Costa Ferreira em sua dilatada peregrinação pelo mundo. Não era d'esses que trazem constantemente na bocca o termo — liberdade, e que na práctica mostram-se oppressores do povo. Era tambem essa uma de suas mais gratas recordações e justo orgulho. Quando sabia de uma quadra eleitoral tormentosa e agitada pela intervenção pronunciada e desmedida do presidente, lastimava a provincia e ainda mais o funccionario que se desmandava em excessos que lhe deviam deixar só remorsos e vergonha, uma vez passada a crise.

Não é, porém, só essa a lembrança honrada que deixou o senador Costa Ferreira de sua prudente e liberal administração: ahi estão as leis provinciaes que por sua iniciativa e sancção servem tambem de pregão do bem que administrou o Maranhão.

Pela lei n.º 4, de 22 d'abril de 1835 foi creada a thesouraria peculiar da provincia, a que deu regulamento para a sua boa execução (reg. de 5 d'agosto de 1835). Desde essa epocha que foram as rendas da provincia em augmento, e arrecadadas e escripturadas com a regularidade precisa.

Uma das idéas, que mais o preocupavam era o policiamento não só da cidade como dos campos, onde se acoitavam os escravos que fugiam do dominio de seus senhores, e os malfeitores que depredavam os gados. Para esse fim foi creada pela lei n.º 5 de 23 d'abril (1835) a po-

licia rural nos differentes districtos fóra da capital, e pela de n.º 21, de 17 de junho de 1836, o corpo de policia. Não lhe escapou tambem a secretaria do govêrno que foi organisada pela lei n.º 31, de 23 de julho do mesmo anno.

Até então passava despercebido e sem commemoração o dia mais notavel dos nossos fastos provinciaes: a lei n.º 11, de 6 de maio de 1835 veiu reparar esse imperdoavel esquecimento, determinando que o dia 28 de julho fosse de festividade na provincia.

A 16 de maio do mesmo anno expediu elle outro regulamento não menos util á fazenda provincial, qual o que preceitúa a execução do artigo 7.º da lei de 20 d'abril, que devolveu ao thesouro provincial os emolumentos dos juizes, marcados no alvará de 19 d'outubro de 1754.

Não ficaram por esse tempo seus serviços circumscriptos só á provincia que lhe coube por sorte administrar. Desde 1833 que fermentavam no Pará as vis paixões da plebe até que a 7 de janeiro do seguinte anno declarou-se n'essa violenta rebeldia, que devastou sem piedade e de um modo tão feroz aquella esperançosa provincia!

O senador Antonio Pedro da Costa Ferreira foi desde então incansavel em acudir ao Pará, já com tropas, já com viveres, já agasalhando as familias que vinham refugiar-se no Maranhão, umas fugindo á morte e muitas á fome. O presidente d'essa provincia, o commandante das forças legaes, o almirante ali estacionado, bem como o ministro do imperio, Paulo Barbosa, o ex.mo sr. conselheiro Sousa Franco (hoje visconde do mesmo nome) e outros paraenses importantes, foram todos acordes em agradecer-lhe tão

assignalados serviços[1]. Foram elles julgados tão subidos que por decreto de 8 de maio de 1841 conferiram-lhe as honras de cavalleiro e de official da imperial ordem do cruzeiro[2].

N'este lidar em prol da provincia que lhe foi berço, e para cuja prosperidade conspirava tão benefica e perseverantemente, consumiu dous annos. Era filho da terra que governava; sendo isso bastante para que se desvelasse por bem merecer d'ella.

Tenho reconhecido por experiencia que os melhores administradores são os proprios filhos da provincia: ao amor natal que os aguilhôa para o bem, ha n'elles o desejo de deixarem de si grata memória, de não alienarem a estima e bom conceito de seus conterraneos, e ahi está tambem a familia que fica honrada e reverenciada por seus actos. Qual é o vice-presidente que, apesar de sua interinidade e curta gerencia dos negócios, não tenha procedido com tal qual regularidade, que não tenha mandado construir alguma obra util — uma estrada, uma capella, uma casa para eschola, uma cadeia ou pelo menos o calçamento de algumas ruas, ou que não tenha fomentado a creação de alguma empreza de vantagem real? Mesmo quando se não aponte de alguns serviços taes, não havia até 1870 uma queixa de algum que postergasse as leis, de arbitrios e de perseguições que commettesse, ao passo que dos feitos dos presidentes forasteiros quantas paginas negras não ficam registradas na história da provincia?!

[1] Vej. documentos na nota G, in fine.
[2] Vej. documento na nota H.

V

A carreira administrativa do senador Costa Ferreira limitou-se a esta provincia, e tambem foi esse o unico cargo de nomeação que, depois da independencia, exerceu no transcurso da vida. Incluido na lista triplice senatorial na eleição a que se procedeu na provincia do Maranhão para preenchimento da vaga deixada por morte do visconde de Alcantara, foi elle escolhido por decreto de 20 de dezembro de 1834.

A 10 de junho do seguinte anno tomou assento no senado brasileiro, fazendo ouvir n'elle sua voz independente pelo largo espaço de vinte e cinco annos. Terminou ahi o cyclo de suas aspirações, despedindo-se da politica militante, para poder deliberar sem paixão nem preconceitos e dar o seu voto ás medidas reclamadas pelo paiz com a isenção que lhe impunha o mandato vitalicio que lhe fôra confiado por sua provincia. Comprehendendo os deveres, que lhe eram marcados segundo a lettra e o espirito do nosso systema representativo, foi d'ahi em diante unicamente senador. Passou a residir na côrte e ninguem o viu subir as escadas dos ministros para sollicitar para si e para os seus, e se seus filhos tiveram durante a vida d'elle accesso nas carreiras scientificas, que escolheram, deveram-n'o ao seu merito, a seus serviços e á antiguidade. Se por vezes o honrou o monarcha, galardoando o representante da nação com mercês honorificas, não houve da parte d'elle o mais leve empenho, nem sequer mostrou desejos de as

possuir. Para os que não conviviam na intimidade do barão de Pindaré e ignoram esse desprendimento de vans ostentações, vou dar uma prova assaz concludente: nos ministerios liberaes, onde contava amigos sincéros e dedicados, não houve um só decreto d'esses para engrandecel-o; porque sabiam que não fazia cabedal de honrarias, e por isso todas ellas vieram-lhe de adversarios e foram-lhe conferidas nos ministerios conservadores — a dignitaria da nobilissima ordem do cruzeiro que lhe abrilhantava o peito, o titulo de barão de Pindaré e de grande do imperio; sendo esta assignada no ministerio Paraná.

O ex.mo sr. conselheiro Pedreira, então ministro do imperio (hoje visconde do Bom Retiro) escreveu-lhe communicando-lhe que S. M. I. queria honral-o com um baronato em attenção a seus serviços e que assim houvesse de lhe indicar o titulo[1]. Respondeu-lhe que já se achava bastante remunerado, e se fosse possivel declinava tamanha honra; mas que S. M. fizesse o que bem lhe aprouvesse. Não foi attendido, como se sabe, tão modesto pedido.

Volvamos a tempos anteriores, que encontraremos na vida do illustre senador facto muito mais abonador d'essas notaveis qualidades.

A inquietação, que traz os povos abalados em tempos anormaes, como o da prolongação da regencia, manifestava-se nos extremos norte e sul do imperio. As provincias do Pará e do Rio Grande do Sul sublevaram-se, promettendo a lucta ser renhida e demorada em razão dos elementos de

[1] Veja-se nota I.

que dispunham os revoltosos. Entendia o regente Feijó no seu patriotismo, modelado pelo de Catão e de outros characteres de igual têmpera, que essa opposição era dirigida á sua pessoa, e que retirando-se do poder, alhanar-se-hiam os animos e amorteceriam as paixões, conservando seu partido o predominio; mas depressa conheceu que a causa do mal estava no transitorio e instavel d'esse govêrno, tanto assim que, passando a regencia para individuo da politica opposta, nem por isso pacificaram-se as provincias rebelladas, senão que vieram aggravar-se essas perturbações com a revolução da provincia do Maranhão.

Dominado, pois, Feijó da idéa de que, em resignando o poder ficariam intactos o acto addicional e as instituições por que pugnava o partido, foi abrir-se com o senador Antonio Pedro, de quem era amigo particular e em quem depositava inteira confiança. Declarou-lhe com o maior sigillo que o ia nomear ministro do imperio para depois renunciar á regencia, que por esse facto vinha recahir n'elle. Não annuiu o desinteressado maranhense e refusou obstinadamente tão alta investidura, apontando outros que no seu encolhimento suppunha mais no caso de occupal-a; postoque se esforçasse n'essa occasião por dissuadir Feijó do proposito em que estava. Não tendo essa conferencia produzido resultado algum, escreveu-lhe Feijó outo dias antes da renúncia definitiva, pedindo-lhe convocasse uma reunião dos principaes partidarios para declararem e assentarem em quem o havia de substituir, por isso que era irrevogavel a sua resolução de deixar a regencia, certificando que ninguem d'isso o demoveria.

Realisou-se com effeito essa reunião em casa de Antonio Pedro da Costa Ferreira, ao largo de San' Domingos, estando a ella presentes, entre outros conspicuos liberaes, Paula Souza, José Dias, então deputado e depois senador por Minas Geraes, o padre José Britto, por último senador tambem por Minas Geraes e depois ahi assassinado. Eram ao todo dez ou doze os que compareceram a esse conciliabulo secreto e de cuja deliberação estavam pendentes os futuros destinos do paiz.

Houve calorosa e larga discussão, decidindo-se afinal que Feijó continuasse na regencia. Escreveu-se-lhe então uma carta rogatoria, instando por isso e declarando-lhe em termos positivos que essa era a vontade do partido, que não enxergava os perigos que se antolhavam ao regente; mas quando Antonio Pedro, author da idéa, ia á porta, a que battiam com fôrça, para saber quem o procurava, o padre Britto queimou esse papel. Em seguida a tão precipitado e intempestivo acto levantou-se tumultuaria a sessão, dissolvendo-se em seguida a reunião; sendo muito para lastimar que se perdesse esse documento historico de tão grande valor.

Conhecendo então Feijó que seus amigos não queriam affrontar a responsabilidade do cargo que elle occupava e se não dobravam por egual á sua vontade, declarou-lhes que n'esse caso ia chamar Pedro d'Araujo Lima (depois marquez d'Olinda), a quem considerava *um bom rei constitucional,* e assim o fez a 19 de setembro de 1837.

Essa esquivança do poder e de tudo quanto tinha resaibos de ostentação e de dominio era o characteristico do

desambicioso alcantarense, e realçavam essa isenção e independencia seu procedimento muito melhor manifestado nas discussões parlamentares. De facto, com que energia e desafôgo entrava n'ellas e combattia os adversarios, oppugnando os projectos e idéas que reputava maus?! Os epigrammas acerados, as allusões e anedoctas apropriadas acudiam-lhe sempre a tempo para desconcertar e ferir os adversarios. Seu norte no parlamento, como fóra d'elle, era a verdade, era servir á patria; e d'este rumo não se afastou nunca. Não tinha eloquencia tribunicia, o improviso ardente e arrebatado, o fogo e o movimento que fascinam as turbas; mas a fôrça de convicção e a sinceridade de opiniões que auxiliam e approveitam muito mais ao esclarecimento das questões. Seus discursos eram singelos e sem esse tom affectado que transforma o orador em actor que se encarrega de um papel, que o preoccupa e que atavia com as pompas do estylo e rasgos oratorios, pondo só a mira nos applausos da turba.

Não appresentava uma discussão vigorosa que destroe um por um os raciocinios do adversario e desfia todos os argumentos contrários, sendo seus discursos antes uma conversação natural, cheia d'epigrammas scintillantes e engraçados: não declamava, exprimia chanmente o que pensava, o que lhe dictavam seu patriotismo e o dever de bom cidadão. Advertia antes que censurava, aconselhava mais do que admoestava. Tambem assim é que entendo os debates em um corpo legislativo composto de cidadãos, cujas cabeças tocadas pelas neves dos annos devem ter a calma e a madura circumspecção, de que serão seus dictos

e acções o reflexo. A vitaliciedade arreda esse corpo da politica militante e activa, que não dirige, e por isso não impende d'elle a vida ministerial. Não é a tribuna popular onde agitam-se as paixões e travam-se luctas calorosas: o suffragio é sollicitado e posto em movimento só uma vez para cada eleito, dependente da escolha da corôa. Sua origem já está demonstrando o que exige d'elle a Constituição, o que deseja o paiz d'essa assembléa de anciões, cujo principal fim é examinar e contrastar as medidas que veem propostas e preparadas da camara temporaria; portanto não é ahi logar para esses discursos retumbantes, extensos e onde as prosopopéas, as apostrophes e os arrojos oratorios devem accumular-se e teem todo o cabimento.

O barão de Pindaré, quanto a mim, era um dos typos de senador como se me afigura que deva ser esse representante da nossa camara alta. Provemos similhante proposição com alguns trechos dos seus discursos.

Tractava-se na camara dos deputados, em sessão de 24 de maio de 1832, de discutir os dois pareceres divergentes da commissão de fazenda, propondo a maioria d'ella que os cofres nacionaes fossem indemnisados da quantia de libras 90.743:13,3 das despezas feitas sem referenda dos ministros e por conta particular do primeiro imperador, procedendo-se na fórma das leis fiscaes contra os bens moveis e de raiz da casa imperial até o saldo da quantia d'esse enorme debito. O deputado Costa Ferreira opinou que os ministros e os empregados da caixa de Londres, que entregaram essas quantias em puro desperdicio, deveriam por ellas responder, que d'elles é que cumpria

havel-as, por pouco que se recebesse; porque um, dois ou trez contos de réis eram nada como valor monetario e muito como exemplo a futuros ministros, tornando-os d'ahi em deante mais cautelosos no emprêgo illegal dos dinheiros publicos.

Eis a franqueza com que se exprimia: — «Isto é um verdadeiro roubo, opinião que pronuncio com tanta mais franqueza, quanto não sei dar ás cousas senão o seu verdadeiro nome. Sendo essas despezas feitas a trôco de habitos, commendas, condados, e marquezados, se se fosse hoje responsabilisar os bens do ex-imperador para solução da divida indicada, cumpria fazer despir os habitos e tirar os marquezados concedidos por tal motivo».

Em todas as questões importantes, por mais delicadas e compromettedoras, nem por isso deixava de aquinhoal-as e d'exprimir sua opinião, e dar seu voto, não pelas conveniencias politicas ou pessoaes, mas como sua consciencia lhe aconselhava. Para prova d'isto ahi estão as discussões que provocou no parlamento, em 1840, a declaração da maioridade de S. M. I. o Senhor D. Pedro II.

Foi do senado que partiu essa idéa tão vital para o Brasil. A 20 de maio d'esse anno foi alli appresentado esse projecto revolucionario, aliás reclamado pela opinião pública. Foram seus signatarios—Costa Ferreira, Antonio Francisco de Paula Hollanda Cavalcanti d'Albuquerque, José Martiniano d'Alencar, Francisco de Paula Cavalcanti d'Albuquerque, José Bento Leite Ferreira de Mello e Manuel Ignacio de Mello e Sousa. Rejeitado por 2 votos, foi ella reapparecer dias depois na camara dos deputados,

e provocada a fusão, passou no parlamento a 25 do mesmo mez. Na discussão vigorosa e ás vezes desordenada, que provocou essa questão que ia decidir dos futuros destinos do paiz e cuja adopção significava a derrota da politica dominante, tomou parte mui saliente o senador Costa Ferreira.

A muita gente, a despeito de seus sentimentos liberaes, não parecia decoroso deffender os illudidos, que se precipitaram, levantando em Pernambuco a tremenda revolução, que tendo seus principios em 1848, ganhou depois fôrça e esteve a pique de triumphar. Parecia crime commungar nas idéas, crime pedir o perdão d'aquelles que haviam sido instigados a sublevar-se em um momento de exaltação politica: temiam desagradar o poder e perder às boas graças do monarcha. Apartava-se o nobre representante do Maranhão d'esses que abafam seus sentimentos para cortejarem os vencedores, venham de onde vierem. Na discussão da resposta á falla do throno, em 1850, entrando deliberadamente na questão da revolta *Praieira*, eis como principia: «Senhor Presidente, este morno silencio que observo no senado, não sei o que significa; nunca o vi tão mudo, tão quêdo! Ólho para os meus companheiros, parecem-me estatuas; ólho para a camara dos deputados e vejo um voto unanime a favor do governo!

. . . . . .

«Não é difficil governar, antes é facil: observando-se a lei. Mas se não se quer observar a lei, como se póde governar? Mandando supprimir a imprensa, por exemplo, julgaes por ventura que isto é constitucional? Prende-

ram-se, deportaram-se cidadãos, sem suspensão de garantias: julgaes isto constitucional? Se acaso ha perigo, se a patria corre risco, o remedio está na Constituição: pode-se remediar o mal pela maneira por que a mesma Constituição manda. Que repugnancia tendes vós pois em salvar o paiz pelos meios legaes? Se acaso as desordens de Pernambuco punham em perigo a patria, porque não suspendestes as garantias? Porque deixastes que os presidentes prendessem e deportassem arbitrariamente? Porque esse luxo de despotismo? Porque déstes assim occasião a que os anarchistas digam que não se quer a Constituição, e tanto parece isto verdade, que, estando marcados n'ella os meios pelos quaes se devia marchar legalmente contra as desordens, não se seguiram estes meios!»

Em um segundo discurso, abundando nas mesmas idéas, e verberando mais de um arbitrio do govêrno, profligava n'estes termos o abuso com que eram presos e transferidos de um para outro logar os pernambucanos implicados na revolta: «Arranca-se o cidadão contra a sua vontade de um logar para outro; tiram-n'o da sua propriedade, e dizem-lhe: — Isto não é contra a Constituição!! — Pergunto eu, quem fica cuidando dos bens d'esses cidadãos? A quem ficam elles entregues? Não soffrerão elles muitas perdas? Quem está no Rio de Janeiro, senhores, não sabe avaliar as desgraças dos povos. Eis-aqui, sr. presidente, eis-aqui por que nos achamos no estado em que estamos. Esses miseraveis, moradores das mattas, lendo o discurso do sr. ministro, em que diz: —

isto não é nada, é apenas uma mudança de uma para outra parte—que idéa farão das garantias que a Constituição lhes dá?... É assim que somos constitucionaes? É obrando por esta maneira que quereis restabelecer a paz no imperio? Pergunto ao sr. ministro:—o que houve em Portugal foi uma rebellião, ou não? Desejo uma resposta.

.....

.....

Em um terceiro discurso, insistindo nas mesmas idéas, apostrophava n'estes termos o ministerio:

«Desde quando soubestes que era necessario uma suspensão de garantias para Pernambuco? Desde quando julgastes que cumpria lançar mão de medidas extraordinarias, que a mesma Constituição permitte? Porque não usastes ha mais tempo d'essas medidas que a Constituição consigna? Porque não batestes os desordeiros com os meios legaes? Para que essa ostentação cynica de despotismo? Para que dizer:—eu podia caminhar por meio da lei, podia pedir uma suspensão de garantias; mas deixemos-nos d'isso, fique a cidade em sitio, fiquem os periodicos em sitio, prenda-se a quem entrega periodicos, fique a imprensa suspensa?—Responda o sr. senador, não foi isto assim? E fallando eu por este modo, quero apadrinhar desordeiros? Quem apadrinha desordeiros são aquelles que usam de meios contrarios á Constituição. Não se quer que as cousas marchem como devem ser. Nós vimos nos officios do sr. ministro da marinha, quando presidente de Pernambuco, que o que lá havia não era nada, era um pequeno partido que nada valia; entretanto no dia 2 de fe-

vereiro, o que era pequena desordem metteu de repente susto a todos. Aqui está porque não creio em certas palavras, aqui está porque algumas cousas que digo arranham os ouvidos dos nobres ministros. No meu modo de pensar não sei o que seja o homem que diz uma cousa agora e outra ao depois. Ou esse presidente era muito ignorante, ou não fazia caso das leis; porque dizer que havia uma pequena desordem, não pedir meios para rebatêl-a, e depois repentinamente dizer: — ha uma rebellião — e lançar mão de todas as medidas anti-constitucionaes, medidas que podiam ser realisadas pela mesma Constituição, é mostrar desprezo cynico pela mesma Constituição [1].»

Não eram só a politica geral e os negocios do estado, que o interessavam, senão tambem e mais que aquelles os que diziam respeito á sua provincia. O territorio do Turyassú, limitrophe e como que encravado no Maranhão, por sua topographia, pelas relações e mutuos interesses de seus habitantes com os d'esta provincia, pelas communicações d'estes e transporte dos generos de permuta que faziam pelo Maranhão de preferencia ao Pará, a que pertencia, pela maioria da população que por laços de parentesco e amisade era maranhense, tudo estava indicando que de facto era maranhense esse districto. O senador Costa Ferreira desde 1835 que assim o entendia,

[1] Os pernambucanos por isto reconhecidos dirigiram ao nobre representante do Maranhão um honroso officio, manifestando-lhe quanto lhe estavam agradecidos pelo seu louvavel procedimento. Veja nota J.

e n'esse sentido officiára, como presidente do Maranhão, ao governo imperial, encaminhando com boa informação uma representação que os turyenses dirigiram aos poderes do estado, sollicitando sua desmembração do Pará e annexação ao Maranhão. Só em 1866, trinta e um annos depois (!), é que veiu no parlamento a tractar-se sériamente d'essa reclamação dos povos. Approvada a medida na camara electiva pela zelosa e efficaz intervenção do ex.mo sr. dr. Candido Mendes de Almeida (hoje senador), foi no senado sustentada e apoiada com todo o ardor e sollicitude pelo illustre senador do Maranhão.

VI

Chegado ao ultimo quartel da existencia, não lhe consentiam a avançada edade e os achaques que lhe são apanagio certo, que fosse assiduo n'estes derradeiros annos ás sessões do senado. Recolhido então á sua chácara, afastada da côrte e em um recanto escuso do Jardim Botanico, onde residia e aprazia-se com as arvores e flores que cultivava com suas proprias mãos, tendo particular cuidado das originarias de sua provincia e de que possuia boa collecção. No meio d'essa natureza verdejante acudiam-lhe memórias saudosas de sua provincia e do tempo em que se tornára a ella dos estudos e procurou na lavoura os deleites pacificos que só offerece a vida campestre. Mas soubesse o novo Cincinato de uma medida capital e que podesse comprometter o futuro do paiz, e para cuja decisão influiria

seu voto, que sahia de seu eremiterio, e readquirindo seus musculos a perdida elasticidade, percorria as duas leguas que o separavam da côrte, caminho do senado, não só para prestar ali seu voto symbolico, como tambem para motival-o com as razões que sua consciencia lhe suggeria.

N'essa vivenda campestre que era suas delicias, costumava reunir, nas grandes festividades do anno, seus filhos e parentes, alguns comprovincianos que se achavam na côrte, e uma ou outra familia de sua amisade. Não havia alli constranger-se ninguem, que o hospedeiro não o consentia, sendo demais inseparavel d'essas reuniões de familia — a convivencia franca e jovial.

Era para ver a amabilidade com que o velho senador affagava a todos, sem distincção e com igual sombra de satisfação. Era n'elle habitual o galanteio de mistura com aquella cortezania propria de suas maneiras distinctas. N'aquelles dictos picantes, n'aquelle cavalheirismo com que entretinha as damas que frequentavam sua casa, como que vinha á lembrança o cortezão dos tempos de Luiz XV.

Áquella affabilidade reunia o barão de Pindaré um espirito eminentemente charidoso. «Alem de firmeza e lealdade (diz a *Legenda* de 21 de agosto de 1870, na pag. 46) havia em Costa Ferreira outra qualidade que mais o recommendava — era o afan com que soccorria a pobreza: sua mão nunca fechou-se áquelle que esmolava o obulo da charidade. Não possuindo riquezas e vivendo apenas de seus ordenados, foi no entanto o arrimo de muitas familias».

«A terra dos Odoricos e Timons cubra-se de lucto pela perda de um de seus mais distinctos filhos.»

«O barão de Pindaré viu chegar seu derradeiro dia com a serenidade do homem justo e do cidadão patriota: a 18 de julho de 1860, na avançada edade de 82 annos, esse espirito energico e robusto desprendeu-se para sempre de um corpo alquebrado e vergado ha muito para a sepultura.»

D'elle diz ainda a *Legenda* (pag. 43): «Homem probo e illustrado, cidadão proeminente e respeitado, parlamentar fecundo e energico, administrador cuidadoso e imparcial, o senador Antonio Pedro da Costa Ferreira dedicou-se durante sua longa vida á deffesa das duas grandes idéas: — patria e liberdade. Das altas posições que occupou poderia ter alcançado grandes distinctivos: desconhecendo a ambição, esse iman que opera prodigiosos milagres, rejeitou-os; e quando seus amigos governavam o paiz, se alguma cousa pedia-lhes, era protecção para seus compatriotas intelligentes e respeitaveis. Desprezando o poder, pois trabalhava, não para conquistal-o, mas para offertar aos seus a palma da victória, morreu longe do reboliço do mundo[1]. . . . . .»

Mais significativo do que isto é o pouco que em abono d'este parlamentar proclamaram os mais proeminentes vultos do senado em sessão de 7 de agosto, quando ainda estavam quentes as cinzas do barão de Pindaré. Partiu assim a confirmação de suas invejaveis virtudes politicas do recinto d'aquella assembléa, cuja cadeira curul, que tanto

[1] Veja-se nota K *in fine*.

honrára, nunca mais havia de ser por elle occupada! O senador Silveira da Motta, lastimando a protelação que alguns senadores punham na decisão dos negocios mais importantes com o proposito de embaraçar o ministerio, fez, ao mesmo tempo a apologia de seus antecessores que, ainda nas occasiões mais críticas e agitadas, nunca sahiram fóra do comedimento e lisura que devem presidir todos os actos da camara alta, e ahi teceu o panegyrico do barão de Pindaré.

«O sr. *Silveira da Motta:* — «Em 1841, sr. presidente, quando o senado estava sob a pressão das idéas de agitação, n'essa epocha discutiu-se em uma só sessão a lei de 3 de dezembro d'esse anno. N'essa epocha tinham assento no parlamento os oradores mais distinctos da eschola liberal, que teem figurado no nosso paiz, os srs. Paula e Sousa, Vergueiro e barão de Pindaré...

«O sr. *D. Manuel:* — José Bento, Alencar...

«O sr. *Silveira da Motta:* — José Bento, Alencar...

«O sr. *D. Manuel:* — *Et cætera.*

«O sr. *Silveira da Motta:* — ... nomes muito significativos, sr. presidente.

«O sr. *D. Manuel:* — Não tem dúvida. Logo lhe darei um tonico á memória, e ha de ser forte.

«O sr. *Silveira da Motta:* — Mas a nenhum d'esses grandes vultos acudiu a idéa de subordinar a maioria do senado á sua minoria e de tornar esta como que com o direito de exercer um *veto* sobre os actos iniciados na camara temporaria.

«O sr. *D. Manuel:* — Quanto ao *veto*...

«O sr. *Silveira da Motta:* — É o veto da protelação, que o senado não póde admittir, porque não é possivel no governo constitucional que as maiorias sujeitem-se ás minorias. É preciso que as minorias exerçam com toda a liberdade o seu direito de discussão, que esclareçam o paiz; mas é preciso tambem que ellas tenham a resignação necessaria para subordinar-se ás condições do nosso systema; aliás as maiorias tomam um papel que não é proprio do parlamento.

O sr. *D. Manuel:* — V. ex.ª está protelando uma materia importantissima.

O sr. *Silveira da Motta:* — Aprendam com os mestres do liberalismo de 1841.

«A lei da reforma, senhores, foi uma lei que excitou tanto movimento no paiz que produziu uma revolução; por isso havia todas as disposições no espirito público para impellir esses homens illustres a fazerem uma resistencia. D'esses mesmos homens que no senado deram o seu consentimento para a passagem da lei, embora fallassem e votassem contra ella, muitos tomaram depois parte mais ou menos indirecta n'esse movimento; mas emquanto estiveram no senado...

«O sr. *D. Manuel:* — Assim é que se conta a historia!

«O sr. *Silveira da Motta:* — ... não fizeram resistencia, não quizeram que a minoria supplantasse a maioria, não procuraram expedientes para falsear a acção de uma camara legislativa. E demais, sr. presidente, note o senado que em 1841, quando esses grandes parlamentares

tinham assento n'esta casa e queriam obstar por todos os meios á passagem da lei de 3 de dezembro, èsses homens tinham um regimento no senado que lhes dava o direito de fallar todas as vezes que quizessem; podiam fallar em commissão geral, podiam fallar 30 vezes; mas nunca o Sr. Paula Souza, o Sr. Vergueiro ou o Sr. barão de Pindaré se prevaleceram do direito de fallar muitas vezes para tomar o tempo ao senado; quando elles reconheciam que a maioria se pronunciava por qualquer medida, abaixavam a cabeça.»

Como joia digna de rematar esta corôa de goivos e saudades, reproduzirei as delicadas e eloquentes palavras de um dos nossos mais abalisados jornalistas. O sr. dr. F. Octaviano d'Almeida Rosa (hoje senador), pranteando no n.º 199 do *Correio Mercantil* de 19 de julho o fallecimento do senador barão de Pindaré, esparze sobre sua campa estas singelas e perfumadas flôres:

«É raro o homem que, tendo atravessado um periodo de quarenta annos de vida pública, desça ao tumulo com a mesma fé, com os mesmos principios, que abraçou no comêço de sua carreira.

«O sr. senador Antonio Pedro da Costa Ferreira (barão de Pindarè), que hontem falleceu, deixou a seu paiz esse exemplo de constancia nunca desmentida nas provações por que tem passado o seu partido.

«Carlos X dizia em 1830 que desde a revolução franceza até aquelle anno só dous homens, elle e o sr. de Lafayette, não haviam abandonado as suas bandeiras.

«Talvez o sr. Costa Ferreira não podesse encontrar

hoje no Brasil entre alliados e adversarios um rival de coherencia.

«Não fazemos censura aos vivos, é apenas o elogio do finado. O homem politico póde mudar de convicção: póde fazer concessões aos interesses graves de seu paiz. Ás vezes esse procedimento é um serviço que a história reconhece.

«Mas o clima ardente, sob cuja influencia vivemos, cresta com tal rapidez as idéas de hontem para vivificar as de hoje; — a ambição e o interesse illuminam por modos variados a intelligencia vacillante de nossos homens publicos; — que é um dever da imprensa cortejar os poucos viajantes que se recolhem á noite pela mesma estrada real onde os encontrou o primeiro arrebol da manhan.

«Ha um anno cortejavamos a Vergueiro: hoje cortejamos a Costa Ferreira. Viveram sempre juntos, na lucta, na victória e nos revezes: no dia em que morreu o primeiro, começou a agonia do segundo.

«A nossa sociedade se vae transformando: a geração contemporanea de nossos pais desapparece quasi toda: — acaso irão desapparecendo tambem as grandes virtudes civicas, de que essa geração nos deixou tantas e tão brilhantes provas?»

Era a reliquia d'essa phalange de legionarios de tempera rija que appareceram com a Constituição e que até o último alento sustentaram com fé e ardente crença os principios liberaes. Já tinham precedido ao barão de Pindaré — os Andradas, Vergueiro, Feijó, Paula Souza, Al-

ves Branco —, e a derradeira luz d'essa constellação apagou-se tambem. A confusão, a descrença, o abatimento moral eis o que lobrigo com profunda magua n'esta situação creada pela nova geração.

De onde nos virá a mão déstra e ousada capaz d'estinguir pela raiz essa carie que vae roendo e enfraquecendo a sociedade brasileira? — De onde partirá o *fiat luz* que hade esclarecer-nos e o Messias que remirá nossas culpas?! Tenho fé que não estará longe a nossa regeneração e que as espessas nuvens que ora ennoitam o horisonte da patria se dissiparão de todo, varridas pelo vento vivificador da instrucção.

O que nos cumpre a todos desde o último até o primeiro dos cidadãos é não esmorecermos por mais carregadas que se nos afigurem as tormentas, por mais invenciveis as contrariedades: empenhemos nossas fôrças com fé viva e inabalavel, com perseverança e dedicação; que a patria surgirá do meio d'este cahos com todo o esplendor e magestade que a natureza mesma lhe concede, e que a providencia não refusará por certo ao paiz que dotou caroavel e prodigamente com tantas maravilhas e magnificencias tantas.

NOTAS

MANUEL ODORICO MENDES

Nota A

... poucas producções originaes temos d'elle — pag. 94

HYMNO Á TARDE

Que hora amavel! Espiram os favonios:
Transmonta o sol; o rio se espreguiça;
E a cinzenta alcatifa desdobrando
Pelas azues diaphanas campinas,
Na carroça de chumbo assoma a tarde.

Salve, moça tão meiga e socegada;
Salve, formosa virgem pudibunda,
Que insinuas co'os olhos doce affecto,
Não criminosa abrasadora chamma.
Em ti repousa a triste humana prole
Do trabalhado dia, nem já lavra
Juiz severo a barbara sentença,
Que ha de a fraqueza conduzir ao tumulo.

Lasso o colono, mal avista ao longe
A irmãa da noite, cóa-lhe nos membros
Placido allivio: posta a dura enxada,
Limpa o suor que em bagas vai cahindo.
Que ventura! A mulher o espera anciosa

Co'os filhinhos em braços: já deslembra
O homem dos campos a diurna lida;
Com entranhas de pai ledo abençoa
A progenie gentil que a olho pula.
Não vês como o fantasma do silencio
Erra, e pára o bulicio dos viventes?
Só quebra esta mudez o pastor simples,
Que, trazendo o rebanho dos pastios,
Co'a suspirosa flauta ameiga os bosques.
Feliz! que nunca o ruido dos banquetes
Do estrangeiro escutou, nem alta noite
Foi á porta bater de alheio alvergue.
Acha no humilde colmo os seus penates,
Como acha o grande em soberbões palacios;
Alli tambem no ouvido lhe estremecem
De mãi, de amigo os maviosos nomes;
Conviva dos festins da natureza,
Vê perfazerem-se as funcções mais altas:
O homem nascer, morrer, e deixar prantos.
Agora ia entre prados, após Laura,
O ardido vate magoando as cordas;
E a selvatica virgem, recolhendo
A grave dôr christãa, que a assoberbava,
Do mancebo cedia á paixão nobre,
Grande e sublime, como os troncos do ermo...
Ai! misera Atalá!... mas rasga o fogo,
E o sino sôa pelas brenhas broncas.

Tarde, serena e pura, que lembranças
Não nos vêns despertar no seio d'alma?
Amiga terna, dize-me, onde colhes
O balsamo que esparges nas feridas
Do coração? Que apenas dás rebate,
Cala-se a dôr; só geras no imo peito
Mansa melancolia, qual ressumbra
Em quem sob os seus pés têm visto as flôres
Irem murchando, e a treva do infortunio
Ante os olhos medonha condençar-se.

Longe dos patrios lares, quem não sente
Os arreboes da tarde contemplando
Um subito alvoroço? Então pendiamos
Dos contos arroubados que vertêrão
Propicios deoses nos maternos labios;
E branda mão apercebia o berço
Em que tenros vagidos affagava
Infausto annuncio de vindouras penas.
Sobre o poial sentada a fiel serva,
Que vezes attendei, chamando ao pouso
A ave tão util que arrebanha os filhos,
E adeja e canta e pressurosa acode!

Co'a turba de innocentes companheiros,
Agora sobre a encosta da collina,
A casta lua como mãi saudavamos,
E supplicando que nos fosse amparo,
Em jubilosa grita ao ar rompiamos.
Mas da puerícia o genio prazenteiro
Já transpoz a montanha; e com seus risos
Recentes gerações vai bafejando:
Áquem ficou a angustia, que moderas,
Ó compassiva tarde! Olha-te o escravo,
Sopeia em si os agros pezadumes:
Ao som dos ferros o instrumento rude
Tange, bem como em Africa adorada,
Quando (tão livre!) o filho do deserto
Lá te aguardava; e o echo da floresta,
Da ave o gorgeio, o trepido regato,
Zunindo os ventos, murmurando as sombras,
Tudo, em cadencia harmonica lhe rouba
A alma em magico sonho embevecida.

Não mais, ó Musa, basta; que na noite
Os pardos horisontes se tingirão,
E me pesa e carrega a escuridade,
Oh! venha a feliz era que, da patria
N'essas fecundas dilatadas veigas,

O sitio em que nasci, o pomar fresco
Onde a primeira vez amor sorrio-me,
De tão longe me chamam, me convidam,
Que no patrio regaço vá lançar-me.
Sem enxergar o fumo da cidade,
Sem lhe ouvir o estampido das borrascas,
Meus alvos dias gozarei inteiros
Sob a choça de palmas enramada.
Soltar-me anceio em valle solitario,
Não porque odio professe á tão mesquinha
Progenie da mulher, mas á franqueza
Entrada veda trivial perfidia,
E ali me acerco de familia estreme,
Entro-a no peito, estreito-me com ella:
E o costume de amar guia á virtude.

Ó movedor eterno dos destinos
Largo espargio no orbe os bens e os males;
Não lhe indago a rasão: melhor me fôra
Que o tempo, para quantos me são caros,
Se devolvesse perennal remanso;
Porém, se algum primeiro a campa cobre,
Se entra-lhe á casa a misera desdita,
Para ornar meu retiro, o ceo me outorgue
O orphão que á tosca sombra de meus tectos
Guarida encontre, e em vinculo sagrado,
Do pai, do amigo, a geração estenda.
Embora então me arroje no sepulchro
O fatal gume, não estranho, a fronte
Contente curvo, que me sobra em annos
Quem minhas cinzas regue, e a longos brados
Quasi do ferreo somno me desperte.

Se ao homem descompanha a molle inercia,
Farto banquete os genios campesinos
Em frugiferos troncos lhe apresentão
Esqualida mulher aduladora,
Fel vertendo dos beiços a pobreza

Se lhe aproxima á porta, mas recúa
Ao reluzir da carcomida enxada.
Emquanto aos pés dos grandes, o opulento,
Aos pequenos soberbo, honras mendiga,
Da sofrega ambição contra as lançadas
Ergue o agreste adamantino muro,
Seguindo a trilha da vivaz natura.
Comparte o leito seu, limpo e fecundo,
Donde a Themis, a Ceres, a Mavorte
Tem de manar alumnos prestadios.
Por guapas companhias bocejantes
O insomne regosijo não revoa
Na pacifica aldeia; mas é grato
Observar o horisonte ao romper d'alva,
Escutar o gemido da floresta,
Beber o alento nos delgados ares,
E em derredor da ovelha, em leves saltos,
Ver o viçoso folgasão cordeiro.

Nos gostos de uma esposa? Dessas brenhas
Na filha attenta: as faces lhe avermelha
Frugal mesa, trabalho moderado,
E, mais que tudo, a candidez e o pejo.
Boa mãi, amadora da simpleza,
Os filhinhos do seio pendurados
Não lhe murchão as graças; no semblante
Ledos sorrisos lhe derrama o jubilo,
Quando póde affagar com mão mimosa
A tão cruenta chaga do infortunio.
Oh! que intimo alvoroço as fibras d'alma
Lá me tem de abalar, se inesperado
Eu avistasse no arvoredo proximo
O meu querido Ernesto[1], que em demanda
Do meu retiro placito caminhe.
Mal que eu tão doce nome balbucie
Entalado em suspiros, a consorte

[1] Ernesto Ferreira França.

Ha de entre os braços apertar o amigo
Que honrou minhas desgraças com seu pranto;
Do hospede, então, conforme á singeleza
Tenho de preparar festim campestre
Que o coração profundo lhe lateje.
Assim que a luz aponte matutina
As filhas mandarei, dessas florestas
Nymphas louçãas, tecer uma capella,
Chamar as companheiras do contorno
Que, com suaves cantos e tangeres,
Espalhem pelos ares a alegria.
Depois que dermos volta ao deleitoso
Breve jardim, na sobervada gruta
Lhe mostrarei o tumulo paterno:
Lá junctos versaremos no futuro,
Grande, condigno assumpto q'em dous animos
Amizade maior entranha e arreiga.

Debaixo de odorifera latada
Altar de relvas hei de ter já prestes.
Onde, enfeitado de gentis boninas,
O quadro se colloque magestoso
Da que deu na masmorra virgem leite,
Fonte de vida ao já caduco velho,
Do filial amor exemplo nobre.
Posta no amavel hospede a corôa,
Aves pousadas nos arborios topes
Os quebros naturaes entremeiando,
Farão mais consonante o côro alpestre
Quando o cantico rompa mavioso:

«Semelha o amigo nosso á ingenua moça:
«Ama e se acolhe ao pai, com tanto anhelo,
«Como a seu ninho a roladora pomba.
«Feliz quem póde em braços dos penates,
«Com os olhos de morte carregados,
«Adormecer. Só deixa uma lembrança,
«E transita do mundo á etherea patria.

«Por quem nos procreou affecto summo
«Sentimos todos; mas prendeu-se no amago
«Do affavel peregrino uma ternura
«Que a querer nos ensina com mór brio.
«Semelha o amigo nosso á ingenua moça:
«Ama e se acolhe ao pai, com tanto anhelo,
«Como a seu ninho a roladora pomba.»

É força entre os prazeres vir a magoa
Sentar-se. Deixarás nossa cabana,
Meu bom amigo, e em lagrimas envoltos
Árvore na collina plantaremos
Que denote o saudoso apartamento.

M. Odorico mendes.

FRANCISCO SOTERO DOS REIS

Nota B

... producções que tinha em menos preço — pag. 163

AO ANNIVERSARIO DA INDEPENDENCIA DO MARANHÃO

Surgindo d'entre as ondas brilhantadas
Do sol meridiano á luz dourada,
Qual outr'ora surgiu da branca espuma
Nas cyprias aguas a formosa Venus;
Aqui, d'onde o destroço miserando
Dos naufragos baixeis d'Ayres da Cunha
Verde-negros tristões pasmados viram;
Ilha feliz se c'rôa de verdura
No argentado do pégo crystallino,
Mansão vernal do Zephiro macio,
D'amavel Flora, e genios bemfazejos,
Protectores d'America: que ás festas,
Que á dança estrepitosa presidiam
Do homem natural, quando, fugindo
Das regiões do Austro, ás nossas praias,
Em guerras sanguinosas succumbido,
Vago Tupinambá pedia azilo,
Sob o peso vergado sacro-sancto
Dos ossos dos maiores. Mas, voarão

Sobre as azas dos ventos, açodados
Esses amigos Genios, mal que Europa,
Com a policia e artes de mixtura
Seus vicios nos mandou (funesta herança)
Em retorno do ouro d'estes climas.
Attonitas então as filhas virão
Do occidental Nerêo, as pineas casas,
Quasi monstros aligeros nadando
Dos virgens mares na cerulea tôna;
E tres naçoens belligeras a posse
D'esta Ilha, por seo turno, disputar-se!
Pela primeira vez os trons medonhos
Da irada artilheria os niveos rostos
Das Driades gentis dos nossos bosques
De susto empallidecem. Sangue em chorro
Banhou por vezes a arenosa praia,
E de brancas as ondas fez vermelhas!
Té que ao braço esforçado de Barreiros
Cede o colono Batavo, que os hymnos
Inda ha pouco cantava da victoria.
Longos évos decorrem, e gemia
Pela immensa extensão da Terra America
Curvado ao jugo o Americano inulto:
Mas ao Norte fuzilla a grata aurora
Da Liberdade, esquiva ao resto do Orbe:
Os sagrados pendões primeiro em Boston
Aos ventos tremularam matutinos,
Exemplo ao Novo, exemplo ao Mundo Antigo!
Ao brioso reclamo, emfim desperta,
Da dura escravidão no torpe somno,
O Americano Austrino, e os ferros quebra
Á voz da Deusa, presto, que ribomba
Da foz de San'Lourenço á foz do Prata!
Filha dos Ceos, avulta a Liberdade:
Co'a frente luminosa os astros tóca,
E um pé no Mundo Novo, outro nas Gallias,
Do adamantino escudo luz vibrando,
Com que as trevas dissipa do erro infenso,

Transpôr ameaça as Hyperborias serras,
E aos fóros seus revendicar a terra.
Corre a Deusa o Brazil, seus dons nos verte:
E no vôo altaneiro não se esquiva
De visitar-te, oh Patria! Ilha mimosa!
Fecundo Maranhão! Tres vezes salve,
N'este aureo dia, que pasmou de feito,
Por teus filhos o brado, quando o jugo
Sacudirão de si: da lapa algosa
Ergue o Bacanga a madida cabeça;
E celebrar se apraz o teu triunfo,
Como que as margens do mais bello verde
Se arreia, se tapiça: as Nimphas suas
Com alternado pé ferindo a terra,
Mil danças trançam de chistosa graça...
O campo ferve em jogos, em tripudios...
Subindo aos ares vão alados Hymnos,
Festivos nuncios d'alegria nossa,
Do prazer que borbulha em nossos peitos...
Volvendo eterno nos fusis do tempo,
Seja oh Dia feliz, tua memoria
Aos estranhos assombro — aos nossos gloria!

FRANCISCO SOTERO DOS REIS.

(Do *Pharol Maranhense* n.º 321, de 28 de julho de 1831.)

Nota C

Noticia sobre o fallecimento de F. Sotero

... que as lettras patrias acabavam de soffrer — pag. 165

Fallecimento. — Perderam as boas lettras patrias um dos seus mais distinctos ornamentos com a morte do respeitavel ancião o sr. Francisco Sotero dos Reis. O illustre fallecido passa d'ora em diante a occupar invejavel logar no Pantheon das nossas glorias litterarias.

Erguendo-se para a vida pública com a geração da independencia, tornou-se notavel como jornalista na sustentação dos principios da eschola da auctoridade, principios que sempre defendeu na imprensa e no seio da representação provincial, de que fez parte por muitas e repetidas legislaturas.

Muito moço ainda dedicou-se ao magisterio, prestando na cadeira de professor os melhores serviços á nossa mocidade. Tamanha foi esta sua vocação e tão identificado vivia com o magisterio que poucos dias antes de se lhe extinguirem os alentos vitaes e já muito enfraquecido pela enfermidade, que o levou ao tumulo, ainda os seus discipulos ouviram-lhe a voz na cadeira de professor.

Philologo profundo, cultor assiduo e approveitado das lettras classicas em cujo gosto formou a sua individualidade litteraria, deixou-nos o sr. Sotero dos Reis trabalhos de incontestavel merito e mais que bastantes para testemunharem-lhe a gloria e abonarem-lhe o talento. O seu *Curso de litteratura brasileira e portugueza*, a sua magistral traducção dos *Commentarios*, de Cesar; ainda a sua inedita versão da *Phedra*, de Racine; as suas *Postillas* de grammatica, e a sua *Grammatica da lingoa portugueza* muito lhe recommendam o nome, laureando-o por maneira muito distincta.

Pena foi que já velho se resolvesse o nosso illustre concidadão a colleccionar e a publicar os seus escriptos, assim como que a necessidade de prover pelo magisterio aos meios de sua sempre honrada existencia, lhe roubasse grande parte do seu tempo, que, se mais livre e folgado o tivesse, podera ser mais larga e abundantemente applicado a composições litterarias. No pouco, porém, que nos deixou impresso e colleccionado, ha um rico legado de insigne trabalho e utilissimo serviço.

Falleceu o sr. Sotero dos Reis aos 71 annos de idade, deixando uma filha e dous filhos, que lhe pranteam sentidamente a morte, e a cujo luto associa-se a provincia e o paiz inteiro.

Era o sr. Sotero dos Reis incontestavelmente uma das nossas glorias nacionaes.

Muito fez em sua vida em honra e utilidade da patria, que será sempre reconhecida ao seu nome.

A redacção d'este jornal manifesta d'este modo o pezar que sente por tão infausto acontecimento.

(*O Liberal*, n.º 6, de 21 de janeiro de 1871.)

Fallecimento.—É immensa a perda que acabam de soffrer as lettras patrias.

Hontem pelas 4 horas da madrugada falleceu o erudito professor Francisco Sotero dos Reis, o decano dos professores do Maranhão, philologo illustre, latinista sem igual no paiz, grammatico sem superior nas duas nações em que se falla o portuguez.

Não ha n'estas palavras uma a que não tenha direito o sabio mestre, que a morte veio surprehender no meio de trabalhos que hão de perpetuar o seu nome. Por ellas se avalie a enormidade da perda.

Viveu o illustre finado cerca de 70 annos, e d'estes mais de 50 foram dedicados ao ensino da mocidade e ao jornalismo, no qual fez a mais conspicua figura. Nos primeiros annos de sua mocidade subio á cadeira do magisterio, da qual só desceu para baixar ao tumulo. E n'este longo periodo nem honras, nem empregos, nem augmento da fazenda pagaram-lhe tamanho serviço á patria e á humanidade.

Empregos, alem d'aquelles a que só para servir o paiz nunca se negara, apenas teve um—o de professor de latim do lyceu. Honras, alem das que lhe dava o proprio merito e lhe hão de guardar os livros que escreveu só lhe conferiu o governo o gráo de cavalleiro de Christo.

Se como cidadão o venerando finado foi dos brasileiros mais distinctos, como homem particular era de um caracter nobilissimo, de notoria mansidão, conciliador, e singularmente bondoso.

Foi um cidadão prestante em todos os sentidos.

Em signal de dôr estiveram hontem fechados o lyceu, os collegios de meninas e meninos e os seminarios.

Numerosissimo concurso de pessoas de todas as classes, desde o presidente da provincia, levaram o feretro ao cemiterio da Misericordia.

(*O Paiz*, n.º 7, de 17 de janeiro de 1871.)

Fallecimento.—Hoje ao amanhecer receberam os habitantes da capital a triste e fatal noticia de haver fallecido ás cinco horas da madrugada o profundo litterato e nosso primeiro philólogo, Francisco Sotero dos Reis.

A morte de um cidadão em taes condições é uma calamidade publica.

Não perdem com elle só sua familia e seus amigos, mas tambem a patria e as lettras.

É mais uma gloria maranhense que sahe da scena do mundo para ir occupar o seu logar na historia.

Sotero dos Reis, ainda hontem vivendo entre nós, hoje é apenas uma recordação que pertence ao passado. Começou para elle a posteridade ganha pelas suas glorias litterarias.

Não morrem inteiramente os homens como elle. Cessa uma vida para começar outra. É a eternidade no mundo, se assim se póde dizer.

A sciencia, a litteratura nacional, a imprensa, o magisterio, a patria, illustrados todos pelos seus serviços, e pranteando todos a sua morte, cobrem-se de pesado lucto.

Este jornal, que por seis annos laureou-se com os seus escriptos, lamenta sentidamente a morte do seu ex-redactor.

Hoje á tarde terá logar o seu enterro.

(O *Publicador Maranhense*, n.º 12, de 16 de janeiro de 1871.)

Enterramento.—Conforme noticiámos, foram hontem á tarde conduzidos ao cemiterio da Santa Casa da Misericordia os restos mortaes do conspicuo varão, Francisco Sotero dos Reis.

Acompanhavam o funeral seguramente quatrocentas pessoas, muitas das quaes, não havendo recebido convite, compareceram todavia para render justa e expontanea homenagem ao fallecido.

Faziam parte do sequito os alumnos dos collegios de S. João e da Immaculada Conceição.

Pegavam nas alças do caixão o ex.mo sr. dr. Augusto Olimpio Gomes de Castro, presidente da provincia, e os ill.mos srs. dr. Gentil Homem de Almeida Braga, Francisco José Gomes Pereira, Luiz Carlos Pereira de Castro, commendador Luiz José Joaquim Rodrigues Lopes e William B. Wilson, vice-consul inglez.

O prestito, tendo sahido com alguma demora, chegou ao cemiterio quasi ao anoitecer. Ahi teve logar a encommendação acompanhada de musica.

Em seguida foi o corpo carregado a pulso por amigos do fallecido até o logar em que tinha de ser sepultado. N'esse momento solemne o sr. dr. Jorge Junior leu um breve discurso—expressão sincera dos sentimentos que o ligavam ao illustre morto.

Hontem suspenderam os seus trabalhos em manifestação de pezar por tão sensivel perda para o ensino da mocidade, o lyceu, os seminarios, e os diversos collegios de meninos e meninas.

Foi geral e immenso o sentimento que causou a morte de tão eximio litterato e bom cidadão.

O numeroso acompanhamento que teve o seu cadaver prova-o irrefragavelmente, attenta a modesta posição social do fallecido.

Os signaes de magua e pezar que foram dados por esta occasião, não tiveram outro movel senão a merecida consideração e respeito que inspiravam suas raras qualidades pessoaes e o seu merito litterario,—foram homenagens ao saber e á virtude.

Eis o discurso do sr. dr. Jorge Junior:

Cujus memoria in benedictione est.
Sua memoria é abençoada.

(Livro do Ecclesiastico, cap. XLV, n.º 1.)

SENHORES!

O cadaver que temos á vista é o de um varão distincto por suas luzes; distincto pelos seus profundos e especiaes conhecimentos nas linguas portugueza e latina; distincto pelo seu desinteresse mundano, ainda com relação á honra e cargos publicos; distincto como um dos maiores perceptores da mocidade brasileira, especialmente da maranhense, em cuja instrucção muito se comprazia, de preferencia a tudo, pelo que essa mocidade no geral sempre lhe consagrou o maior respeito de que era merecedor. Muitos dos nossos concidadãos, que já occuparam ou ainda occupam elevados cargos no Brasil foram seus discipulos.

Pelo que me diz respeito, me honro e muito de haver ouvido suas prelecções, tanto na sua propria casa, como no Lyceo, de que foi um dos maiores ornamentos; e com sincero e alto reconhecimento aqui o declaro junto ao seu jazigo como o declarava sempre que azada occasião se offerecia—que se de negocios de imprensa alguma cousa entendia e entendo, não só em materia de composição e provas, como de artigos apropriadas aos casos occorrentes, o devo em grande parte a este illustrado finado, a quem sou muito agradecido pela consideração com que me tractava; e porque sendo eu

ainda mero estudante do Lyceo, me confiava nos seus impedimentos de molestia e outros a direcção dos jornaes a seu cargo, e nunca cessou de abonar a minha conducta de estudante e de particular, embora depois de minha formatura divergentes andassemos uma ou outra vez em negocios politicos.

Acreditae, senhores, o sr. Francisco Sotero dos Reis, que nasceu n'esta cidade do Maranhão a 22 de abril de 1800, e morreu assim na idade incompleta de setenta e um annos, era um dos nossos mais illustrados e desinteressados concidadãos: seus escriptos e a parcimonia em que vivia são as melhores provas do que vimos de dizer; e por isso, sem lisonja o digo—as lettras patrias, a imprensa, a mocidade brasileira, especialmente a maranhense, muito perderam com a morte de tão digno brasileiro: o seu simples nome Francisco Sotero dos Reis constitue o seu elogio—*Dilectus Deus et hominibus.* Amado de Deus e dos homens.

Não preciso estender-me a mais em relação a um varão tão esclarecido e geralmente conhecido na republica das lettras. Concluo, pois, pedindo a seus dignos filhos e parentes—que acceitem meus leaes e intimos pezames, e que se resignem com a determinação de Deus, e a este que tenha a alma do sr. Sotero na mansão celeste.

Maranhão, 16 de janeiro de 1871. JORGE JUNIOR.

(*Idem,* n.º 13, de 17 de janeiro de 1871.)

Homenagem á memoria de Sotero dos Reis.—Lê-se na *Reforma:*

Onde quer que se falle a lingua de Camões será sensivel a noticia de haver fallecido o eminente e abalisado litterato.

Os que conhecem Sotero dos Reis pelas obras que elle publicou, apenas admiram uma face d'aquelle robusto talento. Jornalista, orador e professor eximio, a elevação de seus conhecimentos revelava-se de um modo surprehendente, fosse na tribuna legislativa, fosse na cadeira do magisterio, que elle exerceu durante cincoenta e dois annos.

O que dizer do *Curso de Litteratura?* Que é um livro sem precedentes tanto aqui como em Portugal?

Que a par da biographia dos escriptores e da analyse litteraria

de suas obras, cada capitulo do *Curso* é um modelo de vernaculidade e pureza de dicção?

Não ha quem o ignore, e a prova está na alta estimação em que é tida a traducção do illustrado maranhense.

Como jornalista, Sotero dos Reis sempre primou pela erudição com que discutia as questões doutrinarias, e da mesma fórma era a sua palavra muito reverenciada, sempre que na assembléa provincial do Maranhão elle tomava parte nas questões mais renhidas e importantes.

Na vida domestica Sotero dos Reis foi um varão digno de todo o respeito. Caracter austero e de boa tempera, chão, ameno e serviçal, tirava os recursos para a sua subsistencia trabalhando dia e noite com animo alegre e firmeza stoica.

Sua honrada familia, a quem elle lega um grande nome e uma grandissima pobreza, hoje que recebe palavras de pezames, deve ter uma consolação, e é, que as lettras nacionaes tambem se acham de luto e contristadas.

(*O Paiz*, n.º 38, de 19 de março de 1871.)

UMA LAGRIMA

Na campa do muito illustrado erudito Francisco Sotero dos Reis

Offerecido a seu discipulo apreciador e amigo o ill.mo sr. Luiz Carlos Pereira de Castro

I

O viajor errante que n'este vasto deserto, aborrecido d'um luctar debalde, volve os olhos cansados e observa esses passos de gigantes que o tempo tem atravessado desde a epocha da creação até o presente, deixando tristes vestigios na vida humana, sente dois rios de lagrimas banharem-lhe a fronte resequida pela descrença, sente comprimir-lhe o peito a pesada mão da realidade, e de envolta com essa espectativa muitos momentos se lhe escoam na ampulheta da vida, e é ainda n'esses momentos que vem repassar-lhe a alma lembranças transidas da mais acerba saudade d'aquelles que lhe foram caros, e ainda mais d'aquelles que legando um nome illustre á sua patria, os acolhia, modestamente, á sombra de suas glorias.

II

O dia 16 de janeiro será de pungentes e acerbas recordações para todos os brasileiros... ah! e talvez para os dois paizes onde se falla a lingua portugueza.

Hoje acaba de ceifar a fouce voraz e impiedosa da morte uma existencia preciosa para as lettras brasileiras, hoje o peso glacial da morte parece passar em todos os corações brasileiros, hoje finalmente a lousa do sepulchro separou-nos, na lagrimosa carreira da vida, úma das primeiras cabeças litterarias do Brasil e uma pagina da historia maranhense coberta com o negro crepe da existencia se fechará para mais tarde mostrar á posteridade a dôr perenne que a repassára.

Oh!... quem diria, se não fôra a voz imprescriptivel da realidade, que tanto calor de imaginação, tanta força de espirito, tanta intelligencia robustecida por um apurado e longo estudo havia baquear a um leve sôpro? Nós que comprehendemos esse inseparavel da vida, vacillemos ante a verdade e essa apparencia de fórma humana? Porém o dia 16 de janeiro veiu rasgar esse véu sacrilego da descrença e mostra-nos: um corpo quasi inanimado sobre o leito, perdendo pouco a pouco os traços de vida que lhe restavam, uma familia desvelada que via fugir os ultimos instantes d'aquelle pae estremoso, e esse homem-rei, outr'ora forte, robusto, agora inerte, e a respiração, outr'ora forte pela elevação de seu espirito, vae morrendo até á flor dos labios; e volvendo os olhos cansados para o firmamento, como se fitasse uma janella da eternidade «partira-se-lhe a alma n'esse instante», e o pallido e tenue clarão da lua, de envolta com as sombras, perdia-se na escuridão, semelhando ao anjo pallido de seus dias, que fugia para a eternidade o grito de dôr que em acordes plangentes e tristes soaram nos ambitos d'aquelle aposento, arrancado por aquella familia desvelada e amante, e aquelles olhos vellados pela morte, tudo dizia que acabava de exhalar o ultimo suspiro Francisco Sotero dos Reis. Oh!... espectáculo lagrimoso!

Chorae, corações brasileiros!

Chorae, que esses brandões que ora despedem funereo brilho junto a esses luxuarios crepes, não sabem dizer o que dizem vossas lagrimas da alma!

Chorae!

Guardae essa dôr dentro em vossas almas, e ide sempre guardados pelos sombrios ramos do cypreste derramar uma lagrima na campa d'aquelle que á sombra de suas glórias tanto elevou o Brasil.

Vós, discipulo inseparavel, apreciador como eu, d'esse talento cuja ausencia sempiterna agora choraes, recebei sincero pezame, e juncto ás vossas consolações, levae ao seio d'essa familia uma lagrima de dôr.

Maranhão, 17 de janeiro de 1871. E.

SONETO

Á sentidissima morte do muito illustrado litterato brasileiro Francisco Sotero dos Reis

Vencendo a amplidez da noite escura,
Vae feliz gosar da paz da glória,
Entre os justos dos céus cantar victoria
Do divino Sotero a alma pura.

Seu nome mesmo alem da campa escura
Viverá de todos na memória;
Não póde, um nome que nos trouxe gloria
Jazer c'o a morte em fria sepultura.

Já alto sôa entre as duas nações
O altivo nome do illustre mestre,
Coberto de sinceras oblações.

Da rica lingua do immortal Camões
Que é feito agora do erudito mestre?
Ai... chorae brasileiros corações...

18 de janeiro de 1871. N.

(O Publicador Maranhense, n.º 21, de 26 de janeiro de 1871.)

Á memoria do distincto philologo maranhense o sr. Francisco Sotero dos Reis

Salvete, o cari cinires, mihi tempus in omne;
Sitque aeterna quies, sit quoque terra levis!

VIRGILIO.

I

Após o gyro brilhante
Na órbita da existencia,
Bello astro radiante
Parou juncto á Omnipotencia!

É que o tempo era marcado
No livro do seu destino!
É que o astro já cançado
Parou em logar mais dino!

O meu estro symbolisa
O philólogo profundo,
Cuja glória se eternisa,
Deixando fama no mundo!

As lettras mimoseando
No trabalho sempre austero,
O astro foi-se apagando,
Já não existe Sotero!

II

Se entre os vultos meritorios
Do nosso bello paiz
Deploramos merencorios
Um vulto de San'Luiz,
Podem-nos bem compensar
Seus discipulos talentosos,
E os monumentos formosos
Que o hão de immortalisar!

Sempre assiduo no trabalho,
Homem de vasta lição,
Era o frondoso carvalho,
Que resistia ao bulcão!
Tendo virtudes christans,
Avêsso á louca vaidade,
No peito tinha a piedade,
Desprezando as honras vans!

Professando honrosamente
A carreira magistral,
Na tribuna honestamente
Servio a terra natal.
Nos cargos que sempre honrou,
Dos quaes jamais abusava,
Exemplo honroso elle dava
Da justiça que presou.

Das musas cultor profundo
No metro me dirigiu;
Inda nóvel eu no mundo,
Meus ensaios corrigiu.
Do incansavel professor
Á veneranda memoria
Lhe tribute a nossa historia
Um logar d'alto primor.

III

Juncto á urna funeraria
Eis a cr'oa que deixei;
Eis a inscripção não falsaria,
Que na base lhe gravei:

«Cansado já da existencia,
«Aqui repousa, aqui jaz
«Das lettras uma excellencia,
«Que só do bem foi capaz!

«A litteratura honrando,
«No trabalho sempre austero,
«Qual astro foi-se apagando,
«Já não existe Sotero!

S. Luiz, 19 de janeiro de 1871. J. DE C. ESTRELLA.

(*Idem*, n.º 15 de 19 de janeiro de 1871.)

Fallecimento.—Acaba a litteratura brasileira de perder um de seus melhores, senão mais uteis representantes. No dia 16 do mez passado (janeiro) falleceu na cidade de San'Luiz do Maranhão o sr. Francisco Sotero dos Reis, profundo latinista e consummado philologo.

Varão simples e modesto nas suas aspirações, consagrou todas as horas uteis da sua longa existencia no ensino da mocidade, fazendo do magisterio um apostolado. Já no ultimo quartel da vida, quando o corpo avelhentado pedia descanço, começou no emtanto, instado de seus numerosos amigos e discipulos, a produzir os fructos de seu immenso cabedal d'estudos, dando á publicidade n'estes derradeiros annos: — *Commentarios de Julio Cesar* (traducção), *Grammatica portugueza accommodada aos principios geraes da palavra, seguidos d'immediata applicação practica* (1866), *Postillas de grammatica geral applicada á lingua portugueza pela analyse dos classicos*, etc., (1868), e *Curso de litteratura portugueza e brasileira*, de que sahiram 4 tomos.

Nos seus trabalhos sobre grammatica illucida e discute com profundeza, methodo e perspicuidade muitos pontos até hoje duvidosos, e no *Curso de litteratura* appresenta um corpo de doutrina assaz completo, tendo de mais o merito de ser o unico de seu genero na lingua portugueza.

Encontra-se de pag. 379 a 383 do tomo IX do *Diccionario Bibliographico* do sr. Innocencio Francisco da Silva uma noticia mais desenvolvida sobre este illustre litterato.

(*Jornal do Commercio* de Lisboa, n.º 5198, de 21 de fevereiro de 1871.)

Nota D — pag. 178

Juizos da imprensa sobre suas obras

Boas lettras

Lisboa, 2 de julho de 1867.

Ill.mo sr. Francisco Sotero dos Reis: — Não estarei eu já incurso na pena de desagradecido, por nem sequer ter accusado o recebimento da *Grammatica portugueza* com que v. s.ª me brindou? Na duvida, appello confiado, para o generoso affecto com que vejo sou honrado por v. s.ª

Não ha homem mais pobre de horas do que eu. Faltam-me para metade das coisas indispensaveis; para deleites minguam-me totalmente. Desejava conhecer bem o livro antes de o agradecer, e promettia-me não pequena satisfação d'essa leitura; mas por mais que espreitasse momento livre não o vi chegar.

A um latinista como v. s.ª já se póde sem desconveniencia citar o nosso Horacio:

> Rusticus expectat dum defluat amnis: at ille
> labitur, et labetur in omne volubilis aevum...

Roubo pois o tempo que não tenho. Examino, ainda que só por alto, este fructo do grangeio litterario de v. s.ª, e dou-lhe já os parabens de se empregar com tanto amor e zêlo na instrucção da mocidade e no cultivo da nossa formosa lingua.

Direi eu a v. s.ª que tudo nas suas paginas me pareceu igualmente bem? a lisonja não se inventou para os homens superiores. V. s.ª não a merece: pontos ha, tenues sim, mas ha-os, em que as minhas theorias sobre a linguagem, algum tanto discrepam das de v. s.ª E vá outra vez Horacio (eu moro n'um torrão a que chamam Tibur):

> viciis nemo sine nascitur; optimus ille est,
> qui minimis urgetur.

Sobre assumpto nenhum se tem escripto mais que sobre grammatica. As portuguezas não tem já conto; e dado que a maior parte e a quasi totalidade d'ellas, pouco mais façam que recopilar as pre-

cedentes, creio que nenhuma se poderia jámais gabar de estar em perfeita congruencia com as idéas de todos os leitores.

São porém essas em geral meras questões de lana caprina ou pouco mais. Não vale a pena, nem já fica bem n'este seculo de trabalhos uteis, imitar o mestre do Tolentino:

> que co'a pitada na mão,
> revolvia altos mysterios,
> do adverbio e conjuncção.

Eu em materias de ensino, vou sobretudo para o practico, para o applicativo, para o terra-terra, para o muito intelligivel, muito claro e muito ameno; porque sei que nada repugna mais a quem estuda do que as abstracções, e as theorias que são alturas quasi sempre nebulosas.

Se eu fosse condemnado a fazer uma grammatica, parece-me que havia de seguir n'ella um methodo contrario ao de que se usa em todas as nações: não havia de começar pelas regras, que são já a synthese dos exemplos, mas sim pelos proprios exemplos, que, bem desfiadinhos e bem repetidos, estilam de si as regras, tão puras, tão nitidas, tão claras, que basta olhal-as para as ficar sabendo, sem ter sido preciso decorar coisa alguma.

Para que servem definições abstrusas, e as mais das vezes bem pouco philosophicas, para incutir doutrinas tão faceis de si, que, no que ellas têem de real quasi que tanto sabem os discipulos como os mestres, sendo a unica vantagem dos mestres aquelle ar scientifico, verdadeiro assassino da sciencia como bem lhe chamava Rousseau!

Porque se ha de persistir em cerrar os olhos e os ouvidos ao que a natureza mesma, mostra e prega a todos os entendimentos summos e infimos! É ou póde ser a grammatica uma sciencia recondita, um privilegio para alguns espiritos, uma maçonaria de lyceus de que o povo seja excluido como profano? Decerto não. Uma vez que todos fallam, e entendem o que se falla, é intuitivo que todos são grammaticos, um tanto é verdade á maneira de Mr. Jourdain no *Bourgeois Gentilhome:* «Par ma foi, il y a plus de quarente ans que je fais de la prose sans que j'en susse rien; et je vous suis le plus obligé du monde de m'avoir apris cela».

O tirocinio não podia, não devia ser outro, se este mundo não fôra todo de meras vanidades e conhecidos enganos mutuos, não de-

via, repito, nem podia ser outro, senão a demonstração e emenda dos solecismos, em que ás vezes descambam no fallar as pessoas carecentes de toda a cultura. Até aqui pedia-o a necessidade, e devia-se conceder; mas tudo que é d'aqui para diante introduziu-o, e sustenta-o, e ha de sustental-o ainda por muito tempo, a vaidade e a charlatanaria.

Ha ensinadores de grammatica, e conheço-os eu, que ensinam de cór mil definições e regras; e se os mandarem escrever a minima carta póde-se apostar cem contra um, que a hão de inçar de barbarias de todo o genero.

A pseudo-grammatica das escolas, o que faz é consumir em palavrorio mezes e mezes na idade, em que os instinctos naturaes pedem coisas em vez de palavras; e se alguma coisa deixam na alma é a repugnancia ao estudo como a uma tyrania estupida, e o ruim hábito de acceitarmos e impingirmos moeda falsa no commercio dos espiritos.

É isto uma convicção minha já agora inabalavel: que no systema de ensino, especialmente das humanidades, tudo anda errado; que se deixe de ensinar, e portanto de apprender, quasi tudo que é necessario e solido, substituindo-lhe o frivolo, o inutil, e talvez, afinal de boas contas, o prejudicial!...

Mas isto, meu caro senhor, foi uma digressão; foi uma necessidade de lançar fóra uma postema velha, e de modo nenhum pretendo que d'estes meus principios se infira desabono algum para a grammatica de v. s.ª V. s.ª submetteu-se ao costume recebido, acceito e consagrado, e se outra coisa fizesse, não seria impunemente.

Não me deterei agora em apontar algumas venialidades que me pareceu descobrir no livro de v. s.ª, e que eu sei poderem allegar em seu favor muitas auctoridades, e largo uso com acquiescencia tacita dos que pensam algum tanto acima do vulgar.

V. g.: no tocante á orthographia acho nas doutrinas de v. s.ª pontos em que a minha consciencia não concorda, mas que Deus me livre de discutir. Só indicarei algum.

Porque razão se ha de deixar tanto no vago a opção de uma base orthographica. Esse eclecticismo não será antes uma anarchia? A escripta etimologica, segundo a pretende meu irmão, etimologica inflexivelmente, tenho-a eu por inconvenientissima sobre difficilima, e incompativel com a fatal ignorancia do povo. A orthographia

fonica, o retrato fiel da palavra fallada, que seria a mais séria revolução, a mais liberal e a mais fecunda, tem, não o véjo, difficuldades enormissimas para ser acceita. A d'elle, é erudita mas impopular. A dos meus sonhos é humanitaria, é a pedra fundamental da escola primaria, mas tem contra si o batalhão cerrado de todos os que escrevem. Qual é o meio de conciliar tão oppostos extremos? que habilitações têem os alumnos ou os professores, para serem juizes nos conflictos d'estes dois methodos, conflictos que de vocabulo a vocabulo e de silaba a silaba se renovam, recrescem e se multiplicam? Que é dos diccionarios auctorisados ou auctorisaveis para lhes solverem as duvidas? Receio muito que, com o que v. s.ª estabelece n'esta parte, continuemos a ter tantas orthographias, quantos forem os tinteiros, ou ainda mais orthographias do que tinteiros, pois ha de continuar a acontecer que a mesma pessoa escreva muitas vezes a mesma palavra por modos diversissimos.

Outro reparo: porque rasão auctorisa v. s.ª com o seu bello nome o preceito velho, de se não começarem versos sem maiuscula, moda já aliás muitissimo descahida?

Mas, repito, tudo isto são apenas escrupulos, com que de sorte nenhuma pretendo invalidar nem escurecer o merito das doutissimas locubrações de v. s.ª

V. s.ª mais prudente de certo do que eu, e mais philosophicamente amigo do seu descanço, não quiz ser innovador. Acquiesceu, até onde lhe foi possivel sem grave escandalo, ao ramerrão, de todos os tyranos do nosso globo, o maior tyrano. Viu-se condemnado a uma aria estreita, e fez dentro n'ella o mais que se podia exigir de um bello talento, de um estudo indefesso, e de um verdadeiro zêlo para com a instrucção.

Receba pois v. s.ª os meus emboras e os meus agradecimentos pela sua offerta, e creia em que tenho a maior satisfação em assignar-me de v. s.ª muito respeitoso venerador e affectivo servo,

A. F. DE CASTILHO.

(Folha dos Curiosos, n.º 12—março 1869).

LITTERATURA

Curso de litteratura portugueza e brasileira proferido pelo sr. F. Sotero dos Reis no inst tuto de humanidades do Maranhão. 1866 [1]

Emendatissimus scriptor...

I

Uma das folhas do Maranhão dera o anno passado a boa nova de que o eminente litterato, o sr. F. Sotero dos Reis, a instancias de seus amigos, resolvêra publicar em livro as lições que proferíra na cadeira de litteratura que tão brilhantemente rege no Instituto de humanidades da cidade de S. Luiz.

Era de certo para lamentar que a palavra, tão castigada e rica de erudicção do distincto professor fosse condemnada a expirar dentro do estreito recinto de uma sala. Que damno para as letras patrias, para a gloria desta terra, para essa mocidade que ahi vem cheia de talento e avida de saber, com a fronte a lampejar de esperanças risonhas e trazendo no coração o presentimento de grandes destinos — que vivessem só a vida ephemera da palavra as luminosas lições em que o illustre velho accumulára os opulentos resultados de longos trabalhos e as revelações de uma intelligencia privilegiada!

Accedendo felizmente ao justo desejo de seus numerosos admiradores, o sr. Sotero poz mãos á obra, reviu seus esboços; concertou-os, ampliou-os; accentuou-lhes as feições; avivou-lhes os perfis; deu-lhes, emfim, aquella fórma clara, sobria e perspicua que é o caracteristico de seus escriptos.

E, graças ao excellente estabelecimento typographico do sr. B. de Mattos, já os amigos das boas letras festejam o apparecimento do primeiro volume.

O *Curso de Litteratura Portugueza e Brasileira* do sr. Sotero é um commettimento litterario de proporções ousadas, vasto em seus de-

[1] Este estudo, escripto em 1866, allude tão sómente ás materias discutidas no 1.º tomo do Curso de Litteratura do sr. Sotero, e logo que acabava de ser publicado.

signios. O sabio professor emprehendeu fazer a historia e a critica de todas as phases e vicissitudes por que tem passado a lingua e litteratura portuguezas desde suas origens no seculo XIII até aos tempos em que vivemos.

Que erudicção, que senso critico, que variedade de conhecimentos não são de mister para triumphar das multiplicadas difficuldades que de todos os lados ouriçam o assumpto!

Rastrear os elementos da lingua em sua formação primitiva, acompanhal-a em sua marcha progressiva, precisar as suas variações nas diversas epocas: fazer a critica dos grandes escriptores, esboçando os costumes, habitos, ideas e preconceitos da sociedade em que viveram e de que seus escriptos são o transumpto, notar-lhes as bellezas e defeitos, caracterisal-os a traços firmes; emfim julgal-os: é, sem duvida, uma tarefa ardua, improba, semeada de perigos a desalentar as mais pronunciadas vocações!

Pois bem: se é licito prejulgar da execução da obra pelas desasete lições publicadas, não ha a recear decepções: o sr. Sotero não se mostra inferior ao trabalho emprehendido, seus hombros, para usar de uma phrase do elegante habitador dos Sabinos, são bastante robustos para auguentar o peso do fardo. A critica litteraria do professor maranhense é larga e profunda, á maneira dos grandes mestres. O methodo e os processos que emprega, lembram por vezes os modelos de Villemain. O sr. Sotero pertence á nova escola; comprehende a critica como uma arte nobre e elevada que vive da inspiração divina.

A critica da escola antiga, como o sabem todos que se dão a este genero de estudos, nascida na idade media, filha da philosophia escolastica, nada mais era do que a applicação nua e descarnada das regras aristotelicas e horacianas aos productos do engenho humano; era uma operação mecanica que consistia em comparar o texto, isolado de suas affinidades historicas, com as maximas recebidas. Esta escola tacanha, arida e esteril assentava em uma base falsa: tomava as manifestações do bello por via da palavra — os monumentos da poesia e da eloquencia como dados mathematicos; mutilava cruelmente o facto litterario; ignorando que a litteratura é a expressão da vida inteira de um povo em cada epoca, de suas ideas e sentimentos, de seus habitos e costumes, de seus preconceitos e aspirações.

A velha escola tem ainda adeptos aqui no Brasil, em Portugal e até nos mais cultos paizes da Europa. Ella ahi anda a esterilisar a imaginação da mocidade na *Poetica* de Freire de Carvalho, no *Bosquejo* de litteratura do sr. Figueiredo, e em mil outros *compendios de rhetorica.*

Não era natural que o espirito humano perseverasse no trilho do erro. E de feito já pelos tempos da renascença, nessa epoca de fermentação, de ancias, de aspirações poderosas, de um revolver insano, em que a intelligencia moderna despertava vivaz, pujante, fecunda, apparecem os prenuncios da verdadeira critica litteraria: houve quem se insurgisse contra Aristoteles e Horacio taes como os fizera a scholastica. Em meiados do seculo XVI Montaigne, com uma liberdade de exame que surprehende, desafogado dos aforismos preconisados, com aquella isempção e facilidade de espirito que tanto distinguem os escriptos do amavel gascão, applicava aos admiraveis monumentos das letras antigas a *critica experimental:* os periodos retumbantes e sesquipedaes de Cicero, a concisão affectada de Seneca, a nudez elegantissima de Cesar acharam nelle um juiz sobranceiro e justo, cujas sentenças o bom gosto tem confirmado.

Na Inglaterra, pelos começos do seculo XVIII, Addison escrevia no *Spectator* encantadores ensaios de critica, animada, vivificadora e apoiada em longas bases. Mais tarde, o celebre dr. S. Johnson buscava na biographia dos poetas inglezes novos elementos para suas apreciações litterarias.

Lessing e Schlegel na Allemanha elevavam a critica á maior altura, conciliando as mais altas concepções philosophicas com a realidade historica.

Nos fins do seculo passado La Harpe abria em França aos estudos criticos novos horisontes.

Para nós, porém, Villemain é na arte da critica o grande mestre—o incomparavel—diremos d'elle, como de Thucydides diziam os gregos.

Villemain anima com o sôpro vivificador de seu genio os monumentos litterarios que escolhe para assumpto da discussão; estuda-os em todos os sentidos; interroga a historià e a biographia; explora todas as fontes de informação; institue parallelos; e de sua critica profunda e luminosa resalta fielmente interpretado o pensamento do escriptor: a sublimidade da idéa, o movimento das pai-

xões, a pintura dos caracteres, a urdidura da composição, os primores de fórma, defeitos e desvios; tudo é julgado á luz de uma esthetica superior e de uma philosophia elevada.

A critica, assim praticada, é uma grande arte, fecunda em resultados, e que inspirando-se nas fontes do bello, enriquece as litteraturas com suas producções, com obras primas.

O distincto professor maranhense applicando ao seu ensino o methodo de Villemain, funda entre nós a verdadeira critica litteraria e preenche uma lacuna de ha muito sentida. As lettras patrias estavam ainda á espera de seu historiador. Abundam em Portugal, é verdade, artigos parciaes, alguns ensaios escriptos com talento superior e com perfeito conhecimento do assumpto: temos mesmo um resumo insigne—a *Historia da lingua e poesia portuguezas*, de Garrett, obra de genio, traçada com aquella mestria, vigor de toques, profundidade de juizo e perspicuidade de estylo, que sellavam tudo quanto saía da assombrosa penna do author de *Frei Luiz de Sousa*. Mas faltava-nos um estudo methodico, de longo folego, completo, desenvolvido, que, tomando a litteratura portugueza em seu berço, a acompanhasse em todas as vicissitudes, guardando a filiação logica e historica de todas as epochas, e marcando-lhes as variações.

Ao sr. Sotero estava reservada a honra de emprehender este arriscado trabalho; a elle caberá, nós o esperâmos, a glória de condignamente leval-o ao cabo.

II

Abre o sr. Sotero o seu *Curso de Litteratura* por um excellente estudo da origem, formação, progressos e aperfeiçoamento da lingua portugueza, assumpto a que dedica sete licções.

Qual a origem da lingua?

É o portuguez lingua derivada?

De que tronco?

São estas as primeiras theses que naturalmente se offerecem á investigação do illustre professor.

Sustenta o sr. Sotero com Leoni e outros distinctos philologos, que—do latim barbarisado e decomposto pela invasão de dois povos que successivamente conquistaram a peninsula iberica—os godos no seculo v e os arabes no seculo vii—procede o portuguez.

Que o latim contribuiu com largo quinhão para a formação do portuguez, é fóra de dúvida: demonstra-o a grossa cópia de vocabulos de origem latina, empregados para exprimir até as cousas e conceitos os mais vulgaros, e explica-o a dominação da peninsula pelos romanos durante o longo periodo de dez seculos. Mas que o portuguez seja o latim decomposto segundo certas tendencias, pedimos licença para duvidar.

A formação de uma lingua accusa a existencia de uma raça distincta, com indole, genio, tradicções, usos e costumes particulares. O portuguez, lingua áparte, e não como pretenderam alguns, dialecto do hespanhol, presuppõe a seu turno um povo especial, que na sua amalgamação com as raças invasoras não perdeu de todo o caracter e essencia que lhe eram proprios.

Este povo teve, e não podia deixar de ter, uma lingua, acervo de signaes, aggregado talvez de elementos sem afinidade, sem consistencia—dialecto rude, grosseiro, informe, que foi, por assim dizer, o nucleo em torno do qual vieram grupar-se os vocabulos latinos e os provenientes de outros idiomas fallados na peninsula durante suas successivas invasões, e que, afinal, enriquecido, transformado e aperfeiçoado, veiu a formar o portuguez hodierno.

Sem necessidade de pedir subsidio ás escavações historicas, no terreno meramente philologico, encontrâmos provas de que aquella foi a origem e a formação da lingua portugueza.

Todas as palavras derivadas do latim e de outras linguas tomaram em nosso idioma uma configuração, um geito, uma physionomia especiaes; revestiram, para assim dizer, o genio da lingua.

O supracitado sr. Leoni até escreveu um livro para explicar as leis que regem a transformação da palavra latina em palavra portugueza: *leis de corrupção* as denominou elle.

O que é este trabalho de transformação senão a absorpção de palavras estranhas por uma lingua preexistente que lhes impõe o seu genio?

Este phenomeno não é de hoje: teria então outra explicação; mas verifica-se nos monumentos litterarios os mais antigos. Nas oitavas achadas em 1187 no castello de Lousan, transcriptas pelo sr. Sotero, lêem-se as seguintes palavras: *esguardar, seixo, idade, templo,* etc., evidentemente vocabulos latinos *aportuguezados.*

Outra prova rastreia-se ainda na differença de syntaxe e nas par-

ticularidades que distinguem a locução portugueza. É cousa já observada por eminentes litteratos, que a phrase portugueza, modelada pela construcção latina, perde o geito, a graça e a louçania que lhe são peculiares.

Ha, porém, uma consideração que nos parece decisiva. É facto irrecusavel, e o sr. Sotero o reconhece — que á medida que se vae aperfeiçoando atravéz dos seculos, em vez de affastar-se, approxima-se o portuguez da construcção latina. Pois bem: se o portuguez procedêra directamente do latim, como o ramo do tronco; se fôra, como affirmam, um producto da decomposição latina, ter-se-ia operado indubitavelmente o phenomeno inverso, isto é — em sua origem, no primeiro periodo de formação, estaria o portuguez mais proximo do latim do que nos seculos subsequentes. Isto é claro.

Consignemos, no entanto, o facto: — o portuguez culto tem mais analogia com o latim do que o portuguez barbaro.

Deste facto induz-se — que o portuguez não é uma ramificação da lingua latina, mas um corpo distincto que desenvolveu-se, poliu-se e aperfeiçoou-se sob a acção do latim.

A tendencia da approximação ao molde romano é o resultado da influencia litteraria exercida pelos grandes escriptores da lingua, educados na cultura e admiração das letras antigas.

Cumpre limitar e corrigir semelhante tendencia: o effeito immediato della será desnaturar o portuguez, desbotar-lhe o colorido nativo e roubar-lhe as locuções idiomaticas, sem dar-lhe a concisão, a gravidade e energia da lingua mascula do povo rei.

Em resumo:

Não contestâmos a intervenção longa e poderosa do latim na formação do portuguez.

Mas, ao contrario do parecer do sr. Sotero e do de outros philologos que fazem do portuguez um destroço cahido do tronco latino, inclinamo'-nos á opinião daquelles que acreditam que a formosa lingua de Camões deduz sua origem do dialecto fallado pelos habitantes das terras doadas ao conde D. Henrique. Esse dialecto, qualquer que fosse elle, engrossado com o vasto caudal do latim e com vocabulos provenientes de outros idiomas, foi-se polindo e aperfeiçoando até tornar-se lingua culta; mas conservando sempre o seu caracter, o seu genio especial que se manifesta ainda no cunho que dá ás vozes derivadas.

III

Fixadas as origens da lingoa, prosegue o sr. Sotero nas suas curiosas investigações.

Pelos fins do seculo XIII o portuguez começa a tomar consistencia e já apresenta feições caracteriscas, germens do que hade vir a ser. Nesta epoca existe um monumento precioso, o *Cancioneiro* d'el-rei D. Diniz. O estado de lingoa no seculo XV é attestado pelo *Leal Conselheiro* d'el-rei D. Duarte, pela *Chronica* dos reis portuguezes de Fernão Lopes e pela *Chronica* de Guiné por Azurara: são consideraveis os progressos; a physionomia do idioma comtudo é ainda barbara.

Nos começos do seculo XVI vae adiantado o trabalho de depuração. Desembaraça-se a lingua de suas fôrmas rudes, a phrase torna-se mais correcta; o periodo vae adquirindo configuração mais regular. Nos versos e na prosa de Bernardim Ribeiro já exprime com suave morbidez as tristezas de uma alma repassada de amor e de saudades: nos autos de Gil Vicente presta-se facil ás exigencias do dialogo; nos contos de Sá de Miranda traduz com energia e concisão o conceito moral. Mas subsistem ainda certos laivos da antiga rudeza. Na segunda metade d'esse seculo dão-lhe os fóros de culta e fixam-n'a definitivamente Ferreira, Barros e Camões. Floresce com grande esplendor até meiado do seculo XVII. D'ahi por diante começa a declinar. As funestas consequencias de oitenta annos de dominação estrangeira, a tyrannia da inquisição, que se exagera sob os Filippes, o ensino tacanho dos jesuitas, que procuram abafar na alma da mocidade as aspirações nobres e generosas, enervam a intelligencia portugueza, abatem-lhe os vôos e estreitam-lhe os horisontes. A lingua perde o vigor e a força da expressão, ganha um brilho falso; a phrase entumece e o pensamento amesquinha-se; a simplicidade transforma-se em subtileza; a naturalidade do dizer cede o logar á arrogante affectação. Predominam com a tyrannia da moda o gongorismo e o marinismo.

Com Pombal a monarchia portugueza levanta-se de sua ignava prostração; renasce o sol da prosperidade: os jesuitas são expulsos; o supplicio do fogo é abolido. Com este movimento ganham as lettras; funda-se a academia dos arcades; Garção, Diniz, Santa Rita Durão e José Basilio regeneram a poesia: este periodo não nos deixou nenhum monumento notavel em prosa.

Nos fins do seculo passado e no começo do presente a lingua portugueza foi atacada de um contagio que lhe alterou consideravelmente a compleição. O livro francez, evangelho das doutrinas da revolução, invadiu o mundo. E tal foi a influencia da nova civilisação, que até as linguas dos differentes povos da Europa receberam profunda modificação. O portuguez inçou-se de grande cópia de palavras francezas, e o que mais é, a propria extructura da phrase perdeu a feição nativa e afrancezou-se: os grandes escriptores desta epocha, F. Elysio, Bocage e Caldas resistiram á torrente do gallicismo, e salvaram as boas tradicções.

O assumpto das licções 7.ª e 8.ª interessa-nos particularmente. Entra em scena o Brasil. Já pelos meiados do seculo passado figuram entre os portuguezes dois poetas brasileiros, Durão e J. Basilio. Nas suas composições ha certos toques que accusam influencia estranha; toques ligeiros, fugitivos, mas reaes. Apparecem já no desenho a paisagem brasileira e a figura curiosa do indigena. Os pinceis e as tintas são portuguezes, mas no tom do colorido sente-se já certa novidade.

O Brasil, constituido em nação independente, não podia deixar de ter a sua litteratura. Ella começa de formar-se e apresenta já traços que a distinguem da litteratura portugueza: «A litteratura brasileira e portugueza, diz o sr. Sotero, são tão parecidas nas feições, ademanes e attitudes, como o podem ser duas irmãs gemeas, que mal se distinguem por alguma diversidade de fórma e ar proprio, só perceptiveis para os que as estudam com muito cuidado».

O eximio professor, depois de caracterisar a largos traços o estado actual das duas litteraturas, resume as differenças mais notaveis que as distinguem.

Ao terminar sua bella introducção sobre a historia da lingua portugueza, o sr. Sotero formúla nos seguintes termos o seu juizo final:

«Devo concluir, dizendo-vos em abono da bella lingua de Camões e Vieira, hoje fallada por quinze a dezeseis milhões de individuos, ou grupados em nações ou dissiminados pela superficie do globo, que de todos os modernos idiomas, derivados do latim, o portuguez é um dos mais ricos, expressivos, harmonicos e proprios para tratar todo o genero de assumptos.»

Com esta apreciação vão de accordo doutos estrangeiros que têem feito do nosso idioma estudo aprofundado.

Certo, no vigor da expressão, na harmonia das palavras e na belleza exterior da phrase, não tem rival o portuguez nas linguas vivas.

Mas, *si dicendum quod verum est* na riqueza de vozes para traduzir todas as concepções do espirito, na precisão do significado do vocabulo para exprimir com perfeita justeza a idéa, e na lucidez da phrase, leva-lhe o francez decidida vantagem.

IV

Sic fautor veterum.
HORACIO.

Com distinctos litteratos considera o sr. Sotero a lingua portugueza chegada ao apogeu da perfeição no tempo em que floresceram Ferreira, J. Barros e Camões. É para elles a aurea idade da litteratura portugueza, como o foi da latina—o seculo de Augusto, da franceza—o de Luiz XIV.

Curvamo-nos respeitosos diante de opinião tão auctorisada; nosso espirito, porém, dil-o-hemos francamente, recusa acceitál-a. Ahi vão os escrupulos que lhe não consentem adherir, de consciencia tranquilla, á palavra do mestre.

A lingua, instrumento da intelligencia humana, acompanha o pensamento como a sombra ao corpo, reflectindo-o fielmente em todas as suas feições e cambiantes e tomando todos os seus modos de ser. A lingua é, emfim, como já disse alguem, a fórma plastica da idéa.

Se a idéa perde a força, a palavra se enerva; se a idéa se illumina, a palavra torna-se clara; se a idéa se levanta, a palavra segue-a no vôo.

A palavra é a um tempo producto e instrumento da actividade intellectual; corre a sorte e as vicissitudes do pensamento.

Ahi está para brilhante prova a historia litteraria de todos os povos. No tempo de Pericles, a civilisação Helenica toca ao grau supremo de grandeza; a intelligencia grega alça o pensamento á mór altura que lhe foi dado ascender. Este estado de cousas espelha-se fielmente na extrema perfeição da lingua. No seculo de Augusto e no de Luiz XIV reproduzem-se phenomenos identicos.

Poder-se-ha dizer o mesmo de Portugal na segunda metade do seculo XVI? Responda-nos a historia. Aquelle seculo é, certo, a idade

heroica de Portugal. Viagens longinquas, os descobrimentos da America, as conquistas da Ethiopia, as magnificas feitorias da Asia, attestam a audacia de seus navegantes, a valentia de seus soldados e a intrepidez de seus colonos. É a epocha dás virtudes guerreiras, da fé, do enthusiasmo; predomina o espirito aventureiro que demanda pasto nos commettimentos arrojados, nas emprezas improbas; o amor do imprevisto e do desconhecido subjuga todas as almas: refervem paixões indomaveis. A sociedade traduz na rudeza de suas formulas e costumes a nova ordem de cousas.

Esta quadra é apropriada para suscitar um Homero, um Dante — um poeta capaz de criar uma lingua e de fundir em seus cantos a civilisação de seu tempo.

Tal foi Camões: é assim que o comprehendemos. Poeta da altura de Dante, creou e fixou a lingua, que achára imperfeita, e concentrou em seu poema a encyclopédia do seculo.

Com Camões o portuguez collocou-se francamente ao lado das linguas cultas e fallou em todos os tons; mas força é confessar que não chegára ainda á extrema perfeição. Nos cantos epicos do grande poeta ha muito vigor, muita riqueza de lingua, amplidão e magestade de fórmas, toques de suprema delicadeza, um tom altamente sincero, por vezes uma graça admiravel. Mas no seculo em que elle florescêra, rudimentaria era a civilisação portugueza: a cultura do espirito, o derramamento das luzes, a pratica das artes do paiz não tinham ainda dado á sociedade aquella polidez, fino gosto e apurada elegancia que caracterisam as epochas verdadeiramente cultas.

A linguagem de Camões, por mais que antecipasse o seculo, não podia reflectir a urbanidade, a cortezia e a elegancia que não tinha a sociedade do tempo.

Escriptores que vieram em eras de uma civilisação mais adiantada, se bem que inferiores em genio a Camões, aproveitando-se das riquezas por elle accumuladas e do progresso resultante da elaboração commum de todas as intelligencias, conseguiram dar ao idioma o cunho de alta perfeição que lhe faltava.

Nas composições poeticas de Garção, Diniz, Bocage, F. Elysio, Caldas, a lingua portugueza adquiriu um torneio de phrase, uma pureza de contornos, certa precisão no dizer, certo polimento, certa flor de atticismo e de suprema elegancia que não alcançára na bôca inspirada do cantor dos *Luziadas*.

João de Barros é em Portugal o maior prosador do seculo XVI. Pois bem: a prosa deduzida de Frei Luiz de Sousa é incontestavelmente muito superior á do auctor das *Decadas da Asia*. Nas historias de Barros a lingua tem um não sei que de contrafeito, de duro e arrastado; a distribuição dos membros do periodo é confusa e sem ordem, a despeito de toda a pretenção á eloquencia. Em Frei Luiz Sousa o portuguez converte-se em metal ductil e de fina tempera, desembaraça-se, ganha muita flexibilidade e corre fluente: a economia do periodo é admiravel de regularidade e clareza.

Em nossos dias mesmo, a despeito da invasão do gallicismo, o portuguez tem tocado a um esplendor e perfeição não igualados. As melhores paginas de Garrett e de Alexandre Herculano, como monumentos de lingua, não têem, talvez, rivaes em tudo quanto nos deixaram de mais acabado seus illustres predecessores nas lettras portuguezas.

Nos versos de Castilho a lingua presta-se a todos os caprichos e exigencias do poeta; diz tudo quanto elle quer; produz todos os effeitos que a sua imaginação phantasia e ostenta-se com primores e elegancias que surprehendem a vista mais habituada a contemplar taes maravilhas.

Em que seculo e na pena de que escriptor se mostrou a lingua portugueza instrumento mais docil, mais poderoso, completo e perfeito para traduzir as concepções do espirito e os movimentos do coração?

Estes factos litterarios são perfeitamente naturaes. Se o poderio e a gloria militar de Portugal, depois de tocar ao apogeu no decurso do seculo XVI, começaram de declinar rapidamente para não mais reerguer-se á primeira grandeza, é certo comtudo que nos seculos seguintes o pequeno reino occidental acompanhou o movimento do espirito humano na Europa: progrediu a civilisação, e com ella a lingua.

A intercallação de periodos de decadencia litteraria não destroe, antes confirma a verdade estabelecida. A decadencia litteraria é sempre o corollario de calamidades que em momentos dados opprimem e abatem os póvos.

Fôra absurdo que ao passo que o espirito humano eleva o seu vôo e alarga os horisontes, engrandecendo, progredindo; permanecesse estacionaria ou definhasse a lingua que é o seu producto e o eu instrumento.

É por isso que nos pareceu sempre que vão caminho errado certos escriptores, que tentam hoje em dia restaurar em toda a pureza, sem a minima alteração, a phrase dos *quinhentistas* como se por ventura a linguagem do seculo XVI podesse traduzir o pensamento do seculo XIX! J. F. Lisboa já fez justiça a esta eschola; o sr. Sotero a condemna com o preceito e com o exemplo.

Estudemos os velhos classicos; aproveitemos d'elles as riquezas que nos offerecem: mas sejâmos homens de nosso seculo — fallemos a linguagem de nosso tempo.

V

Depois de ter delineado em elegantes quadros a historia da lingua portugueza, entra o eximio professor na materia propriamente dita do *Curso*.

As lições publicadas abrangem o periodo que se estende dos fins do seculo XIII aos começos do seculo XVI. Os poetas e prosadores, em cujas composições se resume esta epocha de trabalho lento e fecundo, são analysados e aquilatados com summo criterio e com aquelle fino gosto, proprio dos espiritos formados na contemplação dos grandes modelos antigos e modernos.

Agradou-nos singularmente o estudo da vida e *Autos* de Gil Vicente. Desenhou o sr. Sotero com extrema delicadeza a physionomia litteraria, tão mobil e curiosa, do chistoso poeta da côrte de D. João III.

Foram apanhados com fidelidade os raros dotes do genio profundamente sympathico de B. Ribeiro, o poeta sem ventura.

Sá de Miranda, o philosopho, que dava bons conselhos em maus versos, é reduzido a seu justo valor.

.....

.....

Quizeramos acompanhar o sr. Sotero no desenvolvimento d'esta parte de seus interessantissimos estudos; mas... é melhor que o leitor percorra com os seus proprios olhos, as bellas paginas, em que, com a luz serena e calma de uma razão superior, o abalisado mestre illumina o assumpto por todos os aspectos e em todas sinuosidades.

LAFAYETTE RODRIGUES PEREIRA.

(*Diario do Povo*, n.os 164, 165 e 166 — de 1868).

Juizo critico sobre as Postillas grammaticaes

A obra que agora se faz publica na imprensa, é, senão excepcional, de mui raras antecedencias nos prelos do Brasil, que, força é dizel-o, não se fatigam demasiado em reproduzil-as tão bem pensadas e primorosamente escriptas.

Resumida no volume, porém grande no alcance litterario e scientifico, opulenta dos thesouros de uma erudição vasta e recondita — bebida em leitura mui de espaço e variissima, é vasada nos mais puros e elegantes moldes do estylo terso dos classicos. Tal é o livro, marcado com o cunho do vigoroso talento do sr. Francisco Sotero dos Reis, sobre que vamos, a medo e com a devida venia, aventurar algumas ligeiras considerações, as quaes, todavia, não se hão de traduzir em meras formulas laudatorias de critica louvaminheira, porquanto, para cabal elogio do livro sobraria o nome auctorisado, que o rubrica.

Sabedor profundo da grammattica geral, latinista consummado, leitor assiduo e allumiado cultor da nossa litteratura classica, traductor desempeçado e elegante da mór parte das linguas neo-latinas, eis os traços disseminados, as feições esparsas, que formam quasi completa a photographia intellectual do illustre grammatico maranhense.

Tudo isto, com effeito, releva que adune em si quem quer que tomar aos hombros o difficil empenho de compor, com talento e consciencia, a grammatica da lingua portugueza: ha de ter conhecimento aprofundado d'ella, e dos escriptores que mais a illustraram; ha de saber de raiz e cabalmente a philosophia das linguas ou grammatica geral; ha de superar todas as difficuldades, e possuir todos os segredos da lingua-mãe ou latina; ha de, finalmentente, traduzir correcta e correntemente as linguas co-irmans e de identica filiação, mormente a castelhana, a franceza e a italiana.

D'ahi a arduidade de tal trabalho, e a deficiencia, em que temos até hoje laborado, de grammaticas rasoadas e racionaes, como as possuem os francezes e inglezes, e as demais nações cultas, que n'este genero de estudo sam tam cuidadosas e esmeradas, quanto nós desleixados e incuriosos. D'ahi tambem essa multidão de grammaticas empyricas e irracionaes, estupidamente calcadas sobre as grammaticas latinas, — apontoados informes de regras e preceitos copiados

a êsmo e servilmente, mas que pela ventura encontrassem ou repugnassem a natureza e indole do nosso idioma. E tendiam antes a desvirtual-o, a emmaranhar-lhe o estudo, e empecer-lhe o progresso, sobrecarregando-o, como usavam, de regrinhas miudas e multiplicadas ao infinito, de sorte que muitas d'ellas, segundo se achavam acabrunhadas sob o peso e numero de suas proprias excepções, dever-se-hiam considerar antes como taes, que como regras.

As grammaticas d'esta ordem, em tão boa hora o dizemos, fizeram o seu tempo, e repoisam em sancta paz nas estantes poeirentas de algum convento em ruinas prestes a desabar, ou no balcão manteiguento de algum erudito e grave quitandeiro, que as vae sabiamente utilisando para papel de embrulho.

Nunca as mãos lhe doam ao bom do justiçoso quitandeiro...

Fizeram sua epocha, foram bem vindas, festejadas, admiradas no tempo da maior preponderancia das reminiscencias classicas da Grecia e de Roma—bellos tempos, sem duvida, em que, imperando exclusiva e despoticamente o latim nas aulas e nos claustros, ensinava-se das cathedras magistraes, que, pois a lingua portugueza não era senão a latina levemente modificada e corrompida pela liga de vocabulos e locuções barbaras do godo e do arabico, quanto mais a alatinassem, quanto mais lhe arredondassem o periodo ao modo romano, tanto mais a iriam subindo ao cume da perfeição. Que mais poderiam ellas (as taes grammaticas) desejar?

Depois... com o rodear dos annos, e porque o espirito humano tem o mau séstro de nunca parar, e de ir sempre mais ou menos acceleradamente na via do progresso, e tambem porque seria uma verdadeira semsaboria, se ficassemos, quando as outras nações se desempoeiravam de seus velhos preconceitos, a alatinar, por toda a eternidade, o nosso idioma, viemos por fim a reparar que as duas linguas, bem que identicas na estructura das vozes ou conformação dos vocabulos, são de todo divergentes em outras qualidades mais intimas, e mais inherentes á indole e essencia d'ellas, como são: no latim a declinação dos nomes, de que carecemos, a conjugação dos verbos diversissima nas duas linguas, e no portuguez o emprego do artigo, e a especialidade dos seus infinitivos pessoaes, que tanto o distinguem dos demais idiomas.

Eis ahi como se acabou, sem pau nem pedra, com o exercito innumeravel das grammaticas luso-alatinadas.

Fizeram epocha, mas epocha de servil imitação e de tão espantosa e deploravel esterilidade, que, com a publicação de sua orthographia—livro todo inçado de frioleiras e puerilidades, lardeado de observações nescias e atoleimadas, e de preceitos arbitrarios e incriveis á força de futilidades—conseguio Madureira fundar eschola, angariar proselytos, discipulos, e enthusiastas, que lhe citassem a auctoridade e o nome com respeito e acatamento!

Qual não seria, portanto, a revolução causada pela publicação da Grammatica Philosophica de Soares Barbosa—obra, cujo titulo era tal novidade, que devia só por si ter feito um reviramento completo, assim como devia ter topado uma opposição ferrenha nas idéas e opiniões até alli recebidas? O humilde escrevedor d'este artiguinho desbotado apprendeu o latim sob um respeitavel ancião—homem aliás douto, cuja memoria era um museu de curiosidades gregas e romanas, ante quem se não podiam proferir estas duas palavras «Grammatica Philosophica» sem que elle se não desmanchasse em estrepitosas e successivas gargalhadas, porque, no seu entender, eram duas palavras *qui hurlaient de se trouver ensemble.*

O que, como é facil de ver, nem sequer um apice agorentava do merito intrinseco e subido valor scientifico da obra de Barbosa, que, na verdade, foi um dos maiores serviços, n'estes ultimos tempos, feitos á lingua e lettras portuguezas.

Nem, tam pouco, conseguio deprecial-a a publicação da Grammatica Analytica de Constancio, bem que escripta com animo hostil e nimiamente severo para com Jeronymo Soares, e os outros grammaticos anteriores.

A de Constancio é antes uma grammatica geral, em que elle expende e discute largamente as mais abstrusas theorias, e, para cumulo de semsaboria, forceja por dobrar ou torcer todos os factos grammaticaes—ainda os mais rebeldes—a um systema, que inventou, senão paradoxal, arriscado e temerario. Pouco lido nos classicos, cujas obras immortaes, por mais que trace disfarçar, desdenha, Constancio detem-se demasiado por entre as nuvens do seu systema, e só se humana e desce á grammatica portugueza, quando, com o semblante carregado, tom dogmatico, e ferula em punho, chama a contas e racha de quinaus o velho Barbosa, e Antonio de Moraes e Silva, seu antagonista e antiga victima de seus desdens lexicologicos.

Demais, Constancio não soube evitar o escôlho, em que tem nau-

fragado, uma apoz outra, todas as nossas grammaticas. Como todas as outras, a sua tracta com a maior individuação e minudencia d'aquellas partes da grammatica, mais ou menos identicas nas outras linguas, que se podem commodamente traduzir de alguma d'ellas, e com pequenas modificações adaptar á nossa; entretanto que da parte syntaxica e da construcção, que se occupa das questões mais intimas e mais inherentes á indole e genio de cada idioma, não ha tractar detidamente e por miudo, mas a traços largos, rapidos, fugitivos, e por vezes falsos.

N'isto, sobretudo, é que Soares Barbosa deixa mui longe atraz de si, e leva completamente de vencida o medico e amigo de Fylinto Elyseo. Mas ainda assim, e não obstante a reconhecida superioridade de Jeronymo Soares sobre Constancio e os outros na parte syntaxica, que passada de gigante não medeia entre a sua Grammatica Philosophica e as Postillas de Grammatica Geral do sr. Sotero?

E, com effeito, quando passamos d'aquelle estylo pesado, confuso e embryonario do Professor de Coimbra para a leitura das amenas paginas animadas pelos toques magistraes do estylo cheio, firme e igual do eximio escriptor maranhense, quando d'aquelle cáhos grammatical passamos para este primor de ordem, methodo e perspicuidade, parece-nos que subimos de um labyrinto subterraneo e tenebroso para a orvalhada e frescura de uma manhan rica de fragrancias e esplendores.

Pena é, que o estreito e acanhado espaço, de que dispomos, não nos permitta fazer circumstanciadamente e ponto por ponto a analyse d'este tam succulento trabalho, que, com ser vestido das fórmas litterarias as mais amenas e primorosas, é, nada menos, deduzido com a maxima clareza e rigor logico das demonstrações geometricas. E posto que nos hajamos de restringir a mui breves e limitadas considerações geraes recommendando, em globo, á nossa mocidade, tam esperançosa e rica de talentos, a leitura attenta e meditada das Postillas, não será isso parte para que lhe não chamemos a attenção para os paragraphos — verdadeiros modelos de methodo, perspicuidadé, e fina observação — em que o auctor, com sua costumada mestria, tracta do emprego do pronome indefinido — Se, do emprego do verbo — Ser, pelo verbo — Estar, do emprego do adjectivo demonstrativo — O, e de tantas outras questões, que puderamos ir appontando,

se não temessemos fazer um indice do livro, querendo apenas expor á luz o melhor d'elle.

Não concorre pouco para tornar amenas e perspicuas as questões grammaticaes — de si tam aridas e rebarbativas — a esplendida exemplificação, constando dos melhores trechos ou lances dos mais eminentes d'entre os nossos escriptores classicos, com que o sr. Sotero tanto enriqueceu e auctorisou o seu trabalho. - Assim, no meio d'aquelle concerto olympico e divinal, em que os sons guerreiros da tuba epica de Camões se confundem com as arrojadas harmonias da lyra sonorosa de Fylinto, e com as graves e religiosas notas do psalterio biblico de Sousa Caldas, os preceitos e regras grammaticaes vam-se incutindo e encarnando suavemente no animo, e bracejam, sem custo nem demora, fundas raizes na memoria dos que apprendem. Todavia, com quanto os exemplos, que sam a pratica, aclarem muito mais que os preceitos, que sam a theoria, comquanto os trechos adduzidos para a exemplificação possam mui bem servir para outros tantos modelos de analyse, e sejam, como diz Arraes, os lumes e os esmaltes da eloquencia classica, temos para nós que o mestre excedeu o modo, quando abundou não sómente, mas superabundou n'elles.

Defeito aliás levissimo, que não póde mareiar o incontestavel merito da obra, pois nada mais é que o encarecimento de uma de suas melhores partes ou dotes.

Que diremos nós dos preciosos juizos litterarios, que o auctor espargiu com mão profusa na contextura do seu livro?

Serão descabidos e inopportunos?

O proprio sr. Sotero responde, na sua introducção, a tal duvida ou pergunta.

E dado que o sejam, a nossa litteratura é tam deficiente e pobre de escriptos sobre critica e historia litteraria, que os juizos de um tal e tão abalisado litterato serão sempre bem vindos e festejados — opportuna ou inopportunamente emittidos.

Seja, porém, como for, o valor do serviço prestado pelo sr. Sotero á lingua portugueza sobe de ponto, e as suas modestas Postillas tomam as proporções de um livro verdadeiramente novo, precioso, e de alcance pratico incalculavel, — pois parecem destinadas a operar a regeneração d'ella, quando na quarta e quinta secções se tracta da estructura do periodo grammatical. Á mingua de

um bom tractado de construcção portugueza, é que a lingua franceza — admiravel instrumento aliás e vehiculo da moderna civilisação, á qual devemos, a outros respeitos, impagaveis serviços, — foi lavrando e embebendo-se, como nodoa de oleo cheiroso em tela assetinada, no nosso formoso idioma, que mais e mais se barbarisa e abastarda.

Um, ou outro, ou ainda muitos vocabulos adoptados do francez, que cabem bem na lingua, necessarios, sonorosos e expressivos, não a deturpam por certo, e nem é n'isto que consiste o gallicismo, são antes donosos neologismos, com que ella rime as suas necessidades e escacezas, e opulenta-se. A viciosa coordenação dos termos da oração, a errada collocação dos complementos na proposição, e das proposições no periodo, o tecer, em summa, o discurso, dando-lhe o meneio e geitos da construcção franceza, eis ahi o gallicismo torpe, barbaro e vergonhoso de que devemos fugir.

Se já houvesse um bom tractado de construcção portugueza, não baldara Francisco Manuel, na guerra que emprehendeu contra o gallicismo, os esforços titanicos de seu peregrino engenho e rara erudicção, amontoando, no decurso de sua tam longa vida, ode sobre ode, satyra sobre satyra, epigramma sobre epigramma. As odes eram grandiloquas e sublimes — a poesia lyrica ainda não teve surtos mais altaneiros; as satyras, adubadas de sal attico, emulavam na violencia com as de Juvenal, com as de Boileau no facêto e no judicioso; e os epigrammas tinham a ponta acerada e bem aguçada, e dardejava-os mão amestrada e certeira, que nunca errava o alvo, nem frustrava tiro.

E não obstante, ía o gallicismo por diante, na sua marcha vandalica, abastardando e barbarisando a formosa lingua de Camões e Sousa Caldas.

Porque é que isto assim acontecia?

Porque é que Fylinto, que pugnava pela causa mais justa e rasoavel, e rude batalhador descia á liça com armas da mais fina tempera, retirava-se, senão vencido, não vencedor? É que a semente que se lançava á terra, era excellente e de primeira qualidade; mas a terra é que não estava bem revolvida, e convenientemente agricultada para recebel-a. É que os contemporaneos de Fylinto não estavam devidamente preparados para apreciarem os divinos raptos do seu estro immortal, que, alem d'isso, traduzia-se em odes admi-

raveis da mais pura linguagem quinhentista, linguagem no entender da mór parte dos seus contemporaneos e adversarios, inculta, obsoleta e rebarbativa. Ora, se Francisco Manuel não poude esmagar o gallicismo sob o peso dos seus volumes monumentaes, força é confessar, que a arma de que lançou mão, o methodo, de que se serviu, não eram os mais azados e apropriados para a consecução do fim desejado.

Assim é. Nas escholas de primeiras lettras, com grammaticas, que ensinem todos os segredos da construcção, e resolvam todas as difficuldades, e expliquem todos os idiotismos da lingua, como faz o livro do sr. Sotero, é que se ha de debellar o monstro litterario, que ameaça devorar-nos a lingua.

O sr. Sotero, pois, com a publicação das suas Postillas, fez um relevantissimo serviço ás lettras patrias, á instrucção publica, e, especialmente, aos amantes e estudiosos da lingua vernacula, que possuem agora uma bussola, com que se guiem na leitura tantas vezes aparcellada e naufragosa dos classicos.

TRAJANO GALVÃO DE CARVALHO.

O SENADOR

ANTONIO PEDRO DA COSTA FERREIRA

(BARÃO DO PINDARÉ)

Nota E

... mimoseando-a elle por essa occasião com 315 volumes — pag. 247

Recibo do thesoureiro da bibliotheca publica

Recebi do ill.mo sr. Antonio Pedro da Costa Ferreira a quantia de trezentos e quinze volumes, obras diversas com que subscreveu para se effectuar este estabelecimento.

Maranhão, 26 de março de 1831.

São 315 volumes. JOÃO GUALBERTO DA COSTA.

Nota F

... deu insuspeito documento o honrado senador Patricio José de Almeida e Silva — pag. 247

Documento dos serviços prestados á causa da independencia e como membro do conselho de provincia

Patricio José d'Almeida e Silva, Commendador da Ordem de Christo, e senador eleito da Assembléa Legislativa do Imperio Brasileiro.

Attesto, que tenho conhecimento de que o sr. Antonio Pedro da Costa Ferreira, meu contemporaneo na universidade de Coimbra, aon-

de adquiriu o grão de Bacharel formado, e em todo o tempo se distinguio pelos seus talentos e virtudes, restituindo-se á villa d'Alcantara d'esta provincia, minha e sua patria, ali e no seu districto, formou o seu lusido estabelecimento em predios urbanos e rusticos, tem sido infatigavel em fazer conhecer aos paes de familia os grandes resultados da sociedade, quando em seu seio encerra a educação illustrada, estimulando-os pór este principio para mandarem seus filhos recebel-a nos paizes dos povos cultos; nos differentes empregos da vida civil sempre mostrou solido discernimento, completa inteireza e muito desinteresse, e o seu voto no Conselho da provincia é de muita preponderancia: foi um dos collaboradores para a adherencia da nossa patria á unidade do Imperio com obediencia ao seu immortal Fundador, dando sempre provas as mais terminantes de respeito e amor que consagra a tam alto Senhor; nos movimentos politicos que retalharam o coração da nossa provincia a sua casa constantemente offereceu aos cidadãos pacificos a mais compassiva hospitalidade, dirigindo-se todos os seus esforços ao retorno da boa ordem, até expondo a sua vida, quando persuadia a uns e a outros, que o restabelecimento d'ella havia de trazer comsigo a punição de tantos crimes. Por me ser pedida passei a presente de minha lettra e signal.

Maranhão, 30 d'agosto de 1826.

PATRICIO JOSÉ D'ALMEIDA E SILVA.

Nota G

... foram todos accordes em agradecer-lhe tão assignalados serviços — pag. 256

Documentos dos serviços prestados á provincia do Pará por occasião do motim de 1835

(Extracto de uma carta do almirante Taylor)

«Fiquei incantado com as rapidas e energicas providencias por V. Ex.ª tomadas: parabens se deem aos Maranhenses, por possuirem hum tão activo, e sabio Prezidente, e eu de minha parte não

me posso despensar de dar meos cordeáes agradecimentos a V. Ex.ª»

(Pará 9 de Septembro de 1835.)

(Outro do mesmo almirante)

«Não tenho expreções para agradecer a V. Ex.ª o interesse que tem tomado pela Esquadra do meu Commando sobre as repetidas remessas de mantimentos; que a não ser isso teriamos-nos achado em hum estado bem critico.»

(Bordo da Fragata *Campista*, no Pará, 21 de novembro de 1835.)

(Extracto de uma carta do general Andréa)

«V. Ex.ª tem sido o protector mais activo d'esta Provincia, e não deixe a empreza. Quem está de longe cuida que isto he huma cama de rozas e que depois de prezo o Eduardo ficou tudo tranquillo, e custa-lhes a crer que esta gente é como os fradinhos de sabugo que só estão deitados emquanto se lhes está carregando. Ainda tenho, além de outras menores, huma reunião no Amazonas maior de mil homens; e tenho que reduzir á paz as Nações de Indios que se tem lançado no caminho das maldades a que são todos propensos.»

(Palacio do governo do Pará, em 8 de agosto de 1837.)

(Outro do mesmo)

«Recebi as cartas de V. Ex.ª de 16 e 26 de janeiro, e sendo sempre gratas para mim as noticias de V. Ex.ª tive de me desgostar da ultima pelos incommodos que o perseguem, a ponto de largar a Prezidencia; e mais teria que sentir se não fosse substituido pelo Sr. Sá, que está sem duvida inteirado do quanto V. Ex.ª me tem sido util, e não deixará de o imitar, acudindo-me nas afflicçoens.»

(8 de Dezembro de 1837.)

(Outro do mesmo)

«Estimei muito saber que V. Ex.ª tinha chegado com feliz viagem a essa Corte, e muito lhe agradeço os bons officios que me fez

recommendando as remessas de farinha, que a não terem vindo não haveria meio nenhum de lhe supprir a falta, que a Provincia nem arroz tem tido; nem eu recebi mantimentos da America; porque se perdeo o ultimo navio que os trazia; nem o Governo me enviou os que eu lhe pedi, e para cumulo de mal a segunda remessa de farinha que vinha na *Carioca*, lá ficou pela Bahia, e eu tenho de me vêr em ancias, pois que nem tempo tenho para a pedir, que chegue a proposito; e tinha aquella remessa como certa e segura.

«Vou agora, pois, que a restauração d'esta Provincia he em grande parte obra de V. Ex.ª, dar-lhe conta do seu estado actual. Paz e socego perfeito, mesmo bem perfeito, em toda a parte restaurada; até as eleiçoens se fizerão sem ser á maioria de gritos!

.....

«Agradeço muito a V. Ex.ª a honra que me faz de procurar a minha familia; e aqui fico, emquanto me não derem a tarefa por concluida, prompto para mostrar que sou com todo o respeito.»

(Palacio do governo, no Pará, 26 de dezembro de 1837.)

(Extracto de uma carta do mordomo-mór Paulo Barbosa)

«Vamos agora ao Maranhão: direi que foi muito louvada geralmente a conducta energica que V. Ex.ª teve relativamente ao Pará, embora o commandante fosse infeliz; assim como o seu governo, ainda que attribulado por commossoens, que tem dado lugar a V. Ex.ª a proclamar aos Povos, tem merecido geral aceitação; mas infelizmente para o Maranhão não, porque nem o actual ministerio, nem Feijó querem Representantes da Nação fóra do corpo legislativo, isto me dará o gosto de o vêr por cá.

«V. Ex.ª foi o primeiro que abalou o Vinagre, e se não fosse a sua expedição exploradora, talvez custasse mais á expedição Taylor a entrar: quem abala o rochedo tem mais gloria do que quem o derriba.

«Ora agora basta de tomar o tempo a um Snr. Prezidente que só para escrever a Juizes de Paz precisa de meio dia (isto vi quando estive em Minas que acontecia ao Prezidente d'ali); deve pois descançar de aturar a secas do seu, etc.»

(Rio de Janeiro, 9 de outubro de 1835.)

(Outro do mesmo)

«..... não tenho deixado de apreciar e de ouvir louvar geralmente o sabio Governo de V. Ex.ª, e os indisiveis esforços que tem feito em prol do Pará, que, a não ser V. Ex.ª, estaria fóra da Communhão Brazileira, e entregue ao Barbarismo. Seus serviços o poem a abrigo da maledicencia, e quando V. Ex.ª deixar de ser Prezidente elles serão reconhecidos por quantos ora o detrahem.

«O Portador d'esta he Salvador Cardoso d'Oliveira[1] pessoa que não deve ser recommendada por mim a um Maranhense, porque seus serviços ahi forão brilhantes; mas com tudo, interessando-me muito por este Belisario Brasileiro, que vio darem-se os premios de Ajáx merecidos á lingua van d'Ullysses fraudulenta, não posso dispensar-me de rogar a V. Ex.ª, sua protecção em favor d'elle.

«Rio de Janeiro, 18 de Dezembro de 1836.»

N. B. Ha outras mais, no mesmo sentido, agradecendo as acertadas e promptas providencias tomadas pelo senador Antonio Pedro da Costa Ferreira, quando presidente do Maranhão, tal como uma do então deputado Sousa Franco (hoje conselheiro e visconde do mesmo nome), uma outra de Manuel Jorge Rodrigues, datada de 7 d'agosto, e os officios do mesmo de 26 d'esse mez, de 6 de setembro, de 5 d'outubro, de 14 do mesmo, de 4 de novembro e de 17 de dezembro, todos de 1835, e os de Soares de Andréa, de 19 de agosto, de 29 de setembro e de 26 de novembro, todos de 1836, abonando os serviços prestados pelo presidente do Maranhão, quer á provincia do Pará com forças e mantimentos, quer aos infelizes habitantes d'ella que se vinham refugiar no Maranhão.

Nota H

... de cavalleiro e de official da imperial ordem do Cruzeiro — pag. 256

Titulo de official da ordem do Cruzeiro

Dom Pedro, pela Graça de Deos, e Unanime Acclamação dos Povos, Imperador Constitucional, e Defensor Perpetuo do Brazil: Como

Grão Mestre da Ordem Imperial do Cruzeiro, Faço saber aos que esta Minha Carta virem: Que Attendendo aos bons, e uteis serviços prestados pelo Senador Antonio Pedro da Costa Ferreira a favor da pacificação da Provincia do Pará: Hei por bem Fazer-lhe Mercê de o Nomear Official da Ordem Imperial do Cruzeiro. Pelo que Mandei passar a presente Carta, a qual, depois de prestado o juramento do estilo, será sellada com o Sello da referida Ordem.

Deu de Joia a quantia de dez mil reis, que foi lançada a folhas doze do competente Livro de Receita, como constou do respectivo Conhecimento em forma.

Dada no Palacio do Rio de Janeiro em oito de Maio de mil oito centos e quarenta e hum, Vigesimo da Independencia e do Imperio.

(Estava o sello.) IMPERADOR P. ⁊...

CANDIDO JOSÉ D'ARAUJO VIANNA.

Carta porque Vossa Magestade Imperial Ha por bem Fazer Mercê ao Senador Antonio Pedro da Costa Ferreira de o Nomear Official da Ordem Imperial do Cruzeiro, como n'ella se declara.

Para Vossa Magestade Imperial ver.

Nota I

...que assim houvesse indicar o titulo — pag. 258

Carta do ministro do Imperio offerecendo ao senador Antonio Pedro o titulo de barão com grandeza

Ill.mo e Ex.mo Senr.

Tendo S. M. O I. Se Dignado Nomear a V. Ex.ª Barão de Pindaré — com Grandeza, não desejo que V. Ex.ª tenha esta noticia pelos Jornaes antes de prevenido por mim.

Quiz ir vesitar a V. Ex.ª e pessoalmente communicar-lhe este

despacho, todo devido aos serviços que em diversas epochas V. Ex.ª tem prestado ao Paiz.

Tenho para isto, porem, só disponiveis a tarde de hontem e a manhan de hoje; mas quer n'uma, quer n'outra occasião, fui embaraçado pela chuva, que n'estas bandas foi copiosa.

Dou a V. Ex.ª os parabens por tam distincta lembrança de Sua M. o I.

Parece-me acertado o titulo escolhido. Entretanto si V. Ex.ª preferir outro logar ao dezignado, tenha a bondade de m'o communicar pelo portador, e eu verei ainda se chega a tempo de pedir licença para a mudança a S. M.

Prevaleço-me da occasião para reiterar a V. Ex.ª os protestos de consideração e respeito, com que sou

De V. Ex.ª
Am.º e m.to Obr.º Cr.º

Em 1 de desembro
(á noite).

LUIZ PEDREIRA DO COUTO FERRAZ.

Nota J

... é mostrar desprezo cynico pela mesma Constituição — pag. 267

(Discurso a favor dos compromettidos na revolta Praieira)

(Depois de referir-me no corpo da obra a esta nota, entendi mais acertado supprimir seu conteúdo, que, sem grande interesse, ía comtudo avolumal-a).

Nota K

... morreu longe do reboliço do mundo — pag. 270

O barão do Pindaré

«As rajadas do vento vão gastando a pedra, a chuva e o sol estragam o marmore, e os baixos-relevos do Parthenon sumidos e apagados, mostram apenas os vestigios d'essas obras em que se revela

o vasto genio do esculptor antigo. O proprio bronze, attestam-no as ruinas do Egypto, não reziste eternamente á acção lenta e continua dos seculos e de seus cataclysmos.

«Porém si o papyro, em que se traçaram os poemas do divino Homero, chegou até nós, existe, ha algumas centenas de annos apenas, um fragil recipiente, que melhor que o marmore, que o bronze e que o papyro conserva em sua maior pureza o deposito do pensamento humano: — é a imprensa! a imprensa, cujos productos ephemeros são indestructiveis, porque se reproduzem incessantemente, sem difficuldade e dispendio.»

Não ha muito que o erudito Hippolyte Castille assim fallava, rematando uma de suas eloquentes biographias: as palavras do escriptor francez teem presentemente perfeita e justa applicação: os serviços relevantes do Brasileiro nobre e digno, cuja vida esboçamos em nossas columnas, não serão perpetuados por monumentos sumptuosos ou magnificas estatuas: a posteridade conhecê-los-ha por meio da imprensa.

Homem probo e illustrado, cidadão proeminente e respeitado, parlamentar fecundo e energico, administrador cuidadoso e imparcial, o senador Antonio Pedro da Costa Ferreira dedicou-se durante sua longa vida á defesa das duas grandes idéas: patria e liberdade. Das altas posições que occupou poderia ter alcançado grandes distinctivos: desconhecendo a ambição, esse iman que opera prodigiosos milagres, regeitou-os; e quando seus amigos governavam o paiz, se alguma cousa pedia-lhes, era protecção para seus compatriotas intelligentes e respeitaveis. Despresando o poder, pois trabalhava não para conquistál-o mas para offertar aos seus a palma da victoria, morreu longe do reboliço do mundo: a nova infausta de seu fallecimento não provocou demonstrações pezarosas nem annuncios de missas mandadas celebrar pelo repouso de sua alma.

É notavel o mau fado que acompanha os grandes homens em nossa terra: as sombras venerandas dos sustentaculos de nossa liberdade desapercebidamente escondem-se nas dobras do passado: as estrellas fulgurantes, que allumiaram as campinas do Ypiranga, eclipsam-se no horisonte sem que o poder annuncie o seu desapparecimento. E ao passo que o governo assim procede, dando provas de pouco apreço aos varões illustres da nossa epopéa politica, baratea as mais solemnes demonstrações, elevando á cathegoria do me-

recimento acrysolado homens que não possuem titulos á nossa admiração.

Causa lastima que em nossa patria o governo decrete estatuas e tome lucto pelo fallecimento de José Clemente Pereira, esse abutre hediondo, que tentou não só proclamar o absolutismo, fundando-se para isso em pedidos do povo extorquidos pelo mais abjecto servilismo, como tambem reduzir-nos á triste condição do regimen colonial; causa lastima a maneira por que o governo appresenta-se como iniciador de pomposas exequias em honra de Fernando de Napoles, o tyranno faminto e voraz, que nas vascas da morte, nas agonias do ultimo delirio, ainda vira os espectros ensanguentados de tantas victimas illustres torturadas e assassinadas por uma policia secreta e infernal, que para satisfazer seus barbaros desejos tinha necessidade de acoutar as quadrilhas de salteadores, que infestavam as estradas do reino das Duas-Sicilias. Similhantes espectaculos resaltam ainda mais á vista, porque são a anthithese perfeita do que se pratica para com os homens sinceros e leaes: no cortejo funerario do venerando estadista Alves Branco não se divisava o semblante de um só Ministro de Estado; Nunes Machado, o tribuno pernambucano, foi assassinado e arrastado pelas ruas do Recife no meio das vozerias da canalha, açulada pelo chefe de policia.

De que valem, porém, os officios funebres, pagos generosamente pelos cofres do Thesouro, o levantamento de estatuas magnificas e o producto de subscripções *espontaneas*, quando teem por fim endeosar uma vida de crimes e de erros? Taes decretos serão sanccionados pelo tribunal dos vindouros? Talvez nos enganemos, porém acreditamos piamente que, quando tiverem de apparecer essas sentenças, os bustos não estarão acima dos tumulos singelos e o brilho das fardas deslumbrar-se-ha ao contacto dos andrajos.

Em quanto, porém, a luz da verdade não dardejar sobre nós seus limpidos raios, curvemo-nos uma vez ante o patriotismo, a virtude e o merito.

Antonio Pedro da Costa Ferreira militou sempre nas fileiras do partido liberal. Desde 1823, em que estreou sua vida politica, defendendo com ardor a independencia do Maranhão, até o dia em que falleceu, nunca hesitou um só momento em abraçar a causa da liberdade: com os liberaes houve-se sempre, por espaço de quasi quarenta annos

Collocado pela sua provincia na Camara quatriennal logo na segunda legislatura, mostrou-se digno collega do incansavel Odorico Mendes, e fez parte da opposição do primeiro reinado. Nos debates da sessão de 1830 esteve sempre ao lado de Evaristo e d'aquelles que anhelavam a execução litteral da Constituição do Imperio, vilipendiada pela creação de commissões militares e por outros manejos perfidos e infames. Depois da abdicação do sr. D. Pedro I continuou a sustentar a monarchia e a liberdade moderada.

Nomeado presidente do Maranhão, comprehendeu a sua missão e adquiriu sympathias unanimes, protegendo a liberdade do voto, cohibindo os excessos das facções, perseguindo os criminosos e desenvolvendo o progresso moral e material de uma tão importante provincia, cuja administração deixou para occupar o logar de senador para que fôra nomeado em substituição ao visconde de Alcantara.

O Senado foi o principal theatro de suas glórias: ahi sua palavra eloquente corria rude e franca, captando a benevolencia do auditorio; conciliava a aridez de questões importantes com a applicação de epigrammas chistosos, que davam a seus discursos uma côr tão interessante que notava-se avidez em ouvil-os. Tendo tomado assento tres annos depois de escolhido, encontrou logo occasião propicia para mostrar a energia de que era dotado: o primeiro regente do Acto Addicional, cansado de uma lucta violenta, e não querendo ceder cousa alguma a seus numerosos adversarios, resignou o poder; o novo governo, hasteando a bandeira do regresso ousado, preparou-se para golpear as leis sanctas, cuja promulgação tinhamos conseguido depois de tantos esforços. O espirito de liberdade, innato no coração dos brasileiros, revoltou-se contra as tendencias para o despotismo. Surgiu essa opposição enriquecida por tantos talentos illustres e que, na expressão de um joven escriptor, teve por luzeiro de seus triumphos a palavra luminosa do Mirabeau do Brasil: no Senado foram os seus mais proeminentes membros Vergueiro, Paula Souza e Costa Ferreira, que aproveitando-se das garantias concedidas pelo regimento da casa, embargaram durante grande numero de sessões os projectos reaccionarios do governo, que tinha em mente destruir os effeitos salutares do glorioso 7 de abril e reconduzir o paiz ao estado anomalo, em que havia jazido por longos annos. Os ministeriaes accusavam de proteladora a pe-

quena phalange intrincheirada na Camara vitalicia; ella, porem, pouco importava-se com estas censuras, e tendo em mira só o bem da patria, seguia a sua rotina, augmentando a guerra feita ao governo.

Correram os tempos, a opposição foi adquirindo mais combatentes e a opinião publica descrendo d'aquelles que tinham derribado Feijó. Em 1840 a existencia do mal era evidente e por todos reconhecida: os facultativos combinavam no remedio: só a maioridade era capaz de salvar o paiz.

Alguns senadores appresentaram então a idéa de declarar-se maior o Imperador — idéa esta que foi rejeitada a 20 de maio por uma maioria de 2 votos. Costa Ferreira, Alencar, José Bento, Pontal e os dous irmãos Albuquerques foram os signatarios d'esse projecto. Desde então começou-se a notar um enthusiasmo quasi phrenetico pela maioridade; os homens que governavam conheceram a maneira estrondosa por que o Monarcha era saudado todas as vezes que apparecia em publico, e, ciosos de conservarem a direcção dos negocios, assentaram de nella manter-se o maior espaço de tempo que lhes fosse possivel; serviram-se de uma tactica e encarregaram um de seus amigos, o deputado Carneiro Leão, de propor que se auctorisasse aos eleitores o conferir nas procurações faculdade para ser reformado o artigo 121.º da Constituição, declarando por esse modo não ser possivel decretar a maioridade por uma simples lei ordinaria, como pretendiam alguns senadores.

A opinião geral, que se achava prevenida, não acreditou na dadiva, que se queria offertar, e respeitando o dito do poeta latino

Timeo Danaos et dona ferentes,

descobriu a legitima intelligencia, que devia ser ligada á proposta mencionada. O successo foi espantoso, e Carneiro Leão retirou o seu projecto. Desfeito este plano, tentou o governo o ultimo meio: contra elle ergueu-se o povo: o regente viu desvanecidos os seus sonhos e proclamou a maioridade.

Terminado o combate, Costa Ferreira foi alistar-se debaixo da nova bandeira e prestar apoio franco e decidido ao Ministerio de 23 de julho. Cêdo teve de abandonar os arraiaes governistas para ir acampar-se nas tendas opposicionistas; em março de 1841 subiram os homens das tradicções caducas e decretaram perseguição injusta ao grande partido, fazendo sanccionar leis de rigor, recru-

tando milhares de individuos, dissolvendo uma camara eleita placida e serenamente e tratando com barbaridade as provincias que tinham ouzado protestar contra similhante procedimento. Foi uma guerra de morte: de tudo se lançou mão: chegaram até a pôr em duvida o monarchismo dos perseguidos.

Costa Ferreira sorria-se ao vêr taes calumnias, confiára em que a nação lembrar-se-hia de que elle sustentára com ardor o throno imperial, emquanto que os que agora diziam-se conservadores exagerados e assassinavam em nome das instituições monarchicas, cuidavam com todo o desvelo na organisação de sociedades regicidas, que tinham por divisa estas palavras: *Morte aos tyrannos, e tyrannos são todos os reis.*

O governo anti-brasileiro terminou: o crime deixou de ser galardoado e o povo não mais ouviu o tinir das algemas: era o 2 de fevereiro que apparecia risonho e festivo.

Durante o dominio liberal foi defensor das idéas apoiadas pelo poder; seu nome era sempre lembrado para as mais honrosas commissões.

Com a ascenção do gabinete de 29 de setembro collocou-se outra vez na opposição. Apesar de velho e cançado não desanimou, e foi um dos poucos senadores que fallaram a favor dos miseros pernambucanos. Citaremos os seguintes trechos de alguns dos seus discursos e ver-se-ha n'elles o reflexo dos sentimentos que o animavam.

«Não é difficil governar, é facil; como? — observando a lei. Mas se não se quer observar a lei, como se póde governar? O que se tem feito, pergunto eu? Mandou-se, v. g., supprimir a imprensa: julgaes porventura que isto é constitucional? Prenderam-se, deportaram-se cidadãos sem suspensão de garantias: julgaes isto constitucional? Se acaso ha perigo, se a patria corre risco, o remedio está na Constituição; póde-se remediar o mal pela maneira que a mesma Constituição manda. Que repugnancia tendes vós, pois, em salvar o paiz pelos meios marcados na Constituição? Se acaso as desordens de Pernambuco punham em perigo a patria, porque não suspendestes as garantias? Porque deixastes que os presidentes prendessem e deportassem arbitrariamente? Porque esse luxo de despotismo? Porque déstes assim occasião a que os anarchistas digam que não se quer a Constituição, e tanto não se quer, que, estando marca-

dos nella os meios pelos quaes se devia marchar legalmente contra as desordens, não se seguiram estes meios?

«Desde quando soubestes que era necessario uma suspensão de garantias para Pernambuco? Desde quando julgastes que cumpria lançar mão de medidas extraordinarias, que a mesma Constituição permitte? Porque não usastes dessas medidas que a Constituição consigna? Porque não batestes os desordeiros com os meios legaes? Para que essa ostentação cynica do despotismo? Para que dizer: — eu podia caminhar por meio da lei, podia pedir uma suspensão de garantias; mas deixemo-nos d'isso, fique a cidade em sitio, fiquem os periodicos em sitio, prenda-se a quem entrega periodicos, fique a imprensa suspensa? — Responda o sr. senador, não foi isto assim? E fallando eu por este modo, quero apadrinhar desordeiros? Quem apadrinha desordeiros são aquelles que usam de meios contrarios á Constituição. Não se quer que as cousas marchem como devem ser. Nós vimos nos officios do sr. ministro da marinha, quando presidente de Pernambuco, que o que lá havia não era nada, era um pequeno partido que nada valia; entretanto no dia 2 de fevereiro, de repente o que era pequena desordem metteu susto a todos. Aqui está porque não creio em certas palavras: aqui está porque algumas cousas que digo arranham os ouvidos dos nobres ministros. No meu modo de pensar não sei o que seja o homem que diz uma cousa agora e outra depois. Ou esse presidente era muito ignorante, ou não fazia caso das leis; porque dizer que havia uma pequena desordem, não pedir meios para rebatê-la, e depois repentinamente dizer: — ha uma rebellião — e lançar mão de todas as medidas anti-constitucionaes, medidas que podiam ser realisadas pela mesma Constituição, é mostrar desprezo cynico pela mesma Constituição.

«Que nome deve ter um homem que falla d'esta maneira? Falto porventura á dignidade do Senado, exprimindo-me d'este modo? É isto um palacio de aulicos? Usaremos da linguagem dos cortezãos de certo imperante, que a tudo quanto este pretendia respondiam: — Se é possivel, está feito; se não é possivel, far-se-ha? — Quereis que aqui se use d'esta linguagem? É ella propria do Senado?

«Senhores, eu não quero desordens, mas tambem não quero que sejam combatidas, tornando-se os combatentes criminosos; é uma condição muito triste. Conheço que ás vezes uso de expressões, que talvez não sôem bem, porque digo verdades.»

Nos ultimos annos de sua vida as molestias e a avançada edade retiraram-no para longe da côrte: novo Cincinato, tendo defendido Roma, trocou os palacios imperiaes pela sua habitação rustica e affastada. D'ahi só arredavam-n'o circumstancias imperiosas: quando ellas appareciam erguia-se ainda e vinha sentar-se no theatro onde se cobrira de gloria, combatendo ao lado dos Alves Brancos, dos Vergueiros, dos Paula Souzas, dos Feijós e de outros vultos que já dormiam o ultimo somno.

Em dezembro de 1854 S. M. o Imperador julgou dever premiar tantos e tão relevantes serviços, conferindo-lhe o titulo de barão de Pindaré.

Além de firmeza e lealdade havia em Costa Ferreira outra qualidade que mais o recommendava — era o afan com que soccorria a pobreza: sua mão nunca fechou-se áquelle que esmolava o obolo da charidade. Não possuindo riqueza e vivendo apenas de seus ordenados, foi no entanto o arrimo de muitas familias.

A terra dos Odoricos e Timons cubra-se de lucto pela perda de um de seus mais distinctos filhos.

Christãos, lamentemos a morte do bemfeitor sincero e modesto; liberaes, avivemos os feitos gloriosos e illustres de Costa Ferreira. Seja a sua memoria um estimulo para combatermos as desgraças do presente!

(Da *Legenda*, jornal litterario de San'Paulo, 1860, pag. 42 a 47.)

INDICE

PAG.

Dedicatoria..... V
Advertencia..... IX
I Manuel Odorico Mendes..... 1
II Visconde d'Alcantara (João Ignacio da Cunha)..... 101
III Francisco Sotero dos Reis..... 119
IV José Candido de Moraes e Silva (O Pharol)..... 185
V O Senador Antonio Pedro da Costa Ferreira (barão de Pindaré)..... 239
Notas..... 277

FIM DO TOMO I

Stanford University Libraries
3 6105 013 767 178

F
2571
.H39
v.1
[redacted]
STACK

CECIL H. GREEN LIBRARY
STANFORD UNIVERSITY LIBRARIES
STANFORD, CALIFORNIA 94305-6004
(650) 723-1493
grncirc@sulmail.stanford.edu
All books are subject to recall.

DATE DUE

JAN 13 2003
FEB 1 2003